



15.º ANNO

JANEIRO DE 1912

N.º 1

REVISTA DE INFANteria

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar



MANOBRAS DO EXERCITO SUISSO EM 1911

INFANteria



Satisfazendo aos desejos que me foram manifestado-pela «Revista de Infanteria», venho narrar aos meus camaradas algumas das impressões que me deixou a infanteria do exercito suisso no decorrer das manobras d'este anno, a que assisti por determinação superior.

Para não tornar muito fastidiosa a minha exposição e não roubar demasiado espaço ás paginas da «Revista», que bem melhor empregadas são para estudos e trabalhos de outros collaboradores, limito-me a uma simples descrição do que me foi dado apreciar.

As manobras realisaram-se n'uma região relativamente plana, comprehendida entre os lagos de Morat-Neuchatel e Leman. Pelos themas, um exercito invasor penetrava pela Suissa franceza, ao qual se oppunha um outro nacional. D'aqui a constituição de dois partidos: o azul, que se reunia nas proximidades de Morat; e o partido vermelho, que se constituiu proximo de Lausanne. As forças do partido norte traziam uma tira de panno branco enroladas na cobertura de cabeça.

Para a execução dos movimentos e das operações di-

versas que compunham as manobras destinaram-se 7 dias, começando os movimentos no dia primeiro de setembro e terminando no sétimo, com a retirada do partido invasor, depois de um combate próximo de Yverdon.

Não perco tempo a reproduzir aqui os temas e a execução que lhes foi dada porque isso levaria esta exposição a grande desenvolvimento, e mesmo essa descrição seria sem interesse uma vez que não é fácil n'este momento fazel-a acompanhar d'uma carta do terreno. Mas pelo que acima deixo dito, ainda que succintamente, facil é avaliar-se a série de marchas e esforços que foram pedidos ás tropas. As manobras d'este anno foram classificadas como sendo as mais fatigantes que as tropas suissas teem experimentado, não só pelas exigencias das operações, mas ainda por serem realizadas n'um periodo de calor bastante intenso.

Nas manobras entraram as tropas do 1.º corpo de exercito, constituido pelas 1.ª e 2.ª divisões, formando cada uma um partido. Além das forças divisionarias outras lhe foram aggregadas.

Como se sabe, o exercito suiso abandonou a organização em corpos de exercito, ha muito reconhecida como inconveniente para os pequenos paizes, e edoptou a organização divisionaria, que dentro em breve entra em execução. Estas manobras tenderam já a considerar as divisões como unidades estrategicas.

Ao contrario do que era vulgar no exercito suiso, as manobras foram este anno precedidas pelas inspecções a que nós chamamos revistas.

O partido norte foi inspecionado em Grossfeld, próximo de Morat. O partido sul foi inspecionado em Gilly. Devido ao terreno, a disposição das tropas para a revista era diversa em cada divisão. A infantaria apresentava-se correctamente uniformisada e equipada, notando-se-lhe bastante firmeza; é curioso que, por determinação regulamentar, as praças e graduados acompanham com a vista o superior que lhes passa revista, e o mesmo executam quando fazem a continencia.

Terminada a revista, seguiu-se a marcha em continencia, desfilando os batalhões n'uma d'ellas em columna de batalhão e n'outra em columna dobrada, sempre com as companhias em columna de companhia de costado, que na Suissa tem a designação de columna de companhia.

Ao centro de cada batalhão a bandeira ladeada pelos

respectivos capellães, um catholico e outro protestante. A haste da bandeira é pintada com as côres nacionaes e tem junto da lança um laço com as côres cantonaes respectivas.

Proximo do signal de continencia as forças tomavam o passo cadenciado, olhavam ao flanco, e assim seguiam até que vencida uma pequena distancia passavam de novo ao passo de manobra.

Era assim que faziam a continencia, não executavam, portanto, nenhum movimento com a espingarda, que era normalmente conservada no hombro esquerdo e de bayoneta armada.

Durante o desfile de cada regimento, as bandas ou fanfarras de batalhão, reunidas formando banda de regimento, executavam uma composição muito singela, em frente do signal de continencia.

A população civil que em grande numero assistia a estas formaturas militares, saudava as unidades dos seus cantões, faceis de distinguir porque as bandeiras tem escripto, sobre o traço horisontal da cruz branca da Confederação, o nome do cantão em que a unidade respectiva recebe o seu recrutamento.

A 1.^a divisão apresentou-se com o primeiro uniforme completo, a 2.^a com o uniforme de campanha, em que a fardeta é muito semelhante ao nosso dolman de flanella. Ambos os uniformes de infantaria são de panno e muito simples, quasi sem guarnições, predominando n'elles a côr azul ferrete. A barretina, que é de todos conhecida, tem duas palas e recebe um pequeno penacho espherico, pompom, de diversas côres, conforme a arma. Na infantaria as côres do pompom servem para distincção entre as companhias. A fardeta de campanha, como acima digo, é semelhante ao nosso dolman de flanella, não tem botões visiveis; a calça é azul ferrete sem vivos e é apertada em baixo pelas grevas.

O 1.^o dolman tem duas ordens de cinco botões e uma gola encarnada.

Os distinctivos dos graduados e os das diversas especialidades são tambem muito simples. Os graus dos officiaes são assinalados por meio de estrellas de dimensões muito reduzidas e collocadas nas platinas, e, ainda, por uns vivos de ouro na cobertura de cabeça.

A espada é usada suspensa e disposta de modo que os copos fiquem voltados para a frente. Só os ajudantes das

unidades tem cordões; os officiaes do serviço do estado maior e os coroneis divisionarios são os unicos officiaes que usam lista na calça.

Para a realisação da revista as forças executaram varios movimentos feitos com muita rapidez, principalmente os necessarios para o manejo da espingarda.

O manejo d'arma é muito singelo: limita-se ao indispensavel para o transporte da arma, manejo de fogo, uso da arma branca e sarilhos. Mas além d'estes movimentos são ensinados muitos outros que não são aprendidos como manejo, isto é, cuja execução não exige simultaneidade. O soldado assim transporta, sempre que póde, a arma em bandoleira, é a sua posição favorita; além d'este movimento d'arma ha o hombro direito, suspender, uma posição analoga á do nosso antigo funeral e outros que se empregam na ordem dispersa. Os sarilhos são formados por tres espingardas, ficando a quarta pendurada pela bandoleira.

O regulamento tactico da infantaria suissa é extremamente reduzido. Contando nas suas 132 paginas as prescripções sobre deveres militares, manejo d'armas, fogo, formações e tactica de combate desde o emprego de grupo e secção até á brigada, e disposições sobre as revistas.

A companhia divide-se em quatro secções e tem tres formações: a linha, a columna de companhia, que corresponde á nossa columna de companhia de costado, e a formação de marcha. O subalerno não póde commandar mais de 50 praças, o que dá para effectivo maximo de companhia 200 homens. O batalhão tem a columna de batalhão e mais a columna de marcha e a columna dobrada, dispondo em todas estas formações as companhias de costado.

Os regimentos grupam os batalhões como entendem; o mesmo se passa na brigada com relação aos regimentos. As unidades distinguem-se pelo seu numero, pela posição que occupam na formação ou ainda pelo nome do official que a commanda.

A mobilisação das forças de infantaria que entraram nas manobras realisou-se antes da minha chegada á Suissa, mas tive ensejo de assistir aos trabalhos de mobilisação de outras unidades que se exercitaram depois das manobras. Tive por isso occasião de ver a confluencia dos melicianos para os locaes de concentração. Na linha ferrea de Genebra a Berne e em outros pontos vi varios

grupos de melicianos completamente fardados, armados e equipados, que seguiam para os seus destinos com toda a correcção que resulta de quem tem a consciencia de ir cumprir um dever social indispensavel.

Transportavam a espingarda em bandoleira e apparentavam indifferença pelo peso das correias e das mochilas. Este facto é talvez devido ao habito que o suiso tem na vida civil de transportar as cousas ás costas. Normalmente ninguem conduz carga alguma á cabeça ou nas mãos.

Os volumes são conduzidos em poquenos carros ou ás costas n'uns saccos de tela ligados a suspensorios. Desde creança que o suiso é habituado ao uso da mochila.

Os officiaes apeados transportam mochila como as restantes praças. Durante as manobras só foi dispensado o uso d'este artigo de equipamento aos capitães, auctorisação que lhes foi concedida n'uma ordem de serviço da direcção das manobras.

Durante a realisação das manobras repetidas vezes observei a marcha de varias columnas de infantaria e o seu serviço de segurança.

As unidades apresentavam-se bem dispostas com as secções de quatro alinhadas e os homens com boa apparencia, apesar dos grandes percursos a que por vezes foram obrigados. E' certo que para isso muito contribuiu ter-se ordenado que as praças que tinham capote não o transportassem na mochila, bem como outros artigos do uniforme, por isso que se previa que para a execucao das manobras seriam forçados a étapes muito grandes.

As columnas deixavam sempre livre o flanco esquerdo das estradas, ponto de disciplina de execucao de marcha muito para attender e para notar n'um exercito miliciano, e que comtudo se explica pelos habitos ligados com a disciplina civil. Com effeito, na Suissa, e em outros paises, os peões e as viaturas que seguem em sentidos oppostos dão sempre a esquerda, e d'este facto, apparentemente insignificante, resulta que o miliciano em marcha, quer siga a pé, quer conduza alguma viatura, tende sempre a tomar pela direita, deixando livre o lado esquerdo da estrada, circumstancia que é de grande vantagem nas marchas.

Por vezes encontrei unidades em pequenos altos com os sarilhos junto á beira direita da estrada, correctamente dispostas e alinhadas; para proseguir o movimento forma-

vam as praças, desensarilhando armas e punham-se em marcha com rapidez e ordem.

Os ranchos eram confeccionados em marcha nas cosinhas volantes, que pela primeira vez foram distribuidas á infantaria. O pão e o rancho são semelhantes aos nossos.

As marchas foram um pouco violentas, tendo alguns batalhões percorrido mais de 45 kilometros, havendo por isso retardatarios, mas a disposição da maioria dos homens era boa. Um dos batalhões que mais esforços teve de empregar para attingir o seu estacionamento, passou junto dos officiaes estrangeiros onde se achava um official general, em consequencia do que o seu commandante ordenou o passo cadenceado, que foi muito bem executado, apesar de ser um pouco violento.

Nas marchas os officiaes exerciam uma constante vigilancia sobre as praças, esforçando-se sempre por não deixar abater a disciplina e a correcção de formações.

Nos exercicios de combate a que assisti, a infantaria concentrou-se em formações de costado e d'ahi desenvolvia-se até formar a linha de atiradores. Os officiaes munidos de binoculos lançavam-se ao chão, rastejavam até ganharem logar d'onde tivessem largo campo de observação e, recolhidos os esclarecimentos de que necessitavam, faziam signaes ás suas fracções para se dirigirem para as posições já previstas como mais vantajosas. As praças avançavam e algumas com binoculos avaliavam distancias. As ordens dos commandantes eram transmittidas de bocca em bocca ao longo da linha de atiradores.

As linhas de atiradores marchavam em ordem, n'um andamento vagaroso; venciam com relativa facilidade os obstaculos que o terreno apresentava, e abrigavam-se.

Algumas vezes assisti á applicação da ferramenta portatil e á execução de trabalhos de fortificação feitos pelas tropas de infantaria, conjunctamente com sapadores de engenharia.

Tendo promettido não alongar muito este artigo termino aqui as minhas ligeiras notas sobre a infantaria do exercito suizo, a que me não é facil dar outro desenvolvimento pelas razões que a principio apresentei.

ANGELO CRUZ E SOUSA

Major d'infanteria e do serviço do estado maior.



Conselhos administrativos

A ordem do exercito n.º 18, 1.ª série, de 24 de agosto do corrente anno, modificou a constituição dos conselhos administrativos, impondo os deveres que eram desempenhados por dois officiaes, um thesoureiro e outro secretario, só a um official que agora se classifica — thesoureiro e secretario. — Talvez a ideia dos coooperadores em tal modificação fôsse boa em theoria, mas na pratica está dando um resultado que, consultando os que o desempenham e presenciam, decerto dirão que é impossivel assim desempenhar se bem tal lugar.

E' possivel que n'alguns corpos esse serviço seja mais suave e principalmente n'aquelles em que é desempenhado pelos individuos da especialidade, (officiaes da administração militar), mas em alguns regimentos do Norte, na presente occasião, com as contas de despeza de tropas na fronteira, arrematações, etc., e que tal lugar é desempenhado por um official que muitas vezes commanda duas e tres companhias, é impossivel poder satisfazer cabalmente.

Em principios do proximo anno são chamados para os corpos de infantaria os primeiros recrutas, em harmonia com a actual lei de recrutamento, e como poderá um cammandante de companhia educar os recrutas que lhe forem confiados, segundo as regras da democracia e como o nosso actual Regimen exige, sendo thesoureiro e secretario do conselho administrativo? Decerto que não terá tempo, por muita boa vontade que tenha de desempenhar, já não digo bem, mas sim regularmente, taes serviços. O lugar de thesoureiro e secreta-

rio dos conselhos administrativos deve ser desempenhado pelos profissionaes, porque o official que não tem o curso da administração militar e nunca fez concurso para tal serviço não deve ser obrigado a desempenhar taes funcções, visto que é uma especialidade como ha outras no exercito.

Póde obrigar-se um official que não tem a respectiva profissão a desempenhar o serviço de medico? Não. Pois no mesmo caso julgo o serviço da administração militar.

E' certo que ha alguns nossos camaradas que, devido a uma longa pratica, desempenham logares nos conselhos administrativos com facilidade e até com boa vontade, mas isso não justifica que nos corpos onde os não ha que se prestem a isso, que sejam violentados a tal serviço, como está succedendo n'alguns corpos, e principalmente na actual occasião em que a escripturação de contabilidade está passando por uma grande transformação e cada vez mais complicada.

O que me levou a escrever estas linhas é a convicção de que agora no actual Regimen se devem dizer as verdades, porque no tempo da monarchia nem sempre as verdades se podiam dizer.

Para remediar os males que venho apontando, ha um remedio, que é collocar em todos os corpos um official da administração militar.

Poderão dizer que os não ha, mas isso não é motivo — se os não ha, façam-se, porque a verba da sua despeza deve estar incluída no orçamento. Extraordinariamente mande-se proceder ao concurso pelo systema anterior e promovem-se os individuos precisos para as vagas existentes nos corpos.

O que mais me animou a vir a publico com estas consideraçõ, foi a esperanza que tenho na rectidão, justiça e bom criterio do actual Ex.^{mo} Ministro da Guerra, que decerto, de alguma maneira mandará desempenhar os logares de thesoureiros-secretarios dos conselhos administrativos a quem compete, porque sendo as bases da Republica Liberdade, Igualdade e Fraternidade, para haver egualdade torna-se necessario que cada um esteja no seu logar.



A columna de operações de Vinhaes

Sabia-se que os conspiradores tinham effectuado a annunciada incursão na noite de 4 para 5 d'outubro, fazendo-a coincidir com as festas da commemoração do 1.º anniversario da proclamação da Republica, como aliás, e muito ostensivamente até, o haviam feito constar quando recolhiamos do sector de defesa de Chaves.

Depois de varias tentativas, simuladas ou frustradas, por algumas das passagens da raia entre o Mente e o Cavado, e mais pronunciadamente por Montalegre e valle do Tamega, tinham finalmente penetrado na fronteira por Montesinho a Soutello, como ameaçando Bragança.

Vivendo vida de sonho quem sabe o que teriam phantasiado!

Marcha em turba-multa, cantando, vozes em grita, para que se ouvissem ao longe, com alardes de confiante, como a estimular energias hesitantes ou duvidosas, iam chamando a si uma ou outra das povoações por onde passavam, tristes gentes da serra que nunca souberam o que é uma escola, porque a não teem ou porque nunca lá foram, e que a exploração reaccionaria de maus parochos vinha de ha muito minando.

Fosse como fosse, tendo chegado por Cova de Lua a Carregosa, na madrugada de 5, reconsiderando, mudaram de direcção, deixando a estrada de Paramio-Bragança e dirigindo-se por Prada sobre Vinhaes, onde sabiam que a população os receberia como amigos.

Effectivamente na tarde d'esse dia assenhoreavam-se de Vinhaes, que illustraram com os mais bellos titulos de fidelidade ao cahido regimen e com o simulacro inofensivo d'uma restauração da antiga bandeira que, por signal, lhes foi offerecida por um dos habitantes, para isso certamente d'antemão preparado.

Como de prudencia elemental é, apoderaram-se immediatamente da estação local dos correios e telegraphos, interceptando as communicações por esta via.

A Bragança chegara a noticia de que as forças ali destacadas, por não poderem ter sido reforçadas a tempo, e receando ser envolvidas, tinham retirado por Rebordello sobre Chaves ou sobre Mirandella.

A falta de noticias officiaes, tomavam curso boatos varios, impossiveis de seleccionar, mas alguns com character de informação admissivel, pelos quaes se deixava pelo menos suspeitar que os rebeldes não desistiam de entrar em Bragança.

Dava-se lhes um effectivo computado exageradamente em 2:500 homens, ainda que irregularmente armados e muitos mesmo desarmados.

Por motivo dos estragos produzidos na linha ferrea entre as estações de Romeu e Cortiços, no ramal do Tua, e d'outros cuidados que esta viagem exigia, o batalhão que sahira d'Aveiro na tarde de 5, só veio a desembarcar em Bragança pelas 11 horas da manhã do dia seguinte.

N'essa noute o batalhão ficou alli, nos postos avancados, cobrindo as estradas de Portello e Paramio, que vão á fronteira, communicando com as povoações espanholas de Calabôr e Tejera, e a de Vinhaes que, na villa, se bifurca para Curopos, na direcção de Chaves, e Quadra, na serra da Corôa.

Os postos foram estabelecidos já tarde. n'um falso alarme — de que os rebeldes estavam a alguns kilometros da cidade — quando a verdade era que a essa hora estavam elles em Salgueiros de Tuisello.

No dia 7 marchamos sobre Vinhaes.

São 32 kilometros de boa estrada, que podem ser reduzidos n'um quarto, nas columnas sem viaturas, aproveitando os atalhos, principalmente o de Castrellos á Estalagem do Diabo.

Na guarnição de Bragança ficavam forças de infantaria 10 e nucleo do 30, um esquadrão de cavallaria 11, um pelotão de cavallaria 9 e duas secções de metralhadoras, além d'um destacamento de 250 praças de infantaria 6, devidamente commandado e que alli desembarcára algumas horas depois de nós.

Notámos que as povoações que iamos encontrando, se manifestavam de modo diverso. As que ficavam mais

proximas de Bragança tinham expansões entusiasticas, como Grandaes que nos recebeu com acclamações á Patria e á Republica, ao Exercito e á Armada. Mas, para além do Baceiro, se não se mostravam hostis, que a tanto se não atreviam, tambem não exultavam á nossa passagem, como em Villa Verde que se limitou a cumprimentar-nos com a apreciação lisongeiramente banal — de «boa tropa... bella gente».

Foi n'esta altura que nos transmittiram a communição de — *que teriamos de nos haver com 4 columnas de mil homens cada uma, com metralhadoras, segundo informações de credito.*

N'uma campanha essencialmente de boatos, a nota *informações de credito* estava a indicar a craveira por que devia ser medida a communicação.

Em todo o caso apertou-se um tanto mais o serviço de exploração e protecção o que nos atrasou um pouco, chegando, porém, ainda muito de dia a Vinhaes.

Tinhamos sahido de Bragança depois das 9 horas da manhã, não podendo deixar a estrada por causa dos trens de combate e regimental.

Da verdadeira situação dos rebeldes só tive conhecimento em Vinhaes, cujo commando militar devia assumir.

A 1 hora da tarde occupavam Cazares, n'um effectivo de proximamente 2:000 homens, irregularmente armados.

Acabavam de ser reconhecidos pelo esquadrão de cavallaria 6, do commando do tenente Quaresma com os alferes Avellar Tavares e Marrecas, reforçado pelo destacamento de cavallaria n.º 8, do commando do tenente Pereira. Acompanhára o esquadrão o tenente do estado-maior Maia de Magalhães, que viera, com o destacamento de cavallaria 8, de Villa Pouca de Aguiar.

O esquadrão do 6 tinha vindo de Chaves, por ordem da divisão, e fôra quem protegera o destacamento do 10 na marcha de Rebordello para Vinhaes.

Da demonstração tinham sahido feridos os tenentes Quaresma e Pereira.

Organisação da columna

Determinada a organização da columna, ficou esta assim constituida :

Quartel general

Commandante — O commandante do batalhão.

Chefe do est. maior — Tenente de cavallaria e do estado-maior Maia Magalhães.

Ajudante — O ajudante do batalhão, tenente Mario Gamellas.

Amanuense — Um 2.^o sargento d'infanteria 22.

Solipedes — Trez cavallos.

Esquadrão de cavallaria

Commandante — Tenente de cavallaria 6, Manuel da Costa.

Subalternos — Alferes Avelar Tavares e Oliveira Marrecas, de cav. 6, e Luiz de Camões, de cav. 5.

Veterinario — Gervasio Flôres.

Medico — Martins Morgado, tenente medico d'infanteria 30.

Praças de pret — 5 sargentos, 3 clarins, 2 ferradores e 77 cabos e soldados.

Solipedes — 93 cavallos.

1.^o batalhão de infanteria 24

1.^a companhia

Commandante — Capitão Marques do Couto.

Subalternos — Tenentes João Ruella e Arthur Figueiredo.

Praças de pret — Sargentos 3, cabos, soldados e corneteiros 73.

2.^a companhia

Commandante — Capitão Jorge Pedreira.

Subalternos — Tenentes Romano Ferreira e Brochado Brandão.

Praças de pret — Sargentos 3, cabos, soldados e corneteiros 69.

3.^a companhia

Commandante — Tenente Lopes Matheus.

Subalternos — Tenentes Campos Figueira e Zepherino Camossa.

Praças de pret — Sargentos 3, cabos, soldados e corneteiros 77.

4.^a companhia

Commandante — Tenente Colen Godinho.

Subalternos — Tenente Dias de Carvalho e alferes Francisco Rasoilo.

Praças de pret — Sargentos 3, cabos, soldados e corneteiros 65.

Medico — Capitão Zepherino Borges.

Provisor — Tenente do 24, Antonio Ferrão.

Solipedes — 2 cavallos e 12 muares.

Viaturas — Carro sanitario, carro de munições e 2 de companhia

Pelotão de infantaria 14

Commandante — Tenente Aurelio Cruz.

Praças de pret — Sargentos 2, cabos, soldados e corneteiros 41.

Secção de metralhadoras de infantaria 18

Commandante — Aspirante a official Antonio Carrilho.

Medico — Alferes Senna Cabral.

Praças de pret — Sargentos 2, cabos, soldados e corneteiros 13 e 4 soldados conductores (d'artilharia 6).

Solipedes — 2 cavallos e 6 muares.

Viaturas — Duas metralhadoras e dois carros de munições.

Serviços administrativos

Chefe — Capitão da administração militar Bento Vasconcellos.

Subalterno — Alferes Virgilio Costa.

Viaturas — Carros de esquadrão 4, e de companhia 2

Solipedes — 2 cavallos e 20 muares.

Serviço [de saude

Chefe — Major Abilio Torres.

Subalterno — Tenente Victorino Magalhães.

Praças — 8 cabos e soldados.
 Viaturas — 1 carro sanitario.
 Solípedes — 2 muares.

Guias da guarda fiscal

Praças — 4 cabos e soldados.

Voluntarios

Chefe do grupo — Dr. Antonio Granjo, deputado da nação e chefe do grupo dos voluntarios de Chaves.

Grupo — 17 voluntarios, incluindo professores, funcionarios publicos, proprietarios, estudantes e artistas.

O posto de contacto de Vinhaes que ficára reduzido ao destacamento d'infanteria n.º 10, do capitão Andrade, com 70 praças, em reserva, recebeu uma companhia de marinha, indo outra para Curopos, sob o commando do 1.º tenente Cerqueira. A de Curopos observava as communicações na esquerda do sector.

Pelo que respeita aos serviços administrativos e de saude, foram-se completando no decorrer das operações.

Na organização do serviço de subsistencias comprehendia-se:

- Um deposito de viveres e forragens, em Vinhaes;
- Uma estação de muda, funcionando como local de reabastecimento, em Candêdo; e
- Um deposito eventual, como estação de desembarque, em Bragança.

Applicação do material de bivaque, e da reserva de fardamento.

O serviço de saude foi regulado de forma a corresponder á situação e em conformidade com o pessoal e respectivo material, que se compunha de 4 medicos effectivos, 1 capitão e 3 subalternos, e a assistencia temporaria de um major, chefe, com 2 carros sanitarios e duas mochilas de pensos, e distribuição de macas pelos maqueiros das unidades, bolsas de enfermeiro e pensos individuaes.

Postos de soccorro segundo a situação, funcionando o de Vinhaes como hospital de sangue.

Serviço veterinario em conformidade com os recursos de que se dispunha.

O grupo de voluntario foi incorporado no batalhão d'infanteria 24, devendo fazer parte, como era seu desejo e para isso se offerencia, dos destacamentos de protecção nas marchas para o inimigo e nos estacionamentos e ainda em quaesquer missões de confiança.

Organisada a columna, deu-se a ordem de marcha para o dia seguinte

O destacamento do 14, que na vespera viera em marcha forçada de Valpassos, tinha sido empregado com o do 10 e alguns cavalleiros do 11 nos postos avançados da Corugeira, cobrindo a villa, onde passára a noite.

Em direcção a Cazares

A marcha iniciou se em seguida á 2.^a refeição, levando as praças a ração fria para a 3.^a; e seguindo a estrada Vinhaes—Rio de Fornos—Salgueiros—Quadra—Cazares.



Sector de defeza entre Bragança e Rio Mente. Zona de Vinhaes. 1911

Para aligeirar a marcha, as praças deixaram as mochilas nos quartéis da villa, onde ficou igualmente o trem regimental. Far-se-iam seguir opportunamente para onde conviesse.

Decorridas duas horas de marcha o tempo mudou bruscamente e começou a chover em torrentes.

Quando o grosso da columna attingiu Salgueiros, recebeu-se a informação de que o inimigo abandonára Cazares, dirigindo-se para Pinheiro Velho, junto á fronteira.

Compreende se, e as rasões são obvias, que a columna o não pôdia atacar n'essa situação, a não occorrerem circumstancias especiaes. Nem elle a esperaria.

Resolveu-se estacionar em Salgueiros e Tuizello, ficando a cavallaria na Quadra, providenciando-se para que de Vinhaes viessem com o material de bivaque e outros artigos, julgados indispensaveis, generos para o rancho das praças e officiaes, e forragens para o gado, que a exploração dos recursos locais não podia dar.

Começou-se a notar uma certa má vontade da parte dos habitantes das povoações, embora disfarçados com desculpas que não se justificavam. Chamados, porém, á ordem, por forma persuasiva, promptamente acederam. Exigentes em preços, isso sempre.

A columna estacionou em acantonamento de alarme, ficando as metralhadoras com parte da infantaria da columna, em Salgueiros, a restante infantaria em Tuisello, e a cavallaria na Quadra.

Serviço dos postos avançados por meio de vedetas e postos á cossaco e patrulhas de ronda e de reconhecimento.

Continuou chovendo durante toda a noute. Os caminhos ficaram intransitaveis.

No dia seguinte as informações davam o inimigo estacionario, ainda, mas na intenção de avançar, accentuando a incursão.

Como o dia tivesse alternativas de chuva e sol e o estado dos caminhos melhorasse muito, como foi reconhecido por uma missão de voluntarios dirigida pelo tenente Cruz e dr. Granjo, deu-se a ordem de marcha para io.

Marcha para Pinheiro Velho

A columna seguiu por Tuisello—Castello Seixão

em direcção a Pinheiro Velho, afim de atacar os rebeldes onde os encontrasse, caso effectivamente pretendessem accentuar a incursão.

No caso d'elles continuarem retirando, a columna iria estacionar em Pinheiro Velho e Pinheiro Novo, mantendo-se ahi em observação.

No entretanto continuar-se-ia na propaganda da boa causa, procurando chamar a si os habitantes, mostran-lhes a situação de abandono em que o velho regimen os deixára, não obstante os pesados encargos da tributação da propriedade, a egualdade da qualidade de cidadão para todos, ricos ou pobres, explicando-lhes a nova lei de recrutamento, o respeito da Republica para todas as crenças, os perigos da intervenção estrangeira ou os da guerra civil, como cada um entendesse e podesse.

E, além dos officiaes, entre as praças mesmo, não só sargentos, mas ainda cabos e soldados, muitos havia que a faziam com o enthusiasmo que dá a convicção, linguagem corrente, mas animada, suggestiva, conversando, algumas vezes nos quartos de folga, á lareira.

Bem informados, os rebeldes, á nossa approximação internaram-se em Hespanha.

Estacionamento em Pinheiro Velho

Pinheiro Velho é uma pequena povoação, cujas casas, na sua maioria, são cobertas de schisto e colmo, pobre bastante e em que nem um unico dos seus habitantes sabe ler. Mesmo com a concentração dos acantonamentos d'alarme, o estacionamento da columna fez-se com difficuldade. A cavallaria em Pinheiro Novo ficou melhor, embora dispozesse de poucos recursos.

Em Pinheiro Velho faltava tudo, o que poz a columna em grandes apuros, por isso que os carros de companhia só com enorme difficuldade podiam vencer o desfiladeiro fundissimo e escarpado do Assureira, tendo, além d'isso, sido surprehendidos pelo nevoeiro no alto da serra.

E lá tiveram de passar a noute, que de mais a mais se tornou tempestuosa, sob as ligeiras tendas do bivaque.

Tambem os carros de munições das metralhadoras

tiveram de retroceder, sendo os cunhetes transportados aos hombros por soldados. E difficuldades houve ainda com a marcha das proprias metralhadoras que, muitas vezes, por elles tiveram de ser tiradas, por egualmente não poderem vencer taes caminhos, mesmo de dia.

Ficou bem provado que não é nada pratico o systema rodado para terrenos montanhosos. Não sómente embaraça e atrasa as marchas, como exige cuidados especiaes e dispendio de energias dos homens e do gado, quando mais convinha aproveitall-as.

Em taes terrenos só a dorso.

No estacionamento das duas Pinheiros nos mantivemos desde a noute de 10/11 até á manhã de 12.

Em algumas buscas amigaveis, a proposito de obter elementos para documentação do serviço de informações, a cargo do tenente Maia de Magalhães, foram encontrados diversos objectos do uso dos rebeldes, desde os de *toilette* dos chefes até aos de agasalho barato dos soldados, bem como munições, incluindo a maior parte das que tinham levado dos postos fiscaes.

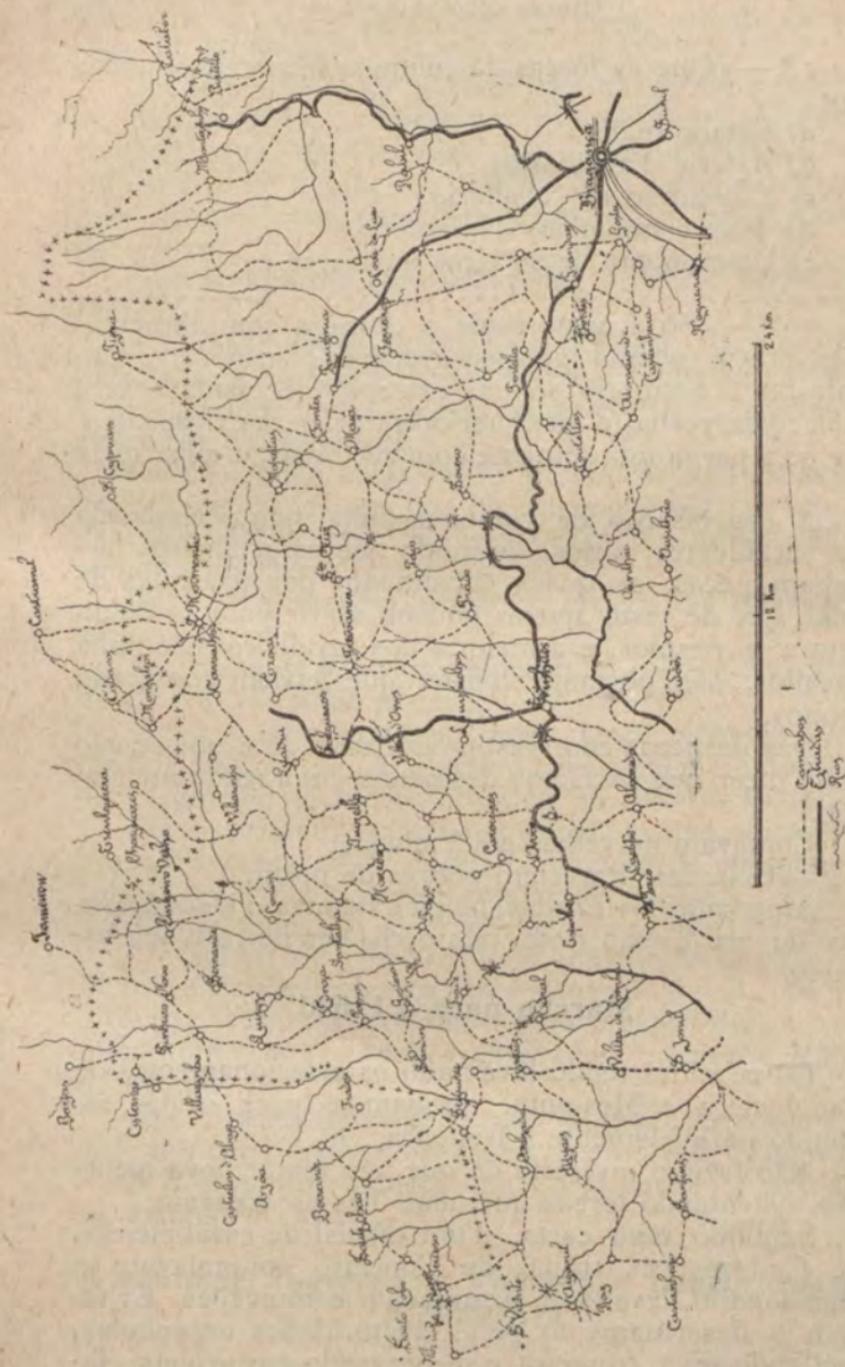
O guarda por elles ferido gravemente por se ter recusado a aboletar alguns, continuava de cama.

No monte proximo, onde tinham estado bivacados, tambem foram encontrados varios artigos, especializando-se algumas das mantas d'algodão que empregam em vez de capote e que abandonaram na precipitação da retirada, e, entre outros papeis, duas cartas da região, de edições portugueza uma, e a outra hespanhola, que muito nos aproveitaram.

A de edição hespanhola é a do engenheiro militar Benito Chias.

Tambem alli abandonaram carne d'uma vacca que tinham adquirido para a sua ultima e inquietada refeição, em terras da serra da Corôa.

Da conhecida ordem de operações dos conspiradores, que apparece datada de 30 d'agosto, mas só foi publicada em 8 de setembro, conforme um diario apprehendido, transcrevo por offerecerem um certo interesse, o art. 1.º que se refere á constituição da columna de incursão, e o 19.º que respeita á sua manutenção.



Zona Norte do sector de defesa de entre Bragança e Rio Mente. — 1911

Ordem official n.º 1

1.º — «Que as forças da columna sejam constituídas por:

- a) Estado maior;
- b) Bateria d'artilharia;
- c) Esquadrão de cavallaria;
- d) Trez companhias d'infanteria;
- e) Uma secção de serviços auxiliares.»

.....
 19.º — «Só é auctorisada a despeza com alimentação, pret e minimo indispensavel com transportes; com calçado e vestuario só em extrema necessidade será concedida verba, e qualquer outra despeza extraordinaria será permittida sómente com auctorisação superior.»

A organização da columna tinha sido prejudicada por accidentes varios, de modo que os artilheiros não tinham peças, as quaes substituiam por granadas de mão, que de resto apenas podiam servir para se illudirem a si mesmos, e a maioria dos cavalleiros não tinha cavallos, não obstante constar que haviam comprado muitos.

Das despesas com vestuario e calçado é que se não pode dizer que os factos desmentissem a recommendação.

Contavam as velhas em Pinheiro:

— Coitados. Pareciam pobres de porta.

Alpercatas arruinadas, boina e mantas d'algodão sujas do uso e mau trato, não podia ser outro o seu aspecto.

Marcha para o Edral

Os rebeldes tendo levantado os estacionamentos de Esculqueira e Mesquita, dirigiam-se para oeste, seguindo parallelamente á fronteira.

Não faziam mysterio de que iam tentar nova incurção, ostentando forças que aliás lhes escaceavam.

Segundo uma carta, d'um official de carabineiros, de Cádavos, as tropas de Couceiro continuavam a abandonal-o, levando o armamento e munições. Evitavam o desarmamento pelas auctoridades espanholas, mettendo-se á fronteira e dispersando em grupos. Tinha soffrido muito, pelo que lhe constava, com as ul-

timas chuvas, por carecerem de tudo, até de roupa para se mudarem.

Um relatório do dr. Granjo que dirigia uma missão de informações constituída por voluntarios de Chaves, communicava, da Gestosa, que os monarchistas estavam reduzidos a uns 600 homens com cavallos e algumas muares com munições. Direcção a Souto Chão por Seixo.

Outras informações davam-nos ao norte de S. Vicente.

A nossa columna seguiu para o Edral, fazendo-se a marcha sem novidade, não obstante a chuva persistente e as difficuldades da passagem do Rabaçal, que nada cedem ás do Assureira.

Foi uma bella etape de 35 kilometros com todas as piores condições de marcha, excepção feita ao moral das tropas que esse não se quebrantou nunca. Taes commandos envaidecem.

Durante a marcha deu-se a ordem do estacionamento.

As forças de Vinhaes cooperariam com as do sector de Chaves, se fôsse preciso.

Edral é uma povoação com alguns recursos e comedia nos preços. A cavallaria estacionou em Sandin, onde igualmente não escaceavam os recursos locais.

Foi o primeiro estacionamento em que officiaes e praças tiveram uma relativa commodidade compativel com o serviço, e puderam mudar de camisa.

Tinham chegado os carros de companhia.

O serviço de segurança foi constituído por postos de reconhecimento nos caminhos que vão á raia, por Segirei, S. Vicente e Avelada — para a cavallaria; e para a infantaria, nos caminhos de Frades, Sandim e Villar da Lomba.

Em Vinhaes foi estabelecido um posto de soccorros com um carro sanitario regimental e mochila de pensos.

A columna permaneceu no Edral desde 12 até 16, de manhã.

A columna regressa a Vinhaes e pouco depois a Bragança

Reconhecida a impossibilidade de nova incursão das hostes couceiristas pelo sector Bragança — rio Mente,

e sendo completa a tranquilidade das povoações fronteiriças, regressou a columna a Vinhaes.

Para não tornar pesada esta noticia, não se transcreveram as respectivas ordens de operações.

O espirito das nossas tropas manteve-se sempre levantado, dando os graduados o melhor exemplo.

E o melhor exemplo deram todos de sobriedade, de resistencia e de dedicação no cumprimento do dever, marchando mais d'uma vez dias inteiros só com a ração fria d'uma das refeições, descendo e subindo profundos despenhadeiros, enxugando no corpo a roupa encharcada das chuvas e do suor, avançando sempre com resolução e enthusiasmo.

Era bem de dentro, apaixonado, verdadeiro o seu grito de guerra:

— Viva a Republica !

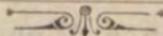
* * *

Em 22, dissolvida a columna por ter terminado a sua missão, as diversas forças que a compunham regressam á sua anterior situação, indo o batalhão do 24 com um esquadrão do 6 e a secção de metralhadoras do 18 para Bragança.

Ahi assistimos com a guarnição e representação de todas as classes sociaes da cidade ao içar da bandeira nova no edificio do commando militar, uma linda festa em que o sr. coronel Mattos Cordeiro pôz todos os requintes do seu bello character e a expansão de uma grande alma de republicano e patriota.

Aveiro, 1 de dezembro de 1911.

MAJOR PERES.





ACTUALIDADES

Iniciando na *Revista de Infanteria* a secção de *Actualidades*, justo é que comecemos pelo assumpto que neste momento maior interesse desperta.

Aqui começa já a nossa primeira dificuldade, porque em boa e sã verdade não sabemos qual ele seja. Mas exprimindo-nos desta forma não se julgue que a nossa dificuldade reside na escacez. Bem antes pelo contrario; ela reside na superabundancia de assumptos. Se a crise da escacez é má, a crise da abundancia não é nada melhor.

Sem enumerar esses multiplos assumptos que a vasta legislação militar do Governo Provisorio trouxe para a tela da discussão, quer-nos parecer que, no no momento actual, aquele que a todos os mais é digno de preferencia, é, sem contestação, o da reorganisação do exercito.

O seu radicalismo, as suas ideias novas, o seu espirito democratico e avançado, as transformações profundas porque fez passar a velha instituição do nosso exercito permanente, dão-lhe sem contestação fóros suficientes para ser encarado como o assumpto primacial e culminante. E muito especialmente agora, neste momento, em vespuras da encorporação do primeiro contingente de recrutas, que é, pode-se dizer, o inicio da sua execução.

Dez dias depois de este artigo ver a luz do dia, devem estar cheios de recrutas os nossos quartéis. E este facto deve ser bem digno de nota e registo muito especiaes, não só pela quantidade de mancebos, mas tambem pela sua qualidade.

Os esfarrapados e palidos operarios e os robustos e rudes camponezes que nos anos passados constituíam nos primeiros dias da encorporação a população dos nossos quartéis, vão este ano ter ao seu lado o caixeiro

cheio de pretensões e o filho de familia cheio de mimos. O lúsidio dos seus cabelos, o esmero dos seus colarinhos, o primor das suas gravatas e o polimento das suas botas formarão nesses primeiros dias um bem triste contraste com o trajar modesto, pobre e mesmo rôto dos primeiros.

As desigualdades sociaes por todos esses factos bem acentuadas, serão bem nitidamente postas em destaque. E quem os vir todos juntos sómente poderá concluir quão imperfeita é a organização da sociedade e o quanto ainda estamos longe duma realisação egualitaria, que de resto nunca se realizará porque é contraria á constituição intrinseca da propria humanidade.

Mas os privilegios da riqueza e da fortuna que nesses dias se acentuarem serão em breve abafados pelo espirito democratico que preside aos destinos da nação e que ditou as regras fundamentaes, basilares da constituição do nosso exercito no periodo actual. Essa impressão durará pouco mais do que o orvalho das rosas nas formosas manhãs da primavera, porque logo que o seu comandante de companhia os encare e receba como filhos da mesma mãe comum, da Patria de todos nós, e lhes distribua o uniforme de soldados, deixarão de parecer filhos de mães diferentes em deseguaes condições de vida.

No quartel todos passarão, pois, a ser eguaes, eguaes no uniforme, eguaes no serviço, eguaes no tratamento que receberão dos seus superiores, e essa egualdade fará com que todos se olhem como amigos e se estimem como irmãos, devendo por isso resultar dessa confraternisação geral o inicio da educação civica que para de futuro dará á nossa sociedade a feição de uma nação genuinamente democratica, que é hoje a mais bela aspiração dos povos que caminham para a perfectibilidade social.

Nestas condições facil é de depreender quão difficil será de desempenhar o papel de official instructor. A realisação dessa aspiração, a consecução dessa tarefa pertencerá aos quadros permanentes. A sua missão tem, pois, de obedecer a tres preceitos impostos por tres necessidades, umas de character militar e as outras de mero character social.

Na guerra a missão dos quadros é *comandar*, mas na paz é *educar e instruir*. E como a guerra se pre-

para na paz, o papel primeiro dos quadros é o de educadores e instructores. E' por ai onde a sua interferencia começa, e é com a educação e instrucção que ministrarem que formarão o caracter, o moral e o saber profissional dos seus soldados.

O partido que deles poderão tirar quando tiverem de os comandar, dependerá da educação e da instrucção que lhes tiverem ministrado.

Com isto, porém, não damos novidade a ninguem e por isso apenas diremos que fazemos estas considerações simplesmente para podermos chamar a atenção dos nossos illustres e distinctos camaradas para esta tarefa que lhes está confiada, que é sobremaneira honrosa e que faz com que a nação inteira lance sobre eles os seus olhares prescrutadores.

A sua honra e a sua gloria, que serão a honra e a gloria do exercito inteiro, está nas mãos desses nossos camaradas a quem são confiados os filhos da nossa Patria, que são os filhos de nós todos.

DARDOS.

SECÇÃO COLONIAL

A pensão ás familias dos militares em serviço no ultramar

Pela leitura dos jornais diarios soubemos que últimamente tinha sido publicado um decreto pelo Ministério das Colónias em que se abolia, desde janeiro próximo futuro, o pagamento, na metrópole, das pensões ás familias dos militares que se encontram servindo nas colónias.

E' êste um facto que, alem de sarciar um pequeno direito, veio estabelecer um principio que não se coaduna com as urgentes necessidades das familias dos interessados.

Até aqui todos os militares que fossem servir nas colónias, quer por vontade própria, quer por imposição de serviço, podiam deixar ás suas familias a pensão que entendessem. E para que o seu pagamento se efectuasse

mensal e periódicamente, bastava que deixassem no Ministério uma simples declaração por escrito.

Este pequeno direito que usufruíam todos aqueles que estivessem naquelas condições, representava uma tranquilidade para eles e o bem estar para suas famílias. Os que partiam, se tinham o desgosto de se separar das suas famílias, dos seus entes queridos, levavam em todo o caso consigo a convicção de que as suas próprias famílias ficavam ao abrigo da miséria, ficavam protegidas da fome, porque no fim de cada mez receberiam sem falta e sem favor a pensão que lhes deixassem.

E se este facto era uma grande consolação para mitigar a dôr da separação dos que ficavam, porque tinham a certeza de que o seu bem estar material estava assegurado, os que partiam, levando a certeza de que assim succederia, não só marchavam tranquilos e resolutos no cumprimento do seu dever, mas até sentiriam uma maior dignificação do acto que praticavam, visto que veriam desde logo que o Estado lhes reconhecia o valor do serviço e do sacrificio que prestavam, vindo com as suas leis protectoras auxiliar a familia que na metrópole deixassem, garantindo-lhe o simples recebimento do auxilio que lhes ficasse.

Se esse decreto se continuar a manter, muitas mãis, muitas esposas e muitos filhos, quando tiverem acabado de limpar dos seus olhos umidecidos as lágrimas de saudade que lhes fez arrebentar a partida do filho, do esposo ou do pae, terão em muitos casos de se debater logo após com os horrores da miséria e da fome, porque decorrido um mês, faltando-lhe o amparo das estações officiaes, não receberão pensão nem subsidio algum, porquanto, na grande maioria dos casos, a transferência de fundos é sempre demorada.

O militar que fôr para o Maxico, para Macau, para Timor, para o Cuamato, para o Zumbo ou para o interior do districto de Moçambique ou para qualquer dos muitos outros pontos que em identicas condições existem nas nossas colónias, só ao cabo de muito tempo poderá mandar dinheiro para a metrópole.

E enquanto fazem a viagem até êsses longincuos e afastados pontos do seu destino, e enquanto reúnem os fundos necessários para transferir, porque os pagamentos nem sempre andam em dia, e enquanto esse di-

nheiro não chega ao seu destino, as famílias cujo amparo é o ente que ali teem, terão de se empenhar, se tiverem quem lhes fie, ou terão de passar pelas mais criticas situações, debatendo-se com a miseria. Os militares não são, em geral, ricos, vivem *au jour le jour*, de sorte que é necessario que as estações superiores saibam que quando teem de partir para o ultramar não possuem disponibilidades que possam deixar aos seus e com que possam fazer face ás necessidades dos primeiros tempos.

Diz-se que a rasão justificativa deste decreto foi o facto dos militares pertencentes aos quadros privativos do ultramar não gosarem de idêntico direito. Se a rasão é, porém, esta, nós achavamos então mais razoavel tornar-lhes extensivo êsse direito.

Não querendo, todavia, contestar aos militares desta classe o mesmo direito, não poderemos deixar de dizer que as condições de uns e outros não são, contudo, precisamente as mesmas.

O militar dos quadros privativos do ultramar é um voluntário. Além disso a sua permanência abitual é nas colónias e em virtude destas duas condições, voluntariedade e permanência, é-lhes mais facil regular e garantir o bem estar das suas famílias porque já sabem com o que podem contar.

Com os militares do exército metropolitano já se não torna tão facil, porque muitas vezes a partida é tão brusca que mal dá tempo a regular essas questões.

Mas não discutiremos a questão por êste aspecto e por isso novamente repetiremos que tinha sido muito melhor tornar extensivo êsse direito a todos, do que tirá-lo aos que já o estavam usufruindo.

Esta questão ainda deve ser encarada por outro aspecto, que é a dificuldade e a carestia da transferênciã de fundos para a metrópole.

A carestia é sempre certa, quer se faça a transferência em vale do correio, quer por intermédio de qualquer casa comercial, quer ainda pelo Banco Ultramarino, pois que em todas as casas ha a pagar o premio ou taxa dessa transferência, que passa a representar mais um encargo que vae sobrecarregar os minguidos vencimentos dos militares, e muito especialmente dos que estam nos serviços propriamente militares, que mal ganham para viver.

E tanto assim é que, sem receio de um desmentido, se pode afirmar que os subalternos recebem no ultramar muitas vezes vencimentos inferiores aos dos simples operarios das obras publicas.

A agravar esta situação está ainda a dificuldade da transferência do dinheiro. Pelo correio, seja em vale, seja em carta registada, é um perigo; os correios dos pontos afastados do interior não são de molde a inspirar confiança. Mas para os que estiverem nestas condições, se o correio não lhes servir, ficam sem meio de poder efectuar essas transferências, visto nem sempre existirem casas comerciais que disso se possam encarregar. E outro tanto succede com as filiais ou sucursais do Banco Ultramarino, que são luxo que só existe nas capitais dos districtos.

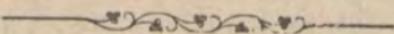
E para agravar ainda mais esta situação dá se mais a circunstância de qualquer destes meios só geralmente poder ser utilizado pelos militares que tenham as suas familias em Lisboa ou Porto, que é para onde essas casas ou o Banco fazem as suas transferências. Os que tiverem as suas familias fóra destas localidades terão, pois, de lutar com sérias dificuldades para poderem socorrer as suas familias.

Os jornais já anunciaram que no proximo contracto com o Banco Ultramarino será esta questão versada e devidamente resolvida. Nós não sabemos como isso será feito e difficilmente acreditamos que cabalmente se possa resolver o assumpto sem tornar a estabelecer as disposições que existiam, que eram simples, faceis e economicas.

E como este assunto se relaciona com os mais legitimos e respeitaveis interesses de tantas familias, nós não podemos deixar de chamar para ele a esclarecida atenção de S. S. Ex.^{as} o Ministro e Director Geral das Colónias, o que fazemos confiados na rectidão dos seus espiritos e na nobresa dos seus sentimentos.

DAVID RODRIGUES.

Cap. d'Inf.^a





Secção do estrangeiro

França. = Ao parlamento francez foi apresentado um projecto de lei tendente a reformar a organização da arma de infantaria, tendo em vista regular a questão dos quadros e garantir um mais perfeito enquadramento dos efectivos.

Para dar uma pálida idéia da fórma como vae ser regulada a questão dos quadros de fórma a normalisar as promoções, bastará dizer que o novo projecto aumenta perto de 400 logares a mais nos postos superiores e o simples posto de capitão é augmentado com mais de 400 logares.

A parte organica do projecto consiste em suprimir o quarto batalhão, que hoje teem 21 regimentos, ficando todos a 3 batalhões.

Os 18 regimentos regionaes destinados a serviços de guarda que agora teem 4 batalhões, serão reduzidos a 14, tambem com equal numero, que se passarão a chamar de fortaleza.

Com os 21 quartos batalhões e os 16 dos quatro regimentos regionaes, formar-se-hão 14 novos regimentos a 3 batalhões.

Além d'isso, aumenta-se um batalhão de caçadores, sendo provavel que se organisem grupos de 3 companhias ciclistas que serão affectas ás divisões independentes de cavalaria.

Os regimentos de zuavos e a legião estrangeira não sofrerão alteração alguma.

Os quatro regimentos indigenas de atiradores argelinos, que constam de 6 batalhões, tres de eles, e um com oito, serão reorganizados em 12 regimentos a 3 batalhões.

Segundo esse projecto a infantaria passará a ser formada por:

- 158 regimentos de linha a 3 batalhões;
- 14 regimentos de fortaleza;
- 31 batalhões de caçadores;
- 4 regimentos de zuavos, a 5 batalhões;
- 12 regimentos de atiradores argelinos, a 3 batalhões;
- 2 regimentos estrangeiros, de composição variavel;
- 5 batalhões de infantaria ligeira de Africa; e
- 2 regimentos de infantaria colonial.

Capitães enviados á Escola normal de tiro. — Este ano os cursos praticos de tiro terão uma duração de 10 dias.

Serão ministrados em tres series, nos mezes de maio e junho.

Na primeira serie tomarão parte: 4 capitães de infantaria de cada um dos 1.^o, 4.^o, 10.^o, 13.^o e 16.^o corpos de exercito; 6 do 7.^o corpo; 1 do governo de Paris; e 1 da divisão de Tunisia.

A' segunda serie concorrerão: 6 capitães de infantaria de cada um dos 2.^o, 5.^o, 8.^o, 11.^o, 17.^o e 20.^o corpos d'exercito; e 5 do 14.^o corpo.

A' terceira serie concorrerão: 4 capitães dos 3.^o, 9.^o, 12.^o, 15.^o, 18.^o e 19.^o corpos e 6 do 6.^o corpo.

A cada uma das series concorrerão ainda 6 capitães de cavalaria, 6 de artilheria, 2 de engenharia e 3 das tropas coloniaes.

Rearmamento da infantaria franceza. — O exercito francez necessita aproximadamente de tres milhões de armas.

A arma Lebel, actualmente regulamentar, data de 1886, sendo todavia uma arma excelente, prestando otimos serviços, especialmente com a bala D (ponteguda).

Segundo informações auctorizadas, os francezes teem já aprovada uma arma automatica e pronta a ser construida. Estam, porém, os francezes indecisos em a adotar por diferentes razões e muito especialmente porque lhes custará 700.000.000 de francos.

Opinião de um hespanhol sobre as manobras francezas. — Em resumo: o meu juizo sobre a infantaria é favoravel, parecendo-me unicamente que alguns officiaes não tiveram o interesse e o entusiasmo que demonstraram em outras manobras.

Recolhi tambem a impressão de que os comandantes tratavam com maior rudeza os restantes officiaes do que entre nós. Presenciei verdadeiras descomposturas dadas em capitães e subalternos, contrastando esta severidade com a benevolencia demonstrada no trato com a tropa. Todo o rigor da disciplina parece estar reservada para a officialidade; toda a tolerancia para a tropa.

Longe estam, sem duvida, em França d'essa fidalga cortezia que caracteriza o nosso comando e não se encontra em paiz algum.

Esta arbitrariedade é talvez devida á promoção por escolha, pois que dependendo a carreira de official das notas do seu chefe, aguenta muito mais do que o devido, sem tomar alguma respeitosa determinação, o que não succederia seguramente se tivesse um futuro independente.

Noruega. = Instrucção dos recrutas. — A nova organisação das tropas do exercito norueguez alterou bastante a fórmula de ministrar a instrucção militar.

No que diz respeito á instrucção dos recrutas, determinou-se que cada regimento instruisse os seus, formando com todos elles duas companhias.

Ora o numero de recrutas de cada regimento regula entre 400 a 500 homens, resultando, portanto, duas companhias bastante numerosas, o que dificulta muito a instrucção.

A maioria dos capitães daquele exercito preferem que cada companhia instrua os seus recrutas, devendo por isso ser distribuidas egualmente pelas 12 companhias do regimento, o que tambem não é viavel por se cair no extremo contrario, pois que ficando com um pequeno efectivo não possuiam os necessarios elementos para poder ministrar uma solida instrucção.

Em vista, pois, destas rasões e opiniões, parece que se vao harmonisar tudo, tomando-se um termo medio. Os recrutas serão distribuidos por 4 ou 6 companhias, de forma que cada companhia terá de ministrar instrucção em cada 2 ou 3 anos.

Russia.— Organisação de batalhões escolares.— Á data de 18/31 de julho, o Imperador aprovou umas instrucções sobre a preparação dos mancebos para o serviço militar.

Os batalhões de instrucção dos mancebos não podem ser organisados sem autorisação das autoridades civis e não serão admitidos senão mancebos de nacionalidade russa que não tenham ainda excedido os 15 annos.

A instrucção será ministrada em lingua russa e os programas serão aprovados pelos ministerios da guerra ou da marinha.

Estes batalhões serão organisados sem despeza alguma para o estado, podendo ser organisados á custa de colectividades ou corporações ou por meio de subscrição publica. E podem ser organisados pelos generaes, almirantes, officaes do exercito ou da armada em actividade ou reformados, pelas sociedades de desporte, sociedades e batalhões de bombeiros, sociedades de instrucção militar preparatoria e de ginastica regularmente organisadas, pelos notaveis, etc., etc.

Estes batalhões poderão usar um uniforme que não tenha nada de comum com os uniformes militares. Podem tambem arvorar a bandeira nacional com as insignias da sociedade, sendo-lhes tambem permitido terem uma musica militar.

Não podem ter armas e sabres que não sejam de pau.

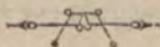
Segundo as circumstancias poderão organizar exercicios no terreno e praças publicas.

O fim a alcançar com esta organisação, dizem as proprias instrucções que é: fortificar no espirito das crianças a fé em Deus, o amor inabalavel ao imperador e á patria, o respeito da moral e da lei; favorecer o desenvolvimento fisico das crianças; fazer conhecer aos futuros soldados os actos do bravura do exercito russo e incutir-lhes os principios primordiales da disciplina; em uma palavra, desenvolver-lhes as qualidades fisicas e moraes necessarias ao soldado para fazer a guerra.

Em 28 de julho/10 d'agosto, o imperador passou, em S. Petersbourg, uma revista a 6:000 crianças organisadas segundo os principios que foram consignados.

Inglaterra.— Os effectivos do exercito.— A força europeia do exercito de terra com que a Inglaterra conta neste momento é a seguinte:

Exercito regular.....	177:388	homens
» » da India.....	77:817	»
Reserva do exercito.....	135:712	»
Reserva especial.....	63:086	»
Exercito territorial.....	270:580	»



CONSULTAS

1.^a — Apesar do disposto na 2.^a e 3.^a das instrucções para a escripturação dos registos de matricula relativas á casa «Habilitações litterarias durante o serviço», deve indicar-se no averbamento do curso da escola central o numero de valores com que foi approvado?

Não.

2.^a — Havendo 6 individuos da mesma classe fazendo serviço na mesma escola e tendo sido punido um d'elles cont guardas, pergunta quando é que deve cumprir o castigo? faz as guardas com a folga de 24 horas sem fazer nenhuma na sua altura, ou deve fazel-as interpoladas com as que por escala lhes pertencer conforme o disposto no artigo 24.^o do Regulamento Disciplinar?

Deve cumprir-se o disposto no artigo 24.^o do Regulamento Disciplinar.

3.^a — Uma companhia tem dois officiaes, mas um d'elles comanda outra companhia; quem deve mostrar a ordem ao official que faz serviço fóra da companhia a que pertence?

A companhia onde o official faz serviço é que tem obrigação de lhe mandar mostrar a ordem.

4. — Sendo permittido usar-se as insignias das ordens militares extinctas, pergunta-se: Na ordem militar de Aviz, deve usar-se a venera conforme o padrão, ou, como foram banidos os emblemas reaes, deve-se tirar a corôa da venera.

A «Revista» entende que se deve usar a venera conforme o respectivo padrão. D'outra fórma teriam tambem de supprimir-se os emblemas reaes nas condecorações estrangeiras, o que não pôde, nem deve ser.

5.^a — Havendo n'uma companhia apenas um sargento prompto e um outro impedido na secretaria, pergunta-se se o sargento impedido deve entrar na escala como sargento de dia, como determina o § 7.^o do artigo 191.^o do regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito, ou se só faz pernoitas, visto ter de entrar na escala um 1.^o cabo para fazer numero de 3 ou se se pode nomear dois 1.^{os} cabos para fazer serviço de sargentos de dia, ficando o sargento impedido só na escala de pernoitas?

No caso de ser alterado por qualquer motivo o mesmo § 7.^o do já citado artigo 191.^o deve ou não ser publicada na ordem regimental a respectiva alteração para que os interessados tenham conhecimento?

Deve cumprir-se o que determina o § 7.^o do artigo 191.^o do Regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito, e claro está que sendo alterada qualquer disposição regulamentar, essa alteração deve constar d'um artigo da ordem regimental, pois ninguem pôde alterar o que está legislado, ou regulamentado, sem que isso conste d'uma ordem, que se publica aos interessados.

6.^a — No agrupamento de duas companhias em que ha apenas um primeiro sargento e dois segundos sargentos em que por A responde o primeiro sargento e por B um segundo sargento, pergunta-se: o que a que responde por A deve ou não fazer dias á companhia como faz a que responde por B, fazendo ambos guardas á policia?

Para ter resposta é preciso que concretise a sua pergunta, explicando-se de modo a poder ser bem entendido.



15.º ANNO

FEVEREIRO DE 1912

N.º 2

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

A organização miliciana

A organização do exercito tem sido um assumpto de larga discussão nos meios militares pelos principios novos, avançados, radicaes, em que é moldada; pelos largos benefícios que concedeu a determinadas armas e especialmente a certos serviços; pela desigualdade de tratamento, pelo desamor com que foi tratada a arma de infanteria e especialmente os seus subalternos e sargentos; e, finalmente, pelo excesso de despezas que tanto ella como a sua legislação complementar vieram trazer ao orçamento habitual do ministerio da guerra.

A obra legislativa militar do governo provisorio da Republica, encarada sob todos esses aspectos, daria materia para encher revistas, para encher livros, para fazer grossos volumes. A sua analyse imparcial daria muito que fazer e até bastante que estudar, não só porque ella foi larga, sem peias e sem restricções, mas tambem porque em toda ella se nota a preocupação, de resto louvavel, de lançar no nosso meio social e militar o germen de todas as idéias e principios que são considerados como avançados e progressivos.

Ora, nós não temos horror a esses principios e nunca nos repugnou qualquer idéia de progresso, podendo até

afirmar que essas idéias nos seduzem sempre. Mas uma coisa é ter por ideal o progresso, uma coisa é trabalhar pela maxima perfeição, e outra coisa, e bem necessaria, consiste em empregar os maiores esforços para que esse progresso se alcance dentro dos principios da normalidade e com a menor somma possivel de perturbações.

Se na natureza não ha saltos, se na natureza tudo tem a sua marcha regular e definida, na vida humana, na vida social, na organização dos povos, na constituição dos seus diversos organismos, tambem essa regra tem de ter uma applicação muito cuidada.

A constituição d'uma sociedade e a formação dos seus diversos órgãos em novos moldes, é, porem, uma coisa muito delicada, porque vae mexer com a tradição, os habitos, os costumes, a educação, o temperamento, o character e, emfim, com o ser social e ser moral dos individuos que a compõem.

Pretender lançar, pois, d'um momento para o outro, n'um meio social determinados principios que n'esse meio eram desconhecidos, embora n'outros meios, muito diversos e muito afastados, tivessem já produzido os seus fructos naturaes, é o mesmo que lançar em terreno safaro a melhor e a mais productiva das sementes.

A implantação dos productos exóticos exige estudos e determinados trabalhos preleminares a que o bom agronomo não pôde fugir. E se o fizer, o seu esforço, o seu trabalho e o seu capital apenas lhe causarão um fracasso e lhe originarão uma profunda decepção. O bom agronomo que a esses trabalhos se quer dar estuda e prepara primeiro o terreno, trata de conhecer as condições climáticas a que deve submeter e os cuidados que lhe deve dispensar, e, feitos os seus estudos e preparado o seu trabalho, trata ainda de escolher, não a melhor semente, mas a semente mais propria para o meio e para o clima em que deseja que esse producto cresça, se desenvolva e se radique.

No caso que nos preoccupa e salvas as devidas proporções, forçoso é reconhecer que não houve os trabalhos preparatorios, nem para preparar o meio social e militar em que esses principios se deviam radicar e fructificar, nem mesmo o tempo sufficiente para escolher dentro dos principios em outras nações já consagrados aquelles que mais conviriam e melhor se adaptariam aos nossos habitos, costumes e tradições.

É o resultado vae-se vêr. O terreno não teve a cultura sufficiente para receber os principios milicianos estabelecidos nas novas leis, e se não se prepara convenientemente e com urgencia, com novas disposições, difficilmente esse principio deixará de produzir rachiticos productos embora nós bem desejemos o contrario.

Nós bem sabemos quão difficil é dar a uma instituição complexa, como é o exercito, nova constituição, nova orientação de maneira a organisal-a em moldes novos e na essencia bem diversos dos que tinha. Isso é tarefa tão complexa que difficilmente poderá um homem só leval-a a cabo, e se o conseguir ha-de ser á força de tempo e com o auxilio de convulsões sociaes que venham em seu auxilio ou que sejam aproveitadas com habilitade. Os exercitos estrangeiros alguns exemplos fornecem n'esse sentido. Os exercitos de Napoleão, os exercitos de Molke e as tropas de Gambetta foram productos da necessidade, da acção, do movimento, da guerra e não o mero producto de simples locubrações d'espírito, nem a vulgar respiga feita pelas legislações estrangeiras no romanzo de gabinete.

Não são as boas vontades nem os bons desejos que muitas vezes fazem os grandes homens e produzem as melhores obras. As grandes necessidades é que são a melhor mola para impulsionar os homens e tranformar as sociedades. Ora, da parte do legislador militar, houve, em todo o periodo revolucionario, a melhor vontade e o mais acrisolado desejo de fazer obra util, perfeita e duradoura. Mas essas bellas qualidades excederam, sem duvida, a grandeza da necessidade, porque se o facta da implantação da Republica pedia a promulgação de novas leis que se harmonisassem com o espirito democratico em que a nação passava a ser orientada, não havia necessidade alguma de promulgar leis que não fossem reclamadas e exigidas instantemente.

A fraqueza dos resultados que se obtiver todos poderão avaliar qual seja, desde que se lembrem que toda a organização miliciana tem dois principios basilares em que assenta, que são: 1.^o, uma instrucção militar preparatoria largamente diffundida; e 2.^o, a existenciã de quadros milicianos.

E apontados estes dois principios, que são mais verdadeiros do que dogmas e tão necessarios para a existencia d'um exercito miliciano como o é para o homem

o pão que mette para a bocca, muito ha ainda a fazer para que ao cabo de alguns annos se colham resultados compensadores do trabalho e esforços empregados e do dinheiro e do capital dispendidos. Carreiras de tiro, pôde-se dizer que ainda não ha, e as disposições legislativas que a este respeito se promulgaram não passam de meos platonismos.

Quadros milicianos tambem é coisa que não existe, e as disposições promulgadas para os adquirir seriam excellentes se se destinassem ao exercito de qualquer outra nação, mas serão para nós de nulla applicação. N'um paiz, como o nosso, em que o empregomania é uma doença, exigir um curso para ficar desempregado, pôde representar uma bella aspiração em theoria, mas no campo da pratica e das realidades positivas fracos resultados virá a dar. E o futuro o dirá.

Em face d'este estado de coisas, já se podem tirar duas conclusões, que não-de ellas ambas redundar n'um grande enfraquecimento, não diremos moral, mas profissional e technico de todo o exercito, e muito especialmente da arma de infantaria. Os recrutas, chegando aos regimentos sem a mais leve noção do que seja a vida militar e sem terem recebido a mais insignificante instrucção militar preparatoria, mal poderão ficar, em 15 semanas, devidamente instruidos e preparados, technica e moralmente, para se poderem considerar bons soldados.

Os exemplos fornecidos pelos *clarinhas* que no mez d'agosto todos os annos se apresentavam, não podem servir de exemplo para coisa alguma. A instrucção que se lhes ministrava era incompleta, limitadissima e que apenas tinha por fim preparal-os para depois se apresentarem em parada. Uma marcha em linha e em columna, extender em atiradores e um pouco de manejo de armas, era tudo quanto se lhe ensinava. Mas quem sabe só isso não é um soldado, é um manequim de brincadeira, é uma coisa que não marca. Os soldados da Republica precisam ser um factor com que se conte, precisam ser um elemento de prestimo e valor, mas essas qualidades, não havendo qualquer preparação anterior, mal as poderão adquirir em 15 semanas.

A outra razão é a que se refere ao seu quadro de officiaes e sargentos. Um exercito, quer seja de character permanente, quer seja miliciano, vale, por todos é sabido, o que valem os seus quadros de officiaes. Os officiaes e

os sargentos é que fazem o exercito, são os seus instructores, são os seus educadores, são, portanto, os que o formam e os que lhe imprimem caracter.

Pela organização actual, os quadros permanentes não perderão coisa alguma do seu valor, porque as suas condições d'entrada e accesso são ainda mais apertadas do que as que d'antes existiam. A entrada para a escola de guerra, a organização dos seus cursos e as condições de promoção a que posteriormente são obrigados a satisfazer, inspiram-nos toda a confiança.

Sob este aspecto nada temos a objectar, mas já não diremos outro tanto, referindo-nos á arma de infantaria, com relação ao seu numero. Para não alargar os quadros ou por qualquer outra razão que desconhecemos, o numero de quadros permanentes que logo no inicio se estabelecem para a nossa arma, é demasiadamente restricto. Seis capitães e seis tenentes e mais tres officiaes por regimento, para tratarem de todos os serviços de commando e administração, para assistirem a dois periodos de recruta e aos de repetição, incontestavelmente que são poucos para tanto trabalho e tão ardua empreza.

O legislador, é um facto, contou com os milicianos, mas officiaes e sargentos d'esta natureza é coisa que ainda não existe e portanto aquellê restricto numero de officiaes terá de desempenhar todos os serviços, que serão afinal os que terão de soffrer as consequencias, sendo por isso uma questão que demanda prompto remedio. E a forma de lh'o dar consiste em restringir, pelo menos nos primeiros annos, a percentagem dos officiaes milicianos.

Se em logar de duas companhias por batalhão ficarem tres commandadas por capitães do quadro permanente, não só se attenua em parte os inconvenientes que já apontámos, mas tambem, o que é bem digno de consideração, se attendia ás justas e merecidas aspirações dos subalternos da infantaria, que ficaram em manifesta desvantagem em relação aos seus camaradas das outras armas. E, resolvida a questão de momento, fazendo justiça e acabando com os inconvenientes que resultam da falta de officiaes, menos difficuldades se encontrariam na implantação do regimen miliciano, porque ficaria mais consentaneo com os interesses de todos e com as necessidades do serviço. E logo que estivesse radicado e logo que houvesse officiaes milicianos em numero e qualidade

que podessem então desempenhar os serviços que a lei lhes marca, regular-se-hiam os quadros da arma conforme os principios milicianos consagrados e em harmonia com as necessidades e conveniencias.

E o que se diz para os officiaes, tem plena applicação aos sargentos, porque ficaram n'uma situação bastante parecida com a dos subalternos.

Attenda-se, pois, á questão dos quadros e trate-se de se dar á instrucção militar preparatoria o mais largo desenvolvimento, se se quizer que todo o esforço, trabalho e dinheiro dispendidos se não percam em pura perda.



O ESTUDO DA GEOGRAPHIA PHYSICA EM PORTUGAL

(Conferencia realisada em infantaria 24)

No prologo d'um livro ha pouco adquirido podem ler-se as seguintes palavras: «No quadro imponente d'uma batalha, o papel dos chefes subalternos é pouco mais que secundario; a influencia de qualquer fracção particular desaparece por assim dizer na acção geral. E, entretanto, não pôde negar-se que todos os esforços individuaes d'esses varios chefes, tomados em seu conjuncto, não influam realmente na sorte dos combates, ainda os mais serios.»

Estimando saber estas bellas palavras, os meus votos são que o meu fraco esforço d'agora — porque mais não pude, influa realmente na minha sorte. Só assim eu poderei desobrigar-me para com o modo captivante e obrigativo, que muito agradeço, porque fui chamado a expôr alguma coisa d'util e digna das pessoas que me escutam.

Tem por objecto o estudo da Geographia physica de Portugal este modestissimo trabalho.

Na serie de conferencias que n'este regimento veem sendo feitas, todas com notavel profeciencia, teem sido

tratados varios e multiplos assumptos de character tecnico, sem vermos esquecidos os da historia patria n'esse tubado periodo de 1807 a 1810. Recordo-me de ter lido que a historia é a narração da lucta entre o homem e a natureza. Se é assim, a geographia pretende explicar a batalha, descrevendo-nos o campo.

De resto, uma disposição já antiga da lei «julgou conveniente, sob o ponto de vista da instrucção militar, proporcionar aos officiaes os meios de adquirirem um conhecimento geral do paiz.»

Apaixonado desde cedo pelo estudo da Geographia é com o mais inexprimivel jubilo que eu aduzo aqui o progresso immenso que esta sciencia vem effectuando, guiada pelo moderno criterio geographico, relational e causal.

E' o papel original da Geographia, considerada uma *descripção* e uma *explicação*, no sentido scientifico d'estas palavras, pôr em contacto os factos que outras sciencias estudaram isoladamente e reatar na complexidade das condições naturaes os phenomenos do mundo physico e organico.

A *synthese geographica* pelos seus estudos de relações e de causalidade dá aos factos toda a sua significação e todo o seu alcance; mostra como a vida das plantas e dos animaes se harmonisa com as fórmas terrestres, a evolução d'estas fórmas, e como este conjuncto se reflecte e se imprime nos phenomenos vitaes da humanidade. E' em ultima analyse a interpetração d'uma dada região ou zona da terra sob a triplice feição physica, biologica e humana.

E o que é a Geographia physica?

E' a descripção do globo terrestre, exclusivamente baseada nos caracteres naturaes, no duplo aspecto da fórma e da génese de todas as unidades homogeneas em que a essa superficie possa ser dividida.

E' a sciencia dos phenomenos pelos quaes se manifesta a actividade physica na superficie do globo, — n'esta zona de contacto da atmosphaera, da massa solida e dos mares, em que parece ser muito mais intensa essa actividade que anima de uma especie de vida physica aquella superficie, e onde se executam as reações de toda a natureza quer no reino animal, quer no mundo organico.

Depois, é que a actividade humana intervem por sua grande e legitima parte.

Condições do estudo do relevo do solo. — O estudo do relevo do solo e a parte mais importante da geographia physica. Poder-se-ia mesmo considerá-lo como a base de toda a geographia.

Sem contar com o clima, são as desigualdades do relevo a origem de todos os contrastes, das repartições dos homens como da actividade economica. Entretanto o estudo racional do relevo só tardiamente pode ser feito, porque os seus progressos estão intimamente subordinados aos da topographia e geologia.

Antes de se possuírem cartas topographicas que representassem as fôrmas com precisão, era bem difficil tentar classificá-las com rigor; sem as cartas geologicas toda a tentativa de interpretação da sua evolução era quasi illusoria. A pratica da topographia é por isso essencial. Hoje é bem conhecida a obra tornada classica intitulada — As fôrmas do terreno, a qual serviu de base a toda esta estrutura.

A carta topographica é o mais exacto substituto da realidade. Mas, em que medida pôde ella ser considerada uma imagem adequada?

Sabe-se a importancia da escala em todas as representações cartographicas. Para o relevo do solo, em particular, diminuindo a escala, desaparecem os traços secundarios e exageram-se as dimensões dos que ficaram. Para escalas inferiores a 50.000, não ha uma crista que possa ter dimensões propocionaes á realidade. As cartas dos atlas são interpretações, cuja exactidão depende sobretudo da intelligencia do desenhador pelas fôrmas do terreno. O character schematico da carta augmenta com a redução da carta. As proprias cartas topographicas são imagens schematicas. Para além de 1 : 10.000, nem todos os detalhes do relevo são representaveis; as fôrmas devem ser interpretadas.

E' por isso que podemos dizer que toda a carta é um schema, mais ou menos fiel segundo a escala e a intelligencia geographica de quem a levantou.

A proposito viria dizer aqui do estado d'adeantamento dos levantamentos topographicos em todos os paizes civilisados. Era ir muito além, e a mim já me alegra o saber que Portugal não fica a traz com a publicação da sua carta topographica na escala de 1 : 50.000, bastante apreciada lá fóra. Comprehende cerca de 170 folhas, de

64 por 40 cent., das quaes 16 estão publicadas e que a bibliotheca possui.

Os ensinamentos da Topographia

Leis geraes do modelado topographico. — Reconheceu a topographia que a interpretação necessaria do relevo do terreno devia apoiar-se no conhecimento d'um certo número de fórmulas topographicas elementares que por toda a parte se encontram.

A mais commum d'essas fórmulas é o valle que se traduz por um angulo renitrante das curvas de nivel. A crista é representada por curvas alongadas, concentricas, adelgaçadas em ponta nas extremidades; o cabeço por curvas concentricas, cada vez mais approximadas para o centro.

O collo reconhece-se n'esse traçado caracteristico das curvas em dupla hyperbole. Platô, planalto, bacia, são ainda fórmulas communs.

Constatada a existencia de fórmulas elementares do relevo, a pratica reflectida da topographia nos ensina que a realidade raras vezes apresenta um typo puro d'estas fórmulas theoricas. O modelado do solo é constituído geralmente por associações complexas em que as fórmulas elementares são modificadas por uma especie de influencia reciproca, e é tambem o valle a fórmula mais espalhada a que mais decisiva influencia tem sobre as outras.

N'uma região uniforme, o traçado dos thalwegs bastaria só, com pequeno numero de pontos cotados, para figurar exactamente o relevo.

Mas, a pratica topographica pôde conduzir mais longe.

O traçado das curvas de nivel não se apoia sómente nos thalwegs, mas ainda nas linhas de ruptura de declive. Marcam sempre um accidente topographico restavel: rebordo d'um terraço ou d'um planalto, traçado d'uma crista, sopé d'um escarpo ou d'uma vertente, limite de uma planicie. A ruptura de declive produz uma approximação ou um afastamento das curvas e imprime-lhes um desenho caracteristico. Um exemplo notavel do que vimos de dizer, encontra-se nos desnivelamentos dos terrenos por onde correm o Douro a montante de Moncorvo; o Agueda e uma parte do Sever.

Por tudo isto se conclue que toda a fórmula topographica, para ser bem representada, precisa ser comprehendida.

As fôrmas do relevo do solo que, consoante a natureza das materias de que este é formado, se apresentam á nossa observação com uma *esculptura* differentemente modelada, não são fôrmas fixas e imutaveis, pelo contrario, estão sujeitas á acção de forças externas, que constantemente as modificam e das quaes dependem os detalhes do modelado do terreno. Um dos agentes mais activos é a agua corrente, cujo trabalho de demolição, de transporte e de accumulção é capaz de produzir modificações profundissimas em todas as regiões da superficie terrestre. E' a toda esta obra que se dá o nome de erosão.

Mas, outros agentes exercem tambem a sua acção modificadora; o clima, que é um dos factores do relevo e o não menos importante; a descomposição chimica do solo pela dissolução lenta e continua na agua que n'elle circula; a desagregação mechanica que, onde domina, torna os declives mais asperos, chegando ao escarpado.

E' tempo de findar estas desataviadas linhas pedindo venia para lhes dar devido remate com as denominadas — Leis do modelado topographico, cujo enunciado, quanto á primeira lei, deu causa pela sua expressão vigorosa a que depois fossem deduzidas as duas restantes:

«As fôrmas do relevo resultam principalmente da esculptura do solo pela influencia das aguas correntes.

Estas fôrmas são instaveis e devem ser consideradas como producto de uma evolução mais ou menos adeantada. Esta evolução depende primeiro que tudo da natureza da rêde hydrographica e do poder mechanico das aguas correntes.»

A terra Portugueza

Chamam-se *condições physicas geraes* d'um paiz, aquellas que determinam o seu aspecto geral, a sua natureza particular e o valor dos recursos que elle offerece ao homem. Considerando bem, estas condições são quatro: a situação e configuração, a constituição geologica do solo, o relevo, o clima.

São ellas que determinam as aptidões agricolas, industriaes, commerciaes d'uma região, tornando-a um paiz civilisado e poderoso, com influencia predominante nos paizes visinhos.

Estudar o nosso paiz é analysar as suas condições

physicas, os caracteres que o distinguem, depois relacional-os, interpretando a sua evolução.

O conhecimento autogenico, o seu desenvolvimento primitivo como fragmento da península, dir-nos-ha, que Portugal possui uma individualidade physica, a qual se revela na configuração do solo; na distribuição dos seus degraus ou terraços, de pendores suaves que nos approximam do mar; na direcção inclinada dos seus valles que, desenhando-se muito mais largos aqui, são estradas que conduzem todas ao Atlantico; nas modalidades do seu clima que o fazem alguma coisa de differente do que se observa nas muitas regiões em que a Hespanha se fragmenta.

Exceptuando a Galliza, que é um prolongamento geographico de Portugal e com elle tem mais semelhanças do que com outras provincias da Hespanha, o continente portuguez embora em $\frac{2}{3}$ do seu territorio seja uma continuação estructural da península, é no ponto de vista dos seus caracteres geomorphologicos uma realidade tangivel. E' justamente esta autonomia geographica que mais contribue para a sua formação nacional e para a expansão mundial que abrangeu os seculos 15 e 16.

Orogenia e hypsometria. — Os traços fundamentaes da orogenia de Portugal são na maior parte determinados pelo grande massiço de terrenos antigos conhecido por *Plató central iberico* ou Mezeta. Espalha-se desde o N. com as formações que se estendem da Galliza até o sul do Douro, com o prolongamento da cadeia de montanhas entre o Douro e o Tejo, e para o sul d'este rio com as ramificações montuosas que param nas serras do Algarve.

As montanhas do nosso continente formam naturalmente a extremidade dos systemas que atravessam a península, e apresentam as duas direcções dominantes NE. e SO. e NO. - SE.

Grupam-se em quatro systemas longitudinaes, cada dois ao N. e ao S. do Tejo:

Ao N. do Tejo; 1.^o Gallaico-duriense, que abrange todos os relevos ao N. e ao S. do Douro por sua vez pertencentes ás formações orogemicas da Galliza.

Formando ao longo da fronteira, desde o Minho ao Douro, um massiço bastante espesso e accidentado, onde as altitudes vão até 1.561^m, desenvolve-se por todo o N.

do paiz em numerosissimas ramificações, diversamente orientadas, que no seu conjuncto constituem uma rêde inextricavel e confusa de montanhas, cujas linhas de cumeadas são cristas agudas, ou se expandem em vastos planaltos, ou figuram um dorso irregularmente montanhoso. Valles profundamente abertos, além apertados entre vertentes por vezes abruptas e sempre de forte declive, completam o modelado d'esta região de paisagem exuberante como rica de contrastes naturaes.

2.º O luzitano-castelhanao, defrontado pelo occidente pelo Vouga e a oriente pela depressão entre o planalto de Trancoso e o Alto-Mondego, penetra em Portugal, formando na fronteira a serra das Mezas; d'esta, irradiando como d'um centro commum, destacam-se varias cadeias que se erguem nas altas serras da Guardunha, do Caramulo e da Estrella. Esta a maior, cuja linha de cumeadas se dilata n'um grande planalto de 1.991^m seu ponto culminante e tambem de Portugal.

(*Continua*)

JOSÉ C. PINTO QUEIMADA.
Capitão d'infanteria

SECÇÃO COLONIAL

As ambições estrangeiras

A discussão do tratado franco-alemão sobre os direitos marroquinos, tem lançado a imprensa europeia em larga discussão sobre a posse, partilha e divisão do continente africano. E a discussão dêste assunto, por si tão interessante, tem então tomado um caracter grave em virtude das arremetidas belicosas que tem havido entre a imprensa alemã e ingleza, que mal tem sido atenuadas pelos discursos conciliadores que se tem pronunciado nas casas dos parlamentos daquellas duas nações.

Tudo isso, junto aos preparativos militares que chegou a haver, taes como convocação dos reservistas da parte da Alemanha e da Belgica, reforços constantes enviados pelos francezes para a sua fronteira léste e que habil e patrioticamente não foram divulgados pela

imprensa desta nação, e, finalmente, a mobilisação da esquadra ingleza do mar do norte, tem dado á questão colonial africana uma actualidade e uma gravidade que ninguém desconhece. E sendo nós, portuguezes, envolvidos na contenda, pelo largo patrimonio que ainda possuímos no continente africano não podemos deixar de a este assunto nos referirmos para não podermos ser alcunhados de não acompanharmos o movimento europeu, que tanta influencia pôde vir a ter no futuro das nossas colonias e no destino da nossa nacionalidade.

A repercussão que entre nós poderá vir a ter a guerra futura, que tudo indica que será inevitavel entre a Inglaterra e a Alemanha, não sabemos qual ela poderá vir a ser. Isso depende do conjunto complexo das atitudes tomadas e da sequencia dos factos que supervenientemente se forem succedendo. Mas, encarando esta questão só pelos aspectos politicos e militares, forçoso é reconhecer que alem das colónias que possuímos, temos uma aliança com uma das nações contendoras e forçoso é reconhecer egualmente que a simples imposição desse laço politico parece que já teve occasião de mostrar até que ponto seremos chamados a intervir.

E nós dizemos *parece*, porque, desconhecendo o que se passa nas chancelarias, apenas podemos analisar os factos pela fórma como elles se nos apresentam, tirando depois as conclusões que a sua logica nos permitir. E a analyse desses factos, se na presente conjuntura apenas nos autorisa a dizer que se a convocação dos nossos reservistas, que teve logar na primavera do ano passado, se realisou precisamente no momento em que a Inglaterra, nossa aliada, apercebia a sua esquadra; a Alemanha, a pretexto de manobras, convocava os seus reservistas; a França reforçava as suas guarnições de léste, e até a propria Belgica, para manter a sua neutralidade, chamou ao serviço duas classes de reservistas, forçoso é concluir que, se por ventura não houve um firme proposito na simultaneidade de tanto facto semelhante, muito naturalmente se poderá vir a dar quando menos se espere, julgue e conte.

E sendo a causa de todos esses fenómenos, na primavera, simultaneamente succedidos nessas cinco nações europeias, incluindo a nossa, a questão da defini-

ção de direitos sobre uma limitada porção do território africano em que directamente não eramos atingidos, já podemos calcular a gravidade militar que o aspecto colonial oferece para nós na presente ocasião, visto ninguém ignorar os interesses da Inglaterra e a cubiça que as nossas colonias despertava a algumas nações.

A Inglaterra, que é a *nação-arbitro* da politica mundial, precisa contar com Portugal, como nação aliada e como nação colonial, para a realização dos seus planos, pois que o nosso paiz é um factor poderoso da sua politica, de que não pôde prescindir. A partilha da Africa, embora os nossos dominios sejam respeitados, pode, pois, obrigar-nos a entrar na contenda que na Europa se debater se por ventura essa partilha não fôr feita de harmonia e acordo com os interesses britannicos.

E se esta ipotesi é a menos provavel, embora, *parece* já se tivesse começado a desenhar no horisonte, com maioria de razão seremos então envolvidos quando a partilha envolva os territorios que nos pertencem. E, em vista d'isto, podemos concluir que as nossas colonias podem hoje ser consideradas o nosso peza-delo, não só porque as podemos perder, mas tambem porque nos podemos vêr, por causa delas, envolvidos em sérias difficuldades com as outras nações, não só por nós, mas, principalmente, pela comunhão de interesses e reciprocidade de deveres que as alianças impõem.

O perigo que nos possa advir e as lutas em que poderemos vir a ser lançados por causa das colonias ou interesses das outras nações não vale a pena analisa-las demoradamente, porque sendo dependentes da politica, são tão contingentes e voluveis como os seus proprios caprichos e azares. Outro tanto, porém, já não succede com o perigo de as perdermos, porque, além das funestas consequencias que isso podia acarretar para a manutenção da nossa nacionalidade, envolveria largas perturbações economicas que não são dificeis de calcular.

Vamos, pois, indicar a sua situação e apontar, segundo o nosso modo de vêr, os meios de tal facto se poder evitar.

O perigo que ameaça as nossas colonias, pode-se dizer afoutamente, pois isso é hoje geralmente conhe-

cido, só pode vir das influências alemãs. E a parte que hoje constitue a sua maior cubiça é inegavel que é o sul d'Angola, em virtude da sua visinhança com o sudoeste africano-alemão.

A parte norte da nossa historica provincia, se no momento actual não está ameaçada de identico perigo, tambem é conveniente contar que o poderá vir a estar logo que se aprove o acordo franco-alemão e logo que fique delineado o identico acordo que se projecta com a Belgica sobre os vastos territorios do Congo belga que limitam e circundam a nossa provincia pela sua parte norte. E depois a navegação do Zaire ha-de ser largamente disputada e tudo deixa vêr que o golpe que em 1885 nos foi lançado chegue um dia a ser completado.

Essas ambições alemãs são sobejamente conhecidas e contra elas é de boa prudência tratarmos de nos precaver quanto antes. E quanto mais cedo fôr melhor, porque lá está a *sabedoria das nações*, que diz, e com verdade, que mais vale prevenir do que remediar. Na nossa limitadissima esfera de acção apenas podemos indicar o mal, e por isso, a prevenção a tempo que a faça quem pôde e quem tem por obrigação faze-lo. E assim cumprimos com o nosso dever e, afirmando o que dito fica, tranquilos ficamos com a nossa consciência.

Mas como é que esse perigo allemão se pôde efectivar, se pôde realisar, se pôde tornar um facto. Evidentemente, por tres processos, que são: intervenção armada, influencia diplomática e nova convocação para a revisão da Conferência de Berlin.

O perigo da intervenção armada, o golpe de mão, o *raid* audacioso, não o devemos temer, porque a Alemanha, devido á sua tenção de relações com a Inglaterra, não será capaz de o efectuar. A intervenção diplomática alguma cousa pôde conseguir, se nós não soubermos proceder com a habilidade, cautela e prudencia que o caso reclama. Essa intervenção já se começou a accentuar, é conveniente que se diga, pela contestação dos terrenos em que foram construidos os fortes do sul do Cuamato, que lhe fica visinho. Ignoramos em que altura se encontram essas negociações e desconhecemos o que as nossas chancelarias teem feito e muito menos o que teem conseguido.

Quanto a nós, o perigo maior é da revisão da Conferência de Berlim que nos pôde vir. A decadencia do nosso poder colonial, pelo menos sob o ponto de vista da extensão do território, nasceu em 1885, com a assinatura dessa Conferência. Antes, porém, de dizermos porque é que da sua revisão nos pôde vir o maior perigo, devemos dizer, a traços largos, qual foi a razão que naquela época a motivou para se comprehender as razões futuras que de novo podem justificar a sua revisão.

Os direitos historicos que então pelos representantes de Portugal foram invocados, os classicos e eternos direitos historicos que em discursos tão ôcos e empolados como faltos de senso pratico não nos cansamos de invocar todas as vezes que a nossa indignação é levada ao rubro por um espirito patriotico, nem sempre devidamente comprehendido, foram contestados pelo *chanceler de ferro*, pelo astuto Bismarck, dizendo que na época de progresso e desenvolvimento económico que então se notava nas diferentes nações, só havia um direito que justificasse o predomínio sobre qualquer porção de território africano, qual era o direito que dá a *posse efectiva*.

Todo o *hinterland* africano foi então julgado livre e apenas se concedeu ás nações a posse de territórios em que se julgava exerciam nessa ocasião algum dominio efectivo. E assim nasceu um novo mapa do continente africano, em que Portugal ficou com as suas colónias definidas, que são as que hoje temos, com exceção das partes que a nossa incúria posteriormente deixou já perder e cuja indicação não vem agora para o caso.

A essa teoria nova, e isso é conveniente accentua-lo neste momento, não souberam os nossos representantes responder, e por isso se calaram, se conformaram e assinaram as disposições tomadas, conformando-se com a sua triste sorte, porque a occupação efectiva que então exerciamos não dava alentos para mais.

Ora, se hoje a Allemanha não tem as suas colónias verdadeiramente prósperas e se mesmo elas não são, sob o ponto de vista do seu desenvolvimento commercial, agricola e industrial, em coisa alguma comparaveis ás inglezas, forçoso é reconhecer que se encontram num estado mais próspero do que as nossas, se não na sua

totalidade, pelo menos em algumas das suas regiões. E, dito isto, já o leitor compreende muito bem donde e como nos pôde vir o perigo, pois que se essa conferência se renovar e se se estabelecer não só o direito de *posse efectiva*, mas também o direito de mais larga colonisação ou mais intenso desenvolvimento económico, comercial, industrial e agrícola, é natural que os allemães encontram pelo paralelo e confronto alguns elementos para justificar a posse para elles das regiões que julgam precisem da sua *benemerita* interferência para, sob a capa protectora da civilisação, passarem á sua directa administração.

E citaremos um simples exemplo para mostrarmos como por esta fórma o perigo nos pôde bater á porta e por fórma tal a que difficilmente nos poderemos furtar. Em 1906-1907 fez-se o censo da população europeia que então povoava a provincia de Angola e reconheceu-se que havia apenas em tão vasto território, ha tantos séculos em nosso poder, uns 9:000 europeus, dos quaes, é necessario notar, cêrca de 2:000 pertenciam á guarnição militar e aos degredados. E se indagarmos qual a população da Damaralandia, que é a parte principal do sudoeste-africano-alemão, que há ainda poucos anos que está na posse da Allemanha e que confina com o sul da nossa provincia d'Angola, vemos que já hoje se encontra povoada por mais de 20:000 europeus, que, como colonos, ali exercem commercio, agricultura ou industria. E se se quizer carregar as côres dêste negro quadro, poder-se-ha ainda dizer que o clima da Damaralandia não é tão bom como o do vasto planalto de Angola e mesmo que o seu solo não é tão rico nem tão fértil.

Se Portugal quizer, pois, que não lhe contestem direitos, preciso é que se mande gente e dinheiro para as colónias. Os direitos históricos ninguem fale nêles porque são pouco mais do que uma irrisão. O direito moderno, o que hoje se pôde invocar com orgulho e com vaidade, é o direito da posse, da posse pelas armas, da posse pelo dinheiro e, acima de tudo, da posse pelo trabalho. Os direitos históricos são os que invocam os povos decadentes, os povos que foram alguma coisa, mas que se deixaram cair na indolencia; os direitos do trabalho são os que invocam os povos que progridem, os povos que se engrandecem, os povos

que ascendem, os povos que aspiram a ser alguma coisa.

E se numa nova Conferência se invocarem os direitos do trabalho, nós, portuguezes, se não tratarmos de olhar a sério para as nossas colónias, podemos chegar a ver-nos em sérias dificuldades se quizermos conservar intacto o património ainda grande que os nossos antepassados nos legaram.

Como militares podemos orgulhar-nos de que alguma coisa temos feito. A provincia de Moçambique, com a occupação progressiva que se iniciou em 1906, e se completou em 1910, no districto do mesmo nome, ficou toda pacificada o inteiramente sob o nosso dominio directo. A provincia de Angola, com excepção da região Cuanhamá e de algumas pequenas outras regiões visinhas do Congo belga, está também completamente pacificada. Os direitos da *posse efectiva*, em 1885 invocados, não os devemos hoje temer, e nisso vae a melhor gloria para toda a classe militar. Se as outras classes, as que são suscetiveis e mais proprias para colonisar, fizessem outro tanto, os interesses de Portugal em Africa estariam sempre salvaguardados, com honra e proveito para todos nós. Mas se se não tem feito até hoje, ainda se pode fazer e tudo estará salvo se o soubermos fazer o tempo, que urge e não permite delongas.

DAVID RODRIGUES.

Cap. d'Inf.^a



ACTUALIDADES

O lamentavel caso succedido em Braga, no Regimento de Infantaria n.º 29, que tanta magua nos causou e que tão profundamente emocionou o paiz inteiro, junto a muitas outras evidentes manifestações de falta de subordinação e correcção, vieram lançar, duma

fôrma bastante brusca, na t ela da discussão, a questão da disciplina do exercito.

De facto, essas manifesta es de indisciplina são uma triste realidade que são não v  quem f r cego e que são não confessa quem f r mal intencionado. A indisciplina existe e alastra por uma f rma assustadora.

E, confessado o facto e lamentada a sua existencia, pois que se o reconhecemos e confessamos   porque profundamente o lamentamos, o pedir se lhe d  remedio   uma coisa que tambem se impõe. E pedindo remedio pedimos tambem se aplique quanto antes e sem maiores delongas para evitar consequencias ainda mais funestas do que aquelas que já hoje são do dominio de toda a gente.

Mas quem lhe p de dar remedio? Num paiz em que toda a gente está habituada a que o Estado faça tudo, talvez muitos estejam   espera que os poderes constituidos tomem a iniciativa. Evidentemente este   o ponto de partida, mas forçoso   reconhecer que não   o meio capital para que tudo entre nos eixos e na devida e necessaria normalidade.

Os poderes constituidos, o primeiro passo que teem a dar   afastar por completo a interferencia das juntas de paroquia ou quaesquer outras entidades ou corpora es politicas nas questões militares. Os politicos militantes, os dirigentes da Republica, devem ter dado todos os cargos de importancia a militares que lhes inspirem a maxima confiança. Procedam, pois, unicamente em harmonia com as indica es que estas e são estas individualidades lhes forneçam, que são afinal os chefes responsaveis, e estará dado o primeiro passo para o conseguimento regular da disciplina do exercito.

Basta de politica na tropa. Esse periodo, que teve a sua justifica o nos primeiros mezes da implanta o da Republica, ja passou. Hoje, o que   necessario exigir   o exacto, rigoroso e estricto cumprimento dos deveres de cada um. E se os esforços dos chefes se envidarem nesse sentido, e se a sua ac o não fôr perturbada por influencias deletérias, que por todas as f rmas   necessario evitar, e se, enfim, os politicos se dedicarem são a politica e os militares às coisas da tropa, estando cada um onde deve estar, facil será então manter a disciplina dentro dos quarteis.

E, conseguido tudo isto, resta então conseguir, o

que talvez não seja infelizmente muito facil, que cada um de nós cumpra com os seus deveres. Até aqui poucos queriam cumprir com as suas obrigações (as verdades devem-se dizer todas), porque não queriam que lhes chamassem *thalassas*. Mas a compreensão deste termo foi uma verdadeira calamidade que caiu sobre o exercito, porque a desculpa formulada á sombra desse vago receio serviu de capa com que muitos se cobriram para se defenderem das arduas exigencias que muitas vezes impõe o exacto e rigoroso cumprimento dos deveres.

As manifestações de indisciplina apresentam-se por diversas fórmãs. Algumas vezes, essas manifestações, são caracterizadas pela recusa obstinada ao cumprimento duma ordem; outras, e por uma fórmã mais suave, a manifestação consiste em receber e acatar uma ordem, mas não a cumprir; outras ainda pela má apresentação, pela falta de aprumo, e pela pouca correcção; e, finalmente, e essa é a mais grave, pelo ataque pessoal e directo aos superiores de quem se depende.

Estes são, porém, os sintomas da indisciplina manifestada pelos subordinados, que todos conhecem, que todos avaliam e que as proprias leis punem. Mas se a estes juntarmos o procedimento dos chefes quando notam essas faltas e não envidam o menor esforço para as reprimir, teremos então reunidos todos os sintomas da putrefacção que contamina o organismo militar.

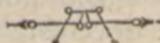
Geralmente, todos falam, todos lastimam, todos choramingam a indisciplina *dos de baixo*, quando afinal o que mais ha a lastimar é precisamente a indisciplina *dos de cima*.

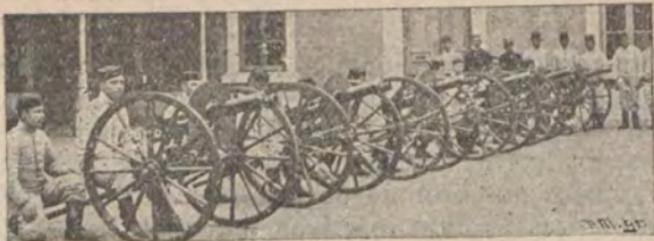
E, dito isto, pomos ponto final no assunto, porque já fica devidamente ilucidado.

A' bon entendeur...

Esperamos, porem, que tudo em breve se normalise.

DARDOS.





Emprego das metralhadoras no combate

Um oficial japonês publicou um interessante estudo baseado nas suas próprias experiências durante a última guerra em que comandou uma companhia de metralhadoras. Nas páginas que se vão seguir nós vamos reproduzir as passagens mais importantes por nos parecerem do maior interesse e da mais alta importância para divulgar o conhecimento do emprego desta arma em campanha.

A guerra russo-japonesa foi a primeira em que as metralhadoras se empregaram em grande escala. Em todo o caso o uso que delas se fez e a forma como foram empregadas são ainda muito pouco conhecidas para se poder chegar a conclusões definidas, devendo por isso as afirmações que se seguirem ser consideradas como uma opinião pessoal.

As enormes baixas sofridas pelos japoneses na batalha de Naw Shan e em frente de Porto Arthur mostram que as metralhadoras podem ser usadas com grande vantagem na defensiva. Nestas condições a potencialidade do seu fogo foi utilizada por uma forma completa. Tudo isto é uma consequência da grande quantidade de fogo produzida, do facto de se apontar com a arma devidamente apoiada, em cavalete, fixa; da facilidade na observação do próprio fogo e do pequeno alvo que se oferece ao inimigo, da grande mobilidade devida à leveza do material, e, finalmente, devido à facilidade de abastecimento de munições que se pode efectuar antes do combate se iniciar. Além disso, a defesa em si é essencialmente passiva, dependendo da atitude tomada pelo atacante e da forma como efectuar o ataque, a oportunidade de desenvolver por completo a acção das metralhadoras.

Mas como isso equivale a tornar as metralhadoras dependentes da atitude do proprio adversario, desde já se pode concluir que a tactica das metralhadoras deve ser essencialmente offensiva, não sómente no ataque, mas tambem no combate de natureza defensiva. Se as metralhadoras ficarem inactivas numa posição defensiva, é o mesmo que sacrificár uma grande parte da sua eficacia.

No ataque deve haver todos os cuidados para se desenvolver todo o poder das metralhadoras. E é nisto que consiste o estado do emprego tactico das metralhadoras e o que lhe dá a mais alta importancia. Os russos empregaram em excesso a defensiva, adotando esta mesma orientação com as metralhadoras, emquanto que os japonezes optaram sempre pela tactica offensiva, incluindo as metralhadoras.

Os russos fizeram uso em grande escala das posições fortificadas do campo de batalha. As regras seguintes podem por isso ser dadas para a tactica a empregar com as metralhadoras no ataque destas posições.

Logo que o reconhecimento completo se tenha feito, parte das companhias de metralhadoras apeadas affectas á infantaria avançam sobre a protecção de abrigos, tomando todas as precauções até poderem escolher uma posição apropriada, donde possam parar algum movimento offensivo da parte do inimigo. Os restos das companhias de metralhadoras acompanham as forças de infantaria e artilharia que devem efectuar o ataque demonstrativo. As metralhadoras montadas acompanham as forças de cavalaria que devem reconhecer os flancos e se possivel fôr a retaguarda do inimigo.

Para preparar o ataque e proteger a posição da artilharia, as metralhadoras deverão ainda ser lançadas mais para a frente, se necessario fôr. Devem então entrincheirar-se e estar promptas a entrar em fogo no momento em que a artilharia atacante ocupa as suas posições. E se isto se fizer durante o dia, as metralhadoras devem mesmo abrir o seu fogo para permitirem o avanço de quaesquer outras tropas.

A artilharia a principio inicia o fogo, das suas posições, ao romper do dia com o fim de esclarecer a situação. No entretanto o comando e os restantes officiaes das companhias de metralhadoras reconhecem a posição

inimiga e o terreno sobre o qual teem de efectuar o primeiro lance. Nestas condições as metralhadoras conservam-se silenciosas nos seus abrigos e só fazem fogo em çasos urgentes.

Quando a frente sobre a qual deve ter logar o ataque principal esteja escolhida, a artilharia pezada e a artilharia montada rompem o seu fogo, emquanto que a infantaria avança por lanços successivos durante a noite ou mesmo durante o dia. As metralhadoras protegem estes avanços com o seu fogo e quando tenham completado esta missão e quando a infantaria se tenha estabelecido nas suas trincheiras a 500 ou 600 metros do inimigo, as metralhadoras devem avançar até á mesma posição, de forma a estarem aptas a abrirem fogo a um alcance eficaz.

Se o terreno não oferecer alguma protecção nesta posição, é melhor para as metralhadoras serem lançadas para a frente uma a uma do que reunidas e simultaneamente. Nestes avanços é evidente que as metralhadoras devem ser transportadas sómente pelo pessoal, devendo ainda a propria metralhadora, o tripé e as munições de cada uma serem transportadas separadamente. E quando isto se tenha efectuado, o comando e os officiaes devem ainda procurar reconhecer mais detalhadamente a posição adversa.

Se se descobrir que o inimigo, durante a noite, aproxima a sua artilharia a menor distancia (até 1:000 metros) para com o seu fogo aniquilar as metralhadoras atacantes, estas devem romper o seu fogo por surpresa a fim de evitar que tal facto se dê. E se este fim não poderem alcançar, para se evitarem grandes baixas, as metralhadoras devem abrigar-se em posição que lhes ofereça todas as garantias de protecção do fogo da artilharia adversa.

As metralhadoras devem sómente esperar produzir efeito sobre a artilharia da defeza quando se possam aproximar a pequenas distancias durante a noite, ou sob algum nevoeiro ou sob a protecção de abrigos naturais, devendo então efectuar um vigoroso e energico ataque. Os comandantes das companhias de metralhadoras devem empregar os maiores esforços para utilizar com vantagem estas oportunidades.

Para efectuar o ataque decisivo, a infantaria e as forças de engenharia devem avançar sob a protecção

dos abrigos ou durante a noite até á distancia de 300 ou 400 metros do inimigo, devendo ali construir fortes entrincheiramentos. E enquanto essas forças estiverem desempenhando esses serviços, as metralhadoras devem permanecer na posição anterior e devem esforçar-se por tornar o trabalho das outras tropas mais facil.

A potencial das metralhadoras reside na eficacia do seu fogo, não se devendo por isso deslocar com frequencia. O avanço já mencionado da infantaria deve ser acompanhado com o fogo das metralhadoras todas as vezes que o terreno e as posições relativas o permitam.

Se o inimigo se encontra entrincheirado e se o seu fogo não é enfraquecido pela artilharia atacante, esta tarefa passa então a pertencer ás metralhadoras, devendo com o seu fogo varrer as cristas dos entrincheiramentos por forma tal que não permitam que os seus defensores as utilizem. Em outras ocasiões, as metralhadoras deverão ser utilizadas contra forças adversas que não se encontrem entrincheiradas.

A' medida que o ataque vae progredindo, o reabastecimento das munições vae-se tornando cada vez mais difficil, devendo por isso haver o cuidado de em todas as ocasiões propicias prever o mais possivel as posições que se ocuparem, o que se deve fazer durante a noite todas as vezes que a impetuosidade do fogo não o permita fazer durante o dia.

O assalto ás posições inimigas deve ser feito simultaneamente.

As metralhadoras que forem designadas para efectuar o fogo de perseguição e as destinadas á protecção, as quaes não podem fazer fogo por muito tempo para não atingirem as proprias forças atacantes, avancam logo com o fim de repelir vigorosamente algum contra-ataque tentado pelo inimigo. Se fôr possivel, estas metralhadoras, umas e outras, devem tomar parte no ataque feito ao flanco de cada uma das posições intermedias que tentem conquistar.

As metralhadoras de reserva devem estar preparadas para efectuar um rapido avanço. E' de toda a conveniencia atacar os flancos dos entrincheiramentos o mais depressa que fôr possivel, porque o atacante pode-se ele proprio encontrar exposto a um contra-ataque feito ao mesmo tempo pelos tres lados. Nestas condi-

ções o atacante não poderá manter a sua posição, o que pode originar a aniquilação de toda a sua força.

O atacante deve sempre confiar cegamente no efeito destructivo das suas metralhadoras devido ao poder de concentração do fogo sob alsas apropriadas. O atacante não deve nunca ceder um passo que seja do terreno conquistado, devendo lembrar-se sempre que nestes casos a retirada significa a destruição.

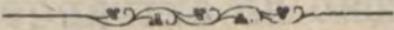
Quando o ataque tenha sido bem sucedido, a maior parte das metralhadoras devem ser empregadas no fogo de perseguição com o fim de o aniquilar totalmente. Todas as metralhadoras, logo colocadas em posição, devem assim ser empregadas, excepto, porém, um numero tal que permita evitar o contra ataque das forças inimigas que ainda se encontrem nos entrincheiramentos proximos.

As metralhadoras montadas que acompanhem a cavalaria na perseguição, devem estar sempre em condições de poderem reforçar o fogo da cavalaria.

Com relação ás precedentes indicações devemos dizer que na guerra de sitio, como em Porto Arthur, as metralhadoras tornam-se de uso momentaneo. Quando as principaes linhas de defesa forem atingidas, as metralhadoras devem sómente ser empregadas nas sortidas e nos contra-ataques, porque fóra desses momentos não ha occasião de as poder empregar.

No combate de campanha, o poder das metralhadoras, devido á sua mobilidade e á pequenez do alvo que oferecem, pode sempre ser utilizado por completo, não só nos terrenos acidentados, mas tambem nos planos. Deve-se mesmo aceitar como um axioma que as metralhadoras podem ser empregadas com maior vantagem no ataque do que na defeza, e bem assim em campanha do que na guerra de sitio.

(*Continúa*)



BIBLIOGRAFIA

Princípios de guerra, por *Carlos Alberto Corrêa*, tenente de cavalaria.

E' do segundo volume do livro já nós aqui indicado, e referente ao mesmo auctor, que se trata.

Como consequencia natural e logica o nosso distincto e illustrado camarada e amigo, sr. tenente Corrêa, acaba de lançar á luz da publicidade mais esse trabalho em que trata com a mesma proficiencia já revelada no primeiro volume, a tactica de estacionamento, acantonamento, bivaque, segurança, informações, reconhecimento e descoberta.

E tomando por norma a doutrina e as regras do nosso Regulamento de campanha, faz um largo e desenvolvido estudo de cada um desses assuntos, onde os estudiosos poderão encontrar todos os necessarios esclarecimentos para dêles se inteirarem.

Serviço de descoberta, do mesmo auctor.

E' mais um folheto que nos evidencia a actividade, os profundos conhecimentos e a grande competencia do sr. tenente Corrêa sob as questões de tactica.

Com o fim de publicar um perfeito *Manual de Guerra*, dedicou o seu primeiro volume ao estudo dos serviços da descoberta, tão importantes e tão necessarios em campanha.

E' um serviço espinhoso que se comete ás tropas encarregadas de o effectuar e só um grande conhecimento do assunto permitirá um cabal desempenho.

No folheto em questão encontram-se os precisos elementos e tudo quanto o official *precisa saber*, a *fôrma como deve ver*, e a maneira *como deve informar*.

Todos os casos, todas as ipoteses, todas as situações estão ali cautelosamente previstas e consideradas e quem estiver devidamente inteirado do assunto versado fica possuindo os esclarecimentos precisos para bem e conscienciosamente cumprir com os seus deveres.

Ao nosso distincto camarada e prezado amigo endereçamos as nossas felicitações e os nossos agradecimentos pelas ofertas com que nos honrou.



Secção do estrangeiro

Belgica. — Reorganisação da infantaria. — A divisão da infantaria belga, em pé de guerra, tinha, até agora, a seguinte composição: duas brigadas de infantaria de dois regimentos de tres batalhões a quatro companhias activas; de uma brigada de infantaria de reserva de dois regimentos a dois batalhões; e ainda um batalhão de caçadores.

Para obviar aos inconvenientes de misturar, no momento

de mobilisação, unidades de reserva com elementos activos, acaba de ser determinada uma nova organização na arma de infantaria e em virtude da qual se passou a dar ás divisões uma nova constituição.

Em virtude da nova orientação, fôram suprimidas as brigadas de reserva das divisões, mas em cada um dos regimentos das brigadas activas será organizado um quarto batalhão de quatro companhias.

Além d'isso as divisões de infantaria ficam ainda sendo constituídas por mais um batalhão de caçadores e por uma companhia de velocipedistas.

França. = Metralhadoras. — O ministério da guerra francez acaba de dotar as brigadas de cavalaria com uma secção de metralhadoras, para o que fez ultimamente publicar já o respectivo regulamento.

Segundo as suas disposições, cada uma dessas secções estará ás ordens do respectivo comandante das brigadas. Contudo, para instrucção e serviço ficarão sob as ordens do coronel comandante do corpo em que essas secções forem organisadas.

O pessoal e o animal ficam affectos, para efeitos de alimentação, aos esquadrões das suas procedencias.

Como se vê, pois, as secções de metralhadoras da cavalaria franceza não constituem organisinos autonomos.

Uma circular politica. — No jornal *La France Militaire*, de 13 de dezembro ultimo. encontramos o texto duma circular que o então ministro da guerra, M. Messimy, mandou ás auctoridades civis e que por ser em extremo curiosa e por muitos titulos interessante a vamos reproduzir.

«Conformando-se com a ordem do dia votada pelo Senado, em 30 de março de 1905, o ministério da guerra, depois desta época, passou a colher junto de vós informações sobre a correção politica de um certo numero de officiaes pertencentes aos regimentos estacionados no vosso departamento. Durante o decurso da discussão do orçamento da guerra, na camara dos deputados, eu fui levado a afirmar e a justificar de novo a necessidade d'estes pedidos de informação, ás quaes é evidente que nenhum governo, qualquer que seja, não poderá renunciar, mas eu indiquei, por outro lado, a minha intenção de modificar a maneira de proceder empregada até hoje para recolher estas informações.

«A presente circular tem por fim precisar as declarações que fiz a este respeito na tribuna da Camara.

«Para facilitar a vossa tarefa e permitir-vos que me informeis com todo o conhecimento de causa, eu desejo que adoteis a regra seguinte:

«Vós me dirigireis, não obstante, *semestralmente*, nas datas de 1 d'abril e 1 d'outubro, por intermedio do Ex^{mo} presidente do conselho, ministério do interior, um relatorio circunstanciado sobre os officiaes em guarnição no vosso departamento que, por actos publicos ou uma attitude geral, notoriamente conhecida, tenham faltado á correção politica e á lealdade que o governo da Republica tem o direito de exigir d'elles.

«Muito excepcionalmente, eu me reservo de vos lembrar,

fóra destas datas, fornecer-me, em casos determinados e urgentes, informações sobre a attitude de alguns officiaes, notoriamente d'aquelles que sejam propostos para comissões especiaes.

«Eu não tenho necessidade de ajuntar que, se vós estiverdes informados de um facto preciso de natureza a estabelecer incorrecção da attitude de um official, vós me deveis informar immediatamente por intermedio do Ex.^{mo} presidente do conselho de ministros, ministerio do interior.

«Eu aproveito esta occasião para vos lembrar que, no que diz respeito ao pedido de auxilios por parte de antigos militares, o vosso aviso sobre a maneira como se comportam, deve ser exclusivamente passado sobre a sua situação material, a sua conducta e a sua moralidade, conforme a circular do Ex.^{mo} presidente do conselho, ministro do interior, datada de 30 de novembro ultimo.

Eu muito estimarei que vos conformeis, para de futuro, com as presentes instrucções, pedindo-vos que me accuseis a repecção, o que deverá ser feito em correspondencia dirigida para o meu gabinete.»

Voluntarios em 1910. — O relatorio sobre o recrutamento relativo a 1910 fornece os seguintes dados sobre a incorporação de voluntarios em 1910, que são os seguintes:

Para os corpos francezes do exercito de terra, 15:213;

Para as tropas coloniaes, 1:661;

Para os regimentos estrangeiros, 2:118;

Para os regimentos de atiradores, 1:693;

Para os regimentos de Spahis, 267;

Para o exercito de mar, 3:696.

A comparação d'estas cifras com as do ano de 1909 evidencia:

Para os corpos francezes do exercito de terra, uma diminuição de 2:216;

Para as tropas coloniaes, um aumento de 400;

Para os regimentos estrangeiros, uma diminuição de 370;

Para os regimentos de atiradores, uma diminuição de 370;

Para os regimentos de spahis, uma diminuição de 70;

Para o exercito de mar, um aumenro de 50.

O contingente da classe de 1910 sendo inferior de 14:400 homens ao da classe de 1909 e a cifra das incorporações voluntarias, em 1910 sendo inferior á de 1909 de 2:216 homens, é facil de concluir que o decrescimento da natalidade deve ser a unica causa d'essas diminuições.

Alemanha. = A criminalidade no exercito. — E' este o resumo da estatistica official da criminalidade do exercito alemão em 1910:

O exercito contava em 1910 de um effectivo de 689:283 officiaes, sargentos e praças, das quaes 14:324 (2,08 %) foram envolvidas em processos. Destas 1:881 (0,27 %) foram absolvidas e 12:443 (1,81 %) foram condemnadas.

Entre estas, 48 (0,007 %) foram condemnadas com penas correccionaes; 1:985 (0,29 %) a 3 meses de prisão ou mais; 2:903 (0,42 %) a encarceração numa fortaleza; 217 (0,03 %) a presidio; 2:414 (0,35 %) a prisão rigorosa; e 2:539 (0,37 %) a prisão ordinaria.

Entre os delitos militares notaram-se 1:451 deserções, sendo 887 reincidencias. As faltas de disciplina foram de 2:741 (0,40 %); abusos de auctoridade ou maus tratos 627 (0,039 %).

Hoave 268 condenações a menos do que no ano anterior.

Roumania. — Ferramenta portatil para a infantaria — Ultimamente foi determinado que a infantaria fosse dotada com a ferramenta portatil, devendo distribuir-se por cada companhia 116 pás Limemuz, 32 picaretas, 8 machados, 16 maços e 8 tesouras corta-aramé.

Este material será transportado preso ao cinturão do lado esquerdo e por detraz do sabre.

Russia. — Exercícios de metralhadoras. — Todos os anos, durante o periodo de manobras de verão, os destacamentos de metralhadoras dos corpos de cada circunscrição militar agrupam-se para aperfeiçoarem a sua instrucção tequenica e tactica.

Em geral, estes destacamentos agrupam-se por divisões. Os destacamentos de cavalaria agrupam-se por vezes tambem com os de infantaria do seu corpo de exercito, tendo tambem os comandantes das circunscrições militares competencia para formarem tambem agrupamentos só com os destacamentos de cavalaria.

A duração destes exercicios é, em geral, de 15 dias, que se utilizam da seguinte fórma:

Inspecção detalhada do material e revista da instrucção geral do pessoal, dois dias; tiros de combate por destacamentos, quatro dias; tiros de combate em pé de guerra, um dia; tiros de combate com manobra de um destacamento de infantaria ou cavalaria, dois dias; concurso de tiro, um dia; instalação no campo e dias de descanso, tres dias.

Austria-Hungria. — Companhias de ciclistas. — No exercito austro-hungaro não existiam organisadas companhias de ciclistas, havendo, porém, em algumas guarnições organisadas desde 1896, algumas pequenas fracções, que eram apenas empregadas como exploradores e ordenanças.

Em virtude das experiencias que se realizaram nas grandes manobras dêste ano e tambem por reconhecerem as auctoridades militares que faltavam essas unidades e reconhecendo que era necessario seguir o exemplo da Italia, que conta hoje com 36 companhias ciclistas agrupadas em 12 batalhões, determinou-se que a quarta companhia de quatro batalhões de caçadores fosse organisada exclusivamente com ciclistas.

Cada uma destas companhias passará a ter um efectivo de 130 homens, montados em maquinas articuladas m/1910 e armados com carabinas de repetição. Para o serviço de ordenanças, dispõem ainda de 2 motocicletes e de 2 automoveis para o abastecimento de munições e viveres.

Além disso pensa-se em dotar cada uma destas companhias com uma secção ciclista de metralhadoras, analoga a uma que foi formada este verão passado para tomar parte nas grandes manobras.

Hollanda. — Orçamento para 1912. — Se alguém tiver duvida sobre a fórma como as questões militares são tratadas em

algumas nações pequenas da Europa, dê-se ao trabalho de ler a noticia que vamos transcrever.

O orçamento do ministerio da guerra hollandez para este ano eleva-se a 63.628.024 francos para o efectivo de 2:025 officiaes e 21:558 praças de pret do activo; 729 officiaes e 104:535 praças de pret, de reserva; e 426 officiaes e 50:235 praças de pret da landwcher, o que prefaz o efectivo total de 3:180 officiaes e 177:694 praças de pret.

Em relação ao orçamento de 1911, o dêste ano foi augmentado de francos 2.284.094, que são especialmente destinados á melhoria de soldo dos officiaes.

Algumas das despesas orçamentadas para o corrente ano, merecem especial atenção. E assim temos:

960.000 francos para elevar a 1.000 o numero de tiros por peça de artilheria de campanha;

1.000.000 para os exercicios e manobras nas posições fortificadas;

26.800 para a creação de uma segunda companhia-escola; e

1.172.000 para melhorar o soldo dos officiaes.

Além dos créditos ordinarios pedem-se mais as seguintes despesas extraordinarias:

84.000 para organizar a aerostação militar; e

963.000 para melhorar a situação dos officiaes.

As medidas propostas para accelerar as promoções são de duas classes: 1.^a Procurar a passagem do maior numero possível de officiaes de exercito activo á landwcher; 2.^a Modificar a organização da infantaria e da cavalaria.

Com relação á infantaria, os quinto e sexto batalhões actualmente organizados na mobilisação, organizar-se-hão desde já permanentemente em tempo de paz. Cada regimento compreenderá assim dois grupos de tres batalhões, sendo cada um dêles comandado por um tenente-coronel. Cada batalhão terá tres companhias em vez de quatro.

A instrucção será dada em cada grupo pela fórmula seguinte: Dois batalhões instruirão os recrutas incorporados em janeiro; o outro batalhão instruirá os recrutas incorporados em outubro em duas das suas companhias, ficando a outra encarregada de receber os voluntarios que se alistarem durante o ano.

CONSULTAS

7.^a — Tendo sido concedido aos 1.^{os} sargentos d'infantaria o uso de armamento e equipamento de modelo identico aos dos officiaes da mesma arma, será esta determinação extensiva aos 1.^{os} sargentos das baterias de metralhadoras a pé que egualmente pertencem á arma d'infantaria?

A «Revista» entende que sim, a não haver determinação especial que aos 1.^{os} sargentos das companhias de metralhadoras a pé designe outro armamento e equipamento.

8.^a — Na confecção do rancho e na percentagem de 100, pôde-se fazer uso de carne?

Póde.

9.^a — Póde-se dar carne guisada com batatas aos soldados na segunda refeição?

Póde.

10.^a — Os passaportes de licença, quando apresentados em qualquer Quartel General ou Commando Militar, devem ali ficar, tendo os interessados de os ir buscar, quando terminem a respectiva licença, ou devem sempre acompanhar o official, ou praças a quem dizem respeito?

Devem sempre acompanhar o official, ou praça, a quem dizem respeito. Não deve confundir-se a guia de marcha com o passaporte de licença, seja esta de que especie fôr. Aquella é que deve ficar na repartição, ou commando da localidade, onde o militar fôr desempenhar o serviço indicado na guia; mas o passaporte de licença apresenta-se unicamente para ser visado, sendo logo entregue a quem pertence, pois que é, por assim dizer, a sua solva guarda. O que porém deve succeder é o militar licenciado declarar, no respectivo commando, a sua morada, para o caso eventual de poder ser chamado, ou requisitado, para qualquer fim.

11.^a — Ha ou houve alguma circular que concedia ás praças graduadas cadetes, quarto no quartel, quando ao serviço? Em caso affirmativo, qual a circular que tal determina.

A «Revista» desconhece a existencia de qualquer circular a tal respeito.

12.^a — Estando pouco claro no Regulamento de continencias e honras militares, publicado na ordem do Exército n.º 8 (1.^a serie), de 29 de março de 1911, sobre quaes as categorias que tem continencia parada (entende-se uma praça isolada); pois, quando este Regulamento foi decretado, ainda não existia o logar de presidente da Republica. Pergunta-se: que especie de continencia (nas mesmas condições, um militar isolado) tem este Senhor?

Deve ter a continencia designada para o presidente do governo.

13.^a — O artigo 129.º do regulamento disciplinar, de 19 de janeiro de 1911, revoga a disposição 8.^a das instrucções para a escripturação dos registos de matricula, annexas ao regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito?

Caso revogue, o que se entende por contra-nota?

Não revoga.

14.^a — Sendo facultativo ás praças de pret o uso do uniforme de pauno, fóra dos actos de serviço, como se infere do artigo 17.º do plano de uniformes, de 7 d'agosto ultimo, que diz que as praças de pret poderão fazer uso do dolman de pauno, da calça de mescla e do 1.º barrete fóra dos actos de serviço, e não querendo as mesmas praças aproveitar-se d'essa concessão, pergunta-se: podem ou não usar em passeio o uniforme de cotim (tabella D para praças de pret)?

Não podem.

15.^a — Uma praça da 2.^a reserva (cabo ou soldado), e, como tal, fazendo parte das tropas de reserva, que deseje ausentar-se para o estrangeiro, com licença, nos termos do artigo 266.º e seus paragraphos do regulamento dos serviços do recrutamento de 23 d'agosto ultimo, tem de fazer acompanhar o respectivo requerimento do termo de fiança a que se refere o § 4.º do artigo 70.º do

regulamento das reservas de 1899, tendo em vista que, pelo artigo 265.º e seus paragraphos do citado regulamento do recrutamento, só é exigido esse termo ás praças licenciadas das tropas activas?

Segundo o artigo 277.º do Regulamento de recrutamento, todos os individuos que, á data da publicação da lei de recrutamento de 2 de março de 1911, já tinham sido alistados no exercito activo ou na reserva, estão sujeitos ás disposições da legislação vigente á data da publicação da citada lei.

16.ª — Achando-se estabelecido pelo artigo 49.º da carta de de lei de 12 de junho de 1911 que, «as vacaturas do quadro de subalerno nas armas de cavallaria e infantaria serão providas: dois terços pelos individuos habilitados com o respectivo curso da escola do exercito e o restante terço pelos sargentos ajudantes»; pelo § 1.º do mesmo artigo que, «para a entrada no quadro, ter-se-ha em consideração que, por cada 2 alferes supranumerarios, deverá tambem ser promovido a alferes um sargento ajudante, que contará a antiguidade da data em que foram promovidos esses alferes; e tendo sido annualmente promovidos a alferes para a arma de infantaria um grande numero d'individvos habilitados com o citado curso, ficando parte d'elles, supranumerarios, por excederem os $\frac{2}{3}$ que lhes são destinados, das vacaturas occorridas no respectivo quadro; pergunta-se: deve ou não ser promovido a alferes um sargento ajudante por cada 2 d'aquelles supranumerarios e na mesma data que elles, como dispõe o alludido paragrapho?

Não devendo ser promovido, como interpretar as disposições acima referidas?

Pelo que o consulente diz parece que deve proceder-se como expõe o § que cita.

17.ª — Sou capitão; tenho 34 $\frac{1}{2}$ annos de serviço. Pergunto: passando á inactividade, por doença, pelos seis mezes que me faltam para completar os 35 annos de serviço, qual é o vencimento a que tenho direito se me reformar ou passar á reserva?

Tenho duvida na interpretação dos n.ºs 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º do art.º 12 da O. E. n.º 12 de 1911 por dizer *serviço effectivo* quando trata do augmento de 4 $\frac{9}{10}$; ainda que á mesma lei no art.º 15 e seu § especifique o tempo que não é contada para reforma

Se se trata de *effectividade* e formos ao Almanach do exercito. veremos que as situações de *effectividade*, *disponibilidade* e *addidos* estão sob a designação de *actividade*. Teriamos então que, se se conta como serviço apenas a *effectividade*, perderia o official para reforma o tempo de disponibilidade e de addido.

A «Revista» entende que deve contar-se para effeito de reforma o tempo de inactividade por motivo de doença.

18.ª — Dizendo o n.º 16 do artigo 3.º da constituição politica da republica portugueza, que: Ninguem poderá ser preso sem culpa formada a não ser nos casos de flagrante delicto e nos seguintes: Alta traição, falsificação de moeda, de notas de bancos nacionaes e titulos da divida publica portugueza, homicidio voluntario, furto domestico, roubo, falencia fraudulenta e fogo posto; pôde prender-se um mestre de clarins de qualquer regimento de cavallaria, por uma simples denuncia *anonyma*?

Póde-se a denuncia se referir aos casos que a constituição politica designa; mas a auctoridade é que deve ter cautella com os anonymos.



15.º ANNO

MARÇO DE 1912

N.º 3

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empreza da Revista de Infantaria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

O EXERCITO DOS SOCIALISTAS

A entrega da pasta da guerra do exercito francez ao sr. Millerand, bem conhecido socialista, lançou sobre todo o elemento armado d'aquela nação uma certa apreensão, que de resto bem se compreende. Qual seja a orientação que aquele ilustre politico dará ao exercito francês enquanto sobraçar a pasta que lhe foi confiada, ainda não é bem conhecida: Em todo o caso toda a sua vida politica, todo o seu passado de homem publico e muito especialmente a declaração que no parlamento apresntou o ministerio de que faz parte deixam antever que nada tem a temer o exercito francês da alta direcção que lhe vae imprimir um socialista.

Até ha bem pouco tempo supunha-se que ser socialista era o mesmo que ser anti-militarista. O sr. Millerand vae mostrar por certo ao mundo que assim não é. O socialismo é um partido que apenas aspira hoje, onde se encontra bem orientado e bem organizado, á perfectibilidade economica das classes proletarias, aspiração esta que só implica com a perfeição e grandeza da força armada quando esta por ventura tende a cortar o direito áquela legitima reivindicação.

Mas quando esse formidavel partido combate dentro da normalidade e da cordura pelo seu ideal, nada teme

da força armada porque esta em nada se pôde opôr á realização do seu objectivo, que sendo, como é, de character economico, chega mesmo a precisar da sua interfeerencia para lhe servir de garantia á conservação dos beneficios alcançados.

Os socialistas alemães estão hoje perfeitamente identificados com a orientação imperialista e com a politica militarista seguida por todos os governos. O proprio Bebel, chefe do grande partido socialista alemão, quando no parlamento se discutem despezas militares nunca as regeita com o seu voto, embora o faça acompanhar com algumas declarações em que resalve a questão de principios.

O partido socialista francez está seguindo a orientação do partido alemão. O sr. Jaurés, que é o seu chefe, tem imprimido ao seu partido uma orientação muito clara e muito definida nesse sentido. Ainda não há seis mezes publicou com esse fim um livro que, apesar de ser escrito por um paisano socialista, faria a honra e a gloria de qualquer escritor militar.

Chama se êle *L'armée Nouvelle* e em todos os seus capitulos revela grandes conhecimentos do assunto e um profundo espirito de observação e de critica, onde, com uma habilidade rara e só propria do seu grande talento, consegue estabelecer a harmonia entre a força armada e as classes proletarias, mostrando que só aquêla lhes pôde garantir a liberdade do seu trabalho e a propriedade das suas empresas, porque só éla lhes pôde garantir a paz e a segurança.

E nesta ordem de ideias e depois de fazer uma larga apreciação e uma severa critica ás actuaes instituições armadas francezas, fecha o seu livro com um projecto de lei cujos topicos principaes vamos indicar.

E vamos faze-lo não só para mostrar qual seja a orientação moderna desse partido, mas tambem porque tendo nós hoje em vigor uma organização miliciana poderá o leitor, pelo seu confronto, ajuizar dos progressos que se tem feito.

Todos os cidadãos válidos, desde os 20 aos 45 annos de idade, são obrigados a contribuir para a defeza nacional, fazendo parte dos 20 aos 34 do exercito activo; dos 35 aos 40 do exercito de reserva; e dos 40 aos 45 do exercito territorial.

Os cidadãos do exercito activo são organizados em

divisões, correspondendo cada uma delas a uma força determinada de territorio, que constitue a sua superficie de recrutamento. Estas divisões compreendem regimentos de infantaria, apoiados por grupos de cavallaria, artilharia e engenharia.

A educação do exercito activo compreende tres fazes; educação preparatoria da juventude e adolescentes; escola de recrutas; e convocações periodicas.

A educação militar preparatoria será obrigatoria para a juventude e adolescentes desde os 10 aos 20 annos. Esta educação terá mais em vista o desenvolvimento do corpo pelos exercicios racionais do que o proprio ensino militar e tecnico, sendo dirigido e fiscalizado pelos officiais e sargentos das unidades interessadas, pelos professores das escolas publicas e primarias, pelos medicos locais e por um conselho de aperfeiçoamento militar de 3o membros, eleito no territorio de recrutamento de cada regimento por meio do sufragio universal.

Os mestre-escolas serão preparados para isso por um ensino apropriado ministrado nas escolas normais. As familias dos mancebos convocados para estes exercicios educativos serão prevenidas de que se darão notas sobre a sua comparência, competência e zelo, sendo a negligência habitual punida com sancções diversas, que se poderão accumular, e que serão notoriamente a interdicção de todas as funcções publicas por um tempo determinado e obrigado d'uma maior permanencia nas escolas de recrutas. Em contraposição, porém, serão concedidos premios e recompensas aos individuos ou agrupamentos que mostrem mais zelo e que tenham feito maiores progressos.

Os mancebos entrados nos 21 annos serão convocados por 6 mezes no centro da guarnição mais proxima para uma escola de recrutas, onde aprenderão as manobras do soldado e as manobras de companhia, esquadraõ ou bateria. Este serviço poderá ser feito de uma só vez ou em duas, mas dentro dos limites do anno. As datas de convocação serão escolhidas de maneira a permitirem os exercicios ao ar livre e as manobras em terreno variado.

Os grupos de instrucção formados pelos recrutas não constituirão unidades organicas e permanentes, sendo apenas affectos ás unidades territoriais.

Nos 13 anos de serviço activo a que são obrigados, serão convocados 8 vezes para exercícos e manobras. Estes exercícos constarão alternativamente de manobras de pequenas unidades, d'uma duração de 10 dias, feitas nas proprias localidades ou proximidades, e de manobras de grandes unidades, de duração de 21 dias, que poderão já ter logar fóra das proximidades das localidades e nos campos de instrucção. Além d'isso deverá haver exercícos de marcha e tiro todas as vezes que sejam organisados pelos officiaes e sargentos e pelos conselhos de aperfeiçoamento a que já nos referimos.

Os soldados terão em suas casas o uniforme, sendo pecuniariamente resposaveis por êles. As armas estarão porém em depositos nas localidades mais importantes e sob a guarda e responsabilidade das auctoridades civis e militares.

A ideia da *révanche* domina os socialistas como francezes que são. Nos departamentos de Léste cada soldado, para estar mais pronto para a lucta, terá em casa a arma junta com a ferramenta de trabalho. E a esta excepção junta o sr. Jaurés recomendações especiaes para o estabelecimento d'uma rêde fechada de communicações de toda a ordem, incluindo a propria aviação, onde haverá inumeros depositos de material de guerra abundantemente providos.

Os quadros serão formados; uma parte de officiaes e sargentos profissionais e outra de officiaes e sargentos civis, sendo sómente profissionais os sargentos estrictamente necessarios para a instrucção dos recrutas.

Depois de tres mezes passados nas escolas de recrutas, os soldados que forem julgados mais aptos em virtude das notas que tenham obtido durante a instrucção preparatória, em virtude da sua actividade revelada durante a instrucção da recruta e em virtude da sua instrucção geral, serão preparados para exercerem as funcções de sargentos. Estas escolhas serão feitas pelos directores das escolas, por officiaes e pelo já referido conselho de aperfeiçoamento, e os que forem escolhidos serão enviados durante 3 mezes restantes para uma das escolas de sargentos que fique mais proxima do seu domicilio. Aos sargentos ser-lhes-hão garantidos os seus empregos ou colocações e poderão ser promovidos até ao posto de tenente.

Os quadros dos officiaes serão formados, por um terço, de officiaes profissionais. As associações obreiras de toda a especie, sindicatos, mutualidade e cooperativas serão auctorisadas a subvencionar filhos dos seus associados para fazerem o curso dos officiaes profissionais.

Os mancebos munidos com o diploma de bacharel serão admitidos, mediante concurso, nas secções de estudos militares organizados nas dez universidades mais importantes, onde só se poderão matricular depois de terem seis mezes de instrucção de recruta.

A duração dos cursos militares dessas universidades será de 4 annos, onde se seguirão as especialidades conforme as armas a que se destinarem e receberão do Estado uma gratificação diaria, a qual mesmo poderá ser extensiva ás suas familias se estas forem pobres. Depois dos cursos serão nomeados tenentes e serão empregados nas escolas de recrutas ou no commando das unidades de character permanente. Para ascenderem aos postos superiores terão ainda de seguir uns cursos especiais de 20 dias, que serão tambem organizados nas mesmas universidades.

A obrigação dos officiaes profissionais consistirá em vigiar, d accordo com os professores normais e os delegados eleitos do conselho de aperfeiçoamento, pela educação preparatoria e de contribuir para a educação dos officiaes civis.

Os officiaes profissionais serão admitidos, mediante concurso, na escola superior de guerra, que assegurará as vantagens marcadas pela obtenção dos altos postos e que preparará para o desempenho das funcções do estado maior.

Os dois terços restantes dos officiaes serão officiaes civis e serão affectos ás unidades dos territorios onde residam. Ninguem poderá receber o diploma de medico, de advogado, engenheiro ou professor sem estar primeiramente munido do diploma de estudos militares.

Estes officiaes vencerão uma indemnisação, gozando tambem nas diversas funcções publicas que exerçam de um premio de antiguidade, tendo direito, além d'isso, a uma pensão de reforma aos 50 annos.

As promoções far-se-hão parte por antiguidade e parte por escolha, devendo ser reguladas por tal forma

que a metade dos quadros dos officiaes civis seja substituida por officiaes munidos do diploma de estudos militares.

Os officiaes que tenham excedido a idade dos 34 annos poderão ser conservados a seu pedido nos quadros do exercito activo. Como regra porém serão affectos ás unidades de reserva e territoriaes.

As unidades de reserva serão formadas pelos homens de 34 a 40 annos e que tenham pertencido ás unidades activas e as unidades territoriaes serão formadas pelos homens dos 40 aos 45 annos.

Os officiaes destas duas classes de unidades serão recrutados entre os antigos officiaes do exercito activo ou entre os sargentos do exercito activo directamente promovidos ao posto de official para estas mesmas unidades.

O exercito assim constituído tem por objecto exclusivo proteger contra toda a aggressão a independencia do solo nacional. Toda a guerra é criminosa se não é manifestamente defensiva; ella não é manifestamente e certamente defensiva se o governo do paiz propozer ao governo estrangeiro, com o qual está em conflicto, regular o mesmo conflicto pela arbitragem.

DAVID RODRIGUES,

Cap. d'Inf.^a

CHISIO

O ESTUDO DA GEOGRAPHIA PHYSICA EM PORTUGAL

(*Conferencia realisada em infantaria 24*)

(Continuação ao n.º 2)

A serra da Estrella tem o seu prolongamento na serra de Sicó, na de Leiria, no massiço de Porto de Móz e na cadeia de Montejunto.

As serras de Cintra e da Arrabida são hoje consideradas como pertencendo a formações differentes.

No centro e para NE. da Beira, este systema forma uma região extremamente montanhosa e escarpada, a mais elevada e accidentada do paiz. Suas principaes linhas de

cumeada estão como que perdidas entre ramificações complicadas e sem conta, sendo difficil determinar a sua orientação. Esta alta região cáe, do lado do N. muito rapidamente para o Douro, e em declives suaves até ao Tejo como para occidente até ao litoral do Atlantico, onde se estende em vasta esplanada uma zona bastante plana, atravez da qual correm o Vouga e o Mondego, até ali apertados entre as altas montanhas.

Os valles d'estes rios e o do Zezere são os valles principaes d'esta região, em que a opulencia da vegetação mostra a aptidão das terras para quasi todas as culturas.

Ao S. do Tejo; 3.^o — O systema de Toledo, cujo prolongamento forma na fronteira a serra de S. Mamede e ainda a de Marvão e de Portalegre e a d'Ossa. O relevo do Alemtejo apresenta caracteres especiaes que por si mesmos distinguem esta região das outras ao O. do Tejo.

Alli uma zona de planicies, talvez um vasto platô se estende de N. a S. e se inclina para o mar docemente, ao passo que os seus maiores declives vão para o Guadiana, apoiando-se ao N. nas serranias de S. Mamede e ao S. nas montanhas do Algarve.

4.^o O systema Marianico, que na Andaluzia forma a famosa serra Morena e de que são natural dependencia em Portugal as serras do Caldeirão e do Monchique. Todo o norte do Algarve é accidentado pelas ramificações d'estas serranias, que não deixam mais que uma estreita faixa no litoral de 5 a 15 kil. a partir da qual se eleva para o interior em largos degraus defronte do Oceano.

E' estudo valiosissimo a carta hypsometrica do paiz. Em relação aos seus caracteres hypsometricos, Portugal opresenta no seu conjunto o aspeto d'um immenso amphitheatro irregular de SO. para NE., com o sopé meridional demasiadamente vasto em relação á superficie hypsometrica principal. Esta configuração morphologica explica a interpretação das suas redes hydrographicas e as zonas de transito entre o nosso paiz e a Hespanha.

As altitudes inferiores a 50 m. occupam cerca de 12⁰/₀ da superficie total; distribuem-se pelo litoral e nas margens dos diversos rios e seus afluentes, sem chegarem á fronteira.

As altitudes entre 50 e 200 m. caracterizam o Baixo Alemtejo, formando um degrau não interrompido do Tejo á serra do Monchique. De 200 a 400 m., ao N. do Tejo,

acompanham os rios e seus afluentes principaes; ao S. a sua disposição é como que em massa, formando as duas largas zonas do Alto - Alemtejo.

As altitudes superiores a 400 m. teem fraca representação ao S. do Tejo, onde sómente em nucleos isolados se medem as costas até 700 metros, emquanto ao N. d'este rio a sua distribuição se vae gradualmente estendendo de modo a constituirem grandes massas compactas de forma amphitheatrica. As altitudes de 1.200 a 1.400 m. só se encontram no Norte do paiz.

Do exame da carta hypsometrica passa-se ao da rede hydrographica. A superficie fluvial, a direcção dos rios principaes e seus afluentes, a penetração das altitudes inferiores a 50 m. são condições dignas de observação. Esta principalmente, porque acompanhando estas altitudes parte do percurso dos rios, a sua extensão navegavel imprime manifesta superioridade ao nosso territorio.

A direcção NS. do Douro, desde a sua entrada na fronteira até Barca d'Alva, a mesma orientação meridiana do Agueda, do Erges, do Guadiana e do seu afluente o Chança, traduzem flexões e desenvolvimentos do solo e explicam, segundo Eliseu Reclus, «como é que Portugal ao separar-se da Hespanha, tomou a forma de um quadrilatero regular.»

Mas a carta hypsometrica mostra-nos em pleno desenvolvimento as zonas de transito, as estradas geographicas entre Portugal e a Hespanha. A importancia d'esta parte demonstra-se com a evidencia que a encerra.

N'uma extensão de fronteira terrestre de 1.209 kil. os sectores de transito facil, ao N. do Tejo, não são numerosos, e ao S. metade da fronteira de Barrancos á Foz do Guadiana, não offerece estradas geographicas de valor. A passagem por Monsão, Caminha, Ponte de Lima, internando-se na provincia do Minho, seria estrada facil se não fosse o inconveniente de ser flanqueada pelo mar. Preferivel a esta será a marcha por Verin, na Hespanha, a Chaves e Villa Pouca d'Aguiar, d'onde é facil alcançar o Valle do Corgo para Villa Real e a Regoa, ou deixando este seguir o do Tamega por Amarante em direcção ao Porto. E' a leste que a fronteira offerece uma zona de transito de encarecido valor estrategico: a entrada por Almeida, seguindo os valles de Labullela e de Coelha até ao planalto da Guarda, para alcançar, seguindo-o, o valle do Mondego.

Mas a fronteira do Alemtejo é a que permite verdadeiras passagens de facil e seguro transito. Entre Campo Maior e a serra de S. Mamede, a fronteira é aberta, nos Campos d'Aviz está-se no coração do Alto - Alemtejo; de Mourão para Reguengos e de Barrancos a Moura alcança-se com rapidez todo o Baixo - Alemtejo.

Os caracteres geomorphologicos em Portugal. — Pelo seu aspecto morphologico, Portugal pode ser dividido em varias regiões, cada uma das quaes se particularisa por um certo numero de caracteres que se accentuam no relevo do solo, se differenciam na direcção dos seus valles que convergem obliquamente para o mar, e aos quaes veem juntar-se, como flanqueando o limite oriental do continente portuguez, os desnivelamentos e falhas que imprimem aos perfis do Douro, do Tejo e do Guadiana direcções de verticalidade que tornam esses rios diversos nos dois paizes.

O estudo das condições estructuraes do solo e dos movimentos organicos que geraram os seus enrugamentos montanhosos, são factos que um estudo desenvolvido tem de abranger.

Todos estes caracteres geomorphologicos imprimem á terra portugueza uma forma de conjunto, uma disposição architectonica e uma esculptura sobreimposta que lhe criam uma individualidade physica.

E esta mais sensivel se torna á nossa observação, quando vemos que o conhecimento das formas topographicas fortalece essa individualidade, que um clima bem differente dos das outras regiões da peninsula veio completar.

A situação geographica de Portugal, que faz do nosso paiz uma posição avançada da Europa occidental, guardando a maior estrada maritima do mundo, é uma condição physica que avigora ainda mais a nossa autonomia geographica.

O porto de Lisboa constitue a chave de tão magnifica posição, por ser aquelle que mais perto está dos portos da America do Sul e esta vantagem mais ha-de valorisal-a a proxima abertura do canal do Panamá.

Um simples exame sobre um planispherio comprova este asserto.

Como muito bem disse o anno passado um professor illustre do Curso Superior de Letras, «Portugal á uma

personalidade geographica; a terra, o clima, a população crearam esta personalidade.» Disse.

Aveiro, 23 de Março de 1911

JOSÉ C. PINTO QUEIMADA.
Capitão d'infanteria



ACTUALIDADES

Os ultimos acontecimentos de Lisboa provocados pela pretença greve geral teem sido encarados por diversas formas e sob diferentes aspectos. Nós não entrariamos na analise destes acontecimentos se a força armada não fosse chamada a intervir e se esta propria intervenção não nos fizesse sugerir algumas considerações de character especial e que se coadunam intimamente com os fins e intenções desta Revista.

A tropa interveio e por tal forma o fez que a sua acção moderada e prudente, por um lado, mas suficientemente energica e decidida, por outro, fizeram com que da boca de todos, e muito especialmente dos que não tiveram intervenção directa nos factos, só saissem exclamações de aprovação pelo seu digno e correcto procedimento.

Mas se sob o ponto de vista da cordura aliada á energia e da disciplina aliada á subordinação e ao amor e respeito pela ordem e segurança só resultam da sua analise motivo para uma bem justificada satisfação, já se não pode dizer outro tanto com relação ás deficiencias nume-

ricas e á falta evidente de pessoal com que se luctou. Estes recententes acontecimentos encarados por este aspecto vieram chamar a nossa atenção, assim como a de toda a gente, para a questão dos effectivos e consequentemente para a organização do exercito.

Os quartéis nessa occasião estavam cheios de gente, recrutas por instruir, futuros soldádos que estavam apenas recebendo as primeiras luzes do catecismo militar. Era pois gente com que não se contou e com que não se pode mesmo contar para qualquer dessas emergencias, não só porque a sua instrucção o não permitia, mas tambem porque segundo o proprio espirito da lei não serve nem é destinada para esses serviços.

Os regimentos não são hoje corpos activos; os regimentos são apenas, segundo a lei, escolas de recrutas onde se instruem os futuros soldados que são para defender a Patria. Para a simples manutenção da ordem ha, e se ainda os não ha em numero suficiente deve have-los, os chamados corpos policiaes.

Esta é a orientação da nossa organização militar e esta é tambem a orientação que se segue tambem em algumas nações europeias. E esta orientação é aconselhada e imposta por varias circumstancias, como são a necessidade da limitação do tempo de serviço e mesmo a conveniencia de afastar as forças que constituem o exercito propriamente dito das contendas e luctas internas. A sua intervenção nestas condições arrasta-lhe sempre certas e determinadas antipatias com que nada lucra o prestigio da propria instituição. Nos paizes em que as ideias antimilitaristas estão fazendo carreira, esta orientação é pois aconselhada por uma natural prudencia que o simples bom senso indica.

Entre nós essas ideias ainda não tomaram, felizmente, formas defenidas, mas em todo o caso é da maior prudencia não esquecer os exemplos estranhos, porque a rapida propagação do pensamento e a facil divulgação de conhecimentos podem dar a essas ideias a forma e corpo suficientes para as tornar uma ameaça e um perigo.

Tudo que seja, por consequencia, afastar o exercito da intervenção em questão desta natureza nós não podemos deixar de aplaudir e de lhe conceder o nosso apoio. O exercito não é para policiaer arraiais e feiras, nem para conduzir e guardar prezos, nem para desfazer greves. A missão do exercito é mais nobre e alevantada; a sua

missão é educar o povo no altar da Patria por forma a todos a poderem defender no momento de perigo comum.

Para os serviços de segurança e de manutenção da ordem devem então existir os corpos policiaes em numero e com efectivos tais que assegurem a necessaria manutenção da ordem, o cumprimento da lei e a segurança da propriedade e dos individuos.

Quando porém se deram os lamentaveis acontecimentos de Lisboa a que nos estamos referindo esses corpos não existiam em numero ou com efectivos suficientes para darem a todos os cidadãos as necessarias garantias. E como esses corpos ainda se não criaram, ou se se criaram não foi em numero suficiente e que chegassem para todas as necessidades do serviço, indispensavel foi recorrer aos quartéis, ás tropas do exercito, como se fazia quando este tinha um caracter permanente.

E felizmente que nesses quartéis ainda existiam alguns restos desse exercito permanente, pois que se não estivessem ainda nas fileiras os soldados do primeiro ano de alistamento difficil teria sido dominar os focos de caracter insurreccional e revolucionario que estavam apparecendo pela cidade inteira; pelo menos a sua extinção não se teria feito pela forma cordata, prudente e até benigna como se fez e só muito excesso, muito fogo e muito sangue é que poderiam repôr a cidade na sua habitual e necessaria normalidade.

O exemplo de ontem deve servir de lição para amanhã, e, por isso, todos devem ficar sabendo que antes desses soldados serem licenciados para a reserva se torna necessario dotar os corpos policiaes com os efectivos necessarios para garantirem a liberdade e a segurança de todos.

Os exercitos milicianos ou seja os exercitos escolas, se teem as suas vantagens, teem tambem, como de resto todas as coisas deste mundo, os seus inconvenientes. Educando militarmente a população inteira, não dão a essa propria população as garantias de ordem suficientes, porque não são corpos unidos, homogeneos, cumprindo o mesmo dever, servindo para o mesmo fim, obedecendo a uma só voz em todas as circumstancia quotidianas da vida dum povo. Se entre nós se quizer manter integra a organização que hoje já se está executando indispensavel é, pois, aumentar a guarda republicana e a policia civica.

Custa isso caro, é certo, mas manteem-se os sagra-

dos principios, o que tambem vale alguma coisa. Nós o que pedimos é que se olhe com olhos de ver para este assumto, porque nos parece palpitante e do maior interesse para o bem estar de todos, para o bom nome do paiz e prestigio das instituições.

DARDOS.



Instrucção do oficial

O nosso distincto camarada e prezado amigo, sr. major Angelo Leopoldo da Cruz e Souza, acaba de enriquecer as nossas bibliotecas com um livro de muito valor e alto prestimo e que incontestavelmente está destinado a desempenhar um grande papel no desenvolvimento da instrucção do nosso exercito.

A *Instrucção do oficial* é um livro de vulgarização dos conhecimentos tacticos. Bastaria dizer isso e indicar o seu auctor para todos comprehenderem o seu alcance e o seu valor, e bastaria isso porque se o assunto é dos que mais geralmente interessa a todos, o nome do auctor do livro tem já a sua reputação feita nos nossos meios miliares.

Os bons creditos de que justamente goza o sr. major Cruz e Souza tiveram mais uma vez plena consagração com a publicação deste seu primoroso trabalho, onde a sua intelligencia lucida, os seus profundos conhecimentos e as suas raras faculdades de trabalho mais uma vez se revelaram.

O livro é dividido em tres partes, indicando na primeira as regras, preceitos e normas que se deve seguir no estudo e na execução de todos os trabalhos tacticos, que são outras tantas indicações preciosas com que todos precisam estar familiarisados para o cabal desempenho dos

seus deveres. Nessa primeira parte conseguiu o sr. major Cruz e Souza, com a sua competencia e com a sua grande pratica, indicar por uma forma descritiva que não cansa e antes deleita, os principios fundamentaes do regulamento de campanha, ensinando ainda, e nisso foi devéras feliz o seu auctor, a applicação e natural encadeamento de todas essas regras.

Na terceira parte, figurando varias hipoteses em que entram grandes unidades, descreve com um tão acentuado metodo a marcha de todos os acontecimentos, discute-os com tanta clareza e analisa-os com tanta proficiencia que dão ao livro um raro merecimento, porque da sua leitura ressaltam sem esforço e sem fadiga os conhecimentos que todos precisam adquirir.

Para pequenas unidades formula então na terceira parte uma serie de hipoteses applicaveis ás cartas dos arredores de Lisboa que naturalmente veem completar os capitulos anteriores e que muito aumentam o valor do livro, porque todos os assuntos são identicamente tratados.

E para que todos os nossos leitores fiquem mais claramente ajuizados da orientação seguida pelo sr. major Cruz e Souza na elaboração do seu primoroso trabalho, vamos transcrever a *introducção* do seu livro, porque nela se vê qual foi o criterio seguido.

A instrucção da força armada, especialmente a dos officiaes, exige taes atenções e cuidados da parte dos seus dirigentes, que, para estes, constitue, ao presente, uma das mais dificeis e delicadas missões.

A medida que as condições sociaes vão impondo a redução de tempo de permanencia nas fileiras, ampliando consideravelmente o numero de unidades, e provocando uma fórma de ser especial na organica dos exércitos modernos; á medida que o caminhar incessante e progressivo das diversas industrias, aperfeiçoando e ampliando o complexo material militar aproveitavel em campanha, torna mais transcendente a sua applicação; a instrucção militar, por seu lado, servindo de ponto de apoio para equilibrar os inconvenientes derivados de essas e outras diversas causas necessita necessariamente de ser determinada ou assentar em bases solidamente estudadas, dirigida e fiscalizada com orientação criteriosa.

A instabilidade de processos e metodos de instrucção, provocada pela diversidade de modos de vêr de cada legislador, exigindo, umas vezes, que os trabalhos de gabinete prevaleçam em detrimento dos de campo, outras, que estes excluam aqueles, e por vezes, que dentro do mesmo ramo de instrucção alguns trabalhos sejam completamente excluidos, representa um inconveniente muito grave.

Seja qual fôr a base em que se desenvolva a organização

de um exercito, é erro capital, na actualidade, não se subordinar a instrução a um plano metódico, racionalmente estabelecido dentro das condições de tempo, de efetivo, dos recursos materiaes, e, sobretudo, dos pecuniarios que se possa dispôr para esse fim.

Sobre este plano, estabelecendo a progressão intensiva e persistente da instrução, afeiçoado com metodo e nunca bruscamente modificado, desenvolvem-se então, um cada arma e serviço, os programas que procuram preencher os pormenores a que o plano geral não deve descer.

Sendo nosso desejo contribuir, na medida do possível, para chamarmos a atenção sobre este assunto, que se nos afigura da maior importancia, ocorreu-nos a publicação d'este trabalho, tratando nelle diversos assuntos que dirêta e particularmente dizem respeito á metodisação do ensino nos varios ramos da instrução do official, em concordancia e intima harmonia com o estudo de alguns casos concretos que interessam a diversos pontos de doutrina da instrução.

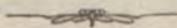
E' esta a materia contida neste livro, que dividimos em tres partes. Na primeira, encontram-se reunidas as principaes prescrições regulamentares sobre a instrução do official que estão dispersas em varios diplomas, sem esquecermos a doutrina relativa a este particular assunto exposta por alguns escritores militares, e a apresentação dos ensinamentos por nós colhidos da experiencia, ou mesmo recebidos da troca de impressões com varios camaradas versados na materia que nos propuzemos tratar.

A segunda parte é constituida por problemas de resolução demorada sobre a carta, applicados a diversas armas e serviços, desenvolvidos dentro do mesmo tema. Preferimos esta orientação á de apresentarmos tantos temas quantos os casos estudados não só para não avolumar-mos demasiadamente o livro, mas ainda para se seguirem os estudos dentro da concordancia de esforços para o objetivo comum a todas as forças que interveem na resolução dos temas.

Como são pouco vulgares as situações de guerra em que unidades de uma só arma opéram isoladas, os problemas que estudam essas situações devem ser apresentados em pequeno numero e servirem principalmente como auxiliares para os estudos de armas combinadas.

Os estudos que apresentamos não se preocupam com a applicação circumstanciada dos regulamentos taticos por estarem já um pouco antiquados os que ainda vigoram entre nós.

Com criterio analogo, ao seguido na segunda parte, desenvolvemos tambem na terceira parte uma serie de problemas de resolução imediata sobre a carta. Nestes trabalhos eliminámos o uso de dados, de tabelas e de outro material que, pelo seu emprego, contribuia, porventura, para a desvalorização deste ramo da instrução.





SECÇÃO COLONIAL

Relatorio da occupação de Cafima

A occupação da Cafima e Tchimpôro fôra prevista na nossa confidencial de 2 de fevereiro de 1909 ao apresentarmos os traços geraes da occupação do districto, do Cunene á fronteira leste, merecendo-nos toda a attenção, não pelo valor que ella pudesse ter em si, mas pela influencia que em determinadas circumstancias poderá exercer no Cuanhama, ficando portanto dependente da attitude a tomar quanto á d'este sobado. Por esta razão e ainda pela falta de tempo e recursos não foi ella levada a effeito em 1909 quando se tratou da occupação do Baixo Cubango, em seguimento á do Evale.

Em fins de 1909 e principios do anno corrente renovamos as nossas propostas, agora mais directamente referentes ao Cuanhama, mostrando claramente a situação d'este povo para com os indigenas limitrophes submissos e indefesos, e especialmente em face do nosso dominio, prestigio e tranquillidade.

E na verdade emquanto não estiver occupado o Cuanhama não poderá haver paz nem progresso na região central do districto e n'uma grande zona sul do de Benguella. A agricultura, o commercio licito e regular, a cobrança de impostos, a constituição de empresas particulares, o repovoamento das fertilissimas margens do Cunene, tudo está dependente da attitude dos Cuanhamas. A situação presente é uma ameaça constante á nossa soberania, uma apprehensão para todos e quem sabe se talvez um pomo de discordia e origem de complicações futuras. O Cuanhama espalha o terror e a morte a centenas de kilometros, devastando populações pacificas outrora ricas e fortes e a quem o Estado devia protecção e amparo. O Cuanhama, unico sobado que possuímos na verdadeira

accepção do termo, transformou-se de ha muito em coio aonde se refugiam todos os rebeldes e malfeitores, tanto brancos como pretos. Toda a escoria ali tem abrigo.

O commercio, especialmente de contrabando e pouco escrupuloso, exerce-se ali em larga escala, com predominio do allemão que dia a dia e em tudo, nos vae suplantando. A influencia d'estes, mercê em parte da conducta de muitos, que de portuguezes só teem o nome, tem crescido immenso, especialmente entre aquelles que mais tem a recear e a perder com a nossa occupação. E não será tambem para desprezar a probabilidade de os vêrmos a cada instante surgir em meio das missões e commerciantes, transformarem-se em soldados, arvorarem a sua bandeira e anteporem-se-nos á occupação.

E na realidade a face das coisas mudaria por completo, em nosso favor, se a occupação do Cuanhama se houvesse realisado em varios ensejos que não se souberam aproveitar.

Mas apesar de todas estas razões e da nossa insistencia, por causas que não chegaram ao nosso conhecimento, recursos alguns nos foram dados com os quaes podessemos exercer uma acção energica e mais decisiva, unica que na realidade se impõe por tantos motivos, antes pelo contrario nos tem sido cada vez mais cerceado, e nem sequer aquelles que nos permitissem continuar a acção de influencia pacifica, já iniciada, e que indirectamente nos podia levar ao mesmo objectivo de dominio, embora de uma fórma mais lenta e menos prestigiosa.

No entanto fômos auctorisados por sua ex.^a o governador geral a proceder á montagem de postos em Cafima e Tchimpôro, ou de um unico posto em local que julgássemos mais adequado e proprio ao fim de prolongar a linha de penetração para leste Cafu-Evale.

II

O nosso objectivo era pois completar uma linha de postos que pelo nosso lado envolvessem o Cuanhama, servindo de apoio a patrulhas de tropas montadas de fórma que, com o conjuncto, se evitasse tanto quanto possivel a incursão das guerrilhas e a entrada de armas e polvora; e permittissem o emprego de uma conveniente politica de attracção e de uma perseverante influencia nos povos d'aquelle sobado—complemento de outros meios

tambem a empregar para a final occupação. Devemos notar que a montagem de postos em Cafima e Tchimpôro só de per si não offereciam outras difficuldades que não fossem extensas marchas por terrenos cobertos de mattos onde era necessario abrir caminho. Mas devendo ellas effectuar-se, a partir do Cafu, sempre parallelamente á borda da terra do Cuanhama corria-se o risco de um ataque d'este povo, ameaçando-nos constantemente no flanco direito, ataque cujas probabilidades eram mais do que evidentes.

*

* * *

Em fins de abril iniciou-se a concentração de viveres e material necessario á montagem dos dois postos no Cafu e Evale, este ultimo forte escolhido para base de etapas da columna, mas só em meados de agosto conseguimos reunir na margem do Cunene algumas forças para aquelle fim.

Os cuanhamas sobresaltaram-se com tão grande movimento de carros e embora os não hostilisassem na sua passagem para o Evale, soubemos que elles prepararam a defesa na supposição de que algum movimento hostil lhes seria dirigido.

Em junho e julho movimento de tropas allemãs na Donga, segundo nos informaram, distrahiram-lhe em parte a attenção, accorrendo em grande numero ao extremo sul da terra.

Pela nossa parte continuamos mantendo as melhores relações com os cuanhamas, presenteando o soba e encarregando junto d'elle pessoas de toda a confiança para lhes fazerem ver os nossos objectivos e pretensões e salientarem as vantagens que d'ellas lhes podiam advir.

E de tal fórma elles se conduziram que as nossas propostas foram bem recebidas e nos chegaram a fazer crer na possibilidade do estabelecimento de um posto pacificamente. Mas a influencia de uns *brancos* que ali veem funando desde longe e cujos nomes aqui não estampamos por não termos provas da sua intervenção, malevolamente aproveitada com a chegada do soba Auhanga, do Cuan-gar, fugido de Massaca, produziu um reviramento de opiniões, obrigando a suspender as negociações sobre tal objectivo.

E' preciso no emtanto frisar bem que a opinião do

soba não é a mesma que a dos grandes nem a d'estes é identica á do povo, e que nem a vontade do Nande é absoluta; mas que d'estas divergencias algum proveito se possa tirar.

Em principios de agosto chegamos ao Humbe de volta do Cuamato preparando-nos para seguir para o Evale. As noticias que ali recebemos dos Cuanhamas não eram nada animadoras para os fins que tinhamos em visã. Entre outras versões corria a de que Cafima sendo um protectorado do Cuanhama este nos viria vedar a passagem e atacar-nos com todos os elementos de força.

Mais acrescentavam, cartas mandadas por varios *funantes*, que no Cuanhama se encontravam a commerciar, confirmadas pelo inglez Dangers que de lá havia regresado, que se notava certa effervescencia entre o povo e que os *Malengas* concentrados na borda da terra do lado sul, depois da retirada das forças allemãs (parece que por influencia e pedido da companhia de Ottavi que lhe via fugirem os braços)haviam marchado para o norte para os lados do Evale e Cafima. Alguns pretos que haviamos mandado em observação ao Cuanhama uns confirmavam outros desmentiam essas noticias.

As informações mandadas pelo commando do Evale, embora fossem mais optimistas, não as desmentiam por completo. Tambem por outro lado se sabia que o Makir cruzava com a sua gente no caminho Cafu-Evale, o qual havia passado revista a um carro que d'ali regressava e a uma carroça da missão do Cuanhama, que vinha buscar generos ao Humbe. Tambem a patrulha de cavallaria do commando do tenente Correia informava que tanto na ida como no regresso ao Evale fôra sempre vigiada de perto pelos Cuanhamas.

Com tão variadas noticias e informações muitas das quaes com grandes visos de verdade e que na realidade os podiam ter, não podiam deixar de nos produzir uma certa apprehensão e mesmo hesitações.

E o nosso embarço era grande, sobretudo pela falta de gente. As guarnições haviam chegado ao ultimo apuro. A maior parte das praças europeias haviam terminado as suas commissões e já nos haviamos visto forçados a demorar a sua partida por falta de pessoal que as substituissem. Mas a seguir ás operações do Pocolo foram mandadas seguir aos seus destinos e apesar das promessas do governo geral essas substituições não se effectuaram

no todo, quanto mais completados os effectivos já não diremos em harmonia com as necessidades, mas nem com os fixados no orçamento.

Para a marcha a Cafima tínhamos ao nosso dispor 33 europeus e 7 indigenas do 1.º esquadrão, 17 homens da 1.ª europeia — esta sem um unico cabo ou sargento, 2 peças Erhardt e uma metralhadora servidas por 6 europeus e 4 indigenas e 80 praças da 16.ª, que a grande custo o Cuamato poude dispensar, depois de se reduzirem ao minimo praticavel as guarnições dos postos.

E' para confessar que a situação não era agradavel e o conselho de prudencia dado como resposta aos nossos pedidos de elementos era para pôr de parte a ideia de prestarmos mais um serviço ao paiz, levando a nossa auctoridade e dominio a Cafima.

Mas em que situação ficaria o nosso prestigio, a nossa propria auctoridade se depois dos nossos projectos serem do dominio publico, pela concentração de viveres e materiaes, depois das importancias já gastas desistissimos do nosso intuito perante a ameaça do gentio rebelde e atrevido? A maior parte dos habitantes e muito menos os indigenas não podiam ter a comprehensão das nossas difficuldades e de tudo sómente viam sobresaír fraqueza da nossa parte e receio dos cuanhamas, que tanto mais seria para estranhar quando era certo não se tratar da defesa do seu territorio, mas de uma imposição com pretensões de protecção a um povo visinho, vedando-nos até a passagem por terrenos deshabitados.

Que conceito ficariam fazendo de nós os rebeldes e que apoio poderiam esperar os povos submissos e aquelles a quem devemos protecção?

No segundo dia de marcha uma das patrulhas de cavallaria conseguiu aprisionar um grupo de cuanhamas, que sem duvida nos vinham seguindo. Era natural que viessem observar a nossa marcha e verificassem se realmente seguíamos para o Evale, visto que facilmente se poderia tomar o caminho do Cuanhama. E nem esse facto poderia representar hostilidade para nós pelo que os mandei soltar, depois de lhes fazer ver as nossas boas intenções amigaveis que com elles desejavamos continuar a ter.

No Evale permaneceu a columna de 20 a 28, empregando-se as forças em completar e reforçar as obras de defesa do posto.

Ao chegarmos ali novas noticias do Cuanhama, vindas pelo Humbe, mais pessimistas e terroristas, informam-nos de que os lengas, tendo levantado a sua gente, marchavam para a borda da terra entre Evale e Cafima. O commando do Cuamato, a quem encarregamos de indagar o que se passava d'aquelle lado, communicam-nos telegraphicamente de que os homens validos se levantaram em armas e marchavam para o norte com o fim de nos irem atacar.

Confessamos que estas noticias com tantos visos de verdade, dadas por pessoas que estavam dentro do Cuanhama nos deixaram perplexos, porque na realidade não dispunhamos de forças com que podessemos repellir uma grande massa de indigenas, mórmente em marcha tão comprida e em terrenos completamente desconhecidos.

Alguns indigenas que haviamos mandado do Evale e as noticias colhidas pela missão do Cuanhama não eram tão positivas nem alarmantes.

Não havia pois hesitações possiveis. Congregar o maior numero de probabilidades em nosso favor e seguir para a frente julgámos ser o nosso dever.

III

Em 17 de agosto concentravamos na margem esquerda do Cunene, em frente do Cafu, as forças á nossa disposição, atraz indicadas, reforçando-as com mais 11 cavalleiros do 2.^o esquadrão e 14 homens da 2.^a companhia europeia, destinados á guarnição do Evale, e organisamos uma pequena columna, publicando-se n'esse mesmo dia a *ordem de serviço n.º 1* (documento n.º 1).

A 18, de madrugada, seguimos para o Evale, onde chegamos no fim de tres dias. A marcha foi bastante fatigante e embaraçosa especialmente por causa dos carros cujo pessoal fôra em parte necessario substituir por soldados por os carreiros terem fugido ao passarem o rio. As precauções e medidas de segurança regulamentares foram sempre tomadas com todo o rigor, tanto em marcha como em estação, que se fez sempre em quadrado.

Resolvemos, pois, ir ao Cuanhama e observar de perto o que ali se passava, seguindo a 23 para a missão. Com as informações que ali nos prestaram e com as que podemos colher por intermedio da sua gente — que chegaram a ir á propria embala — conseguimos ver melhor a

situação e orientar o nosso criterio. Podia dar-se um encontro, porque realmente muitos lengas a isso estavam dispostos, mas para quem conhece a psychologia d'estes povos poderia deprehender que dada a tendencia para o exagero, o que por certo tambem se havia de dar para com as nossas forças, elles o fariam com receio e sem um assentimento unanime. E como dispunhamos de uma força rasoavel de cavallaria, lançariamos o serviço de segurança a maior distancia, de fôrma a garantir o tempo necessario á columna a poder concentrar-se e tomar uma disposição que lhe permittisse resistir com vantagens. E não nos enganamos n'esta maneira de ver.

Er. 27 chegaram ainda mais 8 praças de cavallaria, que ao sabermos da sua estada no districto mandamos avançar a marchas forçadas, a reunir-se-nos. Haviam tambem chegado ao Lobango umas 10 praças de infantaria, mas estas não chegaram a tempo de se poderem incorporar na pequena columna.

As noticias terroristas continuaram chegando de varios pontos, especialmente por intermedio do Humbe, d'onde as recebiam directamente do Cuanhama, lengas que marchavam com as suas gentes, tendo-se alguns já internado no matto, e até... de que alliados com outros povos projectavam um ataque simultaneo ao Evale, Cafu, Cuamato e Humbe, logo que nós nos internassemos a caminho de Cafima.

Depuradas tantas noticias e atoardas, depois de bem pesarmos os pró e contras, fizemos lé pelo que conheciamos dos habitos e valor do Cuanhama, resolvemos avançar, e fixamos a marcha para a manhã de 29 dando-se em 29 a *Ordem de marcha n.º 1* (documento n.º 2).

A columna dispunha apenas (documento n.º 3) de 9 carros, numero insufficiente para transportar os viveres para a columna e o material para construcção do posto e abastecimento da guarnição, pelo que se levou apenas 26 dias de alimentação, além do material de guerra e construcção e reserva de munições, calculados os necessarios para que o reabastecimento so podesse fazer do Evale.

Na madrugada de 29 proseguiu a columna a sua marcha, cavallaria na guarda avançada, destacando patrulhas, a seguir a infantaria europeia e artilharia, viaturas enquadradas pela infantaria indigena e por fim a guarda da retaguarda.

Durante os dois primeiros dias a marcha fez-se sem difficuldades por o piso ser bom e o caminho estar bem aberto. N'este ultimo encontramos dois grupos de cuanhamas, gente pacifica que segundo declarou iam colher *lucula* e outros para as *vimanhas*, minas de ferro — Vide esboço do itinerario da columna (documento n.º 4).

De 31 de agosto a 6 de setembro as marchas foram muito fatigantes e demoradas não só pelas grandes differenças do nivel a vencer, tudo em areia solta, mas ainda pela falta de agua e grande quantidade de arvores que foi necessario cortar para os carros poderem passar.

Carros houve que foi necessario tirar-lhe toda a carga, passal-a ás costas, e metter-lhe duas espanas para serem vencidos alguns metros de caminho.

Todos os dias encontramos novos grupos de cuanhama e mucancalas a que não demos maior importancia. Mas em 5, logo que iniciarmos a marcha, encontramos muitos rastos de cavallos e de gente a pé, frescos, indício seguro de que tinhamos perto guerrilha cuanhama. A cavallaria alargou mais a sua exploração (documento n.º 5) e n'aquella pista lançamos uma forte patrulha que em breve recolhia informando os rastos perderem-se no meio do capim e mattos proximos não sendo possivel segui-los.

Mais tarde viemos a saber que a columna vinha seguida desde a borda do Evale e que em 4 se haviam reunidos os lengas Makir, Calola, Chamangue, Anhanga, etc., projectando atacar-nos por surpresa na chana Chirumbaba. Mas desistiram d'essa intenção porque pensaram elles e bem, com a disposição de segurança que a columna mantinha sempre, embora cahissem sobre qualquer das patrulhas, não o poderiam fazer á columna sem que esta tivesse tomado as suas disposições e d'esta fórma não estavam elles resolvidos a medirem-se com ella.

Tambem mais tarde se confirmou que muita gente havia pegado em armas com o intuito de nos hostilizar, mas que muitos, e entre elles o proprio soba, não quizeram annuir, chegando a levantar-se grandes divergencias entre elle e varios lengas. E tambem é para registar a versão corrente entre os indigenas de que haviam sido dois brancos — que liam as cartas ao soba — os principaes conselheiros e instigadores dos lengas para nos virem vedar a passagem para Cafima. E que aconselhando elles no mesmo sentido, o soba lhe respondera nada ter com-nosco emquanto não entrassemos nas suas terras, e n'este

caso sabia muito bem o que tinha a fazer. Esta versão mais tarde nos foi também confirmada por alguns brancos regressados do Cuanhama, mas provas algumas da *culpabilidade* d'esses dois brancos podemos colher.

Finalmente em 8, de manhã, chegavamos a Cafima onde fomos recebidos com as maiores demonstrações de contentamento e agrado.

N'este mesmo dia procedemos a um reconhecimento para os lados do Cuanhama e escolhemos o local para a construção do posto, começando-se logo os trabalhos com toda a actividade.

Estabeleceu-se relações com os cuanhamas proximos e embora alguns nos viessem transmittir ameaças directas de alguns seculos e lengas, fixando até o dia em que nos viriam atacar, outros vieram procurar trabalho e vender os seus productos.

N'aquellas ameaças não vimos mais do que fanfarro-nadas, pois que não se atrevendo elles a hostilizar-nos durante a marcha muito menos o fariam depois de estarmos entrincheirados e tendo mais a mais a lutar com a resistencia dos cafimas que, embora pequenos, não era para desprezar, visto estarem do nosso lado.

A columna havia gasto 11 dias do Evale a Cafima, tendo-se aberto um caminho de 160 kilometros, pela necessidade de se encontrar agua, afastando-se muito para norte. Mandamos logo abrir um caminho mais directo, reduzindo-se aquella distancia a 80 kilometros ou sejam 4 dias de marcha folgada para carros.

N'este serviço foram empregados os indigenas habitantes de Cafima e Evale, os quaes marchando pelos dois extremos se deviam encontrar a meia distancia.

A 10, tendo dado descanso ás forças de cavallaria, nomeamos as duas patrulhas, uma com séde no Evale, destinada a cruzar entre o Cunene e Cafima, e a outra com séde n'este posto destinada a cruzar entre o Evale e o Cubango e a quem demos instrucções (documento n.ºs 6 e 7).

Tambem n'este dia, á tarde, regressaram os carros a reabastecer-se no Evale, acompanhados pela patrulha com séde n'este forte.

Em 14 consideramos o forte em estado de defesa, nomeava-se o seu commandante e a guarnição, dando-se-lhe instrucções (documento n.º 8), dissolvia-se a columna

e nós retiravamos em direcção ao Cunene já pelo novo caminho mandado abrir.

(Continua)

JOÃO d'ALMEIDA
Cap. d'Est. Maior

BIBLIOGRAFIA

La Iniciativa en la Guerra, conferencias explicadas en el Centro del Ejercito y de la Armada, por *D. Casto Barbasán Lagueruela*, teniente coronel de Infanteria.

O volume que o nosso distinto camarada do exercito visinho teve a amabilidade de nos oferecer contem leitura do mais alto ensinamento e cuja doutrina muito convem difundir em todo o exercito.

Todos sabem que a *Iniciativa na Guerra* corresponde á divisão do trabalho, e constitue uma aspiração que é tanto mais legitima e imperativa quanto é maior a dificuldade que os chefes encontram na direcção de exercitos numerosos.

Por isso são sempre abençoados todos os trabalhos, todos os estudos, todos os ensinamentos que conduzam a estabelecer e radicar no espirito de todos os officiaes a grande necessidade, que ao presente se levanta, de todos concorrerem inteligentemente e a proposito para o fim comum, usando de uma iniciativa que precisa ser meditada e estudada nas horas remansosas da paz.

O livro que temos presente, e que impossivel nos é dar uma resenha minuciosa, por que isso nos levaria aonde o acanhado espaço de que desposmos nos não permite, é mais um documento palpitante do alto valor intelectual e scientifico do nosso camarada *D. Casto Barbasán Lagueruela*, alias já bastante conhecido dos leitores desta Revista, e uma prova bem notavel de quanto se pensa no nobre exercito espanhol sobre tão importante assunto.

O livro está devidido em 4 capitulos.

No primeiro trata o autor das causas que hão imposto a necessidade da *Iniciativa na Guerra*; no segundo dos exemplos historicos; no terceiro dos caracteres e limites da iniciativa, e no quarto da marcha ao canhão e das consequencias da adopção da iniciativa.

«A iniciativa na escolha dos meios, diz o autor, é, em principio, um direito de todo o subordinado consciente, que tenha chegado á plenitude da posse da sua tecnica.»

E basta apenas o inuniciado deste principio para se ver desde logo quanto a plenitude dessa posse obriga o subordinado a um largo estudo e a uma preparação que deve absorvar a vida inteira do official.

O livro, cuja noticia estamos dando, tem uma larga documentação scientifica e historica.

Blume, Woyde, o nosso tão conhecido e admirado Woyde, Casella, Cumis, Heusch, Gory, Zaiontkovski, Ettorre, Caemmerer e tantos outros, veem em auxilio de uma doutrina que se impõe á consideração de todos os officaes como palpitante, e talvez das mais importantes necessidades da guerra moderna.

Os exemplos historicos confirmam esta doutrina.

E assim temos que as guerras de 1842 e 1868, a guerra franco-prussiana, muito principalmente Spicheren, Mars-la-Tour, Sarrebruck, Wyerth, Borno e Saint Privat, a guerra russo-turca, a guerra do oriente, nos fornecem grandes lições, ensinamentos irrefragaveis do valor a da importancia, sempre decisiva, do uso judicioso da iniciativa no combate.

Teriamos o maior prazer, se isso nos fosse possivel, trasladarmos para estas paginas os episodios de Liao-lang, de Sandepu, de Mukden, mas não o podendo fazer agora não nos despedimos deste assunto que tanto nos cativa e prende o nosso espirito.

A todos os nossos camaradas recomendamos a leitura do precioso livro do distinto official do exercito visinho e amigo, o Sr. D. Casto Barbasán Lagueruela, que, com um metodo admiravel e grande cabedal de conhecimentos trata de um dos mais palpitantes assuntos da actualidade, e que, segundo a opinião dos mestres, foi uma das grandes causas do triumpho do exercito alemão sobre o francez nessa memoravel campanha de 70

Cumprindo este dever, que a nossa consciencia nos impõe, agradecemos, com a maior cordealidade, a oferta de tão bello livro, testemunhando ao seu autor os protestos da nossa admiração, da nossa camaradagem e da nossa amizade.

Guerra Peninsular e Algumas horas na minha livraria, por *Francisco Augusto Martins de Carvalho.*

São dois livros com que nos honrou o snr. Francisco Martins de Carvalho, illustre general reformado, e são sem duvida dois livros bem curiosos, bem interessantes e bem dignos de serem lidos com attenção porque nêles se encontra muito esclarecimento inédito do maior interesse e até da maior oportunidade.

O primeiro, sobre a guerra peninsular, é uma serie de notas, episodios e extractos curiosos que o snr. Martins de Carvalho soube compilar com toda a competencia. Essa guerra peninsular mereceu-lhe especial cuidado, mas pode o illustre autor do livro ter a satisfação de nos ter fornecido esclarecimentos sobre um grande numero de pormenores da vida intima dos exercitos que por essa occasião se bateram que devéras nos prenderam a attenção, lendo-os com raro encanto e deleite.

Sobre assuntos varios escreveu tambem o snr. Francisco Martins de Carvalho o livro a que deu o nome de *Algumas horas na minha livraria*, compilando varias notas, artigos e apontamentos que encontrou na sua livraria, que como é geralmente sabido, é a livraria que herdou de seu pae, o grande liberal Joaquim Martins de Carvalho, o bem conhecido fundador e redactor do «Conimbricense», que tomando parte activa em todas as grandes luctas liberaes que encheram a nossa historia do seculo passado, soube em todas ellas desempenhar um papel

tão brilhante como em reunir e arquivar uma grande e rara serie de documentos que a essas mesmas luctas se referiam. E' pois este livro um valioso subsidio para a historia desse seculo e com a sua publicação o Snr. General Martins de Carvalho prestou um serviço que hoje todos lhe reconhecem e que sempre será devidamente apreciado.

Ao illustre auctor dêstes dois primorosos trabalhos, muito reconhecidos agradecemos as ofertas com que nos distinguiu.

Estatística médica do exercito portugûes relativa ao ano de 1909.

A repartição do ministerio da guerra que está encarregada dos serviços medicos do exercito acaba de preencher uma grande lacuna que entre nós existia.

Quem quizesse conhecer a estatística médica dos exercitos estrangeiros não tinha grandes difficuldades a vencer porque se encontram publicados com relativa frequencia e regularidade.

Quem, porém, quizesse possuir alguns esclarecimentos sobre a estatística médica do nosso exercito tinha em breve de desistir do seu intento porque nada havia publicado sobre o assunto.

Devido porem á intervenção do nosso camarada e prezado amigo, o coronel-medico snr. Lencastre e Menezes, essa lacuna está preenchida e as estatísticas relativas aos anos de 1908 e 1909 já se encontram blicadas e por forma tal que muito honram todo o pessoal que colaborou na sua confecção.

Muito agradecemos o exemplar que nos foi oferecido.

Apontamentos para as theorias nas casernas, por Boaventura Aguiar, tenente de infantaria.

O nosso presado camarada, snr. Boaventura de Aguiar, acaba de publicar um folheto com aquella epigrafe, que incontestavelmente está destinado não só a grande exito, mas tambem a prestar grandes serviços a todos os nossos camaradas, porque em uma linguagem facil, em um estilo simples, mas muito claro, muito preciso e muito conciso disserta sobre alguns dos variados assuntos que constituem a materia das theorias da caserna que visam a educação militar e a formação do moral do soldado.

Mas a sua precisão vae a ponto de encimar cada um dos assuntos versados com as regras, normas e preceitos fundamentais que é necessrrio que todos saibam, que teve o cuidado de resumir em poucas palavras para poderem ser facilmente fixados pelos recrutas.

E fixada a ideia, borda em face dela um programa sufficientemente vasto para com natural sequencia todos poderem, dentro das faculdades de cada um, dissertar sobre o assunto que se deseje para tema da teoria.

Estes livros são bastante frequentes nos exercitos estrangeiros e pena é que entre nós não estejam mais vulgarizados, sendo isto o bastante para mostrar só por si o grande serviço que o snr. Boaventura de Aguiar a todos nos veio prestar.

E desejando para o seu livro o futuro que merece muito lhe agradecemos o exemplar que nos ofereceu.



Secção do estrangeiro

França. = Exercícios de noite — Em uma recente circular do ministerio da guerra mais uma vez se recomendam os exercicios de noite, pois que em consequencia do aperfeiçoamento incessante das armas de fogo e os progressos alcançados com os diferentes processos de reconhecimentos aereos, o aproveitamento da escuridão da noite para o bom exito das operações militares vae adquirindo cada dia maior importancia.

As operações de noite, diz a circular, constarão de marchas, combates ofensivos e defensivos e movimentos de avanço para adquirir terrenos que sejam impossiveis de atravessar de dia, tanto com baterias que convenha conduzir a posições mais favoraveis como com tropas de assalto que se queiram aproximar do seu objectivo.

A circular faz notar que da campanha da Mandchuria se concluiu que os combates de noite não deram em geral mais do que resultados incompletos.

Com efeito, é quasi impossivel de noite a coordenação dos esforços e a acção directa dos chefes sobre as suas tropas; as tropas de ataque, victoriosas ou vencidas, desorganizam-se facilmente e não podem recolher o fructo de exito ou renovar o ataque.

Os ataques feitos ao romper d'alva, pelo contrario, e preparados durante a noite, prestam-se já a poder-se aproveitar immediatamente o exito, sendo, por consequencia, muito provavel que nas guerras do futuro o emprego deste genero de ataques se pratique frequentemente. E' necessario portanto que o exercito francez, á semelhança do que succede na maior parte dos exercitos europeus, se acostume a realizar exercicios analogos.

Noruega. = Organização militar. — A reorganização do exercito norueguez votada no parlamento em 1910 só na primavera do ano passado começou a ter execução, tendo tido portanto as diversas auctoridades militares tempo sufficiente para aperfeiçoarem as condições novas em que era moldada.

Entre os pontos capitaes da reorganização figurava o alto comando. Até aí o exercito norueguez era comandado por um general inspector do exercito, que exercia ao mesmo tempo as funções de director do ministerio da guerra.

A este estado de coisas, que datava de 1890, apresentava-

se a objecção que a posição do general inspector não era bastante independente e que além disso estava bastante absorvida pelos trabalhos diários do ministerio, sendo mais um funcionario burocratico do que um chefe do exercito.

A lei a que já nos referimos suprimiu este cargo, ficando os chefes das diversas repartições do ministerio sob as immediatas ordens do ministro, ficando tambem suprimido o cargo de inspector geral, sendo um dos comandantes das brigadas ou um dos inspectores das armas encarregadas da inspecção superior do exercito em tempo de paz e do comando supremo do exercito em caso de guerra.

O general nomeado exercerá estas funcções por tempo indeterminado, mas acumulará estas funcções em tempo de paz com as do comando da sua propria unidade. Esta latitude e esta duplicidade de atribuições originaram por vezes conflictos com o proprio ministro da guerra, a que foi necessario pôr termo.

A nova organização introduziu no alto comando do exercito uma reforma que se espera dará os melhores resultados, como seja a criação de brigadas mixtas.

Até aqui o comando da infantaria era exercido pelos comandantes das respectivas brigadas, que dirigiam tambem a instrucção das suas tropas, emquanto que as tropas de artilharia, cavalaria, engenharia, tropas de saude e trem eram commandadas pelos inspectores das respectivas armas, o que mostrou ter grandes inconvenientes sob o ponto de vista da instrucção geral do exercito, sendo completamente desconhecidos, os exercicios de armas combinadas porque grandes manobras realisavam-se raras vezes.

Para que a instrucção do exercito obedecesse a uma orientação geral e comum, organizaram-se então as brigadas mixtas, ficando as unidades das diversas armas sob o comando directo dos respectivos comandantes das brigadas, e sendo dado apenas aos inspectores a faculdade de dirigirem a instrucção das tropas da sua arma na sua especialidade.

Roumania. — **Instrucção dos officiaes de reserva.** — Por uma determinação do ministerio da guerra foi determinado o numero de officiaes de reserva, que hão de tomar parte nos exercicios do corrente ano e as epochas em que devem ser chamados.

Serão chamados num total de 975 officiaes, em tres grupos, a saber: 665 de infantaria (12 capitães, 492 tenentes e 161 alferes), 112 de artilharia (84 tenentes e 28 alferes), 15 de cavalaria (5 tenentes e 10 alferes), 38 officiaes de tropas especiaes (8 tenentes 30 alferes), 30 medicos e 15 veterinarios.

A duração das convocações serão de 20 dias para todos.

Suissa. — **Instrucção preparatoria.** — A partir de novembro de 1909, em que foi reorganizada a instrucção militar preparatoria, esta tem feito acentuados progressos.

Compreênde esta instrucção:

Primeiro: o ensino da ginastica nas escolas;

Segundo: a instrucção militar preparatoria, que consta por sua vez de ginastica, instrucção preparatoria com armas e os cursos de jovens atiradores.

Pelo que respeita á instrucção da ginastica nas escolas, certos cantões, como Owar, Schevitz, Terino, Saint-Gall, Argovia e Zurich, criaram cursos de ginastica para instructores.

A instrucção militar preparatoria foi ministrada a 4.666 mancebos e a instrucção da ginastica organizada em sete cantões foi ministrada a 9.732. O total de estas duas categorias é de 14.398 mancebos, que excedem em mais de 4.399 o total correspondente a 1910, que apenas foi de 10.000.

Cosinhas rodadas. — A fabrica de Thoune fabricou em 1910 88 cosinhas rodadas.

Nas manobras dêsse ano foi dotada com essas cosinhas uma brigada de cada uma das divisões, sendo os resultados muito satisfatorios.

As brigadas dotadas com elas comeram sempre o rancho quando chegava o trem de combate, junto do qual marchavam as cosinhas, o que sucedia sempre, quando as outras brigadas se preparavam apenas para confeccionar os seus ranchos.

Nas manobras que se realizaram no verão passado já todas as brigadas foram dotadas com as cosinhas, que identicamente e da mesma forma que no ano anterior prestaram tambem os melhores serviços.

Suecia. = **Cursos, exercicios e manobras.** — Como a permanencia das tropas nas fileiras é muito pequena (oito ou dez mezes), a instrucção dos quadros é de uma importancia capital. Para isso organiza-se todos os anos uma serie de cursos e de exercicios destinados a aperfeçoar os officiaes e as tropas nos diferentes ramos da instrucção.

Em 1911 os exercicios principais foram os seguintes:

De 8 de junho a 19 de julho teve logar em Upned um curso de tactica para capitães, dirigido pelo general Wrangel, comandante da 6.^a divisão do exercito, que foi seguido por 47 capitães, sendo 30 de infantaria, 6 de cavalaria, 7 de artilharia e 4 do trem.

Realizaram-se em quatro regimentos de cavalaria, dos 8 que possui a Suecia, cursos de equitação para officiaes de infantaria, sendo seguido cada um nos mezes de novembro e dezembro por 12 officiaes subalternos ou seja um total de 32 subalternos.

De 20 a 26 de fevereiro tiveram logar na fronteira as viagens do estado maior, em que tomaram parte 8 officiaes da secção central do estado maior, um official de cada estado maior de divisão, um official do ministerio da guerra, 1 da secção de caminhos de ferro, e 1 do estado maior de artilharia, o que prefaz um total de 17 officiaes.

No outono houve manobras de divisão em cada uma das divisões do exercito. Alem disso a 4.^a divisão, da guarnição em Stokolmo, fez exercicios especiais de reconhecimentos, havendo manobras especiais de cavalaria, de praça e de exercicios de campanha.

Austria - Hungria. = **Nova arma.** — Neste paiz está-se experimentando actualmente a nova arma Bange, que tem funcionamento automatico, em combinação com um silenciador tu-

bulvar tipo Maxim, colocado á boca, de forma que pode mover-se para a frente e para a retaguarda.

A massa dos gazes, ao sair pela boca, faz avançar uns 0,035 o silenciador, movimento que mediante uma haste que corre por baixo do cano, actua no ferrolho da culatra movel, fazendo com que esta funcione automaticamente.



CONSULTAS

19.^a — Ha leis em que se possa basear o commandante d'um regimento para mandar encerrar na prisão do quartel, por espaço de 18 dias, sendo os seis primeiros de incommunicabilidade, se n que a ordem regimental publique a nova e pouco invejavel situação da mencionada praça?

Não pôde.

20.^a — Póde o commandante d'um corpo nomear verbalmente um official seu subordinado para proceder a auto de corpo de delicto? No caso negativo pôde o dito official assignar-se, no auto, como official de policia judiciaria; visto não haver nenhum documento official que lhe tenha dado essa qualidade?

Não deve. O official de policia judiciaria, ou procede a auto de corpo de delicto em virtude do cargo que exerce, e em tal caso não precisa de nomeação; ou procede em virtude de delegação d'auctoridade competente, e n'este caso deve ser portanto nomeado por despacho exarado em qualquer participação, ou por determinação escripta na ordem do corpo ou estabelecimento, ou em ordem especial.

Quanto á ultima parte da pergunta, é claro que o official que levanta o auto só o pôde fazer como official de policia judiciaria.

21.^a — Determinando o § 1.^o do artigo 60 do regulamento de abonos de 3 de março de 1904 que as praças das companhias de subsistencias, de equipagens e de saude, quando vencerem gratificações especiaes estabelecidas para os serviços proprios das referidas

companhias, perceberão sómente metade das gratificações de readmissão fixadas na tabella respectiva ; foi esta determinação revogada? Em caso affirmativo qual a O. E. ou circular que a revogou?

A «Revista» ignora qualquer disposição especial sobre o assumpto a que o consulente se refere.

22.^a — Tendo dois subalternos entrado no mesmo dia de serviço, um de prevenção, outro de inspecção, e estando depois d'este serviço ambos na mesma escala d'inspecção, quem deve entrar em 1.^o logar attendendo a que o mais moderno tinha menos folga quando entraram os dois de serviço no mesmo dia?

A «Revista» entende que deve ser o mais antigo.

23.^a — Ha alguma lei antiga, que determine que aos sub-chefes de musica seja abonada a gratificação quando tomem a regencia da banda pela falta do respectivo chefe, gratificação de exercicio que este recebe quando ao serviço?

A «Revista» desconhece qualquer lei n'esse sentido.

24.^a — Quando o sargento ajudante se ache fóra do corpo (em serviço ou com licença), deve ou não o 1.^o sargento que o substitue nas suas funcções alojar-se no seu quarto?

Não deve.

25.^a — No caso affirmativo, como deverá proceder-se quando o referido sargento ajudante gose a licença na localidade onde se acha o corpo e precise pernoitar no quartel?

Prejudicado.

26.^a — Um tenente a quem por um decreto foi concedido o commando effectivo de determinada companhia, deve ser nomeado por escala para o serviço de destacamentos e diligencias em concorrência com os demais subalternos do regimento que não estão n'estas circumstancias, ou só o deve ser agrupando com os capitães, quando a sua companhia, ou força correspondente, tenha de prestar qualquer d'aquelles serviços?

Deve ser nomeado em concorrência com os demais subalternos.

27.^a — Aos tenentes, nas condições acima referidas, deve ser mantido o direito á gratificação que percebem pelo commando da companhia, (5:000 réis mensaes) quando destacados, em diligencia ou qualquer outro serviço para que sejam nomeados, inaccumulavel com o commando effectivo da sua companhia, como se procede em relação aos capitães?

A «Revista» entende que deve.





15.º ANNO

ABRIL DE 1912

N.º 4

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

O soldo progressivo

Certamente ainda os nossos leitores estão lembrados da campanha que ha já bastantes anos se fez n'esta *Revista* a favor do aumento dos soldos. Com satisfação nos lembramos d'esse facto porque fômos nós que levantámos essa questão, fômos nós que fizemos com que todos se interessassem no assumpto a ponto de o fazer passar para o parlamento e para a imprensa diaria.

A evocação de tudo isso, que já conta uns annos passados, vem a propósito d'uma medida identica que pelo governo francez foi ha poucos mezes tomada. Uma questão nova e passada n'um paiz distante que nos veio avivar a nossa memoria, que veio fazer com que nós nos referissemos outra vez a este assunto, não para nos vangloriarmos, mas para mostrar a fôrma como em outros paizes, como Austria, França e Alemanha, essa questão foi resolvida.

A ideia do *soldo progressivo* já não é certamente uma novidade para os nossos camaradas que fôrem assíduos leitores da *Revista de Infanteria*, porque nas suas columnas a este assumpto se tem por vezes feito varias referencias.

A Austria, que é um paiz que muito se salienta pelos progressos militares do seu exercito, tem nos ultimos annos, pôde-se afirmar isso afoutamente, seguido na vanguarda de todas as nações. Tudo o que ha de moderno

e recente é pelo exército d'esta nação iniciado ou logo seguido. E o que se dá sob o ponto de vista tecnico, dá-se também sob o ponto de vista regulamentar e legislativo. A ideia do *soldo progressivo* foi da Austria que partiu e o exército desta nação foi o primeiro que a pôz em prática.

Esta circumstancia representa, porem, um facto que não deve ser muito animador para os officiaes austriacos. A ideia do *soldo progressivo* é filha do atrazo de promoções, é um remedio a esse mal, e, portanto, é a prova evidente do mal que ali existe. Mas saber aplicar o remedio para combater o mal existente é já uma grande coisa, e, como dissémos, a Austria foi a primeira que o usou e applicou.

Os vencimentos por postos são bons quando não se estiver muitos annos em qualquer deles, porque então o vencimento vae augmentando progressivamente com o tempo de serviço e por uma fôrma mais ou menos continua, metódica e regular. Mas se houver atrazos de promoções ou se houver algum posto, como succede entre nós com o posto de capitão, em que a permanencia aí seja demorada, estar immensos annos recebendo o mesmo vencimento, é uma coisa que não se coaduna com as necessidades do individuo, que por si e pela sua familia são sempre maiores, nem mesmo com o seu tempo de serviço, que não vae tendo momentaneamente qualquer compensação.

Para atenuar, pois, essas differenças e desigualdades e para recompensar o official em relação ao seu tempo de serviço, é que se imaginou o *soldo progressivo*, isto é, o soldo que vae aumentando dentro de periodos relativamente curtos, de sorte que embora o official não tenha qualquer promoção, vae tendo no final de cada um d'esses periodos uma certa melhoria de situação que em parte suavisa o seu atrazo de promoção.

Em França, onde a paralisação de promoções se está acentuando por uma fôrma inquietante, segundo se deprehende da leitura de todos os jornais militares francezes, há já bastante tempo que se pensa em aplicar também o soldo progressivo para atenuar os efeitos daquela causa de desgosto e descontentamento entre os militares.

Em 1910 foi já n'essa ordem de ideias melhorado o vencimento dos alferes, tenentes e seus equiparados. Para os capitães e mesmo para os majores ha já bastante tempo

que se vem reclamando tambem uma melhoria nos soldos. Os majores ainda nada obtiveram, mas o caso dos capitães já está resolvido. Na lei de finanças de 13 de julho do anno ultimo calculou-se o orçamento do ministerio da guerra de maneira a que a partir do dia 1 d'outubro pudessem os soldos dos capitães e seus equiparados ser os seguintes:

Antes de 4 annos de posto, 303 francos liquidos por mês
 Depois de 4 annos de posto ou depois de 20 annos de serviço, 345 francos liquidos por mês;
 Depois de 8 annos de posto ou depois de 4 annos de posto e 25 de serviço, 387 francos liquidos por mês;
 Depois de 12 annos de posto ou depois de 8 annos de posto e 30 annos de serviço, 447 francos por mês.

O mesmo orçamento foi tambem calculado por fôrma a elevar a 303 francos por mês o soldo dos tenentes com mais de 8 annos de posto e 20 annos de serviço.

N'esta conformidade, a tabela de soldo dos capitães e tenentes foi calculada da seguinte fôrma:

POSTOS	Soldo por anno	Deduções	Soldo liquido		
			Por anno	Por mês	Por dia
<i>Capitães</i>					
Depois de 12 annos de posto					
Depois de 8 annos de posto e 30 annos de serviço ...	5.646,32	282,32	5.364	447	14,90
Depois de 8 annos de posto					
Depois de 4 annos de posto e 25 annos de serviço ...	4.882,42	244,42	4.644	387	12,90
Depois de 4 annos de posto					
Depois de 20 annos de serviço ...	4.357,89	217,89	4.140	345	11,50
Antes de 4 annos de posto.	3.827,37	191,37	3.636	303	10,10
<i>Tenentes</i>					
Depois de 8 annos de posto e 20 de serviço	3.827,37	191,37	3.636	303	10,10
Depois de 8 annos de posto					
Depois de 4 annos de posto e 15 annos de serviço ...	3.600	180	3.420	285	9,50
Depois de 4 annos de posto					
Depois de 10 annos de serviço	3.372,63	168,63	3.204	267	8,90
Antes de 4 annos de posto.	3.145,26	157,26	2.988	249	8,30



A Alemanha, depois do exemplo dado pela Austria e pela França, não podia ficar atrás. E nesta nação existem tres razões poderosas para que esse melhoramento fosse concedido ao official.

A primeira dessas razões é a que se refere á estagnação das promoções para todos aqueles que não contam com poderosas protecções; a segunda ao facto de muitos officiaes terem um determinado posto e desempenharem funcções dos postos que lhe são superiores; e finalmente a terceira é a falta de officiaes que se nota em certas armas, como por exemplo a infantaria, que conta com um *deficit* bastante grande.

Em vista da necessidade de regular este assunto a fim de recompensar mais justa e equitativamente os officiaes que estão ao serviço e de ao mesmo tempo atrair para o exercito o numero sufficiente, pois que na vida civil, devido ao extraordinario desenvolvimento das industrias, é mais facil obter uma colocação vantajosa, foi ultimamente publicada na Alemanha uma nova lei de soldos baseada para os postos de capitão e tenente no principio do soldo progressivo.

Mas a um outro principio se atendeu ainda, que é a *despeza progressiva* que os officiaes são obrigados a fazer em certas guarnições por causa da carestia da vida em si e das despezas de representação a que são obrigados. E por isso no soldo se juntam mais as indemnisações que diferem com a categoria das guarnições, que são 5 e que a lei definiu por A. B. C. D. e E.

A indemnisação de habitação ou de renda de casas está calculada á razão de 75 0/0 do preço do aluguel normal.

Há ainda *indemnisações de serviço*, para os que commandam as grandes unidades, de *destacamento*, de *mess*, de *montada* e de *viagem*, que é diaria ou kilometrica.

Para se ajuizar bem da forma como a Alemanha resolveu este assumto, vamos fornecer a tabela dos soldos para cada uma das cinco classes de guarnição.

		CATEGORIA E GUARNIÇÃO				
		A.	B.	C.	D.	E.
		francos	francos	francos	francos	francos
General	de corpo de exerc.	20.100	19.575	19.050	18.825	18.600
	de divisão.....	19.567	19.042	18.517	18.202	18.067
	de brigada.....	15.450	14.923	14.400	14.175	13.950
Commandante de regimento		13.065	12.540	12.240	12.090	11.977
Tenente-coronel com 6 annos						
de posto.....		11.240	10.765	10.615	10.515	10.402
Major e tenente-coronel....		9.816	9.340	9.100	9.090	8.977
Capitão	com 9 an. de posto	8.000	7.525	7.375	7.275	7.162
	5 a 6 » » »	7.375	6.900	6.750	6.659	6.537
	1 a 4 » » »	5.871	5.400	5.250	5.150	5.037
Tenente	com 14 an. de posto	3.712	3.550	3.450	3.375	3.275
	10 a 12 » » »	3.337	3.175	3.075	3.000	2.900
	7 a 9 » » »	3.087	2.925	2.824	2.750	2.650
	4 a 6 » » »	2.837	2.675	2.575	2.500	2.400
	1 a 3 » » »	2.587	2.425	2.325	2.250	2.150

Em face do exposto nestas tabelas, ninguem deixará de reconhecer o quanto de justo e equitativo este processo envolve. Se agora não é, comtudo, occasião oportuna para se pedir que entre nós se faça desde já outro tanto, não deixa de ser conveniente ir registando estes esclarecimentos para que todos fiquem vendo a fórma de preencher uma lacuna que entre nós existe e que tambem pede prompto remedio.

DAVID RODRIGUES.

Cap. d'Inf.^a

ESPIGARDA AUTOMATICA PORTUGUEZA

Ninguem ignora as incessantes e poderosas modificações por que tem passado as armas de guerra, principalmente depois da notavel guerra de 1870.

A quimica com as suas polvoras de grande expansão e sem fumo, a metalurgica armeira com os seus aperfeiçoamentos, que levaram os Estados a adotar espingardas de pequenos calibres, elevando consideravelmente as qualidades balisticas das armas e aumentando a velocidade

do tiro, tem concorrido para esse grande progresso que é hoje do domínio da ciência da guerra.

Desde a Dreysé prussiana até aos nossos dias regista-se um trabalho colossal nos aperfeiçoamentos das armas de guerra, que se assinalou no final do século passado com os nomes de Mannlicher, Lee-Medfort, Mauser, Lebel, Freyse-Brull, Krag-Jorgeson, Beaumont, Vitali, Veterli-Vitali, Mannlicher-Carcano, Kropatschek, etc., etc.

Entre estes nomes devemos registar como de universal consagração o grande Mauser, que é ainda hoje, com as felizes modificações que o nosso chorado camarada Vergueiro introduziu na sua espingarda, o autor de uma arma que não tem rival no mundo.

O exercito portuguez deve ter e tem, com toda a certeza, orgulho de estar armado com a espingarda Mauser-Vergueiro que é a melhor espingarda em serviço nos diferentes exercitos europeus.

Mas, a munição não corresponde ao estado da ciência n'este momento, devido a um certo numero de circumstancias que por diferentes vezes já aqui enumeramos.

Ao presente sabe-se que as principaes potencias da Europa procuram transformar o seu armamento, passando-o de arma de repetição para arma automatica.

Ha Estados que abriram concurso publico para a resolução d'este notavel problema.

A Inglaterra, que já tem a munição com a bala pontaguda, foi das primeiras nações a abrir o referido concurso.

Ha nações que trabalham em segredo neste assunto, querendo atuar por surpresa, tal e qual como aconteceu com a nova bala, que foi simultaneamente estudada, a occultas, pela Allemanha e pela França.

E' com verdadeira satisfação, e diremos mais, com grande orgulho, que damos aos nossos camaradas a noticia de que um official portuguez acaba de construir uma culatra automatica adaptando-a á nossa espingarda, que, sem ficar mais pesada, nem menos solida, nem com a menor difficuldade no manejo, fica uma espingarda superior, disparando automaticamente os cinco cartuchos do deposito.

Este official é o nosso presado e velho amigo o sr. capitão Vicente Bugalho, illustre director da carreira de tiro de Lisboa.

A alta capacidade e competencia do nosso camarada Bugalho, que é uma honra e uma gloria da nossa arma, fazem prever um grande successo do seu feliz trabalho.

Quem escreve estas linhas viu o modelo construido ao torno pelo proprio autor e confessa que ficou maravilhado.

Não o pode descrever porque é segredo do inventor, mas pode afirmar que o problema foi resolvido satisfazendo por completo ás bases do concurso aberto pela Inglaterra, França e Suissa.

Isto significa como foi justo o seu ponto de vista, criteriosa e sabia a sua orientação.

Muito felicitamos o sr. capitão Bugalho pelo seu invento, que revela uma tenacidade de trabalho e facultades e conhecimentos que o colocam n'um plano superior, do qual irradia para a infantaria portugueza a consoladora impressão de que a nossa arma deseja, em todos os campos, collocar-se á altura da sua nobilissima missão em face dos mais sagrados interesses da Patria.

Estamos convencidos que, embora o invento portuguez possa, no legitimo interesse do seu autor, ir aos concursos no estrangeiro, o sr. capitão Bugalho, que é um character diamantino e um patriota sincero e profundamente apaixonado pelo bom nome e felicidade d'esta nação sagrada que se chama Portugal, oferecerá ao Estado o resultado do seu trabalho para que a breve trecho a nossa infantaria possua uma arma automatica que não temerá a concorrência de nenhuma outra congenere.

BATALHA DO BUSSACO⁽¹⁾

*Minhas Senhoras, Ex.^{mas} Coroncis e
meus Camaradas.*

O preito de homenagem que se tributa á memoria daquelles que, em transes dolorosos, sacrificaram a familia, os haveres e, até, a vida em defêsa do torrão sagrado

¹ Conferencia que devia ser feita no Quartel do Regimento de Infantaria n.º 24, no dia 27 de Setembro de 1910, anniversario da mesma batalha, pelo General de brigada do quadro de reserva, J. Corrêa dos Santos.

em que nascêram, e que desejaram lhes fôsse tumulo, é um devêr, é uma manifestação do mais puro civismo; é chamar á evocação um passado cheio de glorias e de triumphos; é enumerar a lista interminavel de heroes; é perfumar o presente, monotono e triste, com os arômas dessas atmosphéras de outr'óra; é aviventar as crenças de um povo que encheu o mundo com o brilho das suas façanhas, que sulcou os mares com as suas caravéllas, que implantou a cruz das suas abençoadas crenças nos sertões dos mais longinquos territórios. E' tudo isto, e ainda mais; é avivar epopeias, em que cada soldado foi um Achilles, epopeias cujos cantores são innumerous.

Celebra-se hoje um feito memoravel de ha cem annos, uma grande batalha, em que o soldado portuguez se mostrou lidimo descendente daquelles que venceram no Salado e nas Navas, nos Atoleiros e em Aljubarrôta. Perante esta grandiosa manifestação da mais reverente homenagem aos que tão bravamente derrotaram as tropas do duque de Rivoli, do filho dilecto da victoria, como o grande Napoleão chamava a Massêna, não quiz, eu obscuro official do exercito, deixar de contribuir com a minha quota parte para a commemoração da batalha do Bussaco, que hoje, festivamente, se celebra por toda a parte. E porque pertenci a este regimento, que se assignalou em muitas batalhas da guerra da peninsula, e a outros que nesta batalha tomaram parte importante, seja-me permitido carrear alguns materiaes para o grandioso monumento que hoje a patria ergue á memoria dos bravos de 27 de setembro de 1810. Toscos e mal desbastados servirão para a espessura das paredes, porque as exterioridades das fachadas, os burilados das cimalthas e dos capiteis ficarão para os artifices de primôr que os ha, felizmente, entre nós.

Não será novidade o que ides ouvir lêr. Os factos historicos tem de ser descriptos com verdade e clarêsa, porque á historia o que importa é o fundo, e não a forma; e a descripção quanto mais se pretende corrigir e burilar mais se vicia, emmaranha e deturpa. Por isso o que vou dizer está escripto em muitas obras melhor ou peor, segundo o merito daquelles que se dedicaram a descrever esse feito glorioso, que se chama batalha do Bussaco, e loucura seria pretender inventar em factos desta naturêsa. Se é certo que ides ter alguns momentos de tedio espêro da vossa longanimidade que me perdoareis.

*
* *
*

A historia ao perpetuar os successos dignos de memoria, ao enaltecer os feitos portentosos, ao rememorar as datas celebres, ao esculpir no bronze dos seculos os nomes daquelles que illustraram a epocha em que viveram e immortalisaram a patria que lhes foi berço, ao gravar no mais duro granito as epopeias gloriosas das gerações que fôram sempre a sua missão, desempenha-se da sua gloriosa tarefa, demonstra a utilidade do seu estudo, avigóra a nobrêsa dos seus methodos, solidifica os seus dogmas, eterna a immutabilidade das suas leis, condensa a verdade dos seus principios.

Não pódem as gerações deixar de seguir, á risca, os preceitos e os ensinamentos da historia e, por isso, devem celebrar os feitos dos seus maiores, commemorar os actos de valôr e de civismo dos seus antepassados, daquelles que para libertarem a sua patria do jugo do estranho morreram com a fé de que o seu sangue seria o tributo que redimiria a terra em que haviam nascido. Abençoadas as gerações que assim procedem, e hoje nota-se o contentamento intimo com que se vem pagar o devido tributo áquelles que ha um seculo e na accidentada serra da Alcôba batêram e derrotaram as tropas francêsas. Abençoados os homens que fizeram reviver estas façanhas, e abençoados todos os que contribuíram com a sua boa vontade e intelligencia para que o feito memoravel de 27 de setembro de 1810 tivesse a devida consagração.

*
* *
*

Como se não pódem isolar os factos historicos, qualquer que seja a sua importancia, a batalha do Bussaco tem de ser precedida de outros factos que com ella teem intima ligação. Quem para apreciar uma obra de architectura a observar no seu conjuncto, sem descer a detalhes, sem observar as proporções das suas partes, sem descrever a concordancia dos seus lavôres, sem indagar a epocha em que foi feita para ajuisar se o estylo foi rigorosamente cumprido, grave êrro commette. O mesmo succede no estudo da historia. Por isso o estudo da batalha do Bussaco tem de ser precedido do relato de outros factos que com ella teem intima relação.

Todos sabem que fôram três as invasões francêsas. A primeira, commandada pelo general Junot, entrou em Lisboa no dia 30 de novembro de 1807, e sahiu de Portugal a 14 de setembro de 1808, depois da celebre Convenção de Cintra assignada a 30 de agosto do mesmo anno. A segunda, sob o commando do marechal Soult, entrou em Portugal pela fronteira de Traz-os-Montes a 7 de março de 1809, e retirou a 17 de maio do mesmo anno. A terceira, commandada pelo marechal Massêna, duque de Rivoli e, mais tarde, principe de Esseling, entrou em Portugal em julho de 1810, e retirou em 4 de abril de 1811. E' nesta terceira invasão que se feriu a batalha do Bussaco da qual hoje se celebra o centenario.

E, antes de proseguir, seja-me permittido abrir um parenthesis para, em rapido esbôço, dizer qual o estado do país no momento em que fôra decretada a sua invasão por Bonapaaete.

*

* *

Desde Roma nenhum pòvo possuiu maior extensão de territorio do que Portugal. As conquistas das legiões romanas na Africa e na Asia pouco valem comparadas com as conquistas dos nossos arrojados navegadores naquellas duas partes do mundo. Desde o reinado notavel de D. João I até ao reinado immortal de D. João II caminhámos num crescente progresso, alargámos desmedidamente as nossas fronteiras e preparámos o terreno para mais arrojadas emprêsas. Tudo se deve a D. João II. A grandêsa de Portugal no reinado de D. Manuel I não lhe pertence, mas sim ao seu antecessôr.

Os êrros praticados por D. Manuel, entre elles a expulsão dos judeus, os actos do mais baixo fanatismo de D. João III, a loucura de D. Sebastião e a senelidade do cardeal D. Henrique, tudo preparou a perda da nossa independencia, tudo deu origem aos 60 annos do nosso captivo.

Um punhado de portuguezes faz a revolução de 1640 e obriga o duque de Bragança a collocar-se á frente da revolução. Surgiu a guerra, e o reinado de D. João IV nada tem de notavel; veio a reinado do desvenrurado D. Affonso VI, seguiu-se-lhe o reinado de D. Pedro II todo absorvido pelas intrigas palatinas, e surge o fanatico D. João V que, com o seu fausto deixou o país na miseria.

As fabulosas riquêsas que nos viéram do Brasil fòram todas dissipadas em conventos, em festas, em palacios, em dadivas, etc. Este Crésó do occidente só vivia para a ostentação, e dissipou até ao ultimo real, sem proveito algum para a nação.

Por uma destas coincidências tantas vezes notadas, apoz uma revolução geologica surge uma revolução social. Das cinzas do terramoto de 1755 surge o vulto colossal de Sebastião José de Carvalho e Mello, incontestavelmente o primeiro estadista do seculo XVIII. Portugal sem dinheiro, sem exercito, sem marinha, sem credito, vae ter tudo isso, vae ser respeitado por todas as nações. Viu-se o país prosperar, dia a dia, mercê da sabia administração de Pombal. Voltavamos á antiga grandêsa, rejuvenesciamos.

Pouco tempo durou, porém, tal estado de cousas. Morto o rei o seu primeiro ministro perdeu todo o valimento junto da rainha reacionaria, fanatisada pelo seu confessôr, o bispo do Algarve, D. José Maria de Mello. Do fanatismo á loucura vae um passo, e dentro em pouco a rainha D. Maria I estava louca. Não lhe valeu a sciencia do medico inglês, Willis, que havia curado já outro regio. louco. A' filha de D. José cabia a missão de destruir toda a grande obra reformadôra de Pombal.

A loucura da rainha trouxe como consequencia a reigencia de seu filho D. João VI, fanatico como sua mãe, e mais experimentado no cantochão com os frades de Mafra, aos quaes dedicava tanta affeição como seu bisavô, do que na arte de reinar para a qual tinha a maior negação. Tudo se abandonou, tudo se poz de parte, e quem mandava eram os frades, os jesuitas, os fidalgos sem prestigio e sem dinheiro. Portugal decahíra, chegara á suprema miseria. Não houve affronta que não soffresse, humilhação que não experimentasse, vergonhas que o poupassem. Os ministros portuguezes em Londres, Paris e Madrid recebem próvas da maior desconsideração, e quando pediamos á Inglaterra um auxilio pecuniario para custearmos as despêsas a fazer com a guerra que, necessariamente, iamos ter com a França, ella não só nos nega esse auxilio, mas ainda tenta mandar retirar um corpo de tropas que havia desembarcado no Tejo a 21 de junho de 1797. A muito custo conseguimos que apenas sahisssem dois regimentos de dragões ligeiros, ficando uma força de 4 mil e tantos homens, força com a qual se não

podia contar porque era composta na sua quasi totalidade de emigrados aventureiros.

A impericia dos nossos diplomatas estava á altura da pusilanimidade dos mais altos poderes do Estado. Ameaçados pela Hespanha que, dizia Carlos IV, se havia comprometido com Bonaparte a deixar passar um exercito de 60 mil homens para invadir Portugal, pediamos protecção á Inglaterra que nos respondia com evasivas. Nós não tinhamos exercito; esta é uma grande verdade. O duque de Lafões, commandante em chefe, carecia de qualidades inherentes ao elevado cargo em que estava investido, e se era um homem intelligente e instruido isso não era bastante para lhe dar competencia nos assumptos militares. Tinhamos um estado maior general de 64 officiaes generaes, entre tenentes generaes effectivos e graduados, e marechaes de campo tambem effectivos e graduados; e todos elles recommendaveis pelos seus titulos nobiliarchicos de marquezes e condes. Tinhamos 24 regimentos de infantaria com um effectivo de 38.400 homens; mais 12 regimentos de cavallaria com 5.544 homens; e 5 regimentos de artilharia na força de 6.000 homens. Além desta força havia a legião do marquez de Alorna com um effectivo total de 1.318 homens. Assim deviamos ter, em tropas de primeira linha, um exercito de 50 e tantos mil homens, se os effectivos dos regimentos o não fôsem apenas no papel; quando muito teriamos uns 30 mil homens. Verdade é que havia as tropas de segunda linha formadas por 43 regimentos de melicias, o que dava uns 34 mil homens, approximadamente. Resumindo não podiamos contar com mais de 60 mil homens.

Passêmos uma esponja sobre a desgraçada campanha que nos levou Olivença.

Realisada a invasão de Portugal, o principe regente apressou-se a fugir para o Brazil levando consigo quanto ouro e diamantes pôde reunir, e quantos objectos preciosos e raridades artisticas pôde juntar. Quando Junot entrou em Lisboa ainda queria impedir a fuga da familia real; mas a esquadra já ia longe. Mais de três seculos antes havia partido de Lisboa outra esquadra, mais pequena em numero de navios, mas incomparavelmente maior na grandêsa da missão de que ia encarregada. Não iam fugidos vergonhosamente deante de um invasor; iam lutar pelo bom nome da sua patria, iam dilatar-lhe as fronteiras, iam rasgar á civilização novos horisontes. Em

8 de julho de 1497, a armada de Vasco da Gama, composta de duas naus, uma caravella e um navio de mantimentos sahia a barra de Lisboa para descobrir o caminho por mar para a India; a 27 de novembro de 1807 sahia a barra de Lisboa uma frota de 8 naus de linha, 4 fragatas e 4 pequenas embarcações, seguida de grande numero de navios mercantes levando a bordo a familia real, a nobrêsa senil e o clero aváro e fanatico. Que contraste! Como deviam revoltar-se as cinzas venerandas desse grande rei que foi D. João II ao presenciarem a pusillaninidade de D. João VI!

Ficou no pais o povo para lutar; para lutar e vencer. Sim, porque dous caminhos tinha a seguir: ou deixar-se esmagar, escravisar pelo invasôr satisfazendo aos desejos do regente na sua proclamação antes de embarcar, ou revoltar-se, reagir, lutar, verter até á ultima gota de sangue na defêsa do solo sagrado da patria que um estranho vinha talar. Luctou-se e venceu-se. Com o auxilio de estranhos? E se não tivéssemos tido esse auxilio teriamos, igualmente, vencido? Certamente que sim, e não haverá grande difficuldade em o demonstrar. Mas isso será objecto de um estudo especial, assás desenvolvido, para que possa constituir uma palestra da indole da que estou fazendo. Já esta divagação historica foi mais longe do que era meu intento.

(*Continua*)

J. CORRÊA DOS SANTOS
General de brigada de reserva

SECÇÃO COLONIAL

Relatorio da occupação de Cafima

(Continuação ao n.º 3)

IV

Haviamos conseguido o nosso objectivo. Cafima estava occupada. E em torno do Cuanhama, pelo nosso lado, dispomos dos postos do Cuamato, Cafu (mandado mudar para a margem esquerda do Cunene), Evale, Ca-

fima e os do Cubango. A situação moral está do nosso lado e de um modo bem evidente e prestigioso.

Ardente desejo tínhamos nós em proseguir, mas com que recursos?

As patrulhas de tropas montadas ficaram escalonadas e cruzando no seu giro, mas o conjuncto não produzirá o desejado effeito desde que os effectivos não sejam os necessarios. De contrario pouco ou nada se conseguirá da repressão de guerrilhas cuanhamas. No emtanto a posse d'aqueles terrenos está assegurada, assim como a nova linha de penetração Cafu-Evale-Cafima-Cubango. Por ultimo devemos ainda informar que as chanas do Evale a Cafima e Tchimpôro, estão cobertas de borracha e que não será difficil levar os indigenas, mesmo os proprios cuanhamas, á sua exploração desde que alguns sejam industriados n'esse trabalho. Os cuanhamas e cafimas são trabalhadores e com a perspectiva de um anno de fome não será difficil estabelecer entre elles uma corrente para os trabalhos de exploração de borracha, sabendo-se mais a mais que elles vão em grande numero procurar trabalhos no Namatuni e minas de Ottavi.

O posto de Cafima poderá mais do que nenhum outro exercer grande influencia na população cuanhama, pelas proximidades a que se encontra d'elle, e ainda porque os habitantes d'aquelle lado, muito afastados da embala, pouco obedecem aos sobas e seculos mais importantes. E é até de prever que em breve para alli emigrem bastantes como tem acontecido no Evale (Ianguela) para onde se mudaram, em menos de um anno, mais de 60 familias.

*
* * *

Resta-nos aqui testemunhar a nossa grande admiração pela maneira como todos se comportaram, praças e officiaes, e souberam cumprir com o seu dever. Não houve fogo — porque o acaso assim o quiz — mas todos o esperavam, e nem por isso os riscos, as fadigas e apprehensões feram menores. Bem dignos são pois do nosso respeito e gratidão.

Lubango, 10 de outubro de 1910. = O governador,
João de Almeida.

DOCUMENTOS**Documento n.º 1****Columna de occupação a Cafima**

Ordem de serviço n.º 1 — Margem esquerda do rio Cunene, 17 de agosto de 1910.

S. ex.^a o governador do districto, determina e manda publicar o seguinte.

1.º Que seja organizada uma columna movel sob o commando do mesmo ex.^{mo} sr. a fim de proceder á occupação da região a nordeste do Cuanhama e a qual será composta pelas forças do 1.º e 2.º esquadrões commandados pelo tenente de cavallaria sr. João Joaquim Correia; pelas da 1.^a e 2.^a companhias europeias commandadas pelo sr. capitão Villas; pelas da secção de artilheria commandadas pelo alferes sr. Joaquim da Cruz Branco, e pelas da 16.^a companhia indigena, commandadas pelo alferes sr. Annibal de Barros e 2.º sargento da campanha de saude n.ºs 68-150, Miguel Pinto.

2.º Que seja nomeado ajudante de s. ex.^a o governador commandante da columna, o tenente de cavallaria sr. Germano Augusto Moreira.

3.º Que passe a fazer serviço nas tropas de infantaria europeias, o 2.º sargento do 1.º esquadrão n.ºs 31-481, João Antonio da Conceição Cesar.

4.º Que os srs. commandantes das unidades ou fracções que compõem a columna entreguem relações numericas e nominaes de todas as praças sob as suas ordens.

5.º Que o correame, armamento, municiamto, equipamento, viveres, material, seja o constante das ordens já dadas pela secretaria militar do governo do districto.

6.º Que a columna marche ámanhã ás 5 $\frac{1}{2}$ horas da manhã em direcção ao Evale, tendo logar a alvorada ás 4 $\frac{1}{2}$; café ás 4 $\frac{3}{4}$; carregar bagagens ás 5; inicio da marcha ás 5 $\frac{1}{2}$; 2.^a refeição cosinhada no grande alto e a 3.^a no local do bivaque as quaes serão opportunamente indicadas.

7.º Que a todos os officiaes e praças seja abonada ração de etape, sendo a dos officiaes á razão de 500 réis diarios e a differença entre a verba consignada pela 2.^a repartição e o total dispendido para se dar uma ração conforme á indicada nos typos para ração e mais 1^k,250

de carne, 0^l,2 de vinho, 0^k,250 de pão ou 0^k,200 de bolacha, 0,010 de tabaco, 1 ¹/₂ caixa de phosphoros e 1 ¹/₂ livro de papel, para as praças europeias e 0^l,03 de aguardente, 0^k,250 de farinha ou seu equivalente em outro genero, 0^k,250 de carne, 0^k,010 de tabaco, 1 ¹/₂ caixa de phosphoros para as praças indigenas. = *Germano Augusto Moreira*, tenente ajudante.

Está conforme. = Secretaria do governo do districto da Huilla, 17 de outubro de 1910. = O secretario, *Antonio Bernardino Ferreira*, tenente.

Documento n.º 2

Ordem de marcha para 29

Evale, 28 de agosto de 1910. A's 6 horas da tarde.

Distribuição das forças

Guarda avançada

Cavallaria, destacando patrulhas a 400 metros para a frente e flancos—Commandante, tenente de cavallaria, sr. João Joaquim Correia, distancia 200 metros.

Grosso da columna

Um pelotão da 1.^a companhia europeia de infantaria enquadando as viaturas devendo fornecer uma patrulha á distancia de 100 metros para cada flanco.

Viaturas

Trem de combate, e viveres material—commandante, o capitão sr. Gaspar do Couto Ribeiro Villas.

Distancia 100 metros.

Guarda da retaguarda

Um pelotão da 2.^a companhia europeia e 2 cavalleiros.

I Situação.

II Fim—A columna vae estabelecer um posto de occupação em Cafima.

III Disposições:

a) A columna fará um grande alto onde fôr determinado em occasião opportuna.

b) No grande alto será cosinhado o rancho da manhã 2.^a refeição, e a 3.^a no local do bivaque.

c) A columna irá bivacar em local onde houver agua e que opportunamente fôr determinado.

d) A columna bivaca em quadrado, viaturas em linha no centro.

e) Hora da partida ás 5,30 da manhã.

IV—Local do commando:

Marcho na testa da guarda avançada.

Dada por copia.—O commandante, *João de Almeida*, governador.

Está conforme.—Secretaria do governo do districto da Huilla, 17 de outubro de 1910. = O secretario, *Antonio Bernardino Ferreira*, tenente.

Documento n.º 3

Columna de occupação a Cafima

Mapa da força da columna referido a 29 de agosto de 1910

Designações	Officiaes	Sargentos	1.º cabos europeus	Corneteiros e clarins	2.º cabos e soldados europeus	2.º cabos e soldados indigenas	Ferradores	Carreiros	Total	Solipedes		Bois	Peças	Viaturas		
										Cavallos	Muares			De 4 rodas	De 2 rodas	
Quartel general....	2	-	-	-	2	3	-	-	7	2	4	-	-	-	-	-
Artilheria.....	1	1	2	1	3	2	-	-	11	-	1	-	3	-	7	
Cavallaria.....	1	5	2	1	40	7	1	-	57	44	3	-	-	-	-	
Infanteria europeia	1	-	1	2	31	1	-	-	36	1	-	-	-	-	-	
Infanteria indigena	1	1	2	1	-	77	-	-	82	-	1	-	-	-	-	
Serviço de saude..	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	
Comboio.....	-	-	-	-	-	2	-	28	30	-	-	180	-	8	1	
Somma...	6	8	7	5	76	93	1	82	224	47	9	180	3	8	1	

Está conforme.—Secretaria do governo do districto da Huilla, 17 de outubro de 1910.—O secretário, *Antonio Bernardino Ferreira*, tenente.

Documento n.º 5

Ordem de marcha para 6

Bivaque na Tala Chicuíma, 5 de setembro de 1910, ás 6 da tarde.

Distribuição das forças

I Situação.

Guarda avançada

Cavallaria, destacando patrulhas a 400 metros para a frente e flancos—Commandante, tenente de cavallaria sr. João Joaquim Correia.

Distancia 200 metros.

Grosso da columna

Um pelotão da 1.ª companhia europeia, a infantaria indigena enquadrando as viaturas devendo fornecer uma patrulha á

II Fim—A columna vae estabelecer um posto de occupação em Cafima.

III Disposições :

a) A columna vae fazer um grande alto onde for determinado em occasião opportuna.

b) No grande alto será cosinhado o rancho da manhã 2.ª refeição, e a 3.ª no local do bivaque.

c) A columna irá bivacar em local onde houver agua, que

distancia de 100 metros para cada flanco. opportunamente fôr determinado.

Viaturas

Trem de combate, e viveres, material—Commandante, o sr. capitão Gaspar do Couto Ribeiro Villas.

Distancia 100 metros.

Guarda da rectaguarda

Um pelotão da 2.^a companhia europeia e dois cavalleiros.

(Dictada ás unidades).—O commandante, *João de Almeida*, governador.

Está conforme.—Secretaria do governo do districto da Huila, 17 de outubro de 1910.—O secretario, *Antonio Bernardino Ferreira*, tenente.

Documento n.º 6

Governo do districto da Huila

Instrucções para a patrulha de cavallaria com séde em Cafima

1.º A patrulha tem por fim exercer o policiamento da região comprehendida entre o Evale, T'Chimpôra (mais tarde até ao Cubango), Cuangar e posto A.

2.º A patrulha terá a sua séde em Cafima devendo, porém, escalonar os viveres no Evale, Cafima e posto A.

3.º Para aquelle fim irradiará alternadamente para o Evale, T'Chimpôro e posto A, sendo para este uma vez por cada quatro dos outros, percorrendo o caminho ora em viagens lentas, ora em marchas forçadas, de modo a tornar incertas a sua passagem nos diversos caminhos seguidos pelos cuanhamas nas suas razzias para norte.

4.º Quando souber que alguma guerrilha se internou para norte, ou seja avisado da sua passagem, far-lhe-ha espera ou a perseguirá até á distancia que julgar conveniente sem comtudo comprometter a sua segurança.

5.º Manterá relações com os commandos militares, prestando-se auxilio mutuo, bem como communicarão as informações que possuirem ou possam obter, e interessem a cada um.

6.º Quando encontrar qualquer guerrilha cuanhama, aprisional-a-ha sempre que o puder fazer ou repellil-a-ha pelo fogo quando tenha força bastante, devendo as presas e prisioneiros serem entregues no posto militar mais proximo, onde lhe será dado o conveniente destino.

d) A columna bivaca em quadrado, viaturas em linha no centro.

e) Hora de partida ás 5,30 da manhã.

IV—Local do commando:

Marcho na testa da guarda avançada.

7.º Escoltará as viaturas, forças escuteiros, prisioneiros etc., quando se torne necessario e os commandantes dos postos lh'o requisitem.

8.º Os itinerarios serão marcados pelo commandante da patrulha, de accordo com as necessidades do serviço dos postos e de forma que, em regra, e em cada mez, metade do tempo seja de marcha e metade de descanso, e percorra os pontos do trajecto de forma a ir uma vez ao posto A por cada quatro vezes que fôr aos outros.

9.º Nas viagens ao T'Chimpôro deverá atingir o caminho do Cuanhama (Kafito) ao Cuangar, fiscalizando o commercio allemão oriundo das margens do Cubango e reprimindo a entrada de polvora e armas no territorio portuguez, especialmente no Cuanhama.

Cafima, 12 de setembro de 1910.—O governador, *João de Almeida*.

Está conforme.—Secretaria do governo do districto da Huilla, 17 de outubro de 1910.—O secretario, *Antonio Bernardino Ferreira*, tenente.

Documento n.º 7

Governo do districto da Huilla

Instrucções para a patrulha de cavallaria com séde no Evale

1.º A patrulha tem por fim exercer o policiamento da região entre o Cunene e Cafima e mais especialmente a repressão das guerrilhas cuanhamas.

2.º A patrulha terá a sua séde no Evale devendo porém escalonar os viveres no Evale, Cafu e Cafima, á guarda dos respectivos commandos.

3.º Para aquelle fim irradiará alternadamente para o Cafu e Cafima percorrendo o caminho ora em viagens lentas, ora em marchas forçadas de modo a tornar incerta a sua passagem nos diversos caminhos seguidos pelos cuanhamas nas suas razzias para norte.

4.º Quando souber que alguma guerrilha se internou para norte ou seja avisada da sua passagem, far-lhe-ha espera ou a perseguirá até á distancia que julgar conveniente, sem comtudo comprometter a sua segurança.

5.º Manterá relações com os commandos militares prestando-se auxilio e apoio mutuo, bem como, communicarão as informações que possuirem ou possam obter e interessem a cada um.

6.º Quando encontrar qualquer guerrilha cuanhama, aprisional-a-ha sempre que o puder fazer ou repellil-a-ha pelo fogo quando tenha força bastante, devendo as presas e prisioneiros serem entregues no posto mais proximo, onde lhe será dado o conveniente destino.

7.º Escoltarão as viaturas, forças, escuteiros, prisioneiros etc., quando se torne necessario e os commandantes dos postos lh'o requisitem.

8.º Os itinerarios serão marcados pelo commandante da patrulha de accordo com as necessidades do serviço, dos postos e de forma que, em regra, e em cada mez, metade do tempo seja de marcha e metade de descanso e percorra todos os pontos do trajecto uma vez, pelo menos.

Cafima, 12 de setembro de 1910.—O governador, *João de Almeida*.

Está conforme.—Secretaria do governo do districto da Huilla, 17 de outubro de 1910.—O secretario, *Antonio Bernardino Ferreira*, tenente.

Documento n.º 8

Governo do districto de Huilla

Instrucções para o commando do posto militar de Cafima

1.º O commandante do posto de Cafima fica directamente dependente do commando militar do Evale excepto em assumptos dos fundos do districto (posto) que se corresponde directamente com a secretaria do governo e conselho administrativo.

2.º Exerce a sua acção directa sobre os povos do *sobado* de Cafima e procura por meio de uma boa politica attrahir os povos limitrophes, do Cuanhama, provocando a mudança dos descontentes e criando lá affeigoados que o informem do que ali se passar.

3.º Coordenar os seus esforços com os das patrulhas de cavallaria na intercepção das guerrilhas dos povos cuanhamas.

4.º Compete-lhe além do determinado nos differentes regulamentos e nas «Instrucções para os commandantes dos postos militares do districto».

a) Completar as obras de defesa do forte, elevando os tambores a um metro a cima do parapeito, fazendo revestimentos a adobe, tornando o fosso obstaculo e ultimar as installações para depositos de pessoal e animal.

b) Cuidar das culturas desenvolvendo-as em harmonia com as necessidades da guarnição e de fôrma a colher o necessario para a sua subsistencia.

c) Cuidar das communicações tanto com o Evale como com o posto A e Cuangar, quando estas se tornem necessarias.

d) Mandar construir de harmonia com o commando do Evale, barracões de etapes (para europeus, solipedes e indigenas) no caminho Evale-Cafima. Em cada posto de etapes poderá collocar dois indigenas, sendo possivel cuanhamas, para guarda dos mesmos e serviços especiaes indicados na ordem especial n.º 1 de 1909 (folheto n.º 7). O vencimento poderá ir até 80 réis diarios.

Cafima, 10 de setembro de 1910.—O governador, *João de Almeida*.

Está conforme.—Secretaria do governo do districto da Huilla, 17 de outubro de 1910.—O secretario, *Antonio Bernardino Ferreira*, tenente.

JOÃO d'ALMEIDA
Cap. d'Est. Maior



Instrucção militar preparatoria

Já nesta *Revista* se tem salientado por diversas vezes e por diferentes fôrmas a alta importancia da diffusão deste ramo de instrucção, sendo extremamente necessario e urgente organizar definitivamente estes serviços entre nós.

E estando em pleno vigor a organização do exercito de character miliciano, mal se compreende mesmo que entre nós não se tenha dispensado a este assumto a importancia que merece, que chega mesmo a ser tão grande que difficilmente se concebe que uma coisa possa

subsistir sem a outra, que ao mesmo tempo que é a sua base, o seu início, é também o seu necessário e imprescindível complemento.

Pelo governo provisório foi publicado um regulamento sobre este assumto que na pratica não se sabe se é bom ou se é mau, porque não se chegou ainda a executar. E em boa verdade e com muita magua o dizemos, não é muito crível que esse ou outro qualquer semelhante se ponha em pratica porque qualquer dêles demanda não só dinheiro, que falta, mas também dedicação, patriotismo e uma alta compreensão dos deveres civicos, que parece que também são coisas que não superabundam.

Nêste momento não diremos o que julgamos se devia fazer entre nós sobre este assumto, porque para dizermos tudo bastará afirmar que muito desejaríamos ver que se fazia alguma cousa, porque deficiente mesmo que fosse o que por ventura se fizesse, sempre seria o inicio dum serviço a aperfeiçoar posteriormente.

E não analisando mais o que entre nós se faz, porque a sua analyse faz-se naquellas simples palavras, alias bem desconsoladoras, nem carpindo mais maguas a este respeito porque não é com lagrimas que se governa o mundo, vamos indicar o que nos ultimos tempos se tem feito em algumas nações para nos servir, pelo menos, de lição e estimulo. E por isso vamos dizer o que se acaba de fazer e o que actualmente se está fazendo na Allemanha, França e Russia, que apezar dos seus fortes exercitos permanentes não descuram a instrução militar da juventude.

* * *

Na Alemanha a instrução militar preparatoria tem nos ultimos tempos tomado um desenvolvimento que não pode deixar de ser atendido e considerado, o que é devido aos esforços persistentes do marechal Von der Goltz, chefe da 6.^a inspecção do exercito, que conta com o mais largo apoio da parte do ministro da guerra.

Pelo ministerio da guerra ha já alguns mezes que foi publicada uma circular em que se recomendava que tanto os officiais como os sargentos do exercito activo participassem o mais largamente possivel na instrução

dada nas sociedades de preparação militar, e que se dessem todas as facilidades a estas sociedades para effectuarem e assistirem aos exercicios militares, podendo dispôr de carreiras de tiro, ginasios e terrenos para manobras.

No mez de novembro ultimo, o general Von der Goltz publicou no *Deutsche Rundschau* um artigo sobre a cultura do espirito guerreiro entre a juventude para se lutar por esta forma contra as tendencias pacifistas. Ele deu sobre o espirito guerreiro a seguinte definição :

«E' guerreiro o povo que não receia a guerra, que não recua deante da ideia de medir a sua força contra a d'um adversario, que se envaidece da sua propria força e da sua coragem e procura voluntariamente a occasião de as mostrar.

«E' guerreiro o povo que não teme o perigo mas que até o ama porque sabe que depois de o ter experimentado e vencido victoriosamente, terá o direito de dizer que venceu a fraqueza inerente á natureza humana. As dificuldades praticas e as inimizadas a que a Alemanha esteve exposta frequentes vezes depois de alguns anos não são provenientes do facto do povo alemão ter mostrado um espirito guerreiro exagerado, mas, pelo contrario, de que o estrangeiro tenha podido comecar a duvidar do espirito guerreiro da Alemanha.

«Vive-se em paz com o visinho que se sabe que não se deixará faltar ao respeito sem se manifestar. Empeñha-se voluntariamente n'uma lucha com aquele que se gaba sempre do seu amor da paz sem o qual não se percebe facilmente o receio da guerra. Se a educação dada á nossa juventude conduzir a manter e fortificar o espirito guerreiro do povo alemão, nós podemos envaidecer-nos mas nós queremos ainda desenvolvê-lo, porque é este espirito que nos dará o direito de procurar para a nossa raça um desenvolvimento ininterrupto e proteger a nossa patria contra todos os perigos.»

Sendo conhecido o espirito de metodo dos alemães e o seu gosto pela conjugação dos esforços de todos e ainda o cuidado com que o governo coordena tudo o que pode servir para melhorar a potencia militar, não admira que apparecesse um forte agrupamento de todas as sociedades que se occupam da preparação militar da juventude.

E de facto assim foi.

Uma grande associação, *Bund-Lung Deutschland*, á testa da qual está o proprio Von der Goltz, agrupou as sociedades de ginastica e todas as que se dedicavam á preparação militar. Não é duvidoso que sob o seu patrocínio e com o apoio dos poderes publicos e da imprensa que esta associação tomará em breve um desenvolvimento identico ao que tem a associação de veteranos, que conta milhares de filiais e milhões de associados.

Os jornais alemães andam cheios de apelos neste sentido e de noticias de sessões de instrucção pratica dirigidas por officiais ou sargentos. Os generais e officiais reformados tambem se interessam por este ramo de instrucção, sendo frequente ver muitos assistindo e tomando parte nesses exercicios. E este movimento tanto se faz sentir na Baviera como na Prussia.

* * *

A França, pelo seu lado, não descursa tambem este assunto. O ministro da guerra assinou em 18 de janeiro ultimo o texto de uma importante determinação que revoga o capitulo VI das instrucções de 7 de novembro de 1908 que tratam do funcionamento das sociedades de preparação e aperfeiçoamento militares, que modificou da seguinte forma:

As comissões militares encarregadas de conceder o diploma de aptidão funcionarão, em cada ano, de 1 a 20 de julho, nas sedes de subdivisão de região. O governo de Paris é dividido em 4 sectores, tendo cada um a sua comissão propria.

Cada uma das comissões é composta pelos seguintes officiais, que serão todos da propria subdivisão: 1 tenente coronel de infantaria, presidente; 2 majores de infantaria; 1 medico de 1.^a ou 2.^a classe; 1 capitão de infantaria; 1 capitão de cavalaria; 1 tenente de infantaria; 1 tenente de artilharia ou engenharia; incluindo ainda um chefe de banda, quando se tratar de exames sobre musica.

Aos exames destas comissões podem apresentar-se os mancebos que nesse ano devam ser alistados, devendo fazer os seus pedidos 8 dias antes da inspecção,

pedidos que podem ser feitos por intermedio das associações de instrucção preparatoria ou directamente pelos districtos de recrutamento.

Os exames para as provas comuns deve durar um dia. Este exame não é porem mais do que a constatação do trabalho dos alunos. As provas regulamentares comuns devem versar sobre assuntos gerais a todas as armas, pois o que elas principalmente devem evidenciar é se o candidato ao diploma de aptidão tem ou não um valor moral e fisico acima do vulgar.

Todo o candidato que não alcance 1.485 pontos, não obtem diploma. Os candidatos são contados de 0 a 20; para o tiro de 0 a 25; sendo cada nota multiplicada pelo seu respectivo coeficiente.

Logo que os exames tenham terminado, as comissões procederão ás classificações dos candidatos admitidos ao *diploma*.

Alem de outras vantagens de que gozam os portadores dos diplomas de aptidão, os mancebos á idade de 18 anos são admitidos, na ordem de classificação e na proporção de 4⁰/₀ do efectivo do ultimo contingente incorporado a contractar de 1 a 10 de outubro uma incorporação antecipada em qualquer dos corpos das quatro armas. Alem disso podem escolher, na ordem da sua classificação, seja um corpo da região do seu domicilio, seja um corpo alimentado pelo districto de recrutamento a que pertença, seja qualquer outro corpo afastado.

Nos corpos fraccionados os portadores do diploma de aptidão são todos colocados na parte principal.

Uma tolerancia de 2 centimetros na altura para mais ou para menos é concedida aos que desejarem incorporar-se na cavalaria desde que tenham sido membros de alguma das associações de instrucção militar preparatoria. Identica tolerancia no pezo lhes é concedida quando desejarem alistar-se nos couraceiros, o qual pode ir até 3 kilos.

A circular a que nos estamos referindo indica em seguida de maneira detalhada a natureza das provas, a maneira como devem ser conduzidas e os coeficientes attribuidos a cada uma delas. Não citaremos, porem, como exemplo senão as primeiras provas. Lição de ginstica educativa, intensa, compreendendo exercicios tomados em todas as series do regulamento, que terá

a duração de 20 minutos. Observar cuidadosamente a execução dos movimentos no que diz respeito á correcção da sua forma e sua amplitude. Lição preparada por um official competente e comandada por um sargento excelente instructor. O coeficiente da ginastica é de 10.

*
* *
*

Depois da guerra russa-japoneza, tem-se procurado desenvolver na Russia o espirito militar em todas as classes da sociedade, assim como o gosto pelo mister das armas.

A instrucção preparatoria é dada em todos os estabelecimentos de educação dependentes do Estado e numerosas sociedades de preparação militar se organisam para fazerem propaganda entre os mancebos que não sigam os cursos das escolas.

Com o fim de regular os esforços feitos com este intuito, foi ultimamente publicado um regulamento, cujas principaes disposições vamos indicar.

A instrucção militar preparatoria da juventude russa tem por fim:

a) Fortificar entre ella a crença em Deus, o amor ao Csar e á Patria, as boas qualidades moraes, o respeito da lei e da ordem;

b) Familiarisar os futuros soldados com o excellente espirito do exercito russo e com os principios fundamentais da disciplina;

c) Ensinar-lhes a comportarem-se na escola e desenvolve los fisicamente;

d) Dar-lhes habitos fisicos e morais necessarios ao soldado em tempo de guerra.

Com este fim, poder-se-hão organizar batalhões escolares e destacamentos com os mancebos que não sejam educados nos estabelecimentos de instrucção; estes mancebos deverão ter 15 annos ou mais e ter consentimento dos seus pais ou tutores. Não serão accéites os mancebos que possam exercer má influencia ou que já tenham sofrido alguma condenação.

A formação dos batalhões e destacamentos deverá ser auctorisada pelos governadores das provincias.

Os destacamentos podem ser formados:

a) Pelos officiais do exercito ou da armada, sob reserva do consentimento dos seus superiores;

- b) Pelos officiaes da reserva ou reformados ;
- c) Pelas sociedades de desporto, bombeiros etc. ;
- d) Pelas sociedades especialmente constituidas para a educação militar da juventude ;
- e) E, finalmente, por qualquer pessoa competente quer esteja ou não ao serviço do estado.

As pessoas que desejem formar destacamentos de mancebos deverão fazer conhecer onde os querem instituir e o meio da classe social em que desejam fazer o recrutamento, indicando os meios de instrução previstos e declarar que se submetem á fiscalisação da administração local.

Os estatutos das sociedades ou destacamentos deverão mencionar estas obrigacções. A fiscalisação é exercida pelas auctoridades civis e pelo comandante militar do districto de recrutamento.

As pessoas que organisarem destacamentos de mancebos e organisem o ensino da instrução militar e de ginastica á sua propria custa, terão de pagar aos respectivos instructores. Os militares poderão elles proprios encarregar-se de ministrar a instrução.

Os instructores deverão ser escolhidos entre os officiaes do exercito activo, da reserva ou reformados, ou, na sua falta, entre os sargentos do activo ou da reserva desde que para isso tenham a necessaria auctorisação.

O ensino deve ser dado em lingua russa e conforme ao programa aprovado pelo ministro da guerra ou pelo ministro da marinha.

Se os organisadores não dispõem de recursos pecuniarios suficientes, o governo pode auctorisal-os a receber quotas, a organisarem festas publicas etc., devendo anualmente prestar contas ás auctoridades competentes.

Os destacamentos podem ter um uniforme simples, barato e sem qualquer distinctivo militar. Não devem receber armas de guerra, mas apenas de maderia. Podem organizar musicas e bandas marciais.

Quando os destacamentos estiveram suficientemente instruidos, podem, sob a direcção dos seus instructores, executar marchas nas ruas e nas estradas, bem como manobras e exercicios de campanha. Os destacamentos podem ainda agrupar-se para executarem todos esses exercicios em comum, mas neste caso, para evi-

tar toda e qualquer dificuldade com as populações, os destacamentos serão acompanhados por agentes da policia local.

Podem-se formar destacamentos compostos ao mesmo tempo de mancebos pertencentes aos estabelecimentos de instrucção e quaisquer outros.

Nas guarnições militares e suas proximidades, a auctoridade militar fiscalisa a marcha da instrucção, devendo assegurar-se se a instrucção é dada conforme o respectivo programa. Fóra das cidades de guarnição, esta fiscalisação pertence aos comandantes dos districts de recrutamento.

Nos dias de festa ou em certas circunstancias solenes os destacamentos podem tomar parte nas revisitas passadas ás tropas do exercito mediante auctorisação dos comandantes militares, que se entenderão para esse efeito com as auctoridades civis e com as pessoas dirigentes dos mesmos destacamentos.



BIBLIOGRAFIA

Manual de guerra, por *Carlos Alberto Corrêa*, tenente de cavalaria.

Mais dois volumes, o 2.^o e o 3.^o, nos foram oferecidos pelo nosso illustre e presado camarada sr. tenente Carlos Corrêa, do seu *Manual de guerra* a que já n'este logar nos temos referido.

Os dois volumes agora publicados tratam, o segundo, da resolução de temas tacticos, e o terceiro do jogo da guerra, sendo dois livros muito interessantes e curiosos que veem facultar os meios de todos os nossos camaradas poderem completar a sua instrucção sobre tão importante assunto, pois que são dois livros que muito naturalmente se completam.

No segundo volume descreve com muitos detalhes e clareza a maneira de resolver quatro problemas tacticos, que versam respectivamente os seguintes assuntos: marcha de um destacamento para o inimigo; destacamento com reconhecimento em paiz inimigo; acção retardadora de cavalaria contra uma columna de todas as armas; e exercicio de estacionamento e de combate.

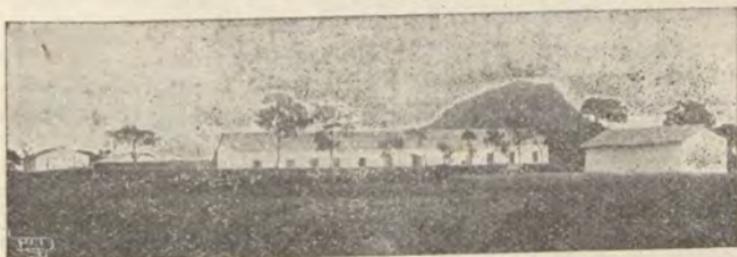
Na primeira parte deste segundo volume indica, porem, o metodo de execução do trabalho, descrevendo qual a marcha natural, intellectual e logica que se deve seguir na resolução de todos os temas em harmonia com as regras e preceitos da tactica e dos regulamentos. Os problemas a que já nos referimos são então resolvidos segundo essas regras, que faz acompanhar

d'uma larga discussão de todas as questões de detalhe para mostrar e justificar a resolução que se deve tomar.

O terceiro volume, dedicado ao jogo da guerra, não é menos interessante e curioso do que o anterior. Mostrando e definindo o que é o jogo da guerra e pondo em evidencia qual a sua importancia, descreve as regras a que se deve obedecer para que a instrucção tactica por este processo ministrada seja util e proficua e indica qual o material que se deve empregar, exemplificando em seguida como a instrucção deve ser ministrada.

A este volume junta um annexo que é verdadeiramente precioso para todos os que queiram dedicar-se a esse ramo de instrucção, pois que nêle indica qual a composição do exercito em campanha, formaturas das diferentes armas e seu emprego, velocidade de marcha, profundidade das colunas e duração do desfile das unidades, que são elementos que é sempre necessario ter bem presentes para a resolução dos problemas do jogo da guerra.

Ao sr. tenente Corrêa as nossas felicitações por mais estas manifestações da sua actividade, e os nossos sinceros agradecimentos pela sua oferta.



Secção do estrangeiro

Espanha.—**Metralhadoras.**—A infantaria espanhola conta actualmente com 14 grupos de metralhadoras, composto cada um de duas secções de duas metralhadoras.

De estes grupos, 8 estão affectos ás seguintes brigadas organicas: 1.^a e 2.^a da 1.^a divisão, 2.^a da 2.^a divisão, 2.^a da 4.^a, 1.^a da 5.^a, 1.^a e 3.^a de caçadores e brigada de Ceuta.

Os restantes grupos formam parte integrante dos seguintes corpos:

Regimento de S. Fernando, Ceriñola, Melila e Africa e batalhões de caçadores de Catalunha e Segosbe.

No orçamento do ministerio da guerra em vigor, figuram mais dois grupos, que ainda não foram criados, para as brigadas 1.^a da 4.^a divisão e 2.^a da 5.^a.

Suecia.—Um novo projectil iluminante para armas portateis.—Ultimamente um sueco, Carsten Albert Schade-Erlandsen, inventou um cartucho de sinais que póde ser usado nas armas de calibre reduzido, ao contrario do que acontecia

com os antigos artificios do mesmo genero, que apenas se podiam usar nas de grande calibre.

Em um cartucho metalico analogo ao de guerra vae a carga propulsora, de polvora negra ou sem fumo.

O projctil é ôco, contendo uma composição illuminante sobre a qual assenta um pequeno tubo de chumbo, introduzido com forçamento no projctil e cheio de uma composição de combustão lenta, tendo-se interposto, entre esta composição e aquella, uma camada de polvora.

O projctil é fechado por uma capsula, cujo fundo tem um orificio para a communicação do fogo da carga propulsora ao projctil.

O peso da composição de combustão lenta é calculado por fórmula que, só depois do projctil ter percorrido uns 150^m, ella tenha ardido, communicando então fogo á camada de polvora que expelle a capsula, deixando sair a chama côrada da composição illuminante,

Exteriormente este cartucho distingue-se do de guerra por um certo numero de riscas pintadas com a côr da chama da composição

O seu poder illuminante é tal que até cerca de 3^{km} se reconhecem nitidamente as diferentes côres, podendo organisar-se um codigo de sinais.

Alemanha. — Criação de novas unidades. — Durante o ultimo ano criaram-se na Alemanha as seguintes unidades novas: Em 1 de abril uma inspecção de communicações militares; uma inspecção de aeronautica e automobilismo militar; 1 regimento de artilharia a pé de 2 batalhões de 3 baterias. Em 1 de outubro organisaram-se 82 companhias de metralhadoras, affectas a outros tantos batalhões de infantaria; uma companhia de instrucção de metralhadoras, 1 batalhão de aerosteiros e 1 batalhão de automobilistas de 3 companhias.

As modificações organicas mais importantes effectuadas na infantaria no mesmo periodo de tempo foram as seguintes:

Criação de 108 companhias de metralhadoras; diminuição de 1 tenente por companhia nos corpos de efectivo reforçado e de 1 cabo e 20 soldados nos batalhões de efectivo reduzido; aumento do efectivo do regimento 172, de guarnição em Neuf-Brisach.

Com estes aumentos e diminuições o efectivo total da infantaria alemã augmentou de 2.000 homens.

Cada companhia de metralhadoras compõe-se de 4 officiaes, 10 sargentos, 60 serventes e conductores, 20 cavalos de tiro e 6 de sela.

Emprego do cinematografo como meio de instrucção. —

Segundo informa o *Armeblatt* tem-se empregado em algumas guarnições o cinematografo como meio de ensino no exercito alemão. Será empregado para mostrar aos soldados o desenvolvimento das diversas fases do combate ou incidentes do serviço de campanha de toda a natureza, de forma a pôr bem em relevo as faltas cometidas e a maneira de as corrigir e evitar.

Este processo já tem sido empregado na Russia, com excellentes resultados.

Recrutamento de 1910. — Os resultados do recrutamento em 1910 são os seguintes :

O numero de mancebos recenseados foi de 1.245.363, cifra que se decompõe assim :

Mancebos de 20 anos, 540.624 ; idem de 21, 367.560 ; idem de 22, 286.289 ; outras idades, 50.890.

As classificações deram o seguinte resultado :

Excluidos, 890 ; sujeitos a revisão, 750.019 ; alistados por antecipação no exercito como voluntarios, 39.960 ; classificados para a *landsturm*, 145.226 ; na reserva de recrutamento, 92.959 ; e incorporados nas fileiras, 216.309.

Os classificados para a *landsturm* foram : 279 por sua situação civil ; 210 por excederem o efectivo ; e 144.737 por pouco aptos fisicamente.

Os destinados á reserva de recrutamento foram 7.010 por sua situação civil ; 3.077 por excederem o efectivo ; e 80.762 por pouco aptos fisicamente.

O numero de voluntarios que nesse ano se alistaram no exercito com diferentes idades foi de 64.077, atingindo por isso o numero de mancebos alistados a cifra de 268.230.

O numero de mancebos com aptidão fisica foi pois de 53 %.

Italia. — Criação de novas unidades. — Um decreto de 7 de dezembro de 1911 prescreve que em consequencia do envio de um corpo expedicionario á Tripolitania e á Cernaica, se aumentem as unidades da peninsula como segue :

a) *Infanteria* ; 24 batalhões de infantaria de linha a 4 companhias ; 3 batalhões de bersaglieri de 3 companhias.

b) *Cavalaria* ; 5 esquadrões.

c) *Artilharia* ; 2 grupos de artilharia de campanha de 3 baterias ; 4 grupos de artilharia de montanha de 3 baterias ; e 4 grupos de artilharia de praça de 3 companhias.

d) *Engenharia* ; 2 batalhões de engenheiros de 3 companhias.

Em consequencia destes aumentos os quadros do exercito italiano aumentaram como segue : 20 officiais de carabineiros ; 342 de infantaria ; 21 de cavalaria ; 121 de artilharia e 20 de engenharia.

O orçamento do ministerio da guerra para 1911-1912 aumentará de 1 milhão de liras para fazer face ás despesas a que dará origem este decreto.

Suissa. — Cursos de equitação para officiais de infantaria. — A organização militar do exercito suiso prescreve que os capitães de infantaria tenham montada. Com o fim de facilitar a execução desta medida, a comissão de remonta foi auctorizada a fornecer cavalos ás sociedades de officiais que os solicitem.

Os cursos, organizados militarmente, serão dirigidos por um professor de equitação, cuja eleição ou escolha deverá ser sancionada pelo ministro da guerra.

As sociedades tomarão a seu cargo as despesas de alojamento dos cavalos e seus tratadores, assim como as despesas de veterinario e medicamentos. A administração militar ficará a seu cargo com as despesas de transporte, alimentação e ferragem dos cavalos, assim como com o salario dos tratadores á razão de um homem por cinco cavalos.

CONSULTAS

28.^a — Os diversos cursos das escolas regimentaes tem equivalencia com algum dos graus de instrucção primaria e com as habilitações litterarias adquiridas nos lyceus e em outros estabelecimentos de instrucção?

Não tem.

29.^a — Tendo, quaes são as equivalencias dadas aos cursos de habilitação para 1.^{os} cabos, 1.^{os} e 2.^{os} sargentos, e da escola central de sargentos; e em que caso produzem effeito essas equivalencias?

Não existindo nenhuma equivalencia entre a materia litteraria a que o consulente se refere e os cursos professados na escolas primarias e outros estabelecimentos de instrucção, para effeito de diplomas, no emtanto, os cursos adquiridos nas escolas regimentaes e central de sargentos, alem de servir de habilitação aos diversos postos do exercito, constituem uma das preferencias, e das mais importantes, para a distribuição das cathogorias dos empregos publicos, destinados a sargentos.

30.^a — Não será iniquo e contraproducente cercearem-se, por meio de um regulamento, regalias inherentes a determinado posto, concedidas por outro regulamento anterior, mórmente, não affectando essas regalias de nenhuma fórma o thesouro publico?

A «Revista» entende que não, quando esses regulamentos tem por fim desfazer abusos estabelecidos por outros que não interpetraram intelligentemente e o espirito da lei cuja execução se poz em pratica.

Entretanto parece-lhe tambem que, se algum regulamento vem lesar direitos justamente adquiridos, sem que d'ahi resultem beneficios para a Patria e para a Disciplina, e, alem d'isso, se attendermos que pelo § unico do artigo 24.^o da Constituição Politica da Republica, são considerados provisorios todos os regulamentos elaborados para a execução das leis que não estejam sancionados pelo Congresso, os prejudicados poderão apresentar as suas reclamações aos respectivos Poderes do Estado, em harmonia com as disposições das doutrinas expressas nos artigos 30.^o da Constituição e 24.^o do regulamento disciplinar.

31.^a — O n.^o 5.^o do § unico do artigo 4.^o do regulamento do Conselho Superior de Promoções, comprehende o caso em que o recorrente seja praça de pret?

Não comprehende.

32.^a — Poderá uma praça de pret recorrer directamente sobre pretensão de promoção e antiguidade, sem que o assumpto do recurso seja submettido pelo Govern.^o ao referido Conselho de Promoções, como dispõe o citado n.^o 5.^o?

Póde reclamar, pelas vias competentes, á Secretaria da Guerra sobre qualquer erro que possa existir na lista de antiguidades dos sargentos ajudantes e 1.^{os} sargentos.

33.^a — Não podendo recorrer, qual a razão juridica que a tal se oppõe?

A razão que a tal se oppõe, fundamenta-se no facto de ter sido elaborado o regulamento do Conselho Superior de Promoções para pôr em execução alguma das disposições da carta de lei de 12 de junho de 1901, que só comprehende, em toda ella, os officiaes.



15.º ANNO

MAIO DE 1912

N.º 5

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

Os quadros da infanteria

Ha já uns mezes que não nos temos referido á questão dos quadros da nossa arma criada pela ultima organização do exercito, porque informações que nos merecem certo credito nos dizem que em breve esse assunto será discutido, tratado e devidamente considerado no parlamento.

A nós não nos repugna acreditar que assim seja porque a justiça da nossa causa é tão clara e patente que não pode deixar de ser feita na primeira ocasião propicia que apareça.

Apezar de confiarmos que a nossa arma será brevemente atendida de maneira a fazer desaparecer os inconvenientes resultantes da precipitação com que foi promulgada a organização do exercito e que criaram á infanteria uma situação embaraçosa, não podemos nem devemos ficar eternamente mudos perante as promessas que se fazem, porque se as palavras são boas, os factos melhores são quando correspondem ás aspirações de todos, quando satisfazem o espirito e mesmo a sêde de justiça, e quando tambem se harmonisem com as necessidades do serviço.

Pela lei vigente todos sabem que nada disso se deu;

as aspirações da arma ficaram longe de ser attendidas; o espirito de justiça deixou muito a desejar e as necessidades do serviço ficaram bastante agravadas e até comprometidas. Os subalternos e sargentos foram metidos num verdadeiro bêco sem saída, os officiaes superiores ficaram numa percentagem que não se aproxima da que foi concedida ás outras armas e todo o quadro, em geral, ficou numa *magreza* em relação ás outras armas, e muito especialmente em relação ás exigencias do serviço, que bem se pode considerar atacado de uma anemia profunda que sériamente pode comprometter a vitalidade da arma e consequentemente do exercito.

Em virtude dessa orientação as companhias ficaram e ficarão por longos anos sem comandantes idoneos e os regimentos sem um auxiliar immediato do comando, cuja falta muito se faz sentir mesmo em tempo de paz.

Pois bem; enquanto ha apenas alguns mezes que entre nós se estava seguindo esta orientação, que é a orientação da *magreza*, do enfraquecimento, no exercito francez estava germinando a ideia contrária a esta.

O atrazo das promoções, o envelhecimento dos quadros e a sua limitada consistencia fizeram vêr aos legisladores militares que o exercito francez estava sendo atacado de varias causas de enfraquecimento que muito podiam comprometer a sua consistencia e os interesses da defeza nacional.

Alem disso, tinha se feito ha anos uma organização da artilharia que teve por fim augmentar e rejuvenescer os quadros desta arma e torna la consequentemente uma das primeiras artilharias do mundo. A infantaria nessa occasião não foi atendida, continuando a ser atacada pelas mesmas causas que dia a dia mais lhe faz sobresaír a sua inferioridade sobre todos os aspectos em que podesse ser considerada.

Pela emulação natural e legitima e pelo patriotico desejo que os infantes francezes sempre mostraram em querer coloborar digna e honestamente na defeza da sua patria, souberam fazer prevalecer a justiça que lhes assistia, fazendo com que ha mezes o então ministro da guerra, o snr. Messimy, apresentasse ao parlamento um projecto de lei em que esta arma é colocada não só no mesmo pé de egualdade em que se encontram

as suas irmãs e especialmente a artilharia, mas também em condições de bem e cabalmente poder corresponder á confiança que o paiz inteiro nela deposita.

Não entraremos agora em detalhes dessa organização e limitar-nos-hemos a apontar os elementos suficientes para se vêr por eles quão diferentes teem sido as orientações seguidas por nós e pelos francezes.

O estado maior do regimento passará a ser constituído por 1 coronel, 2 tenentes coroneis, 1 major, 1 ajudante, 1 tesoureiro, 1 capitão encarregado do material, 1 medico e 1 chefe de banda. Em tempo de paz todos estes officiais estam directamente subordinados ao coronel e são considerados como os seus naturais auxiliares no comando. Em tempo de guerra um dos tenentes coroneis e o capitão ajudante são inseparaveis do coronel, sendo os seus auxiliares directos, tendo o tenente coronel por fim exclusivo substituí-lo immediatamente no comando logo que ele não possa por qualquer situação exercê-lo. E' o verdadeiro *à latre* do commandante e como substituto natural nada mais faz do que auxilia-lo e estar sempre pronto a substitui-lo. E enquanto em França se collocavam dois tenentes coroneis nos regimentos, entre nós tirava-se o unico que existia.

Os regimentos de infantaria passam todos a ser constituídos a tres batalhões de 4 companhias, tendo cada batalhão 1 major e 1 capitão ajudante e cada companhia 1 capitão e 2 subalternos.

Alem disso, para melhor enquadramento das tropas de reserva é criado o *quadro complementar*, que é constituído por 1 major e 6 capitães.

E em vista disto cada regimento de infantaria passará a ser constituído por 1 coronel, 2 tenentes coroneis, 7 majores, 24 capitães e 38 subalternos.

Ora segundo o ultimo *anuario* a infantaria franceza era constituída por :

Coroneis.....	187
Tenentes coroneis.....	300
Majores.....	1.207
Capitães.....	5.236
Subalternos.....	5.458

e se a nova lei chegar a ter sanção parlamentar, como

tudo indica que em breve isso succederá, passará a infantaria franceza a ser constituida por

Coroneis.....	212
Tenentes coroneis.....	433
Majores.....	1.515
Capitães.....	5.831
Subalternos.....	6.318

o que representa um aumento de 25 coroneis, 133 tenentes coroneis, 308 majores, 395 capitães e 860 subalternos.

Este projecto de lei já tem aprovação da comissão de guerra da camara dos deputados, tendo tambem já declarado o sr. Millerand, substituto na pasta da guerra do sr. Messimy, apezar das suas idéias socialistas, que não só perfilhava o projecto do seu antecessor tal qual o tinha formulado, mas que até instaria no parlamento pela sua rapida e pronta aprovação, não só porque via nelle um alivio momentaneo á crise das promoções, mas tambem um meio de melhorar as condições da defeza nacional por se dar á infantaria uma melhor constituição dos seus quadros e por se fornecer ás formações de reserva elementos que não tinham, como são os officiais do *quadro complementar*, que muito as devem valorisar,

E dito isto fazemos ardentes votos que entre nós se ponham de parte idealismos que não se coadunam com as nossas necessidades da defeza nacional que dia a dia se vão tornando cada vez maiores.

Já depois de escrito este artigo foi apresentado ao parlamento uma proposta de lei tendente a regular os quadros da nossa arma e em breve a ela nos referiremos.

ESPINGARDA AUTOMATICA PORTUGUEZA

Chega-nos ao conhecimento de que o Sr. Ministro da Guerra, cuja sinceridade dos seus melhores esforços para levantar o nivel do exercito, moral e materialmente falando, é de todo o exercito reconhecida, o que

merece os aplausos daqueles para quem a ideia da Patria representa alguma coisa de grande e amavel dentro das santas aspirações da humanidade, deu já as suas ordens, ou vai da-las, para que a espingarda portugueza, do invento do sr. capitão Bugalho, seja construida nas fabricas do Estado.

Não se podia esperar outra coisa do sr. tenente coronel Silveira, que tem procurado sempre assinalar a sua gerencia da pasta da guerra, em periodo de tamanha dificuldade, com medidas sensatas que normalisem os serviços do exercito, momentaneamente oscilante por virtude das modificações que se deram como sequencia da politica do paiz.

E' indispensavel que a espingarda portugueza, sem perda de tempo, seja construida, para se poder apreciar com justeza do seu funcionamento.

E' uma necessidade que se impõe.

Precisamos apreciar na pratica todo o valor da teoria em que assenta o trabalho do nosso distinto camarada Bugalho, que em questões de tiro e de armamento é uma autoridade consagrada da infantaria portugueza, que muito se orgulha em o contar no numero dos seus mais distintos officiais, e que por isso mesmo, estamos certos será o primeiro a ardentemente desejar vêr funcionar a sua espingarda.

Feito esse estudo, que já é importante, indispensavel se torna construir umas 3 a 4 espingardas para se apreciar da sua rusticidade, mandando-as para as mãos do soldado, entregando-as ao serviço, e assim se poder avaliar do seu valor como espingarda de guerra.

Só depois destas duas experiencias é que o nosso presado camarada e amigo, o sr. capitão Bugalho, verá consagrado o seu trabalho, merecendo, pelo seu estudo, pela sua tenacidade, pelo seu talento e pela sua habilitade como artista mecanico, o justo galardão e premio ao seu grande merito.

Na Italia, acaba o capitão de Bresaglieri, sr. Cei, de inventar uma culatra automatica para pistola e espingarda.

Depois de feitas as indispensaveis experiencias, o governo italiano, em nome da Patria agradecida, recompensou aquele distinto official por tal modo que ele passou imediatamente a licença ilimitada para se consagrar a trabalhos da industria armeira, para o que tem

não só uma competência especial mas também uma vocação decidida e reconhecida.

Não sabemos o que acontecerá entre nós, paiz pequeno e falho de recursos, mas seja o que fôr, grande será sem duvida a nossa satisfação, como portuguez e oficial de infantaria, vemos a espingarda portugueza consagrada pelo seu excelente funcionamento e excelente ainda como arma de guerra nas mãos do nosso soldado.

E não se julgue que esta ultima circumstancia é de pequena valia.

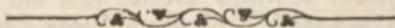
A Suissa, que é uma nação que procura resolver o problema militar praticamente, sabendo que numa guerra europeia terá a desempenhar uma ação das mais dificeis e talvez das mais arriscadas, teme mudar o seu armamento, não obstante o concurso que ha pouco abriu para encontrar a melhor arma de guerra automatica, porque estando o armamento distribuido pelas casas dos seus milicianos, ela bem sabe que não pode contar com aquele cuidado com que nos nossos quartéis são tratadas as espingardas.

A Suissa reconheceu, em documento oficial que temos aqui á mão e de facil consulta, que o seu miliciano não dá garantia segura para a boa conservação da espingarda, e receia entregar-lhe outra menos rustica e que exija mais cuidados de conservação.

Do mesmo modo é necessario que a espingarda portugueza se porte de tal maneira nas mãos do soldado, que satisfaça de tal forma ás exigencias do serviço, que mereça a confiança do mesmo soldado e esteja sempre pronta a funcionar convenientemente.

Urge, portanto, que o Sr. Ministro corte a direito em todas as entraves burocraticas, que é o grande cancro do funcionamento das nossas estações officiais, e, sem delongas, mande proceder ao fabrico das espingardas necessarias para que todas as experiencias sejam feitas a tempo e horas.

Para o outro numero mostraremos a oportunidade que esta ocasião nos traz para a adção no nosso exercito da espingarda automatica.





BATALHA DO BUSSACO

(Continuação do n.º 4)

Ganha a batalha de Wagram sobre os austriacos, do commando do archiduque Carlos, a 6 de julho de 1809, Napoleão voltára as suas vistas para a península e para cá fizera convergir os mais importantes reforços, escolhendo para commandar as forças destinadas á invasão de Portugal o marechal Massêna. Sob o alto commando deste marechal organisou três corpos de exercito: o 2.º ás ordens de Regnier, o 6.º ás ordens de Ney e o 8.º ás ordens de Junot. Três outros corpos sob o commando do marechal Sout, o 1.º, o 4.º e 5.º deviam operar no valle do Tejo. Finalmente, o 9.º sob o commando do marechal Drouet constituia a reserva.

Massêna fôra escolhido para commandar a terceira invasão por ser o general mais experimentado. Bem contra sua vontade aceitou o commando, porque sabia as difficuldades com que ia lutar e, sobretudo, que as intrigas o não poupariam.

Mas, e são estas as causas principaes dos revezes que experimentou, os seus subalternos não lhe obedeciam de boa vontade. Ney era, como Massêna, marechal de França, Junot já havia commandado a primeira invasão, e havia exercido em Portugal o poder suprêmo e Drouet julgava-se independente, desobedecendo, por mais de uma vez, ás ordens de Massêna. A discordia lavrava fundo no estado maior de Massêna e as desobediencias ás suas ordens produziu os peiores resultados. Isto são factos que se não pôdem, nem devem occultar, porque teem de entrar como factôres principaes no estudo imparcial a fazer desta campanha. A boa estrêlla de Welington acompanhou-o sempre e deve dizer-se, porque é a verdade, que todas as suas victorias as deveu mais aos êrros dos seus

contrarios, do que aos seus merecimentos de commandante em chefe. Na batalha de Talavéra a 27 de junho de 1809, se o marechal Soult tivesse chegado a tempo, Welington experimentaria uma completa derrota.

Posto em marcha o exercito de Massêna, a praça de Almeida teve de capitular a 27 de agosto de 1810, depois de uma heroica resistencia das tropas commandadas pelo brigadeiro inglês, Cox, e não capitularia se uma horrivel explosão de um paiol, explosão originada por uma bomba francêsa, não tivesse desmantelado as suas muralhas. A historia da rendição desta praça de guerra póde estudar-se em varias monographias, e na sentença que declara sem culpa o coronel de infantaria n.º 14, Guilherme Cox, governador da praça de Almeida, pela entrega da mesma praça em 1810. Ha ainda uma monographia ácerca da rendição de Almeida, cujo titulo é: — «Memoria biographica do coronel Francisco Bernardo da Costa e Almeida, tenente rei da praça de Almeida em 1810, por João da Silva Mendes, revista e acrescentada por Antonio Ribeiro da Costa e Almeida. — Porto, 1883.»

Massêna tève necessidade de dar descanso ás suas tropas, aproveitando esse tempo para organizar convenientemente os serviços de subsistencias e communicações.

A 10 de setembro as tropas alliadas haviam alcançado vantagens no combate de Fuentes de Cantos, combate em que tomaram parte os regimentos portuguezes: Cav. 3, 5 e 8. Varios outros combates se travaram antes do memoravel dia 27, todos vantajosos para as tropas alliadas luso-britanicas.

Massêna recommençara a marcha, a 16 e a 19 fazia alto em Vizeu encontrando a cidade abandonada. Ahí permaneceu até ao dia 25; nesse dia veio até Tondella, que tambem encontrou abandonada e desprovida de mantimentos. Em 26 poz-se em marcha e a sua guarda avançada encontrou alguma resistencia na passagem da ponte do Cris, resistencia que lhe foi opposta pela guarda da retaguarda de Welington, que retirava sem se importar com as perdas de Ciudad Rodrigo e Almeida. Os alliados, entre os quaes se encontravam os regimentos portuguezes, art. 2; Caç. 1, 3 e 4; infantaria 1, 3, 15 e 16, depois de alguma resistencia abandonaram a ponte e cortaram-a; porém os francêses rapidamente a concertaram para por ella passar a sua artilharia, indo a infantaria

passar num vau a montante da ponte. Estes pequenos combates tiveram por fim dar tempo a Welington tomar posições e receber o reforço dos 10 mil homens do general Hill.

Resolveu-se Massêna a fazer um reconhecimento das posições do inimigo, visto ser sua tenção tornear os allia-dos, e não dar-lhes batalha, a não ser em campo raso, porque então o exito seria todo seu. Executou, porém, esse reconhecimento tão levemente que ficou convencido de que a posição do inimigo lhe cortava, por completo, a estrada de Coimbra. E foi em vista disso que se resolveu a atacar Welington na manhã de 27.

Deixando a descripção da batalha que se acha exposta em muitos auctôres, e magistralmente descripta por Pinheiro Chagas, o que importa fazer é frisar os erros commettidos de parte a parte. A' imparcialidade da critica historica importa apontar o que se fez, e o que se deixou de fazer.

*

* * *

Volvidos cem annos pôde desassombradamente, apreciar-se tudo quanto se passou desde que os francezes pisaram o sólo portuguez na sua primeira invasão até que fôram expulsos de Portugal de vez. Quem tivér hoje de apreciar e narrar factos de ha cem annos não pôde deixar-se influenciar por sentimentos e influencias que sempre preponderam nos escriptores coetaneos dos successos. Cem annos é tempo mais do que sufficiente para reconhecer êrros e, sem tirar uma parcella sequer, aos actos de abnegação, perseverança e intrepidez dos nossos antepassados mostrar, com a força irresistivel da logica, que outros teriam sido os resultados das invasões francezas se a sua suprêma direcção houvéra sido confiada a um commando de prestigio e de saber. Outros teriam sido os resultados para nós se tivessemos luctado sem o auxilio estranho, porque a ninguem é licito pôr em duvida que tanto em Torres Vedras, como sempre em toda a guerra, Welington não defendeu Portugal, defendeu a Inglaterra. Como sempre, e em todos os actos da vida humana, os erros de uns revertem em beneficios de outros; o agiota enriquece á custa dos perdularios que se lhes entregam. Óra na guerra o erro e a falta de uma das partes beligerantes transformam-se em victorias para a parte contra-

ria, victoria que vae servir de corôa de gloria a quem nunca a obteria se as circumstancias fôsem absolutamente differentes. Quem venceu em Waterloo? O erro de Grouchy. Creio não haver duas opiniões a este respeito.

Uma pergunta surge: Se os inglêses não tivessem vindo a Portugal, nós, desajudados, chegaríamos a vencer os soldados de Napoleão? Não ha duvida que sim; seria função de tempo, mas venceríamos. Objectar-se-ha que não tínhamos exercito. Tê-lo-hiamos, como o tivemos; era aproveitar os officiaes de valôr e de prestigio que haviam sahido da escôla do conde de Lippe para organisar o exercito e nós, sós, sem auxilio de estranhos teríamos vencido os soldados de Napoleão, o grande, e as consequencias das nossas victorias seriam mui diversas das que obtivemos. Não teríamos sido tractados com o desamor e, até, abandono com que fomos pela diplomacia europeia. O que obtivemos pelo tractado de Vienna? Humilhações, condicções onerosas, e só vantagens para a Inglaterra que ajudamos a vencer. Ajudamos a engrandecer estranhos á custa do nosso proprio valôr, da nossa nunca desmentida lealdade, e depois regatearam-nos os benefícios a que tínhamos todo o direito. Somos fatalmente levados a concluir que as tropas inglêsas teriam experimentado os maiores revezes se não tivessem a seu lado as tropas portuguezas.

Na batalha do Bussaco as tropas de Ney, incumbidas do ataque na esquerda não entraram no combate senão muito tarde, e depois da total derrota infligida ao corpo de Regnier. Porque não mandou Massêna avançar as reservas? Porque não chamou o corpo de Junot ou o de Drouet? Graves êrros praticou o marechal francês, êrros que o seu contrario tão bem soube aproveitar. Se Massêna se não importa com as forças da serra da Alcôba e segue direito a Coimbra e Torres Vedras, o que seria de Welington? Um êrro trouxe como consequencia não uma derrota, mas uma serie dellas. Isto são verdades que ninguém pôde negar.

Eis o que entendi dever dizer ácerca da batalha do Bussaco. Disse o que senti e não me arrependo, porque não desejo agradar louvando, sem o dever fazer. A verdade historica aqui fica com toda a independencia e isenção.

J. CORRÊA DOS SANTOS
General de brigada de reserva



Instrucção militar preparatoria

Da grande copia de diplomas que desde ha anno e meio a esta parte tem sahido a lume transformando as nossas instituições militares, procurando dar-lhes uma feição acentuadamente miliciana por vezes decalcando-se facilmente o que n'esse abençoado paiz, a Suissa, se pratica, não se tendo todavia prestado uma attenção mais insistente á differença flagrantissima de costumes, de temperamentos, de educação, de recursos, de situação politica, de disposição e constituição geographica, etc., entre os dois paizes; d'essa copia de diplomas, diziamos, aquelle que mais sympathia e carinho nos parece dever merecer dos portuguezes é este: o que decreta e regula a *Instrucção Militar Preparatoria*. Certamente, e ocioso é dizel-o, o nosso povo não está preparado para respeitar, para cumprir, para comprehender sequer, o que seja a noção d'um exercito democratico em que a disciplina, a força *mater* das instituições armadas, outr'ora apenas radicada no espirito dos cidadãos pela prolongada permanencia nas fileiras sob um regimen rigido, severo, de repressão implacavel, tem agora de ser toda expontanea, brotando da propria vontade do militar que, cheio do santo amor patriotico, será subordinado e respeitador simplesmente porque quer ou porque entende que assim é indispensavel para a maior solidez, proficuidade e respeitabilidade da instituição. O nosso povo não comprehende, por ora, as tão peregrinas ideias da disciplina voluntaria. Urge explicar-lh'as e incutir-lh'as. E não é para isso competente a nossa imprensa com as suas dissertações sobre a materia mais ou menos adulterada, de resaibos politicos tendenciosos; nem tão pouco os oradores de propaganda procurando mais o gesto

empolgante, a palavra audaciosa embora por vezes destituída de verdade e de pureza, que arrebatava momentaneamente o espirito da multidão, do que a palavra fria, serena, persuasiva e verdadeira do mestre, do educador que estabelece e desenvolve a theoria, que narra o facto, que deduz o corollario e leva á intelligencia do educando a convicção arreigada e firme do principio doutrinario assim exposto em toda a sua pureza e verdade.

Não, não é a esses que pertence essa missão.

E' indispensavel primeiramente preparar, orientar, e sellectionar bem os nossos professores primarios; é na escola que se tem de fazer a mais importante remodelação. E isto afinal é já coisa dita e repetida infinitas vezes, mas ainda não levada á pratica, porquanto a questão é mais de preparação, escolha e fiscalisação a serio do mestre-escola, do que de substanciosas doutrinas de relatorios, leis ou regulamentos.

Temos n'este ponto que prestar cuidadosa attenção ao exemplo nipponico. Ludovico Nandeanu no seu *Le Japon moderne* explica assim a influencia do mestre-escola nas victorias do Japão. «Desde ha 20 annos o mestre-escola sobre excitava nas massas populares o orgulho nacional e o desprezo pelos occidentaes... Foi da escola primaria que sahiu prompto e a fazer-se matar o combatente da Mandchuria... Por agora as guerras acabaram, mas os mestre escola vão-se tornando cada vez mais os sacerdotes da religião nacional, os proselytos mais convencidos d'um *chauvinismo* em que se confunde o culto pelo imperador, o culto pelos antepassados e a apothese dos heroes».

Ha certamente e isso percebe-se bem, na attenta leitura d'aquelle interessante livro um exagero por vezes ridiculo na educação patriotica da mocidade japoneza, mas em these é digna tal obra de ser imitada entre nós, onde o assumpto tem sido e continua, com raras excepções, a ser absolutamente descurado. De resto quão facil e rapida seria a tarefa de instruir o recruta, de o conduzir, disciplinar e educar para a sua funcção social se na escola tivesse já recebido as primeiras noções de deveres civicos, a primeira cathequese patriotica, isto não fallando já n'essa utilissima aprendizagem das materias que constituem os dois graus da *Instrução militar preparatoria*!...

Mas pelos modos, não obstante a expressa disposição do decreto de 15 de junho de 1911, que achava necessário pôr em execução a *Instrução militar preparatoria*, nada, pelo menos n'alguns districtos, se tem feito, sendo certo até que só n'uma Ordem do Exercito, ha 3 ou 4 mezes, se exoneravam os encarregados da organização d'essa instrução em 4 districtos sem que depois tenham sido substituidos, parecendo assim que se resolveu sobre-estar em tal assumpto, nem sabendo que n'esses districtos proseguissem uns certos trabalhos que esses officiaes haviam encetado para a execução do decreto. Porque se deixaria para o segundo plano um assumpto de tal interesse depois de affirmada a sua urgencia? Falta de recursos orçamentaes? Mas a despeza não seria grande desde que o organisador se limitasse a adoptar a *Instrução militar preparatoria* apenas nas escolas já existentes nas localidades em que houvesse quaesquer unidades e com alumnos que as frequentassem.

A questão capital é da escolha conscienciosa, avessa a influencias e empenhos dos encarregados d'organisar a *Instrução militar preparatoria* e dos instructores. Umhas pequenas gratificações a estes para os estimular no serviço e para as praças encarregadas da limpeza do armamento e material empregado na instrução, e que podia estar a cargo da unidade mais proxima da escola, procedendo se por emquanto analogamente ao que se tem feito para os batalhões de voluntarios. Assim começavam a preparar-se desde já alguns milhares de creanças e iam-se lavrando as bases d'uma organização mais perfeita e vasta, corrigindo-se asperezas, incorrecções e deficiencias sempre inevitaveis n'uma obra insipiente e adestrando o pessoal. Mais tarde e conforme se fosse desenvolvendo e generalizando a instrução e em harmonia com os recursos do thesouro, se iria estendendo a *Instrução militar preparatoria* pelas localidades onde não houvesse unidades militares. Como se vê trata se principalmente d'uma obra em que se exige uma dicidida boa vontade, uma fiscalisação sempre vigilante e em que, attentos os limitados recursos do thesouro, é indispensavel, por emquanto pelo menos, exigir pouco e improvisar muito.

A. P.



A infantaria alemã

O coronel inglez, sr. Repington, que como encarregado por um jornal londrino assistiu ás manobras imperiaes alemãs que no verão passado se realisaram, escreveu no mesmo jornal uma serie de artigos que por muitos titulos são deveras interessantes pela observação e critica que revelam.

Não podemos dar uma ideia desenvolvida das impressões que esse official colheu no proprio campo e por isso nos limitaremos a fornecer aos nossos leitores a parte que directamente se refere á infantaria, que é a que verdadeiramente nos interessa. E com isto julgamos que prestamos aos nossos camaradas um bom serviço, porque nessas impressões e nessa critica se encontra muito conselho e muita regra que não devem ser esquecidas. E assim ficando conhecendo os outros, podemos tambem com criterio seguro ajuizar de nós.

A infantaria alemã, diz o coronel Repington, é certamente uma excellentissima infantaria. A sua arma, os seus cartuchos são melhores do que os nossos ou do que os do exercito francez. Ela tem todo o encanto dos *grandes batalhões* onde não se encontra nunca *deficit* de effectivos desoladores como succede entre nós. A disciplina é estricta, o aspecto fisico dos homens notavel.

As linhas de fogo formam-se com ordem e precisão, os soldados mostram-se atentos ás vozes de comando e obedecem sem hesitação. Conhece-se que a instrucção individual foi ministrada muito cuidadosamente; os movimentos executam-se em silencio e com um cuidado que evidencia uma preparação serena.

Mas colhe-se da infantaria alemã a impressão que os soldados não se dedicam de coração ao seu trabalho. Não se lê nada nos seus olhos. O que se pode vêr

no olhar do soldado inglez ou francez, procura-se em vão no soldado alemão, de aspecto aborrecido, um pouco tímido e com aspecto de maquina. Conhece-se que estes marcham e manobram, não porque o desejem, mas porque a isso são obrigados e que na occasião de uma batalha as suas unidades se confundiriam se os officiaes não estivessem ali para os manter nos seus logares.

As outras armas e os estados maiores tratam de-
veras mal a infantaria durante as marchas. Vê-se a artilharia, a cavalaria e os quartéis generais passar pelas suas colunas ao trote e ao galope cobrindo-a de poeira e sem se importarem em coisa alguma com o mal ou incomodo que isso lhe possa causar.

Os soldados marcham tão proximos uns dos outros como se fosse um rebanho, circulando o ar difficilmente entre elles. O equipamento é arcaico, incomodo para a marcha e incompativel com as exigencias do armamento moderno. Não se pode imaginar um calçado militar mais improprio do que a bota alemã. Não houve marchas penosas nas manobras de Mecklumbourg, mas apesar disso deixavam para traz uma fila de homens fatigados e estropiados, parecendo que não se tomava qualquer medida para os reunir e transportar.

A infantaria durante o combate causou-nos ainda uma maior desilusão. As grandes e pequenas unidades tinham um aspecto arrastado quando se dirigiam para os seus objectivos, é impossivel vêr tropas manobrando em terreno variado com um aspecto de mais desesperada lentidão. A infantaria move-se sem *élan*, sem ardor. A execução das marchas para os seus locais de combate é nitidamente inferior á das tropas francezas. Por toda a parte grandes e pequenas colunas oferecendo a cada instante soberbos alvos ao fogo do inimigo; a infantaria alemã despreza os caminhos desenhados e, logo que se desenvolve, não trata de se abrigar. As patrulhas de infantaria são coisa completamente desconhecida. Recebe-se claramente a impressão que estas tropas nunca experimentaram o fogo.

O principio de enquadrar todas as unidades nas zonas de combate estrictamente limitadas, expõe-as em extremo nos terrenos descobertos; alem d'isso e d'uma maneira geral, o exercito alemão parece desprezar a utilização do terreno. Viu-se linhas de fogo ficar duran-

te horas sem o menor abrigo e a bom alcance do tiro inimigo; os officiaes montados andavam constantemente á retaguarda dos atiradores sem ter na menor conta os efeitos do fogo.

Na ofensiva nunca a infantaria fez qualquer abrigo artificial; na defensiva esboçava algumas trincheiras pouco profundas que revelam a sua presença ao inimigo sem que a protegesse dos projecteis. O trabalho era bem superficial; os homens sem tocar nos seus uniformes limitavam-se de vez em quando a escavar o solo com as suas ferramentas portateis, tarefa esta que parecia absorve-los pròdigiosamente. Nós não vimos uma unica trincheira adaptada ás condições da guerra moderna ou um parapeito capaz de resistir ás balas de pequeno calibre.

A infantaria alemã parece ignorar completamente que as unidades podem apoiar-se mutuamente pelo fogo. Nós nunca vimos um lançaço em frente preparado ou sustentada pelo tiro das fracções visinhas. A unidade pequena ou grande, levantava-se, e depois de precedida pelos officiaes e comandantes de secções, lançavam-se para a frente em passo ginastico e deitavam-se depois lentamente. Durante todo este tempo, a parte da linha que ficava na retaguarda não procurava facilitar o movimento dos camaradas executando um fogo rapido. A regulação e a direcção do fogo pareceram-nos bem pouco scientificos e um jogo bem velho. Só excepcionalmente é que uma ou outra companhia fazia dar ás suas armas todo o seu rendimento.

O infante alemão aponta e atira regularmente se não o apressarem, mas o menor acontecimento o perturba. Nós estivemos um dia detraz de uma companhia da guarda no momento em que lhe foi dada ordem de executar o fogo vivo. Nós apenas vimos que um quarto dos homens é que tomava a linha de mira e o que se fez foi uma especie de *fogo de alegria* na direcção aproximada do inimigo. Fazia-se fogo habitualmente muito lento e parcimoniosamente sobre bellos alvos medianamente afastados e, pelo contrario, rapida e abundantemente sobre linhas desenvolvidas a pequenas distancias. O contrario seria preferivel.

No que diz respeito ao emprego das alças combinadas para aumentar a profundidade da zona batida pelo fogo, a infantaria alemã não tem necessidade de

as empregar porque uma companhia executando o fogo rápido dispersará as suas balas sobre todo o terreno que se encontra na sua frente ate ao horizonte.

A infantaria alemã constitue linhas de fogo muito fortes, com metodo e cuidado, e conserva geralmente bem a sua direcção de marcha em frente. É bem instruida, disciplinada, composta de homens robustos. Mas são estas. as suas unicas qualidades, porque atira mal e os seus ataques são feitos sem ardor. O que ha de peor é a indiferença que mostram os militares de todas as gradações pelo que se passa á sua volta. Quanto aos officiais superiores dos regimentos de infantaria, são demasiadamente idosos e parecem incapazes de poder suportar a terrivel tenção fisica que exigirão as batalhas futuras.

As companhias de metralhadoras da infantaria contam 6 metralhadoras Maxim sobre tronós, transportadas em armões. Dois homens levam, durante o combate, a metralhadora e o trenó, carga que é demasiada pezada para que possam correr. Em principio uma destas companhias é affecta a cada regimento de tres batalhões. Os comandantes destas companhias parece gosarem duma independencia quasi absoluta. Nunca durante as manobras imperiais nos foi dado ver mais de 6 metralhadoras reunidas para uma acção comum, nem mesmo as metralhadoras duma mesma companhia manobrando separadamente. Durante as manobras as companhias de metralhadoras são sempre colocadas perto da testa da coluna.

Em geral os comandantes destas unidades parecem ter sido instruidos com cuidado. Manobram com habilidade e dirigem o tiro naturalmente bem, metendo as suas seis metralhadoras em bateria com muito pequenos intervalos de forma a poderem vigiar de perto toda a companhia. Em terreno plano a metralhadora fica quasi ao nivel do terreno; tres serventes, grupados em volta dela, bastam para a fazer manobrar. Como servem a metralhadora na posição de deitado, é difficil distinguil-as de uma simples linha de atiradores de infantaria. Os destacamentos de metralhadoras avançam algumas vezes para outra posição avançada com as metralhadoras, calculam a alça a empregar, depois esperam que a infantaria chegue á sua altura para abrir sobre o inimigo um fogo violento por surpresa. As com-

panhias de metralhadoras são instruídas de maneira a mudarem rapidamente de objectivo e são habitualmente empregadas com intelligencia.

Mas frequentemente as metralhadoras são levadas nos armões até ao alcance eficaz do fogo duma posição inimiga, e, como as atrelagens só se podem mover com um andamento de enterro, oferecem então um alvo excelente ao tiro do adversario. Em geral, as companhias de metralhadoras estabelecem-se em posições muito expostas e servem-se muito pouco de abrigos naturais ou artificiaes.

A artilharia, depois de haver regulado o seu tiro, pode facil e rapidamente reduzir ao silencio as metralhadoras, mas como se escapam facilmente á vista, é necessario estar atento a todos os seus movimentos.

Em resumo, as companhias de metralhadoras estão bem orientadas e prestarão grandes serviços logo que se comprehenda qual deve ser o seu papel. Nas manobras servem-se de um obturador, colocado na boca do cano, a fim de poderem atirar com cartucho de salva; este aparelho deixa passar muito poucos gazes de maneira a ficarem no cano os suficientes para produzir o recuo e fazer manobrar a culatra movel.

SECÇÃO COLONIAL

Os effectivos militares

Os lamentaveis acontecimentos de Timor vieram lançar abruptamente uma intensa luz sobre a questão dos effectivos militares das nossas colonias, e, por isso, e aproveitando a oportunidade que o caso nos oferece, a este assunto nos vamos hoje referir.

A nossa orientação colonial tem sido sempre detestavel, seja sob qualquer ponto de vista que se encare. E' custoso dizer-lo, mas é conveniente que se vá dizendo para que não haja falsas e erradas versões a este respeito que mais tarde podem acarretar amargas decêções. E se algumas vezes essa orientação tem sido boa, a execução que se lhe tem dado tem-se sempre encarregado de lhe empa-

nar, e mesmo feito desaparecer, as qualidades e virtudes que por ventura tivesse.

A orientação que se tem seguido sob o ponto de vista militar tem então sido tão lastimavel que só um qualificativo especial a podia definir.

E esta afirmação é applicavel aos dias de hoje, aos de hontem e aos de sempre, como de resto não pôde deixar de ser confirmado por todos aqueles que conhecem um pouco a historia das nossas colonias.

Poucas vezes houve nelas a guarnição sufficiente para manter a ordem e garantir os direitos da nossa soberania. Uma e outra coisa teem sido mantidas por vezes com verdadeiras condescendencias, transigencias e humilhações. E quando estas não dão resultado ou quando as auctoridades locais se não submetem á vontade dos chefes indigenas, nem uma coisa nem outra se mantem e por isso o germen da guerra proxima vae seguindo a sua evolução.

Houve uma época em que não se podia pensar em mandar forças para o ultramar, porque logo que a ideia surgia em toda a imprensa se levantava accerrima campanha contra esse facto por se ver logo nêle a ideia de nova guerra. E esta orientação que fez sempre carreira, ainda hoje tem os seus adeptos em larga escala, e, se alguém pensar em pacificar as regiões que estam ainda fóra da nossa acção directa, pôde contar com difficuldades de toda a ordem.

Mas não é necessario tanto. Quem tenha responsabilidades de governo ou na metropole ou nas colonias, vê-se assédiado com pressões de diversas ordens e proveniencias a fim de se reduzir as despezas militares. E frequente é mesmo vêr-se na imprensa reclamar a redução das despezas militares para reduzir os *deficits* coloniais.

A ideia do *deficit* sobreleva tudo; o povo português quer colonias, a imprensa quer colonias, os industriais e commerciantes tambem querem colonias, os politicos servem-se muitas vezes das colonias como meio para mostrar a sua capacidade, competencia e até o seu patriotismo, toda a gente enfim quer colonias, mas quando se lhes pede dinheiro para manter a nossa primeira e mais rudimentar obrigação, como é a necessidade de manter a ordem e assegurar a nossa soberania, todos, indignados, protestam contra as exageradas despezas militares.

E os pobres governos, que da mesma nação são filhos, tendo no seu organismo a tara hereditaria que a todos

pertence, não teem força para reagir, não teem força para abrir rasgados e amplos horisontes ás colonias, e então, para ficarem de bem com todos e até com as suas proprias consciencias, seguem o caminho comesinho que todos pedem e todos desejam. E assim por etapes successivas se tem ido tirando ás colonias as forças militares com que de vez em quando por um ou outro mais arrojado foram dotadas.

O egoismo e o comodismo de muitos teem então de ser pagos por outros, inocentes e sem culpa. E estes outros, estes inocentes e que não teem culpa da nefasta orientação seguida pela nação inteira, são os pobres militares que em pontos distantes e afastados se encontram guarnecendo póstos sem gente sufficiente e quasi sempre sem recursos necessarios não só para manterem a ordem, mas até para se defenderem dos povos indigenas que por ventura os queiram hostilizar.

E' assim que varados por azagaias ou trucidados a machado teem morrido muitos camaradas nossos, que teem sido verdadeiras victimas da falta de elementos de defeza que lhes é negada pela mesquinhês de recursos e de orientação deste povo luzitano que soube abrir ao progresso os horisontes do mundo para os outros verem e gozarem.

E' assim que muitos camaradas nossos, não tendo os elementos para se sustentarem nos postos de observação desse largo horisonte mundial que ainda nos resta, teem por vezes succumbido na Guiné, em Angola, em Moçambique e na India. E foi ainda por esta mesma causa que outro dia estalou a sublevação dos povos de Timor, que reconhecendo que ali não tinhamos força sufficiente para nos mantermos, atacaram varios póstos do interior, ameaçaram a capital da colonia e causaram varias victimas, que duplamente as lastimamos pela sorte que tiveram e pela causa que as motivou, porque se uma é motivo para as suas familias se vestirem de luto, a outra é razão mais do que sufficiente para a nação se encher de crepes. A falta de forças militares era tanta que até um padre missionario, pondo de parte a sua vida de paz, de simples evangelisação, encontrou a morte á tésta duma coluna improvisada. E no entanto a nação viu isto, mas o indifferentismo não só não lhe deixou verter uma lagrima por todas essas victimas, mas tambem nem sequer lhe deixou tirar o respectivo corolário.

Fazendo se face aos primeiros perigos com os escassos

e insuficientes recursos da colonia, assim se mantiveram as coisas até que começaram a chegar recursos de Macau, da India e finalmente de Moçambique. Não analisaremos essas medidas, porque na verdade não havia outras a tomar. Mas se as providencias tomadas não se prestam a conclusões, outro tanto já não diremos com relação ás consequencias que d'ai advieram e que não podemos deixar de apontar.

Com a remessa de vários contingentes militares para Timor forçoso foi desguarnecer outras colonias. Mas se elas se encontrassem em melhores condições do que se encontrava Timor, se ellas emfim tivessem guarnições suficientes, a remessa de alguns contingentes não deveria originar uma causa de perigo. Como, porém, as guarnições que tinham já eram por si insuficientes, logo que elas se enfraqueceram ainda mais com a falta desses contingentes, a causa de perigo ficou clara e patente. E essa causa, tornada conhecida na India, fez logo com que os povos da região de Bicholim se revoltassem. E se não fossem as forças de marinha que ali se encontram sérias dificuldades teriamos a vencer para tornar a repôr as coisas no seu antigo pé.

E tendo-se effectuado há pouco mais de um ano a occupação do interior do districto de Moçambique, o defalque de três companhias indigenas na guarnição da provincia deste nome muito deve prejudicar a consolidação dessa mesma occupação.

Ora, para valer a esta critica situação já criada na India pelo defalque da sua reduzida guarnição, vimos pelos jornais diarios que teve o Sr. Ministro das Colonias de ordenar a deslocação de uma companhia da guarnição de Macau para essa colonia. Se amanhã resurgir uma complicação em Moçambique, será necessario recorrer a Angola, e, estabelecido desta forma o circulo vicioso, em breve chegaremos ao estado de ter todas as colonias sublevadas, vendo-nos, portanto, a braços com tremendas dificuldades.

Esta falta de recursos militares tem pois de ser encarada pelos seguintes aspectos: perigo para os militares que ali se encontram servindo; perigo para o desenvolvimento economico das proprias colonias; perigo para a nossa soberania; e, finalmente, pondo de parte a questão politica e o aspecto moral que o caso revela, o agravamento das despesas coloniais que essas operações de guerra e essas deslocações de tropas nos acarretam.

A todos esses aspéctos já nos referimos mais ou menos largamente. Agora vamos referir-nos ao aspecto das despesas que essas operações originam. Fazendo-se, como ha longos anos se tem feito, a vontade a todos aqueles que reclamam reduções nas despesas militares, teem-se ido desguarnecendo as colonias lenta e successivamente por forma a deixa-las em condições de nem sequer se poderem auxiliar umas ás outras. A India quiz valer a Timor, mas foi necessario que Macau viesse em auxilio da India. E como Macau, e muito especialmente nesta occasião, não pode ficar desguarnecido, vae partir em breve mais um contingente da metropole, para afinal ter de valer a uma e outra.

O quanto custa tudo isso não o sabemos nós ao certo, mas como todos o calculam, certamente podemos afirmar que se sempre se mantivessem as guarnições com os necessarios efectivos o seu custo não seria maior do que a despeza que agora é necessario fazer, e mesmo alguma coisa mais que custasse seria esse acrescimo de despeza generosamente compensada pela ordem, que sempre se mantinha; pelo desenvolvimento economico, que sempre se garantia; e, finalmente, pelo prestigio e auctoridade moral que tudo isso nos dava. A despeza, porem, pode-se já calcular, pois que o Sr. Ministro das Colonias já pediu ao parlamento um credito para fazer face ás primeiras despesas.

Os povos que teem colonias e que delas tratam com amor e carinho não gastam a sua vida, como entre nós se faz, a pedir a redução das suas guarnições. E para o mostrar vamos referir-nos á Holanda, que sendo nossa vizinha em Timor e sendo uma nação pequena como Portugal e tendo colonias com uma extensão territorial muitissimo inferior ás nossas, tem em todo o caso para elas uma guarnição com efectivos muito superiores aos nossos.

O orçamento colonial holandez para o corrente ano prevê os seguintes efectivos: *europeus*, 1.350 officiais e 11.491 praças de pré; *indigenas*, 74 officiais e 23.916 praças de pré.

O exercito colonial das Indias neerlandezas está dividido em 4 brigadas, que foram conservadas na organisação que ha pouco se publicou e cujos topicos vamos tambem indicar.

A infantaria até ao presente era constituida por companhias europeias e indigenas. Cada batalhão tinha qua-

tro companhias, que podiam ser indigenas todas, mas que geralmente tinha uma ou duas europeias. Para que porém todas as unidades ficassem com igual valor e como a orientação tem sido substituir o mais possivel as tropas europeias por tropas indigenas, determina a nova organização que todas as companhias sejam mixtas, isto é, de europeus e indigenas, separadas por pelotões. E assim a companhia passará a ter 4 officiais, 64 soldados europeus e 127 indigenas, e o batalhão 18 officiais, 260 europeus e 511 indigenas.

O numero de batalhões é de 20 de campanha, 4 de deposito, 2 de escolas quadros, 9 batalhões independentes de guarnição, havendo ainda 2 companhias de subsistencias e 7 independentes de guarnição.

A maior parte de estas unidades guarnecem a ilha de Java, devendo ser suprimido o 4.º batalhão de deposito de Sumatra para se criar em sua substituição o 21.º batalhão de campanha, que ficará tambem em Java. A proposito vem dizer que os soldados javanezes são considerados excelentes pela sua disciplina e pelo seu valor.

A cavalaria consta actualmente de 4 esquadrões, de 1 esquadrão de guardas e de 1 de deposito, achando-se todos na ilha de Java.

Com o fim de melhorar a instrucção da cavalaria, os 4 esquadrões serão divididos pelas 4 brigadas á razão de meio esquadrão por brigada. Cada meio esquadrão será comandado por um capitão. Os outros dois esquadrões serão reunidos em grupo na mesma guarnição e sob o mesmo comando com o fim de constituir a cavalaria de exploração.

A artilharia é constituida por 4 baterias de campanha de tiro rapido, 4 baterias de montanha e 15 companhias de praça, todas elas estacionadas em Java, com exceção de 1 que está em Sumatra. Existem além disso estabelecimentos de construcção de material de guerra e uma fabrica de polvora.

O corpo de engenheiros consta de 3 companhias de sapadores e 1 de telegrafistas e caminhos de ferro. O orçamento menciona 5 escalões moveis de telegrafia sem fios e a creação de um destacamento de esta especialidade formado por um official, 6 sargentos, 6 cabos e 12 soldados, todos europeus, assim como a creação de um corpo de telegrafistas de reserva.

As tropas de trem estam organisadas em 2 companhias

A gendarmeria a pé está sempre organizada em pé de guerra e tem um efectivo de 20 officiaes e 1.212 praças de pré.

O corpo de policia armada, colocado ás ordens dos administradores civis, forma uma milicia colonial de 4.200 homens.

Em Meester-Cornelis existe uma escola de sargentos, preparatoria para a escola de officiaes de Kampen, na propria Hollanda.

*

* . *

Já estava composto este artigo quando no dia 16 de abril fomos surpreendidos por uma noticia publicada em varios jornais da capital sobre certos acontecimentos que se tinham dado no districto de Moçambique pelo desgarnecimento causado pela saida do mesmo districto de uma companhia indigena para Angola, outra para Macau e ainda outra para Timor.

Não nos surpreendeu essa noticia, porque não estando consolidada a occupação que ainda recentemente se tinha realisado, natural era que se dessem esses acontecimentos. As previsões que anteriormente faziamos no nosso artigo realisaram-se mais depressa do que nós supunhamos, o que apenas nos infunde um triste pesar.

E para se ver até que ponto a nossa previsão se realisou vamos transcrever d'*C Seculo*, de 16 de abril, a noticia que ao caso se refere:

«Noticiou ha dias o *Seculo* ter-se manifestado uma certa agitação no gentio do distrito de Moçambique.

Infelizmente, pormenores mais circumstanciados mostram que reveste uma certa gravidade a situação no referido distrito.

Os adeptos do sultão Ibraimo e do destemido Farelay, hoje desterrados na Guiné ou em Timor, se não estamos em erro, teem feito uma propaganda ativa no sertão no sentido de aniquilar a nossa ação ali.

E' assim que os regulos de Sangage, do Monapo e do Lurio projetavam, concentrando as suas forças, apoderar-se dos nossos principaes nucleos de resistencia ali montados, sendo o seu plano estrategico cortarem a retirada ás nossas forças e ao mesmo tempo impedir as communicações com a séde do distrito, a fim de que d'ali lhes

não fosse prestado o menor auxilio e assim eles poderem rechaçal-as.

Reveste, pois, uma certa gravidade esta situação e urge agir por fórma que, sufocada a rebelião no seu inicio, se consiga abortar o plano do gentio, que, a ir ávante, far-nos-ha perder uma situação que se alcançou á custa de sacrificios e de muito trabalho, durante anos metódicamente orientado e seguido.

A provincia de Moçambique, pelas qualidades guerreiras dos indigenas e por se encontrarem ali muito bem móntados os diversos serviços militares, tem sido sacrificada pelas alterações de ordem nas demais colonias, e é agora, devido a essa errada orientação, que ela se verá a braços com sérias dificuldades para não se perder o prestigio da nossa autoridade n'uma região desde longos anos insubmissa e hostile.

Se não estivesse a guarnição da provincia desfalcada em tres companhias indigenas de infantaria, que se encontram destacadas em Angola e em Timor, não teriam os comandos e postos militares do interior do distrito de Moçambique sido reduzidos no seu efetivo, e, assim, não teriam os indigenas occasião de pensar em se revoltar.

Dá-se em Moçambique um facto identico ao ocorrido na India.

Aqui é a saída d'uma simples companhia indigena e d'uma secção de artilharia para Macau que dá azo a que os salteadores de Satary formem bandos e assaltem propriedades, fiados na fraqueza da guarnição militar; em Moçambique são os deficientes efectivos militares de outras provincias que obrigam a provincia a ceder ás outras colonias forças que fazem falta á occupação e segurança do seu territorio.

Tal orientação deve cessar: cada provincia que organise os seus serviços militares por fórma que não prejudique os das demais, acarretando dispendios inúteis, e, por vezes, como presentemente se poderá dar agora em Moçambique.

O governador geral, sr. dr. Alfredo Magalhães, tomou já providencias sobre a situação anormal do distrito, ordenando a partida imediata do chefe do estado maior, capitão Batista Coelho, a fim de se informar da maior ou menor gravidade da attitude hostile do gentio, para que se proceda a tempo de se evitar um desastre.»

*

* *

Para valer á India e a Timor vão partir em breve 600 homens da metropole. Amanhã terão de partir outros tantos para Moçambique e com tudo isto se gastará de uma só vez o que se gastaria em 10 anos para ter as colonias suficientemente guardadas. Que o seu valor saiba remir a falta de uma orientação segura, são os nossos desejos e as nossas esperanças.

E digam-nos depois de tudo isto se não é bem errada e prejudicial a orientação que se segue com o efectivo das guarnições militares das nossas colonias.

DAVID RODRIGUES,

Cap. d'Inf.^a

BIBLIOGRAFIA

As experiencias aerostaticas de Bartolomeu Lourenço de Gusmão, por *Gustavo Tedeschi Corrêa Neves*, capitão de artilharia.

Para comemorar o 2.^o centenario das experiencias aerostaticas de Bartolomeu Lourenço de Gusmão foi encarregado pelo *Aero-Club de Portugal* o nosso distincto camarada, sr. Corrêa Neves, de escrever uma memoria sobre o assunto onde se mostrasse não só a prioridade do invento, mas tambem a descrição das experiencias e do balão de ar quente que devido áquelle conterraneo nosso pela primeira vez subiu ao ar.

Com esse fim foi o trabalho, hoje publicado em folheto, dividido em tres capitulos. No primeiro faz-se uma rapida biographia do inventor; no segundo um resumo dos principais documentos que devem servir de base para a reconstituição das experiencias; no terceiro descrevem-se então estas, bem como o aparelho utilizado, a sua forma, material empregado, local, datas e numero de experiencias.

Se a parte descriptiva è interessante e bem mostram as faculdades do seu autor, a parte documental tem então um raro valor por dar ao folheto um verdadeiro cunho de erudição que convence da verdade que se pretende mostrar por uma forma verdadeiramente irrefragavel.

N'este momento que a aeronautica está tomando um largo desenvolvimento e que está abrindo novos horisontes no progresso e na civilisação dos povos, a publicação d'este trabalho tem a mais palpitante actualidade.

E havendo no estrangeiro quem não queira reconhecer a prioridade do invento a um portuguez, pena é que o proprio

Aero-Club ou mesmo as estações officiaes não mandem imprimir em outras linguas o trabalho do nosso camarada, fazendo-se depois uma larga distribuição pelo estrangeiro porque d'esta forma se honrava não só o autor, mas também o nome portuguez.

Ao sr. capitão Corrêa Neves os nossos agradecimentos e as nossas felicitações pelo seu belo trabalho.

Circunstancias do eclipse anular-total de 1912 abril 17 em Portugal.

O major de engenharia, sr. Frederico Oom, 2.^o astronomo do observatorio da Tapada da Ajuda e illustre homem de ciencia, em um elegante folheto publicou as circunstancias do fenomeno que se deu no dia 17 de abril, que foi o ultimo eclipse que no corrente seculo se deu tendo a sua centralidade na nossa Peninsula.

Nestas condições e dando-se mais a circunstancia das tabuas astronomicas não permitirem afirmar se esse eclipse chegaria ou não a ser total, aquele nosso amigo e distincto camarada teve em vista com o seu folheto fornecer a todos os elementos precisos não só para ajuizarem do fenomeno em si, mas também para o poderem observar com pleno conhecimento de causa.

E depois de pôr o leitor ao facto das circunstancias que acompanham todos os fenomenos desta natureza, passa a estudar as que directamente se referem ao nosso paiz, indicando em primorosas estampas, depois de fornecer os dados numericos para muitas localidades, as fases do eclipse para a terra em geral, horas e angulos do começo em Portugal, trajectoria da sombra segundo diversas auctoridades e finalmente o aspecto d'algumas fases do eclipse.

Ao nosso prezado amigo e distincto camarada os nossos agradecimentos pela oferta com que nos honrou.



Secção do estrangeiro

Alemanha. = Cartuchos iluminantes.— As manobras de 1910, na Alemanha, mostraram a grande necessidade que ha de iluminar bem o terreno durante as operações da noite. As grandes e medias distancias, esta iluminação póde-se efectuar por meio de projectores, mas estes, em vista da sua pouca mobilidade, não podem iluminar todo o terreno.

Segundo informa o *Deutsches Armeebblatt*, as tropas de sapadores do exercito de campanha vão, de futuro, passar a ser dotadas com uma pistola de cartuchos iluminantes, que é idêntica ás que já se usaram nas praças fortificadas.

Esta pistola serve para lançar projecteis incandescentes de côres encarnada e branca, servindo os primeiros para fazer sinais entre as tropas distantes uma das outras, e os segundos para iluminar as circumvisinhanças do terreno occupado.

Um cartucho destes ilumina uma zona de 200 metros de raio durante 8 a 10 segundos.

Empregando dois homens, atirando alternadamente, pôde-se pois iluminar o terreno por uma forma continua durante alguns minutos, o que permite lançar sobre o inimigo uma grande quantidade de projecteis, e muito especialmente se se empregarem as metralhadoras.

A crise das promoções. — O ultimo anuario militar tem sido objecto de numerosos artigos na imprensa e nas revistas, que se teem occupado da questão da antiguidade e da promoção dos officiaes. Do estudo do mesmo anuario chega-se ás seguintes conclusões :

Existem actualmente 7 marechais de campo, dos quaes tres são inspectores de exercito, e 12 coroneis generais, sendo tambem tres inspectores do exercito.

Depois do principe Leopoldo da Baviera, o de mais idade dos generais inspectores é o marechal de campo Backu-Polack, que no posto de tenente tem a data de 14 de dezembro de 1860. O mais novo é o principe Frederico, cuja antiguidade no posto de tenente data de 1875.

Entre os commandantes de corpo de exercito o mais antigo é o general Von Bülow, que chegou ao alto posto que hoje exerce com 38 anos de official. O mais moderno, o general Von Pritzelwitz, foi promovido a tenente em 1872 e chegou ao posto actual com 39 anos de official.

Os generais de divisão ascenderam a este posto, em media, com 36 anos de official. Os menos favorecidos precisaram de 40 anos de official e os restantes apenas de 32 anos.

Os generais de brigada prussianos chegam a este posto com 35 anos de official e não poderão alcançar o posto de general de divisão antes dos 38 anos.

Para ser promovido a primeiro tenente são precisos 8 anos, e cinco a sete, segundo as armas, para serem promovidos a capitães, gastando-se neste posto uma média de 11 ou 12 anos.

A partir do posto de major a promoção não é por armas, mas em conjuncto e segundo uma escala geral como entre nós se faz para os generais, e o tempo que se passa nos postos superiores é o seguinte :

- 6 anos e meio no posto de major ;
- 2 e meio no posto de tenente coronel ;
- 3 e meio no de coronel ;
- 2 e meio no de major general ; e
- 4 no de tenente general.

Os officiaes bavaros teem uma promoção mais accelerada do que os seus colegas do exercito prussiano. No Wurtemburgo e na Saxonia as differenças são porém, já menores.

Se a exercito prussiano conta actualmente 288 tenentes com mais de 16 anos de official e 172 capitães com mais de 25 anos de serviço, nestes estados ha sómente 71 capitães que ascenderam a este posto com menos de 12 anos de official; 96 majores que necessitaram menos de 20 anos de official para chegar a este posto; 30 tenentes coroneis com 27 anos de official e 24 caroneis promovidos antes dos 29 anos de serviço.

No conjunto nota-se um grande atrazo, com relação a 1910, nas promoções, sobretudo nos postos subalternos, pelo que reina um grande mal estar entre a officialidade do exercito alemão.

Metralhadoras. — Conforme o disposto no orçamento para o corrente ano, as 108 companhias de metralhadoras que se deverão organizar desde 1 d'outubro ultimo ficarão todas affectas, excéto uma, a um regimento de infantaria, onde passarão a constituir a 13.^a companhia.

A companhia que fica sem ser affecta a um regimento de infantaria, será agregada, como companhia de instrucção, á escola de tiro da infantaria de Spandau.

A distribuição pelos corpos de exercito será a seguinte :

Corpos da guarda, 7 companhias; No 16.^o corpo de exercito, 7 companhias; Nos 2.^o, 5.^o, 6.^o, 7.^o, 8.^o, 9.^o, 14.^o, 17.^o 19.^o corpos de exercito, 5 companhias em cada um.

Os restantes corpos de exercito ficarão a 4 companhias cada um.

A administração e a instrucção destas companhias fica a cargo de um dos batalhões dos regimentos.

França. — A disciplina. — O coronel Klein, comandante do 3.^o regimento de engenharia, em Arras, fez publicar ao seu regimento a seguinte ordem :

«O coronel acaba de receber uma nota do gabinete do ministro da guerra sobre o assumpto d'um sapador que deseja uma licença de 48 horas para tratar de assuntos da familia. Os comandantes de companhia farão comprehender aos seus subordinados o quanto é contrario ao dever militar pedir taes intervenções. Os sapadores devem ter confiança nos seus capitães, e suas familias devem abster-se de processos que prejudicam a disciplina».

Austria. — Reorganisação do exercito. — Segundo a nova lei o serviço militar passa a ser de 2 anos, excéto nos casos seguintes :

1.^o — De 3 anos na cavalaria e artilharia a cavallo ;

2.^o — De 4 annos na marinha ;

3.^o — De um anno para os homens que tenham habilitações especiaes ;

4.^o — De 10 semanas a 8 para os dispensados do serviço militar ou para os incorporados na *ersatz-reserva*.

Depois deste periodo, os homens ficam á disposição do estado como segue :

Serviço de 2 anos : — 10 anos na reserva, com 4 periodos de serviço que comprehenderão, no total, 14 semanas de serviço.

Serviço de 3 anos : — 7 anos na reserva, com 11 semanas de serviço activo, devidida em 3 periodos, ficando isentos durante dois anos da *landsturm*.

Serviço de 4 anos: — 5 anos na reserva e 5 anos isentos da *landsturm*.

Serviço de 1 ano: — A grande maioria destes individuos fazem-se depois officiaes da reserva e devem fazer 4 periodos de serviço activo de 4 semanas cada um.

Serviço de 10 semanas: — 12 anos de reserva com 3 periodos de serviço activo de 4 semanas cada um.

O exercito em tempo de paz será augmentado de 103:000 a 159:000 homens em 3 anos.

O privilegio de não servir mais do que um ano foi reduzido ás seguintes categorias:

- 1.º — Aos que tenham feito estudos secundarios;
- 2.º — Os que se tenham submetido a um exame especial;
- 3.º — Os professores e os estudantes das universidades.

Os destinados á *ersatz-reserve* serão escolhidos de agora em diante por motivo de saude, de familia ou causa de criterio profissional.

Os seminaristas, os proprietarios que cultivam por si mesmo os campos e os que são amparo de familia serão dispensados do serviço militar.

Criação de companhias de ciclistas. — O exercito austro-hungaro não possuía ainda companhias de ciclistas e se desde 1896 funcionavam regularmente cursos desta especialidade em 5 localidades era unicamente para formar simples estafetas. Nas grandes manobras eram comtudo grupadas em unidades provisionarias que geralmente ficavam affectas ás unidades de cavalaria.

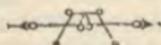
Os resultados obtidos nestas condições levaram as auctoridades austriacas a criar nos 4 batalhões de caçadores uma companhia de ciclistas, o que é feito com a transformação n'esse sentido das suas quartas companhias organicas.

Cada companhia passa a ter um effectivo de 103 homens, todos montados em bicicletas modelo 1910 e armados de carabina de repetição. Cada companhia dispõe ainda de 2 motocicletes para o serviço de estafetas e de 2 automoveis para o abastecimento de viveres e munições.

Suissa. — Transformação da nova arma e adoção de um novo cartucho. — O conselho nacional auctorisou já um credito de 15.710.000 francos para a transformação da arma em serviço e adoção de um novo cartucho com bala ponteaguda.

Segundo a resolução tomada, a reforma effectuar-se-ha num prazo de 4 anos e meio e com ella se resolvem os problemas de aumento de velocidade inicial, força de penetração, tensão da trejectoria, etc.

Esta medida provocou alguma opposição fundada no receio de que em curto prazo se imporia outra renovação pela necessidade de adoptar uma arma automatica.



CONSULTAS

34.^a — Sendo um militar desrespeitado, insultado ou mesmo agredido, por um individuo da classe civil, não estando presente nenhum agente da auctoridade administrativa ou policial, como deverá proceder?

Se o temperamento do offendido não justificar outra fórma de procedimento, deverá prender o provocador e entregal-o á auctoridade competente, conjunctamente com a respectiva participação e mais elementos presumptivos da occorrença. Também poderá recorrer ao tribunal de honra.

Tudo depende das circumstancias em que se der a occorrença.

35.^a — Como deverá proceder o inferior para com o superior, quando este não cumpra o disposto no artigo 12.^o do regulamento de continencias e honras militares de 16 de março de 1911?

Queixar-se, depois de o ter avisado, e pelas vias competentes, ao chefe da unidade ou estabelecimento em que servir. Quando o superior fôr o seu proprio chefe, a queixa será dirigida á auctoridade immediatamente superior.

36.^a — Sendo permittido o uso dos artigos do uniforme do antigo plano, até 31 de dezembro de 1913, pergunta-se: que distintivo deverão usar nas golas dos respectivos dolmans de panno e de flanella, os antigos officiaes de reserva que, pelo decreto de 25 de maio de 1911, passaram-se a denominar «officiaes milicianos», tendo em consideração que, pelo actual plano de uniformes, estes usam o uniforme em tudo igual ao dos officiaes do quadro permanente?

Art. 142.^o Os artigos do padrão de uniformes estabelecidos por este plano (decreto de 7-8-911) só pôdem ser usados com o uniforme completo.

37.^a — O quartelleiro geral dos batalhões separados da séde do regimento tem direito á respectiva gratificação?

Se o batalhão tem alguma praça a quem dê este nome, por concessão especial, tem (circular n.^o 11 da 2.^a repartição da Secretaria da Guerra de 26-1-907).

38.^a — E' permittido usarem-se as insignias das ordens militares extinctas?

E' (O. E. n.^o 8 de 1910 e artigo 80.^o da Constituição).

39.^a — Em virtude das alterações ao artigo 302.^o do regulamento de saude, podem os sargentos dar parte de doente em suas casas?

Póde, tendo familia legalmente constituída (a O. E. n.^o 15 em nada destroe as emendas ao artigo 302.^o da O. E. n.^o 4 de 4 de março de 1911).

40.^a — N'um regimento ha tres cabos: A, mais moderno e impedido no serviço regimental; B, está prompto e faz parte de uma companhia a organizar; C., mais antigo e prompto. Qual d'elles deverá ser transferido para outro regimento?

Quando circumstancias de serviço não justifiquem outro criterio, deverá sahir o que estiver á menos tempo no effectivo da unidade.

41.^a — O tempo prestado na columna de operações organisadas nos territorios da Companhia do Nyassa deve ser contado pelo dobro?

Só se conta pelo dobro, para todos os effectos, o tempo que as praças estiveram destacadas no territorio do ultramar a partir de 13 de mai, de 1896, inclusivé.

42.^a -- Caso affirmativo, pode-se requerer ao governo da mesma Companhia o respectivo averbamento?

Deve, por lhe ser muito honroso.

43.^a -- Tendo-se publicado a titulo provisório umas instrucções vobre tactica, «Regulamento para a instrucção tactica de infantaria, I e II parte», pergunta-se se estas revogam por completo os titulos I e II da tactica que se achava em vigor, ou simplesmente a alteram na parte applicavel.

Os titulos I, II e III da tactica que se achava em vigor foram substituidos pela escola de grupo, ordem extensa, escolas de companhia e batalhão e combate, toques.

Ha mais os annexos ao regulamento tactico de infantaria a instruccões de esgrima e gymnastica.»

44.^a -- Tendo o D. de 25 de maio de 1911, quadro n.º 28, designado que o regimento de infantaria tenha 3 primeiros cabos no estado menor e um contra-mestre de corneteiro, pergunta-se:

a) O contra-mestre fica fazendo parte da 1.^a companhia do 1.º batalhão ou da 1.^a companhia do 2.º batalhão?

b) Os tres cabos são distribuidos pelas 1.^a companhias dos 3 batalhões ou augmentados á 1.^a companhia do 1.º batalhão?

Como ainda a reorganisação do exercito não está em plena execução, nos seus detalhes, nada se poderá responder ao consulente, que o esclareça, porque ainda não foram elaborados todos os regulamentos, que a int'pretem pratica e completamente.

45.^a -- N'um batalhão destacado, quem é o encarregado de dirigir a manufactura dos concertos de vestuario e calçado, bem como os serviços de administração que lhe dizem respeito?

O conselho eventual, que poderá ser auxiliado pelos amanuenses do batalhão, se o commandante ordenar (§ 1.º do art.º 1.º, art.ºs 3.º, 4.º e 28.º da «Organisação e funcionamento dos conselhos administrativos inserto na O. E. n.º 18 de 1911—1.ª serie—e alinea c) do art.º 121.º do regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito.»)

46.^a -- Um 1.º sargento poderá ser impedido como amanuense do conselho administrativo d'uma unidade, ou deve auxiliá-lo directamente?

Impedido não pode ser (art. 11.º da Organ. dos cons. administ.).

Com respeito a auxilio directo, deve só prestar aquelle que a nossa consciencia nos impõe moralmente, para que os serviços corram bem, para gloria do regimento ou unidade a que pertencemos.

Nos mais casos o seu auxilio é indirecto e resume-se a coadjuvar o commandante de companhia, bateria ou esquadrão, a conferir as relações de vencimento das praças e solipedes com o major.

47.^a -- Tendo estado convalescente durante 2 dias, um 1.º sargento, e não tendo este sido substituido no desempenho das suas funcções, como, em geral, nunca é, em tais condições, pergunta-se:

a) Deve ser descontado esses 2 dias na liquidação a fazer nos termos do § 4.º do artigo 15.º do regulamento para a promoção aos postos inferiores do exercito, de 1906?

b) Em caso affirmativo, onde se acha indicado?

a) *Deve, porque esses 2 dias não foram sujeitos a nomeação de escala (art.ºs 191.º e 189.º do regulamento geral para os serviços dos corpos do exercito) e durante os mesmos não desempenhou, officialmente, as funcções do seu posto porque se achava doente no seu quartel.*

b) *Emquanto a esta alinea, a anterior e respectiva pergunta respondem.*



15.º ANNO

JUNHO DE 1912

N.º 6

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL
Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infantaria*
Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

Os quadros da infantaria

A questão dos quadros é uma questão de vida ou de morte para a arma de infantaria a que pertencemos e a qual temos a honra de representar. E é uma questão de vida ou de morte sob o ponto de vista material, moral, tecnico e social, porque se a sua organização e constituição fôr deficiente ou defeituosa não poderão os seus officiaes não só ter as compensações futuras que lhes são devidas e que os seus camaradas das outras armas usufruem, mas tambem e principalmente não poderão fazer, e esse é o ponto capital da questão e para o qual chamamos a atenção de toda a gente, com que a arma que dirigem possa corresponder, pelas deficiencias organicas, á alta missão que lhe é confiada.

Ter bons officiaes é excelente, mas para que o seu trabalho, o seu esforço e a sua dedicação e competencia produzam os fructos que todos desejam e a nação precisa, indispensavel é coloca-los, reuni-los, agrupa-los por fórma a que todos os serviços possam correr normalmente, sem dificuldades, entraves e attrictos. E se esta é uma obrigação a que não se podem nem devem furtar os poderes superiores e as entidades e persona-

lidades a quem estão confiados os destinos do exercito, uma outra consiste em recompensar os que trabalham, os que labutam e os que consomem a sua existencia a favor duma causa, condignamente, e de maneira a que não haja desigualdades, que redundam sempre em verdadeiras injustiças.

A primeira dessas obrigações refere-se aos interesses da arma, ás condições de serviço, e a segunda aos interesses e á justiça que assiste aos seus officiaes. Sobre as condições de serviço já temos dito o sufficiente para mostrar, estamos crentes, por uma fórma que não admite contestação, que muito ha a modificar para que tudo corra com a regularidade precisa, que todos desejam e mesmo que a nação não prescinde. Sob o ponto de vista da justiça que assiste aos seus officiaes se alguma cousa temos dito muito mais temos e teremos ainda para dizer.

Não sabemos bem qual o éco que terão tido as nossas palavras, simples e desataviadas, embora ditas pelo grande amor que consagramos á arma a que pertencemos e pelo muito que desejamos que todos os seus serviços corram por fórma a só merecerem elogios e encomios, o que será sinal evidente de que corresponde á alta missão que lhe é imposta e á confiança que todos nela devem depositar. No entantó, se não é grande o muito que temos conseguido, não podemos deixar de assinalar uma proposta de lei que no mez passado foi apresentada ao parlamento, pois que embora ela não corresponda cabalmente aos nossos desejos e ás aspirações da arma, é, em todo o caso, uma prova eloquente da razão que nos assiste.

E' ella do teor seguinte:

«Senhores Deputados:

O decreto com força de lei de 25 de maio de 1911, organisou os quadros dos officiaes das differentes armas e serviços do exercito em harmonia com o criterio que, certamente, se afigurou ao legislador como sendo o mais consentaneo com as necessidades do serviço, e com o justo equilibrio de promoção que sempre deve procurar estabelecer-se nos diversos quadros.

Infelizmente, porém, a prática veiu demonstrar que, principalmente na arma de infantaria, os moldes ado-

ptados não correspondem a essa expectativa, d'onde resulta não só uma deficiencia na execução dos serviços, como ainda uma desigualdade na promoção dos officiaes d'esta arma em relação aos dos outros quadros, desigualdade que os colloca em uma situação de inferioridade que urge remediar de prompto.

Pelo que respeita a execução dos serviços, citarei, como exemplo, o facto do cargo de ajudante dos regimentos de infantaria de reserva estar confiado a tenentes. Na maioria dos casos esses officiaes não estarão habilitados a desempenhár essas funcções, que muitas vezes vão até á substituição do proprio commandante, por falta de pratica.

Os inconvenientes que d'ahi pôdem advir, tratando se de um serviço de tal responsabilidade como é o das unidades de reserva, são por tal fórma evidentes que inutil se torna enumeral-os; parecendo-me, pois, indispensavel, que esse cargo passe a ser desempenhado por capitães.

Notória é, ainda, a falta de officiaes superiores de infantaria para o desempenho de commissões eventuaes que obrigam a deslocal-os do serviço regimental, que nunca pôde nem deve ser privado dos seus quadros completos.

No que se refere ás desigualdades de promoção, devo dizer que os officiaes da arma de infantaria estão vendo os seus camaradas das outras armas e serviços, ganhar sobre elles, em certos postos, avanços na sua carreira que, por vezes, chegam a attingir differenças de quatro, cinco, seis e mais annos. Tal situação, que está já causando profundos desalentos na arma mais numerosa, pôde accarretar lamentaveis consequencias para a disciplina e para o bom nome do exercito.

E' sabido que em nenhuma corporação mais do que na collectividade militar, é indispensavel manter a fôrça moral, para ella tão valiosa como a propria fôrça das armas.

Desejando contribuir com o meu pequeno mas sincero esforço, para que se mantenham integras as tradições do nosso exercito, atrevo-me, pois, Senhores Deputados, a apresentar um alvitre que, sem prejuizo das modificações que o referido decreto com fôrça de lei de 25 de maio de 1911, venha e deva soffrer, a quando da sua revisão pelo Parlamento, acuda, por

agora, á situação insustentavel em que se encontram os officiaes de infantaria.

E' evidente que da remodelação que proponho resultaria um augmento de despeza, insignificante é certo, mas que nem por ser pequeno eu desejo que venha sobrecarregar o thesouro publico, motivo porque faço, para mim, depender a approvação do projecto de lei que tenho a honra de submetter á vossa apreciação, da transferencia de verbas que, na proposta orçamental do Ministerio da Guerra, a nossa commissão de finanças — a cuja inexcedivel dedicação e patriotismo eu aproveito o ensejo de prestar as minhas homenagens — possa, pelo seu consciencioso estudo, conseguir.

E' n'estas condições que submetto ao vosso superior criterio o seguinte:

Projecto de lei

Artigo 1.^o — O quadro permanente definitivo da arma de infantaria é, na sua totalidade, constituído pela seguinte fórma:

Coroneis	54
Tenentes-coroneis	54
Majores	118
Capitães	375
Subalternos	600

Art. 2.^o — Fica revogada a legislação em contrario.

Sala das sessões da Camara dos Deputados — Lisboa, 20 de abril de 1912. — O deputado — (a) *Moraes Rosa.*»

Esta proposta vem em parte atender ás aspirações da arma e por isso a registamos com muita satisfação. Não sabemos o que os ilustres membros das duas casas do Congresso Nacional pensam a seu respeito. Talvez achem muito ou talvez achem pouco. A estes nada temos a dizer, porque as razões que os levarem a julgar que desta fórma a justiça ainda não é completa, certamente são as mesmas de que nós estamos possuidos. Aos que, porém, julgarem que é muito, alguma coisa temos a dizer para seu esclarecimento, e com esse intuito vamos a analisar essa proposta.

Não encareceremos as razões que levaram o autor da proposta a proceder dessa forma e que indica no preambulo do seu projecto de lei, porque já estão devidamente esclarecidas. São, porém, razões de serviço as que se apresentam, pois que visam a preencher certas deficiencias e lacunas da lei que a pratica tem evidenciado. Essas considerações pódem ainda ser reforçadas com a equidade que deve existir na constituição dos quadros das diferentes armas para não se darem desigualdades que prejudicam, ferem e até ofendem os brios das corporações injustamente desatendidas.

Essas desigualdades já as temos apontado com a hombridade que o caso reclama, mas hoje poderemos ainda dizer que essa proposta, apesar dos seus intuitos, ainda não consegue fazer desaparecer as diferenças que temos apontado, deixando, portanto, a nossa arma em manifesta inferioridade, sob o ponto de vista dos quadros, em relação ás suas irmãs de combate. E se não vejamos.

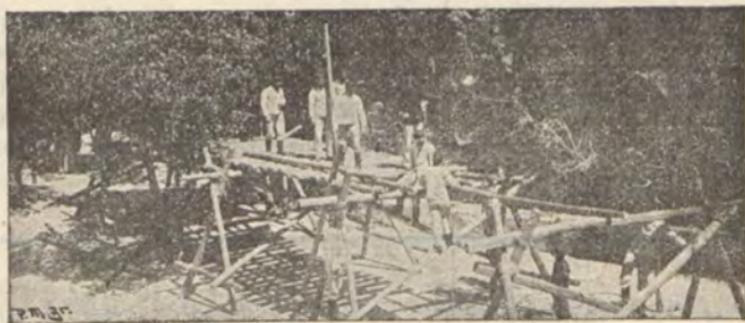
Estabelecendo a relação entre categorias de postos das armas de engenharia, artilharia a pé, artilharia de campanha e cavalaria, segundo os seus quadros definitivos e tomando para a infantaria o quadro definitivo fixado na lei e o quadro agora proposto, encontramos o seguinte resultado:

Armas	Capitães para maiores	Majores para ten. cor.	Capitães para oficiais su- periores	Majores para ten. cor. e coroneis	
Engenharia	2,86	1,87	1,43	1	
Artilharia a pé.....	3,13	2,14	1,62	1,07	
Artilharia de campanha.....	3,10	2,15	1,61	1,07	
Cavalaria	2,9	2,14	1,50	1,07	
Infanteria {	Quadro vigente	3,17	2,38	1,65	1,09
	Quadro proposto	3,18	2,18	1,65	1,09

Este quadro julgamos que tirará todas as duvidas áqueles que por ventura as tenham sobre a justiça da nossa causa. A arma de infantaria, apesar dêsse au-

mento, ainda ficã com uma relação que accusa o desfavor em que se encontra em relação a todas as outras armas e isto mesmo em todos os postos. Sempre bastarda em tudo a nossa arma, e ninguem poderá dizer que perdeu esta qualidade com a nova proposta, pois que, não obstante esse pequeno aumento, ainda fica sendo a engeitada.

Nêsse projecto de lei agora apresentado, não se vão remediar defeitos de constituição dos quadros da arma nem se vae fazer desaparecer as causas de inferioridade e de injustiça que por todos são reconhecidas. Esse projecto de lei atenua um pouco os efeitos dessas causas e isso justo é dizer-se que já é alguma cousa. Em todo o caso não é tanto que possa auctorisar alguem a supôr que seja muito. E dito isto julgamos ter dito o suficiente para mostrar aos illustres membros das duas casas de parlamento que aprovando essa proposta apenas praticam um pequeno acto de justiça.



Conselhos eventuaes

O regulamento para a organização e funcionamento dos conselhos administrativos preceítua no seu artigo 3.º que os conselhos eventuaes sejam constituídos pelo comandante da força destacada, como presidente, e, como vogaes, pelos dois officiaes mais graduados ou antigos, que d'ela façam parte.

No 3.º batalhão d'um dos nossos regimentos, que se acha permanentemente isolado, succedeu que os dois vogaes do conselho eventual, faziam parte do quadro da companhia de recrutas, cujo serviço é evidentemente

incompatível com o do conselho eventual (especialmente com o do thesoureiro-secretario) mórmente na 1.^a incorporação, que, por ser no inverno, exige que toda a instrucção, excepto a gymnastica, seja dada ás horas em que as secretarias estão abertas. Expoz-se essa incompatibilidade para o comando do regimento, e de lá responderam... que, com bõa vontade, tudo se fazia.

Não é bem assim. Fazem-se sacrificios quando é necessario, mas não ha o dever moral de os fazer, quando se vê obstinação em não fazer chegar aos poderes superiores as deficiencias e incoherencias de alguns regulamentos.

Vejam os. Quem é o secretario thesoureiro do conselho administrativo d'um regimento? Um subalerno da administração militar, isto é, póde ser um alferes modernissimo. Quem o substitue nos seus impedimentos? Um capitão ou subalerno da arma a que pertencer o regimento, isto é, póde ser um alferes ainda mais moderno.

Vejam os mais. Quem é que, taxativamente, exerce as funcções de thesoureiro-secretario no conselho eventual? O 3.^o official mais graduado e antigo, presente na unidade; isto é, nos batalhões isolados, tal cargo será normalmente desempenhado por um capitão.

Do exposto se deduz que nos conselhos administrativos, onde o serviço e a responsabilidade do thesoureiro-secretario são enormes, pódem estas funcções competir a um alferes de fresca data; nos conselhos eventuaes, onde o serviço e responsabilidade são consideravelmente menores, embora grandes, cabem essas funcções ao 3.^o official mais graduado e antigo, que nos batalhões isolados será normalmente um capitão. E' ou não é um contracenso? Sem duvida.

E', pois, absolutamente necessario que o thesoureiro-secretario dos conselhos eventuaes seja um subalerno nomeado pelo comandante da unidade destinada, sendo excluidos d'essa nomeação os que fizerem parte do quadro da instrucção de recrutas.

Estamos convictos de que tal disposição será em breve adoptada, para bem não só da instrucção, como ainda do regular andamento dos serviços administrativos.



Educação moral do soldado

Considerações ácerca do modo como deve ser ministrado este ensino aos recrutas

A importancia d'esta parte da instrucção que temos de dar aos novos soldados é muitissimo grande e, convindo, portanto, dar-lhe o desenvolvimento que merece, essa circumstancia me levou a organizar estes apontamentos que, á falta de melhor, poderão servir de guia n'este ensino. Este trabalho foi inspirado n'um pequeno livro, intitulado «Pour nos soldats», do capitão Le Romain, do qual é, em parte, uma adaptação aos nossos regulamentos, contendo ainda, algumas transcrições do notavel livro de Trindade Coelho. — «O Manual politico do cidadão portuguez.»

Sendo o valor das tropas e o exito das guerras todo dependente das forças moraes, como o indica o novo regulamento tactico, que determina se procure desenvolver nos homens a Honra, o Patriotismo, o espirito de sacrificio, assim como a audacia e a iniciativa, facil é concluir que a parte do trabalho do instructor destinada a incutir no espirito dos recrutas estas qualidades moraes, sobreleva em valor ao ensino propriamente tecnico.

Mercê do pouco desenvolvimento que, nas nossas aldeias, tem a instrucção, faltando portanto á maioria dos nossos soldados os rudimentos da educação moral, que a escola lhes deveria ministrar, e que não adquirem tambem no seio de suas familias, chegam elles ao regimento absolutamente alheios a esta acção educativa e, embora o fundo do character do nosso povo seja naturalmente bom, indispensavel se torna aproveitar a passagem dos recrutas pelas fileiras, para lhes incutir certos principios, que formam a base, não só da educação militar, como da de qualquer cidadão.

Esta parte da instrução incumbe especialmente ao official, que procurará explicar com a maior clareza, n'uma linguagem accessivel á intelligencia pouco cultivada da maioria, os assumptos que tiver de tratar, procurando interessar-lhes a attenção.

Quando, porém, se referir a assumptos por sua natureza elevados, como, por exemplo, quando tratar da Patria, do amor que devemos dedicar-lhe, dos sacrificios que por ella devemos fazer e das qualidades moraes que o soldado deve possuir, o official usará, sem prejuizo da clareza e da simplicidade, de uma linguagem entusiastica, que mostre estar elle possuido inteiramente d'aquellas idéias e sentimentos, imprimindo ao que disser um tom de grande seriedade, que terá, como effeito, deixar no espirito do soldado a impressão viva que se lhe pretendia produzir.

O tom leve e facil com que se deve transmittir ao soldado quaesquer conhecimentos theoricos, tem de soffrer modificação, no sentido indicado, para produzir o resultado que desejamos, pois que a physionomia grave do official, a seriedade da sua compostura e dos seus gestos e o tom convicto e caloroso das suas palavras, não se apagarão facilmente do seu espirito, onde se gravará melhor a lição recebida, cuja importancia ficará assim conhecendo d'um modo mais perfeito.

Todas essas noções devem ser repetidas frequentes vezes, até seu completo conhecimento e, pelo interrogatorio de todos os recrutas, formar-se-ha uma ideia do seu character e da proficuidade do ensino, pois o official facilmente conceberá essa opinião, observando o modo como o recruta se exprime sobre os assumptos ensinados, e no fundo do seu olhar e atravez das suas palavras, naturalmente incorrectas, o instructor divisará o feittio moral dos seus homens, o que è de intuitiva importancia.

E, se o official fica, assim conhecendo os soldados, estes, por seu lado tambem ficarão tendo, a respeito d'elle, a ideia que tiver sabido incutir-lhes, e que deve estar em harmonia com a forma sempre correcta porque se lhes deve apresentar, sem rudesas, mas com aquella attitude decidida que convem não perder, em todas as circumstancias.

Os differentes assumptos que adiante vão tratados, convenientemente desenvolvidos e explicados, poderão servir de norma por onde o instructor orientará a sua exposição.

A chegada dos recrutas ao regimento. — Coubeyvos agora a vez de cumprirdes a obrigação do serviço militar. E' natural que este facto venha produzir na vossa vida uma certa perturbação.

Com effeito, sois forçados a deixar as vossas casas e familias para, em nome d'um dever sagrado, cumprirdes a obrigação que se vos impunha de effectuardes a vossa apresentação no regimento.

Como sabeis, são em numero elevado os que acudiram a este chamamento, e os que até este momento se não conheciam, vestidos com o mesmo uniforme honroso que hoje usaes, passam a ser membros da mesma familia, como verdadeiros irmãos, no destino que o dever lhes impôz, como na estima e solidariedade que os deve ligar.

E' possível que, no socego das vossas aldeias, o serviço militar vos tenha apparecido ao espirito como pouco para desejar, suppondo virem encontrar no regimento uma vida cheia de rigores escusados e de durezas insupportaveis e que aqui só acharieis modos bruscos e palavras asperas.

Pelo contrario, hoje, decorridos os poucos dias que tendes passado no regimento, já tivestes occasião de apreciar o que são os vossos superiores, que dedicam toda a sua atenção e boa vontade a ensinar-vos tudo o que precisaes saber para vos tornardes cidadãos uteis e prestimosos, pois que, fazer de vós bons soldados, outra coisa não é do que completar a instrucção que todo o homem valido deve possuir — a de pegar n'uma arma e saber fazer uso d'ella em defeza da patria.

E, no cumprimento d'essa missão de vossos educadores, haveis de ter observado como elles vos tratam sem rigores, que se applicam apenas aos que não escutam os seus conselhos e lições, todas tendentes para o vosso bem e do paiz.

A lei do recrutamento. — Deveis todos saber que, pela lei do recrutamento, decretada pela Republica Portuguesa, o dever de servir a Patria, a honrosa missão do soldado recae sobre todos os cidadãos, sejam quaes forem os seus bens de fortuna, o seu nascimento ou profissão. E' o que se chama *Serviço militar pessoal e obrigatorio*. Até aqui succedia o contrario do que hoje se observa, pois que os ricos pagavam a dinheiro o direito de não virem para a vida militar e os influentes e poderosos se escapa-

vam ao imposto de sangue, que vinha assim a incidir apenas sobre os humildes e desprotegidos.

N'estas condições, comprehende-se que o novo soldado abandonasse a sua aldeia, com amargura, para vir cumprir um dever a que muitos se esquivavam e que, por isso, se tornava mais pesado e difficil de satisfazer.

Hoje, só os fracos e doentes, os impossibilitados é que deixam de ser soldados; mas, se não prestam pessoalmente serviço, contribuem pecuniariamente para as despesas do exercito pagando a taxa militar. Por esta forma todos concorrem para o mesmo fim, cada um na medida das suas forças, uns prestando o auxilio do seu braço, outros contribuindo para as despesas com a defeza nacional.

Por maior que seja o transtorno causado á vossa vida particular com o alistamento nas fileiras do exercito, durante o tempo que dura a instrucção militar, deve ser para vós consolador e motivo de orgulho saber que cumpris um dever de cidadão e de patriota, que não sois a victima d'uma desigualdade ou d'uma injustiça, pois que viestes encontrar, a vosso lado, todos os que estavam nas vossas condições, sem uma excepção, sem um favor em beneficio de quem quer que seja.

Não deveis manifestar tristeza ou pesar n'esta passagem pelo regimento, nem as saudades dos parentes vos devem maguar, pois que haveis de ter occasião de os visitar algumas vezes, n'este periodo, e ainda porque este abandono temporario das vossas familias vos é exigido pelo amor da patria, que vos impõe um dever, que poderá ser pesado, mas é necessaio.

O tempo de serviço militar que incumbe a todo o cidadão portuguez valido, vae desde os 17 até aos 45 annos de idade.

Os primeiros 10 annos, a partir do alistamento, são passados nas tropas activas; os 10 annos immediatos na reserva; e o que decorre até aos 45 annos e dos 17 aos 20 annos na reserva territorial.

Durante os 10 annos passados no activo, o soldado tem de receber instrucção militar, durante 15 semanas, sendo d'infantaria e comparecer depois annualmente ás escolas de repetição, que duram 2 semanas.

Necessidade do serviço militar.—Toda esta fadiga que acarreta o serviço militar é necessaria, pois que, ape-

zar do nosso paiz vir desfructando a paz ha longos annos, é certo que o exemplo observado em outras nações nos indica que poderemos um dia ter de fazer valer pela força os nossos direitos ameaçados. Havemos de estar preparados para nos podermos oppôr ás pretensões do estrangeiro que nos ameace.

A aspiração da paz universal, pondo termo ás luctas entre as nações, não teve ainda realidade e, pelo contrario, nós sabemos que a guerra tem rebentado entre varios paizes, nos ultimos tempos, e nada nos indica que, n'um futuro proximo, ella venha a desaparecer.

E n'estas luctas entre os povos, quem fica peor são os que descuram a sua defeza e não cuidaram da organização do seu exercito. Para que nos não aconteça o mesmo é que devemos estar preparados para essa eventualidade, dispondo de muitos e bons soldados, devidamente armados e instruidos, alem do mais.

Comprehendem já qual a necessidade de aprenderem com interesse e procurarem não esquecer todos os ensinamentos que estaes agora adquirindo, porque cada um de vós sois um dos elementos a quem está entregue a defesa da Patria.

A reunião de todos esses elementos constitue o Exercito, que é o instrumento de que a Nação dispõe para garantir a sua autonomia. Já vêdes qual é a missão primordial que incumbe ao exercito, de que vós começastes, ha pouco, a fazer parte.

Guerras de Portugal com outras nações. — Portugal ha muito que não tem guerra com o estrangeiro. A ultima, ha 100 annos, foi travada contra os francezes, que tinham invadido o paiz e aqui estabelecido dominio, mercê da fraqueza e má organização do nosso exercito, reflexo do abandono em que corria a administração do Estado.

O rei D. João VI e a côrte fugiram cobardemente para o Brazil, quando o invasor nos entrou em casa, nada preparando para a defeza do torrão patrio e antes recomendando que os francezes fossem recebidos como amigos!

Foi ainda o povo quem salvou a nação, revoltando-se contra a dominação estrangeira e iniciando o movimento de rebellião, que foi o principio da lucta heroica que acabou por varrer os invasores do territorio nacional.

Essa guerra ficou sendo conhecida pelo nome de *guerra da independencia* e tambem *guerra peninsular*, por a

lucta ter sido travada na península hispanica, e n'ella tomou parte não só o exercito portuguez, mas tambem tropas inglezas, commandadas por um general tambem inglez, lord Wellington, tendo-se ferido rijos combates, em que os nossos soldados se bateram como leões e se cobriram de gloria.

Entre elles citarei os que tiveram logar em territorio portuguez, posto que a lucta continuasse em Hespanha e mesmo no sul da França, durante o largo periodo de 7 annos, de 1807 a 1814. Os nomes de Roliça, Vimeiro, Bussaco — celebre batalha, cuja commemoração patriótica se fez no dia do seu centenario, 27 de setembro de 1910 — e de Torres Vedras, correspondem a outros tantos feitos valorosos das nossas tropas.

Haveis já de ter ouvido fallar nos episodios d'essa guerra tenaz e prolongada, em que o nosso exercito, combatendo ao lado de tropas da nação nossa alliada, a Inglaterra, se defrontou com o exercito francez, composto na sua maior parte de veteranos encanecidos nas guerras que Napoleão teve com as principaes nações da Europa e que eram commandados por habeis e experimentados generaes.

Na memoravel batalha do Bussaco ha a notar a circumstancia dos regimentos portuguezes serem compostos, em grande parte, de recrutas que ainda não tinham entrado em fogo, mas que, dirigidos por valentes officiaes, conseguiram levar de vencida, nas pontas das bayonetas, pelas encostas da serra do Bussaco, os soldados francezes que se arrojavam ao assalto.

Vencidos ahi os francezes, a lucta veio continuar em frente das linhas de Torres Vedras, que Massena não conseguiu passar, tendo de effectuar a sua retirada, abandonando o territorio portuguez, que assim ficou livre do jugo estrangeiro.

Vêde, como hoje, nós recordamos orgulhosos os feitos dos nossos avós, a quem devemos, pela grandeza do seu esforço e pelo sangue que generosamente derramaram pela patria, a felicidade de sermos ainda uma nação independente.

No exemplo que elles nos legaram, temos o estímulo e o incentivo para nos prepararmos para que, n'um dia, em que as circumstancias o exijam, procedamos com a mesma coragem e abnegação, para legarmos a nossos filhos os beneficios que herdámos e elles possam repetir os nossos feitos com reconhecimento e admiração.

Já comprehendéis como é indispensavel a vossa permanencia no exercito até vos tornardes em verdadeiros soldados dignos d'este nome.

Educação moral do soldado. Para satisfazer esta elevada missão tendes de adquirir os *conhecimentos profissionais* e alcançar tambem as *qualidades moraes*, que são da maior importancia, pois que n'el'as reside a solidez e o valor do exercito.

E as qualidades moraes teem mais valor ainda que os conhecimentos profissionais, pois que estes podem esquecer-se ou modificar-se durante a vossa permanencia na vida civil, mas isso pouco importa, porque os adquirireis novamente nas escolas de repetição, a que tendes de assistir, comtanto que conserveis as qualidades moraes que vos tiverem incutido agora, as quaes não mudam. Estas qualidades moraes não são privativas do militar, pois que são as mesmas que devem regular o procedimento de todo o cidadão, na vida civil, por isso que a vida militar não é senão um episodio na existencia de todo o cidadão.

Esta instrucção ácerça do que devem ser os vossos deveres como cidadãos e como soldados, e que constitue a educação moral, formar-vos-ha o caracter, de modo que, quando sairdes do quartel, para regressardes ás vossas occupações habituaes, ireis mais dextros e ageis pela aprendizagem dos exercicios militares e com um conhecimento mais perfeito dos vossos direitos e deveres de cidadãos d'uma nação livre. Tereis então occasião de verificar os beneficios da vossa passagem pelas fileiras, verdadeira escola de energia e de moralidade.

Não tereis dado por perdido o vosso tempo, sob o ponto de vista dos vossos interesses particulares, pois que as qualidades que aqui adquiristes, tornando-vos mais robustos, mais energicos, mais desembaraçados, vos serão muito uteis nos vossos mistéres.

Portanto, no vosso interesse ainda, tendes de vos entregar de corpo e alma, amando-a, como merece, a vida militar, que faz de vós soldados e cidadãos.

Qualidades fundamentaes do soldado

Honestidade — Patriotismo — Coragem — Disciplina

São muitas as qualidades moraes que deve possuir o soldado. Não as posso enumerar todas, se bem que espere vêr que todos vós as pratiqueis.

Vou fallar-vos primeiro das mais importantes, das que eu me interesso em vos incutir o mais cêdo possível e que se devem praticar sem a menor falha ou hesitação.

São essas que deveis sempre cumprir escrupulosamente, por isso que, uma vez só que deixem de ser observadas, perde-se a qualidade de ser um soldado digno d'esse nome, e tem-se, desde logo, uma nodoa indelevel na reputação.

Poderemos chamar-lhes qualidades fundamentaes do soldado e constituem a propria base da honra militar. São as seguintes: *Honestidade*—*Patriotismo*—*Coragem*—*Disciplina*.

Honestidade.— Antes de mais nada o soldado deve ser um homem honesto ou honrado.

Como já disse, ser honrado não é obrigação exclusiva do soldado; tambem o é de todo o cidadão.

Mas o soldado que não seja honrado é duplamente criminoso: é-o como cidadão e ainda porque mancha a farda que veste, recaindo a vergonha do seu procedimento tambem sobre os seus camaradas, illudindo a confiança dos seus compatriotas, que esperavam encontrar n'elle um homem honesto.

Todo o cidadão que enverga a farda de soldado torna-se credor da consideração e da confiança de todos, pois que é á sua guarda que se entrega a segurança commum, a ordem interna. E' frequente, por varios motivos de serviço, irem os soldados alojar-se nas casas dos cidadãos que os acolhem sem receio, sob o seu tecto, pela confiança que lhes inspiram. Como seria deshonoroso não se mostrar digno d'essa confiança!

Em que consiste, porém, a honestidade? Em não furtar, nem mentir.

Fallo em furto, mas não por que eu julgue algum de vós capaz d'isso; sei que essa feia acção vos inspira o mesmo horror que a mim. Mas, infelizmente, casos tem havido, em que soldados, esquecidos do brio que a farda exige, teem praticado essa aviltante acção.

Entre vós todos deve existir a mais perfeita camaradagem, auxiliando-se e protegendo-se reciprocamente, mas este bello dever cessa, quando se tratar d'um ladrão, que, por esse facto, deixou de ser um camarada, pois que, alem de vos prejudicar, vos deshonra.

No quartel, quando um soldado se tenha esquecido de

guardar, na sua caixa, qualquer objecto que lhe pertença ou dinheiro, deve encontral-o no mesmo sitio em que o deixou, sem correr o risco de que algum camarada seu se apodere d'elle.

Quem tal fizesse, procederia peor que um ladrão de estrada, pois que este rouba individuos desconhecidos que lhe passam ao alcance, enquanto aquelle rouba os seus camaradas, que são como seus irmãos e que com elle teem de conviver constantemente.

Para os que commettem tão baixa acção tem o Codigo de Justiça Militar penas severas, segundo a importancia do furto e as circumstancias que se derem.

Mas eu tenho a confiança de que, entre vós, não haverá um só que seja capaz de tal delicto e, pelo contrario, sentiriam todos o maior desprezo por quem assim procedesse.

Muitas vezes, na caserna, entre os soldados, praticam-se certos actos, aparentemente sem importancia, mas bastante censuraveis e perigosos, pois podem ser o ponto de partida para factos mais graves.

Um de vós perdeu um artigo qualquer de uso diario, por exemplo, uma escova, um numero para o barrete, etc. e, para supprir essa falta, apropria-se de identico objecto pertencente a um camarada, que, por sua vez, faz o mesmo a outro.

N'estas condições, ninguem na caserna poderia ter as suas coisas em segurança, senão muito bem arrecadadas e fechadas, o que se torna incommodo e improprio de homens honestos. Alem d'estes pequenos furtos poderem servir para discussões e zangas e motivo de discordia entre camaradas.

Começando por tirar objectos de pequeno valor, pode acabar-se por contrair esse pessimo costume e chegar a furtar coisas cada vez mais valiosas.

A melhor maneira de impedir que taes habitos se introduzam entre vós é fazerdes vós mesmo a policia não se occultando quem se torne merecedor de punições pelo seu procedimento. Deveis, pois, ter um respeito absoluto pela propriedade alheia, quer se trate dos vossos camaradas, quer dos vossos concidadãos.

Aquelle que, passando por um pomar, colher um fructo da arvore, ou que pernoitar em casa d'um habitante e se apropriar de qualquer objecto, por pequeno que seja o seu valor, commette um roubo.

Faltar á verdade.—Uma outra forma de ser honesto consiste na *franqueza*.

E' preciso não mentir nunca, ainda mesmo que se trate de coisas de somenos importancia, para não adquirir um habito tão nocivo, pois que o mentiroso só merece o despreso. Defendei-vos sempre da tentação de occultar a verdade para esconder uma falta e evitar um castigo.

Alem d'uma falta de franqueza haveria tambem uma cobardia e assim tinheis a mentira alliada ao medo. Havedes de convir que isso seria tudo o que ha de menos proprio d'um soldado.

Se alguma vez tiverdes praticado uma falta, confessai-a sinceramente, militarmente:—«E' verdade que commetti essa falta, mas não o tornarei a fazer.»

Quando uma falta foi involuntaria ou não envolve offensa á disciplina ou á honra militar, nada tem de grave e todos podem estar sujeitos a commette-las. O importante é estar resolvido a evitar a sua pratica e o superior será indulgente na sua apreciação.

Mas, se á falta vem juntar-se a mentira, então já não é occasião para iudulgencia e, tudo o que, de futuro, o soldado disser, será sujeito a duvida.

Em resumo: deveis ter o culto da honestidade, nas duas formas por que ella pode revellar-se. Só assim sereis dignos do uniforme que vestis e tereis como recompensa a estima dos vossos superiores, camaradas e concidadãos e a satisfação da vossa consciencia.

(*Continúa*).

L. M. A. D.

CANTOS DE GUERRA

No regimento de infantaria n.º 5, foram este ano ensaiadas, durante o periodo de instrucção da primeira incorporação de recrutas, varias canções militares que, em côro e em orfeon, foram cantadas pelos mesmos recrutas, tanto no quartel, como nas marchas e exercicios de camganha que efectuaram.

O comandante d'aquelle regimento e nosso querido di-

rector, conscio da alta influencia moral que estes salutarres exercicios teem sobre os noveis soldados, tem procurado sempre lançar mão de todos os meios que pela persuasão e educação, que são os principios basilares da boa e sã disciplina, podem influir no animo e no moral dos seus soldados, a fim de facilmente lhes fazer comprehender que a natural rudeza da vida das armas pelo trabalho, pelo esforço e pelos sacrificios que demanda, não é incompativel com a suavidade, doçura e são convivio que deve haver sempre entre os homens.

No desempenho da sua tarefa tem procurado o auxilio d'aqueles que pelo seu saber e pelo seu talento o podem coadjuvar. Este ano os seus auxiliares foram o capitão medico e grande poeta Julio Dantas, um dos mais belos talentos da geração moderna, e o habil chefe da banda do seu regimento, Lopes da Silva.

E como uma das canções ensaiadas tem notaveis encantos, tanto sob o ponto de vista literario, como sob o ponto de vista musical, aqui a vamos transcrever com muito agrado e satisfação.

Prodigio da guerra,
Valor sobrehumano!
Trez palmos de terra
Senhores do oceano!

Reluz cada lança
Ao sol immortal:
Que Deus te dê esp'rança
Meu bom Portugal!

Ah, sempre que falas
P'la voz dos canhões,
A' falta de balas
Inda ha corações!

Leão que se acalma
Na lucta leal,
Que Deus te dê alma,
Meu bom Portugal!

Se fosses calcada
O' Patria guerreira, —
Nascia uma espada
De cada roseira!

A força perdida
Resurge, afinal:
Que Deus nos dê vida,
Meu bom Portugal!

JULIO DANTAS.

Marcial

Musica de Lopes da Silva
Chefe de musica d'inf. n.º 5

do regimento

di-gio da guer-ra va-lor sobre-ma-no tres-

pal-mos de-ter-se-ñhores do o-ce-a-no re-

Sentido

lus cada lan-ça ao sol im-mor-tal que

Signal

Pro

deus te de esperança meu bom Portu-gal a que

deus te de esperança meu bom Portu-gal

SARGENTOS

Nos ultimos tempos e depois de ter sido implantada a Republica, teem sido feitas varias concessões e dadas varias garantias á classe dos sargentos. Não mencionar esta circumstancia seria cometer uma falta que redundaria em grande injustiça para com os homens que desde então teem presidido aos destinos do exercito.

Estes factos já teem sido aqui apontados com o devido louvor, e, como, tanto antes como depois dessas

datas, nós nos temos referido a este assunto, julgamos com a auctoridade moral mais do que suficiente para podermos emitir uma opinião imparcial e segura.

Seguindo, pois, o nosso caminho e fazendo essa justiça a quem de direito a merece, nós continuaremos a encarar esta classe com a simpatia que nos inspira pelos serviços que ao exercito prestam, apontando alguns assuntos que directamente a interessam e que, sem desdouro, sem inconvenientes, nem encargos para o Estado e mesmo sem prejuizo para a disciplina, podem e devem ser resolvidos.

Muitos desses assuntos, que representam, e bem legitimamente, as aspirações da classe dos sargentos no momento actual, podem, dentro daquelas condições, ser resolvidos dum momento para o outro, com uma simples penada, como vulgarmente se costuma dizer, e outros com meras disposições regulamentares que não demandam grande esforço nem raras competências para se lhes dar corpo e forma.

A reorganisação do quadro e dos serviços do secretariado militar está nestas condições. Nós já tivemos occasião de indicar (*Revista de Infanteria* n.º 11, de 1911) a fôrma de organizar e recrutar o pessoal deste quadro de maneira a melhorar os serviços e a permitir aos sargentos uma saída airosa, decente e consentanea com os serviços prestados, com a sua educação e até com o amor que consagram á carreira das armas que em novos espontaneamente abraçam.

Não desenvolveremos mais esse assunto e hoje se nos referimos a elle é para mostrar o muito que se póde fazer ainda em beneficio da classe dos sargentos, melhorando serviços e fazendo até economias, pois que essa organisação, como então mostrámos, pode ser feita até com economia para o Estado. Quanto a nós, este assunto deve constituir a principal aspiração dos sargentos no momento actual.

Este nosso modo de vêr é ainda reforçado pela fôrma como a ultima organisação do exercito tapou a promoção a alferes dos sargentos ajudantes. O legislador não teve em vista, essa justiça é tambem devida, cortar o futuro dèsses servidores do Estado. As medidas tomadas e a situação desvantajosa em que se encontram os sargentos sob este ponto de vista são apenas

uma consequencia do regimen miliciano que se implantou e do grande excedente de subalternos que existia.

Enquanto este excedente de subalternos existir na arma de infantaria, e por longos anos existirá ainda porque é muito grande, os sargentos pertencentes á nossa arma tem de pôr de parte a idéia da promoção ao officialato.

Esta circumstancia já representa mesmo hoje para os sargentos de infantaria uma situação devéras desvantajosa em relação aos seus colegas das outras armas. Enquanto na artilharia se estam a promover a alferes os 1.^{os} sargentos de 1904, na infantaria ainda só conseguiram vêr realisada essa aspiração os sargentos de 1898. Nas outras armas succede sensivelmente o mesmo e se se comparar a sua situação com os de certos serviços auxiliares, como administração militar e serviços de saude, as diferenças são então muito maiores e muito mais flagrantas.

Esta situação é verdadeiramente insustentavel e só um espirito duro e faccioso é que não o reconhecerá. Essas datas são sobejamente eloquentes para mostrar a todos que necessario é atender quanto antes a um tal estado de coisas. E se não se fizer, a fouce roçadora do limite de idade será a unica esperança porque poderão almejar os sargentos da nossa arma. Mas como ella não é suficientemente bela nem suficientemente animadora para os estimular ao cumprimento dos seus deveres, os serviços é que terão de sofrer as faltas dessa incuria e dessa desigualdade.

A bem dos serviços e a bem da justiça, nós apontamos esses inconvenientes e para êles pedimos pronto remedio. E uma das fórmulas que vemos de mais facilmente se poder atenuar, pelo menos, essa situação, consiste, como já dissemos, em reorganisar o quadro do secretariado militar de maneira a dar saída compensadora aos que durante longos anos tem com dedicação e patriotismo servido o seu paiz e o exercito a que pertencem e do qual não desejam afastar-se.

As instrucções provisórias sobre o regulamento de concursos para 1.^o sargento, publicadas na Ordem do Exercito n.^o 2 (1.^a serie) do corrente ano, se representam, e sem favor, um dos melhores regulamentos que sobre o assunto se tem publicado, não deixaram con-

tudo de estabelecer uma restrição que muito vae prejudicar um grande numero de 2.^{os} sargentos.

Por essas instrucções sómente podem tomar parte nesses concursos os sargentos já aprovados nos antigos cursos das escolas regimentaes. Os que se chegaram a matricular, mas que por qualquer circumstancia não conseguiram fazer esses cursos, ficam por esse facto prohibidos de ascenderem ao posto de 1.^o sargento.

Havendo, porém, muitos que se não concluíram esses cursos é porque as exigencias do serviço o não permitiram, justo nos parecia que se collocassem todos em condições onde sem delongas podessem fazer esses mesmos cursos. Abrindo, pois, desde já as escolas pelo menos em um regimento de cada divisão, talvez se podesse atender melhor ou peor aos direitos que aquelles sargentos já tinham adquirido.

E' um alvitre que ai deixamos apontado.

O Monte-Pio para sargentos necessario é que se ponha a funcionar. Na lei já se encontra o assunto resolvido, mas da lei á pratica ha uma diferença muito grande.

Ora a lei se se fez é para se cumprir e nós pedimos o seu cumprimento, porque se com isso resultam vantagens para os sargentos, fóra de duvida é que tambem advem prestigio para a Republica.

Uma das aspirações dos sargentos no momento actual consiste na permissão do traje civil fóra dos actos de serviço.

Em França tem tambem sido nos ultimos tempos debatida esta questão A fim de elucidar a todos vamos transcrever o decreto de 8 de abril do corrente anno que o ministro da guerra, o sr. Millerand, fez publicar e em que resolve o assunto da seguinte forma:

«Fóra dos actos de serviço, os officiaes e assimilados são auctorisados a vestir á paisana. Os sargentos-ajudantes e os sargentos casados podem vestir tambem á paisana nos domingos e dias feriados.

«O coronel pode igualmente auctorisar, em casos especiais, os outros sargentos a vestir á paisana, mediante pedido formulado em vista dum objecto determinado, tal como reunião desportiva ou excursão; a auctorisação é especial a cada pedido.

«Póde tambem auctorisar os sargentos e cabos re-admitidos a trajarem á paisana quando estiverem de li-

cença; nas mesmas condições, não concede senão excepcionalmente esta auctorisação aos graduados não reamitidos e aos soldados; esta auctorisação será mencionada no titulo da licença.»

E por agora nada mais diremos.



BIBLIOGRAFIA

Jogo da Guerra exemplificado pelo capitão *Sr. Luiz A. Ferreira Martins*.

Recebemos este interessante livro cuja utilidade não deveríamos carecer evidenciar, se não fosse, infelizmente, a força esmagadora que tem sobre nós a ação inervante da rotina.

Mas o que vem a ser a rotina? E' o habito adquirido de praticar uma certa e determinada ação, recebendo como herença hereditaria esses sulcos psicicos que ficam gravados na nossa mentalidade, e que encaminham a nossa vida sob a despotica e impolgante força da tradição.

Não é facil a um homem, e menos ainda a um povo, furtar-se ao influxo desse substacktum inconsciente que contem em si innumeraveis residuos ancestraes e que dirigem e encaminham os nossos actos conscientes.

Por isso Gustave Le Bon diz que a maioria das nossas ações quotidianas são o resultado de moveis ocultos que escapam á nossa consciencia.

E assim, quando a gente se revolta contra a rotina, não pensa que afinal a rotina é tambem a resultante de uma imposição imperativa que inconscientemente domina os nossos espiritos.

Como reagir e conseguir dominar esse mal a fim de nos voltarmos para a estrada do progresso e abraçar e beijar a luz que nos aponta a verdade e nos ensina o caminho do triunfo?

Luctando com energia, e pondo ao serviço da nossa vontade todas as actividades moraes que devem constituir o fundo do nosso character.

Na sabia opinião de Guyau, o maior inimigo do corpo é o

sedentarismo; e o maior inimigo do espirito é o habito da inação. Estas considerações veem a proposito da lucta tenacissima que tem sustentado, ha já longos vinte e cinco anos, quem escreve estas linhas, na ancia ardente de vêr introduzido no nosso exercito a pratica salutar e eminentemente educadora e instructiva do jogo da guerra, sem quasi nada ter podido conseguir.

Alguna coisa se fez neste sentido em infantaria n.º 1 e 24 e espera-se fazer agora em infantaria 5.

Mas, o peso colossal da tradição, a fatalidade das heranças ancestraes, toda essa dominadora e imperativa ação que os mortos teem no destino dos vivos, inutilisa qualquer esforço isolado que appareça, e retarda o influxo bemdito do progresso scientifico que deve carinhosamente iluminar todos os espiritos cultos.

E isto justifica a nossa satisfação ao lermos o belo livro de propaganda do nosso camarada o sr. Ferreira Martins.

E' mais um apostolo a proclamar a boa doutrina, e que, influenciado pelas sabias lições do erudito general Litzmann, o sabio director da Academia de guerra de Berlim, vem com denodo e galhardia rasgar o veu de um passado de inação, pondo nas mãos de todos a urdidura, a facil urdidura do jogo da guerra, provocando assim a sua pratica em todos os nossos regimentos.

E' um belo gesto este do nosso camarada Ferreira Martins, e merece os aplausos de todos aqueles para quem a profissão das armas, correspondendo a um verdadeiro sacerdocio, tem alguma coisa de mais nobre e elevado na consciencia humana do que um simples ganha pão, do que um simples modo de vida.

O livro que temos presente esclarece o assunto com rara habilidade, fornecendo todos os elementos para que os jovens officiaes possam entrar nesta ordem de exercicios, aliás dos r.ais uteis e valiosos que se podem fazer dentro dos nossos quartéis, com segurança e resolução.

Ha a exemplificação indispensavel, a metodisação doutrinaria, o conselho, a critica, tudo emfim quanto pôde guiar com firmeza a pratica sempre util do jogo da guerra.

O jogo da guerra, diz o sr capitão Ferreira Martins, citando o nosso muito conhecido major Niessel, é de natureza a desenvolver nos officiaes a *decisão*, a rapidez de comprehensão, a provada confiança em si proprios, unicas qualidades que podem constituir o fundamento da *iniciativa*, para que se ouve apelar tantas vezes em teoria e raramente na realidade.

E' que não podendo *nunca* os nossos exercicios darem uma idéia justa do que seja uma batalha, porque faltando-lhes as influencias moraes, além das baixas produzidas pela bala e pelo ferro, falta-lhes a verdade, possivel é no jogo da guerra, tendo em atenção os sabios conselhos, essas lições magestraes de Litzmann, tão necessarias quão simples elas são, poder um director intelligente e estudioso fazer entrar em linha de conta, com a maior verosimilhança, todos os factores que escapam das mãos dos chefes num exercicio sobre o terreno.

Quem escreve estas linhas reputa o *jogo da guerra* como um complemento indispensavel para a instrução profissional do official.

Por isso aconselha a todos que leiam e estudem esse ma-

nancial de verdadeiro valor, que o sr. capitão Ferreira Martins lhes forneceu com o seu estudo, com o seu trabalho, com a sua dedicação e com o seu provado amor á causa sagrada do engrandecimento do exercito.

O livro divide-se em duas partes e anexos.

Na primeira parte trata da organização, direcção e execução do jogo da guerra; na segunda exemplos e soluções.

Os anexos trazem preciosas indicações, fornecendo elementos indispensaveis e que devem ser familiares a todos os officiaes que desejem cultivar este genero de exercicios, mas muito principalmente para os directores.

Ha, porém, um ponto com o que não concordamos, posto que o autor se sinta escurado a optima autoridade — é o emprego do dado no jogo da guerra.

Não podemos em caso algum conformar-nos com o azar na resolução de um problema que deve obedecer a regras e principios scientificos.

No caso de duvida é mil vezes preferivel a decisão dos arbitros, ou a conclusão soberana do director do que o azar do dado, esse acaso que nada póde ter de scientifico e muito menos ainda de justo.

Tal pratica encontra-se hoje banida na Alemanha, e não desejaríamos vel-a em caso algum introduzida entre nós.

A'parte esta pequena discordancia, que em nada apouca o valor do utilissimo livro do nosso camarada sr. Ferreira Martins, intendemos que prestamos aos nossos camaradas um bom serviço recomendando a leitura e o estudo do livro em questão, cuja oferta muito penhorantemente agradecemos.

Os nossos sinceros aplausos para o autor do *Jogo da Guerra* exemplificado.

Secção do estrangeiro

Alemanha.— A guarnição da fronteira franco-alemã. — A Alemanha acaba de levar á pratica a creação de 21.^o corpo de exercito, que foi destinado a reforçar a guarnição da fronteira franceza.

A guarnição desta fronteira, da parte dos alemães, passa a ser constituída pelo 14.^o corpo de exercito em Mulhouse-Calmar; o 15.^o corpo em Sarrebourg; o 16.^o entre Morhange e Thionville; o 21.^o, de recente criação, entre Sarrebourg e Morhange; o 2.^o corpo bavaro em Wurzburg, e o 3.^o corpo bavaro em Nuremberg.

Em vista disto póde a Alemanha em 3 dias invadir a França com uma massa de 6 corpos de exercito, tendo a França pelo seu lado 3 corpos do exercito para lhe fazer frente.

Italia.— Situação e carreira dos sargentos. — No ultimo semestre de 1911 uma nova lei sobre o estado dos sargentos modificou profundamente o recrutamento e a carreira dos officiaes inferiores do exercito italiano.

O sistema de cursos para sargentos alunos foi completamente abandonado. Actualmente os sargentos recrutam-se entre os melhores cabos entrados ao serviço seja recrutados seja como voluntarios.

Para serem promovidos, estes cabos devem ter pelo menos 15 mezes de serviço, devendo alem disso sujeitar-se a servir no exercito activo por um periodo de tempo não inferior a 3 anos, recebendo um premio de 1:000 francos.

E' ao cabo de 3.º ano de serviço no exercito activo que começa verdadeiramente a vida dos sargentos de carreira ou sargentos de character permanente.

Entre os individuos recrutados anualmente fazem-se rapidas promoções a sargentos dos individuos que teem habilitações especiaes, mas estes, sendo licenciados logo que concluíram o periodo de serviço de 2 annos, são considerados sargentos de *transição*.

Os sargentos que desejam continuar na carreira das armas teem de submeter-se a um concurso aberto entre todos os sargentos do mesmo corpo de exercito, sendo promovidos conforme as vagas existentes.

Os sargentos que assim forem promovidos teem a designação de 1.º sargentos e ao cabo de 4 annos de serviço teem direito a mais um premio de 1:000 francos.

A carreira dos sargentos permanentes continua assim por periodos de readmissão de 4 annos, havendo para cada um destes periodos um premio e uma nova designação, que corresponde a uma nova promoção. Aos 30 annos de serviço são reformados.

Para evitar um envelhecimento muito consideravel dos sargentos de carreira, assegura-se em Italia o exodo d'um certo numero de sargentos para os empregos civis, o que tem logar aos 12 annos de serviço.

Chegados a esta altura os sargentos são obrigados a optar por um emprego civil (não tendo neste caso direito a qualquer reforma militar) ou pela continuação da sua carreira militar, adquirindo então direito a uma pensão de reforma, mas não pode neste caso passar depois para os empregos civis.

Sob o ponto de vista economico a nova lei aumentou os vencimentos dos sargentos, podendo receber de um minimo de 2 francos por dia a um maximo de 6,90 francos, quando o maximo pela antiga lei era de 5,50 francos.

A taxa das pensões foi tambem melhorada. E' fixada na metade do soldo que recebe o sargento aos 20 annos de serviço, sendo o maximo atingido aos 30 annos de serviço.

Sob a lei antiga as pensões de reforma variavam de um minimo de 730 francos aos 20 annos de serviço a um maximo de 1:795 francos aos 40 annos de serviço. Actualmente as cifras vão de um minimo de 1.114,75 francos aos 20 annos até um maximo de 1.762,95 francos aos 30 annos.

A lei sobre as promoções reserva aos sargentos o quarto das vagas de alferes.

Nas formações de pé de paz os quadros do exercito italiano comprehendem : 6:413 sargentos permanentes e 4:666 sargentos de tranzição, ou sejam no todo 11:079 sargentos.

Noruega.—Insubordinação no exercito.— As sentenças dos conselhos de guerra sobre os casos de insubordinação que no exercito norueguez se deram no verão passado já foram publicadas.

Todas as praças da 12.^a companhia do regimento de Gudbrandsdal foram julgadas culpadas por se terem oposto á marcha de uma guarda: 139 homens foram condemnados com 24 dias de detenção e um que, por ter chegado mais tarde tomou uma parte menos activa, foi candelnado apenas com 18 dias de detenção.

Em Stenkjaer varios soldados entraram em uma prisão e deram liberdade a um preso, foram condemnados com varias penas que variam entre 4 a 18 mezes de presidio com perda, para todos, do direito de sufragio durante 10 anos.

Em Gardumoen deu-se tambem um identico caso de indisciplina, sendo os seus auctores egualmente punidos.

Em um artigo publicado no *Verdensgang* sobre o assunto diz-se que o espirito de insubordinção recentemente deveras accentuado por estes e outros casos é largamente attribuido á falta de disciplina que caracteriza a educação, tanto na familia como na escola, da presente geração noruegueza, urgindo portanto voltar aos antigos metodos.

Russia.—Cosinha militar.— E' bem sabido que este assunto interessa ha já alguns anos muitos dos exercitos europeus.

Os modelos conhecidos alem de serem bastante pezados e custosos, acarretam despezas bastante elevadas.

Para evitar estes inconvenientes o capitão do exercito russo Maritvitsch inventou um novo modelo.

Sob o ponto de vista do pezo, tomando como comparação o sistema francez, vê-se que emquanto esta peza 620 kilos, o novo modelo peza apenas 165, sendo 80 da caldeira e fornalha e 85 das rodas e accessorios. O preço parece que tambem deve ser muito inferior.

As vantagens do modelo do capitão Maritvitsch são as seguintes:

A sua leveza facilita o seu transporte tanto nos terrenos montanhosos como nos terrenos arborisados.

O transporte pode ser feito em rodas ou então suspensa em um jogo especial que assenta sobre o dorso de dois cavalos, ficando a cosinha entre elles.

A cosinha composta da caldeira e do fogão tem uma capacidade de 130 litros para o rancho dos soldados e mais a capacidade de 70 litros para o rancho dos officiaes e sargentos. A caldeira está ermeticamente fechada por um sistema particular que não deixa sair nem a agua nem o cheiro dos alimentos em confecção, o que é de grande vantagem.

O fogo pode ser alimentado por qualquer combustivel; carvão, turfa, madeira ou mesmo palha ou folhagens.

A caldeira é de facil limpeza e não conserva qualquer cheiro, o que é obtido pela sua disposição especial. Logo depois de cosinhar qualquer rancho, pode-se fazer rapidamente café ou chá.

A caldeira está provida com 4 manilhas para se poder tirar rapidamente.

Para o seu serviço são suficientes 4 homens, que a podem colocar rapidamente no fogão ou no jogo especial de suspensão.

O carro em que se transporta tem alojamentos próprios para o transporte do combustível e alimentos.

Devido á leveza do modelo, podem estas acompanhar sempre e em todas as occasiões e terrenos as tropas a que pertencem.

Codigo Penal Militar.— Com o fim de prevenir actos delictuosos previstos pelo artigo 28 da Convenção firmada em Genebra em 6 de junho de 1906 para melhorar a sorte dos feridos e enfermos do exercito em campanha, o governo russo resolveu introduzir no Codigo Penal Militar os seguintes artigos :

Art.º 2581.º — Aquelles que uzem o braçal da Cruz Vermelha sem pertencer á categoria das pessoas auctorisadas a uzal-o pela Convenção de Genebra serão punidos :

De 1 a 3 mezes de prisão em um corpo da guarda ou com presidio militar de 1 a 2 mezes.

Os chefes que ordenem o uso do braçal a pessoas que não tenham direito a uzal-o, sofrerão a mesma pena.

Art.º 2582.º — Aquelle que içar ou faça içar a bandeira da Cruz Vermelha sobre um estabelecimento a que não corresponda a protecção da Convenção de Genebra, será punido :

De 1 a 3 mezes de prisão em um corpo da guarda ou em presidio militar de 1 a 2 mezes.

Art.º 2583.º — As pessoas encarregadas, embora interinamente, de vigiar, cuidar e atender os feridos e enfermos serão punidas no caso de dar mau tratamento ou de negligencia no cumprimento dos seus deveres :

De 16 mezes a 4 anos de prisão em uma fortaleza, ou incorporação nos batalhões disciplinares de 2 a 3 anos com perdas de certos direitos ao serviço do estado.

O furto e o roubo com violencia em tempo de guerra estão já previstos no artigo 270.º do Codigo Penal Militar nos termos seguintes :

Os auctores de assassinatos, de violencia e de incendio em guerra serão punidos com a pena de morte e com perda de todos os direitos civicos, civis e de familia.

Os roubos praticados com prejuizo dos feridos e enfermos sem violencia, são considerados, segundo os artigos 1 e 272 do dito Codigo, como simples roubos, para o que o proprio Codigo já comina as penas respectivas.

Suissa.— Orçamento do ministerio da guerra.— As verbas para o orçamento do ministerio da guerra pedidas na mensagem do Conselho Federal é de 44.123:553 francos. O orçamento de 1911 foi de 42.926:300 francos, havendo portanto um aumento neste ano de 1.197:253 francos.

A Assembleia federal, que votou o orçamento durante a primeira parte da sessão ordinaria de inverno, suprimiu os cursos de instrucção de infantaria, artilharia e engenheria da landwehr, o que deu uma economia pe 487 981 francos.

O aumento de despeza para o corrente ano provem em grande parte do aumento do numero de recrutas, o que é devido á progressão dos nascimentos masculinos e á proporção mais elevada de homens reconhecidos aptos para o serviço.

O orçamento prevê 1.193 recrutas a mais do que em 1911. Para os capítulos *escolas de recrutas, vestuário e material de guerra* ha um aumento de 600.000 francos.

Entre as outras causas de aumento figuram :

88.000 francos para o sustento de cavalos na escola de recrutas de artilharia ;

175.000 francos para as munições do novo material de 12 centímetros ;

111.000 francos para os seguros militares que são necessarios para o aumento de enfermos e de pensões.

Ha a notar, alem disso, que despezas militares bastante importantes se encontram consignadas no orçamento do ministerio do interior, a saber :

100.000 francos para despezas de reconstrucção e de conservação das construcções militares ;

1.500 francos para as novas construcções, como a fabrica de armas de Berue e armazens de trigo de Altdorf etc ;

40.000 francos para conservação das estradas em volta dos edificios militares.

Japão = Regulamento para o serviço interno dos corpos.— Sobre o regulamento para o serviço interno dos corpos do exercito japonéz fornece o jornal russo *Rousski Invalid* os seguintes esclarecimentos que por serem interessantes os passamos a transcrever.

«O regulamento actual japozez sobre o serviço interior dos corpos corresponde perfeitamente á ideia que os japozez encaram como representando o seu bem nacional e que os liberta de toda a imitação europea.

Os officiaes estimaram devéras que este regulamento se apoiasse nas antigas regras do *Bouchido*, pois que o paragrafo segundo determina claramente que se ensine a executar as ordens com precisão e sem restricções, que era uma regra das leis de *Bouchi* applicavel a todos os atos da vida, que os chefes e subordinados trabalhem em comum a bem do serviço, devendo amar-se e estimar-se tanto em tempo de paz como em tempo de guerra, devendo ainda estar todos preparados a sacrificar as suas proprias vidas no altar da patria logo que isso se torne necessario.

Para definir bem estes deveres gerais de todo o militar, emprega o regulamento em questão os termos *genchi e jibo*, que se podem traduzir para a nossa lingua por *pae severo e boa mãe*. O regulamento qualifica frequentemente com estes termos as relações que deve haver entre o superior e o inferior.

A sociologia *confucionista* subordina tudo á conceção da familia e á trindade ; pae, mãe e filho. O regulamento está tambem orientado nesse sentido e admite que o officiaes o coronel é o pae, o tenente coronel a mãe e os outros officiaes os filhos. As ideias *confucionistas* e as regras do *Bouchido* inspiram este regulamento, procurando-se assim renascer as antigas tradições dos guerreiros *Samourais*.

Em março de 1900, na reunião habitual dos generaes, em Tokio, o general Nagaoka explicou a ideia fundamental deste regulamento.

Nas ultimas guerras com a China e com a Russia, as forças

do inimigo eram bem superiores ás dos janozes e no entanto estes alcançaram a victoria. A causa é unicamente devida á educação japoneza baseada sobre o *Bouchido*, que foi sempre a alma do Japão. E' necessario fazer renascer sem cessar este espirito no exercito, devendo-se procurar sempre evitar as tendencias do liberalismo, do naturalismo e do racionalismo.

Pelo regulamento somente podem ser concedidas licenças aos soldados nos domingos. Durante as festas tem deveres especiaes a cumprir e em todos os casos é-lhes proibido frequentar logares onde tenham de gastar dinheiro.

A questão da falta de sargentos deve ser resolvida, recommenda o dito regulamento, pela forma como os officiaes os devem tratar. Recomenda aos comandantes de companhia a estima dos sargentos, devendo identifiçal-os á sua personalidade a fim de os tornar a perfeita mãe da familia da companhia.

Austria-Hungria.— Novos cartuchos.— Ensaíam-se neste paiz desde ha já algum tempo dois novos tipos de cartuchos e balas para armas portateis, sendo um destinado a perfurar os escudos da artilharia de campanha e o outro a facilitar a regulação do tiro da infantaria.

O primeiro projectil (projectado para uma nova polvora base de nitro-glicerina com que se conseguem velocidades iniciais de 900 metros) consta de um nucleo de aço temperado, encerrado em uma camisa de chumbo que é recoberta com uma placa de aço que termina em ponto reforçada. Ao choque, a camisa e este revestimento desprendem-se e caem, permitindo ao nucleo central furar o escudo e ferir os serventes da peça.

O segundo é um projectil com uma secção ôca, que se enche de uma substancia especial, muito luminosa, que, no momento do choque se inflama pela acção de uma espoleta de percussão, produzindo então uma pequena nuvem de fumo, densa e muito visivel. Duas ou tres descargas feitas por uma esquadra bastam para se apreciar bem a distancia do objectivo e regular o tiro.

CONSULTAS

48.^a — Um official do exercito, pertencente ao quadro permanente das unidades estacionadas no continente da Republica, sendo natural das ilhas adjacentes, passando á reserva, por haver sido julgado incapaz do serviço activo, se desejar regressar á terra da sua naturalidade, tem direito a transporte por conta da Fazenda, em vista da doutrina do art 13.^o e suas alíneas g) e h) do regulamento de transportes?

Sim.

49.^a — Estabelecendo o art. 108.^o do regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito que a guarda de policia do quartel será composta, seja qual fôr o numero de sentinellas, de um 1.^o sargento ou sargento que desempenhe as funcções d'este; e o § 10.^o do art. 203.^o do referido regulamento que, quando haja menos de

6 sargentos na escala da guarda de policia, agruparão com elles os sargentos mais antigos, que não estiverem impedidos, para completar esse numero, pergunta-se :

1.º Póde haver na escala para a guarda de policia menos de 6 sargentos °

Não deve (art.º 203.º - § 10.º do regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito).

2.º Não havendo sargentos nas condições do art. 108.º nem do § 10.º do art. 203.º, podem ser nomeados cabos para agrupar no serviço da guarda de policia, até completar a respectiva escala?

Não podem (art.º 202.º do citado regulamento).

3.º Sendo a indicação da pergunta anterior contraria ao art. 202.º do citado regulamento, parecendo, portanto, que a guarda de policia nunca poderá ser commandada por cabos, como se poderá proceder quando haja só dois sargentos na respectiva escala?

Representando esta situação circunstancias extraordinarias motivadas pela existencia de effectivos reduzidos, d'outra forma não será accetavel a hypothese formulada, o commandante da unidade não mandará nomear guarda de policia, substituindo-a por um plantão á porta do quartel.

Nos mais casos, e para bem da disciplina, os referidos commandantes deverão providenciar para que a hypothese formulada pelo consulente não se dê.

Se depois das previsões feitas, na intenção de a evitar, ella passar á realidade, se não existir motivos d'ordem superior que impeça, e caso contrario, «são ossos do officio», o cammandante onle o facto se der tomará a iniciativa de alterar o artigo 108.º, já citado, ou proporá a sua modificação, procedendo sempre em harmonia com a doutrina do § unico do art. 13.º do regulamento geral dos corpos do exercito.

50.ª — Tendo o detalhe de serviço pedido para o dia seguinte 3 soldados de reforço á porta do quartel, e começando ás 19 horas o serviço do mesmo reforço, que dará uma sentinalla, deve ser mandado sargento para entrar de guarda, sem que ella exista?

Deve, porque o reforço constitue a guarda de policia, que começou o serviço á hora que indica por determinação superior, deixando, a partir d'esse momento de substituir o plantão á porta do quartel.

51.ª — Determinando a disposição 2.ª do art. 61.º do ultimo regulamento de promoções aos postos inferiores do exercito, que é necessario aos 1.ºs sargentos, para serem promovidos a sargentos ajudantes, terem, «pelo menos, 3 annos de serviço effectivo no posto de 1.º sargento, sujeitos a nomeação de escala, desempenhando durante o mesmo praso de tempo as funcções d'este posto exclusivamente em uma unidade da arma ou serviço a que pertencer ou nas extinctas escolas praticas», pergunta-se :

A um 1.º sargento que, por ordem da Divisão, se achar em diligencia n'uma companhia de saude, desempenhando as funcções do seu posto, deverá ser-lhe contado o tempo em que na mesma serviu, como sendo de serviço de escala?

Não, porque não tem, «pelo menos, 3 annos de...»

Deve fazer uma exposição a fim de recolher á sua unidade, e caso não seja attendido reclamar pelas vias competentes e em tempo opportuno dos prejuizos que possa soffrer.



15.º ANNO

JULHO DE 1912

N.º 7

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

PROMOÇÃO AO GENERALATO

A organização do exercito publicada em 25 de maio de 1911 estabeleceu entre nós um principio verdadeiramente novo; a promoção por escolha de um quinto dos officiais generais.

Como esse principio ainda não tinha sido posto em pratica, tinha ele passado mais ou menos despercebido a muita gente, e até talvez houvesse quem julgasse letra morta as disposições legislativas que se encontram no capitulo 2.º daquele diploma.

Tal não sucedeu, porém, pois que a vaga deixada pela reforma de um official general oriundo da arma de infanteria, em vez de ser preenchida por um outro official que tivesse a mesma proveniencia, passou a ser preenchida por escolha entre todos os coroneis que atingiram o terço superior da escala, sendo o escolhido um official que não fez carreira na nossa arma.

Este facto tem dado origem a acaloradas discussões tanto no parlamento como na imprensa diaria, em que muito se salientaram os nossos distinctos camaradas e prezados amigos, srs. tenente-coronel Simas Machado e capitão Fernando da Cunha Macedo, que tomaram a

peito a defeza da arma de infantaria a que pertencem e de que são dignos ornamentos.

A discussão então havida teve varios aspectos, mas nós, acompanhando aqueles nossos camaradas nos seus louvaveis esforços, vamos encarar simplesmente o assunto pelo seu aspecto legislativo, que é o unico que se coaduna com a indole desta *Revista*.

E se estudarmos e analisarmos simplesmente a lei devemos dizer que em principio não nos repugna aceitar a promoção por escolha. Nada temos a objectar a este respeito porque é isso hoje-um principio consagrado em quasi todos os exercitos, e mesmo porque é uma necessidade. A antiguidade não é garantia suficiente para o desempenho de certos cargos, que só o valor pessoal permite desempenhar com verdadeira competencia.

Este principio é, porém, como todos os máis; para que produza os seus salutaes efeitos é indispensavel dar-lhe forma e dar-lhe corpo; é necessario revesti-lo de disposições legislativas suficientemente claras e suficientemente precisas para que não possa ser desvirtuado e para que na pratica não levante atritos e dificuldades, que são sempre nefastas, e mesmo não origine injustiças que ofendam a moral e prejudiquem os lesados.

Além disso, esses inconvenientes servirão ainda para lançar uma lamentavel confusão e rivalidade entre a grande familia militar, que muito pôde afectar a sua necessaria coêsão e que déveras pôde desprestigiar a classe inteira, a colectividade em geral.

Se o principio é bom, a sua applicação pode-o, pois, tornar sobremaneira mau. E' para este aspecto que nós vamos portanto chamar a atenção de todos. Quem o souber encarar por uma fórmula pratica e quem souber revistir a sua applicação de disposições legislativas que não permitam ambiguidades nem falsas ou erradas interpretações, prestará um relevante serviço ao exercito e ao paiz.

Ora essas disposições legislativas devem ser norteadas de maneira a colocar á testa do exercito individuos competentes, perturbando o menos possivel a necessaria harmonia e coêsão que deve existir não só entre todos os militares, mas tambem entre todas as armas.

O particularismo d'armas é uma coisa que ninguem pôde contestar que exista, como de resto ha-de existir sempre enquanto não houver a unidade de origens.

Esse particularismo, filho da diversidade de origens e da diversidade de quadros, origina no exercito tantos interesses desencontrados quantos forem esses mesmos quadros, pois que é em face do movimento que nêles houver que se dão as promoções e se define da sorte e do futuro de cada um. Havendo, pois, interesses desencontrados, antagonicas teem de ser as aspirações dos individuos que constituem esses quadros.

E dito isto e lembrando que a lei vigente concede um quinto das vagas dos generais para todos os coroneis em comum das quatro armas e do estado maior, mostrada fica a primeira disposição da lei que nos parece precisa desde já de uma radical modificação, porque cada arma ha-de desejar que seja dada a preferencia a um coronel que pertença ao seu quadro. E' uma vaga a mais e as vagas nunca desagradaram a ninguem.

E nestes termos, as luctas e as rivalidades que este sistema de promoções sempre origina e que nos paizes em que vigora por mais de uma vez se tem evidenciado, não se circunscrevem aos coroneis que já atingiram o terço superior da escala comum. Os officiais das armas e do estado maior todos passarão, pois, a tomar parte nessas luctas e nessas contendias, porque são todos particularmente interessados. E dado esse embate de interesses divergentes, lançado fica mais um poderoso rastilho que virá inflamar as ideias particularistas, as ambições mal contidas, as rivalidades das armas. E quando isso se der, e dar-se-ha todas as vezes que haja promoções por escolha, a disciplina e o prestigio do exercito serão no final os que mais abalados ficarão.

E posto isto podemos dizer que concordamos com o sistema de promoção por escolha mas discordamos das disposições legais que a organização do exercito contem. E feita esta afirmação, implicitamente nos fica imposta a obrigação moral de indicarmos a fórmula de harmonisar uma coisa e outra, e é isso o que vamos tentar fazer.

Na alínea *a*) do § 11.º daquele diploma prescreve-se que o minimo dos generais promovidos por antiguidade é de 1 do estado maior, 1 da engenharia, 1 da artilharia a pé, 2 da artilharia de campanha, 2 da cavalaria e 8 da infantaria.

Estes numeros, deve-se fazer essa justiça ao legislador, não foram determinados ao acaso. Eles são filhos da proporcionalidade dos coroneis de cada um desses quadros,

como por todos é facil de verificar desde que façam as respectivas operações.

Esta orientação é realmente a unica que se deve seguir para quebrar todas as arestas e evitar varias injustiças. Se a promoção ao posto de general se effectuasse sómente por antiguidade, a distribuição poder-se-hia fazer da seguinte forma: estado maior 1,2; engenharia 1,4; artilharia (quadro conjuncto) 4,1; cavalaria 2,9; e infantaria 10,2, o que daria respectivamente 1, 2, 4, 3 e 10, somando assim os 20 generais que a lei prescreve.

Nestas condições o principio da promoção por escolha pode-se manter e colher-se-hão os fructos que todos esperam deste sistema de promoção desde que se acabe com o quadro comum dos coroneis e se façam as promoções dentro de cada um daqueles quadros. E desde que assim se fizesse cessariam por completo as causas que podem chocar os interesses desencontrados a que já nos referimos, porque fazendo-se as promoções por armas unica e exclusivamente não podia haver nem luctas, nem despeites nem interferencias de causas exteriores e sempre maleficas nas escolhas que se effectuassem.

E para isso bastaria determinar para cada arma os quadros fixos dos seus generais promovidos por antiguidade e por escolha, que poderia ser para estes metade para a infantaria, artilharia e engenharia e de um terço para a cavalaria. O numero que a proporcionalidade dá para o estado maior não é susceptivel de divisão, mas nem é necessario desde que se considere a grande accelleração na promoção que a lei concede aos officiais desse quadro nos outros postos.

Fixando o quadro de generais por armas, as vagas que se destinassem a ser preenchidas por escolha, a que poderiam apenas concorrer os coroneis dessas mesmas armas, não só não dariam causa a esse nefasto cortejo de más consequencias, mas teriam ainda a vantagem, desde que este processo se fizesse com rigor, de nem sequer interessar os restantes officiais dessas mesmas armas em semelhante assunto. Logo que a vaga fosse preenchida por um coronel da sua arma, sobre o ponto de vista propriamente dito da promoção ser-lhes-hia indifferente que ascendese ao generalato um ou outro coronel porque sempre e de todas as formas subiria o mesmo logar na escala geral da sua arma.

E assim se evitava a lucta de armas e até a lucta dos

oficiais da mesma arma. Se choque de interesses pudesse haver ficaria apenas circunscrito aos coroneis concorrentes, o que de resto nunca se pode evitar. O ideal em assuntos desta natureza consiste evidentemente em pôr em pratica um sistema de promoções que restrinja o mais possível essas causas de desunião, e, evidentemente, o que melhor corresponde a essa aspiração é o sistema que indicamos.

E quanto menores forem as causas que podem originar dificuldades, tanto mais se evitará a desunião que por todas as formas é necessario combater e tanto mais livre deixarão a acção das entidades a quem a escolha é cometida, e, consequentemente, maiores serão as garantias que oferecerão as suas decisões.

E por esta forma o exercito lucrará duplamente: lucra porque não se pode dividir em lucta de interesses e lucra tambem porque as escolhas serão feitas com maior imparcialidade e portanto com maior soma de garantias.

Educação moral do soldado

(Continuado do n.º 6)

Patriotismo.— E' a virtude do homem que ama real e verdadeiramente o seu paiz.

Patria (palavra que deriva de pae) é a terra paterna, a terra dos antepassados, a terra que é o nosso berço e o tumulo dos nossos avós.

Mas a patria não é só a aldeia onde nascestes, comprehende tambem todas as outras que lhe ficam proximas e pertencem ao mesmo concelho, abrange ainda todos os concelhos do mesmo districto e todos os districtos que, reunidos, formam a Patria Portugueza, a qual conta seculos de existencia.

Constitue-se assim o que se chama uma *Nação*, isto é, um agrupamento submettido a uma regra e organização communs.

A humanidade é formada por nações distinctas, que differem umas das outras, na raça, na lingua, nas tradições, nos habitos e na historia. Foram estes caracteres communs, costumes, lingua e interesses, entre os quaes a posse do

solo onde viviam, que determinaram a agremiação dos homens, e a fundação de nações diversas, entre ellas a nação portugueza. Foi assim que nasceu a ideia da Patria.

Amor da Patria. — O amor da Patria é um dos mais affectuosos e energicos sentimentos que, em todos os tempos e em todos os povos, tem feito vibrar o coração do homem, inspirador dos mais bellos actos de dedicação, de abnegação e de generoso enthusiasmo.

Devemos á patria dedicação absoluta e por isso lhe devemos sacrificar a nossa fortuna e a nossa vida; em caso de guerra ou de ameaça de algum inimigo, devemos todos erguer-nos como um só homem, em sua defeza, quando elle surja em qualquer ponto do territorio da patria, para evitar que ella perca a sua *autonomia*, isto é, o direito de se governar por leis proprias.

Portugal experimentou já as durezas da dominação estrangeira e a historia patria conserva nas suas paginas a recordação dos vexames e humilhações, que soffreram os nossos maiores, n'esses periodos dolorosos da existencia nacional.

Uma d'essas epocas nefastas foi o periodo de 60 annos, decorridos de 1580 a 1640, ha já 272 annos, em que estivemos sujeitos ao jugo da Hespanha, sob o qual caímos ao cabo de fundos revézes, que experimentámos e de graves erros e crimes na administração do Estado, n'uma epoca de provada decadencia nacional. Findou este periodo com a celebre e gloriosa revolução de 1.º de dezembro de 1640.

Outra epoca igualmente triste, em que o estrangeiro deu leis em nossa casa, foi aquella a que já me referi, em que os francezes invadiram Portugal e aqui se fixaram até que os expulsámos pela força e readquirimos a independencia.

E, d'ambas as vezes, foi o esforço supremo da alma popular quem conseguiu libertar o sólo patrio.

Emquanto o estrangeiro manda em nossa casa, deixamos nós de ser os donos e passamos á condição de servos, os nossos interesses são preteridos pelos interesses dos dominadores, as nossas ideias, as nossas esperanças, os nossos sentimentos, todos estes laços que nos prendem, são destruidos.

Compreendeis agora, por estas considerações, qual é o motivo porque devemos defender, até á ultima, a nossa

patria, está n'isso a nossa honra, mas tambem a nossa conveniencia.

Durante a paz devemos interessar-nos pelos negocios publicos, intervir com regularidade nas eleições e votações, pagar os impostos, satisfazer ao serviço militar, respeitar as leis, proceder a todos os respeitos, como bons e pres-tantes cidadãos.

Estes deveres para com a patria não inibem de cumprir os mais deveres. O melhor patriota será o que, ao mesmo tempo que servir fielmente o seu paiz, exercer com assiduidade a sua profissão, se portar bem, fôr dedicado á sua familia, olhar por ella com desvelo e a educar bem, observando sempre e em tudo os preceitos da sã moral.

Maus patriotas serão os que, sob pretexto de se occuparem dos negocios do paiz, desprezarem os seus, abandonarem o trabalho, deixarem a familia a braços com privações, não cuidando da educação dos filhos.

Traição. — Tendo-vos fallado da patria, do amor que lhe devemos, das obrigações que com ella contraímos, não deixarei de vos referir o crime mais abominavel que se pode praticar: *a traição*.

Trair a patria é um crime mais odioso que matar o pae ou a mãe, porque é toda a familia, todos os amigos, todos os concidadãos que se tenta entregar ao inimigo.

A traição não consiste só em erguer as armas contra o seu paiz, indo servir nas fileiras inimigas. E' traidor aquelle que revela um segredo da defeza nacional, o que declara o santo e senha, em tempo de guerra, quando está de sentinella e o que procura espalhar o panico e a revolta nas fileiras dos camaradas.

E' traidor ainda o que inutilisar propositadamente material de guerra, em frente do inimigo.

Tal crime era punido d'antes com a pena de morte e hoje com prisão celular e marca com um ferrete de ignominia o seu auctor, cujo nome as gerações repetem com desprezo.

Nada ha que justifique a traição á patria, nem mesmo quando n'ella se soffreram injustiças e vexames.

Confiança no futuro da Patria. — Alem da dedicação absoluta com que devemos, em todas as circumstancias, servir a patria, é preciso ainda, acima de tudo, ter uma confiança extrema no seu futuro e nunca admitir a possibilidade da sua destruição.

Atravez dos seculos da sua existencia, tem a patria portuguesa experimentado rudes abalos e, a seguir a epochas gloriosas e felizes, outras tem sobrevivendo de perigo e de soffrimento, mas, a despeito de tudo, ella tem permanecido, até hoje, e assim continuará, por certo, firme na sua integridade e autonomia.

Ella deve viver e vencer atravez de tudo. O culto da patria é a religião do soldado. E' pensando na patria que elle tem a força de luctar, até á morte, pelo seu triumpho, como o fizeram outr'ora os nossos antepassados.

Coragem. -- A profissão militar, sendo a que prepara para a guerra, tem de ser necessariamente uma escola de coragem.

Não é só no exercito que se ensina a cultivar a coragem, mas todos os soldados teem de ser valentes, pois são destinados a arrostar com os perigos. A peor injuria que se pode dirigir a um soldado é chamar lhe cobarde, um dos actos mais vergonhosos que elle pode praticar é merecer esse epitheto.

Ha duas especies de coragem: a que se tem deante do perigo e da morte é a *bravura*; a que se manifesta ante a fadiga e o soffrimento é a *energia*.

A bravura militar. -- Consiste em arriscar a vida quando o interesse da patria o exige.

Na guerra é preciso não só arrostar com a morte, mas ir muitas vezes ao encontro d'ella: deve-se marchar para a frente, ainda mesmo sob uma chuva de balas e arrojarse para as posições inimigas, ainda quando defendidas por um muro de bayonetas; do que se trata é de as tomar, custe o que custar.

Parar ou retroceder, em taes occasiões, é traír os seus camaradas, a quem assim se recusa o auxilio, é traír a confiança da patria, que, symbolisada na bandeira, vos acompanha e conta comvosco.

E, coisa natural, as balas parece que poupam e respeitam os ousados, que as não temem, e procuram de preferencia os fracos e os que fogem, que assim são feridos vergonhosamente pelas costas, em vez de o serem em pleno peito: é essa a differença.

Não são as balas os unicos perigos a que a guerra nos expõe: haverá, por vezes, necessidade de atravessar uma ribeira, com risco de se afogar, subir por encostas escarpadas ou saltar o fosso d'uma fortificação.

Energia. — Alem d'estes perigos, outras coisas ha a experimentar: são as fadigas, os soffrimentos.

Muitas vezes haverá necessidade de marchar, durante dias, sob um sol ardente ou debaixo de chuva persistente; dormir ao ar livre, nos bivaques, sobre o chão, tantas vezes encharcado; soffrer a fome, a sede, o frio; marchar quando se tem os pés em sangue e, depois d'isto, ter ainda forças para combater e vencer.

Para resistir a tudo isto é preciso dispôr, da segunda forma da coragem; a energia, a vontade. Portanto, o soldado precisa não só saber bater-se, mas tambem saber soffrer. Um grande factor da coragem é o sentimento da honra, o amor proprio; tem-se vergonha de ter medo deante dos camaradas e a emulação faz vos obrar prodigios.

Mas, o que, acima de tudo, vos estimula a coragem é o amor da patria, que vos faz esquecer o perigo e vos inspira o desprezo da morte. E, com effeito, é bem natural que assim succeda.

O mais pacifico d'entre vós, o de genio mais brando, que faria se visse alguém offender sua mãe? Não sentiria como que uma mola a arremessal-o sobre o aggressor, sem receio do perigo? Pois é essa mesma força, esse impeto que vos impelle, quando se trata da defeza da patria.

Factos historicos. — Poderia apresentar-vos numerosos exemplos de como o soldado portuguez, em todos os tempos, tem sido corajoso e soffredor, merecendo a justa reputação de um dos melhores soldados do mundo; para isso bastava folhear a historia militar do nosso paiz, abri-la ao acaso, para os casos se depararem. Citar-vos hei apenas alguns episodios.

Já vos fallei do Bussaco e por isso vos lembrareis que, no alto d'essa serra, se travou uma das mais gloriosas batalhas da guerra peninsular. Estavam alli dispostos, a par dos regimentos e das bateria inglezas, os nossos regimentos de infantaria e as nossas baterias, occupando uma valiosa posição, que cortava as estradas que o exercito francez devia seguir, permitindo aos seus defensores estorvar a marcha do inimigo sobre a capital.

Os francezes arremessaram-se, em 3 columnas, sobre o centro e flancos da posição, procurando levar de vencida os recrutas portuguezes, com aquella furia que os havia já tornado celebres e a que era difficil resistir.

Os nossos soldados não se atemorizaram com o impeto

da arremettida, nem com o prestigio do adversario, souberam esperar que elle, subindo as asperas encostas da serra, estivesse a bom alcance e, então, com um fogo certo e intenso, fizeram-os deter na marcha e desordenar, acabando por os dispersar, arremessando-os á bayoneta para longe das posições que elles contavam tomar facilmente.

A forma heroica como os soldados portuguezes se portaram mereceu ao general em chefe, marechal inglez, lord Wellington, as mais elogiosas referencias, affirmando em documentos officiaes «nunca ter presenciado mais denodado ataque, mostrando as tropas uma bizarra firmeza» e merecendo alguns officiaes portuguezes elogios particulares pelo seu procedimento.

E não foi só n'esta batalha, em todas as que se feriram n'essa difficil campanha, sempre o soldado portuguez mostrou o seu valor, pois que não se limitaram as nossas tropas a cooperar com os inglezes na defeza do territorio nacional; tomaram parte tambem na lucta, em territorio hespanhol e francez, nas batalhas de Badajoz, Cidade Rodrigo, Salamanca, Vittoria, Pamplona e Tolosa, contribuindo para a libertação de toda a peninsula do jugo napoleonico. Justos louvores alcançaram sempre os nossos soldados, como succedeu depois na batalha de Vittoria, em que o marechal Beresford mencionou na ordem do dia o elogio á «brilhante conducta» das duas brigadas portuguezas «cuja firmeza, boa ordem e valor não se pode exceder».

—Em 1793, cerca de 5.000 soldados portuguezes marcharam para os Pyreneus, a fim de auxiliar os hespanhoes que, na campanha do Roussillon, sustentavam encarniçada lucta com os francezes, na fronteira.

Entre os officiaes que acompanharam a expedição, contava-se o coronel Gomes Freire d'Andrade, intrepido e aventureiro official que, mais tarde, fazendo parte da Legião Portugueza, foi considerado por Napoleão o mais distincto dos nossos generaes.

Distinguiram-se n'aquella trabalhosa campanha as nossas tropas, que, em mais d'um combate, revelaram as suas qualidades de bravura e disciplina. Houve, porém, um episodio, que mostra a extrema audacia de Gomes Freire e a influencia que, sobre o animo de tropas hesitantes, tem a decidida energia d'um chefe.

O regimento de Gomes Freire, na reduzida força de 280 praças, fôra incumbido de proteger uma retirada, oc-

cupando uma altura, proximo da estrada por onde os francezes avançavam. Tratava-se de sacrificar uma parte das tropas, para salvar o resto, e destinaram a essa espinhosa missão os portuguezes.

O regimento occupou a posição escolhida, começando rapidamente a retirada das restantes forças da columna. Os soldados de Gomes Freire, vendo-se sacrificados e perdidos, tiveram um momento de hesitação.

Gomes Freire, correndo para a bandeira e cheio de energia, fez-lhes sentir que, se as tropas hespanholas debandavam, era dever dos portuguezes mostrarem-se firmes, pois se o perigo era grande maior era tambem a gloria que lhes caberia; mas, se apezar de tudo, quizessem acompanhar os hespanhoes na debandada, podiam ir que elle ficaria só, com a bandeira, e sobre elles recairia a infamia de a ter abandonado e sacrificado o seu coronel.

Tal linguagem teve o effeito desejado, pois todo o regimento bradou que o não desampararia e fizeram corajosamente frente ao inimigo, sustentando a retirada, até que as outras tropas chegaram á salvo.

— Quando Junot invadiu Portugal, em 1807, para tirar ao exercito portuguez toda a velleidade de resistencia, enviou para França, por ordem de Napoleão, 9.000 homens escolhidos entre as melhores tropas que, sob o commando do marquez d'Alorna, foram servir no exercito francez, constituindo a chamada *Legião Portuguesa*. Esta Legião tomou parte em grande numero de batalhas, em que Napoleão firmou o seu poderio militar e politico, merecendo o mais elevado apreço de todos os generaes francezes e do proprio imperador.

Bateu-se corajosamente em Wargan, contra os austriacos, tanto no dia da celebre batalha, como já na vespera, em que foi encarregada de ir occupar, debaixo de fogo inimigo e quando os francezes iam em debandada, uma posição importante para as operações do dia seguinte.

Acompanhou a Legião Portuguesa as tropas do imperador, atravez da Europa, até ás steppes geladas da Russia, supportando todos os horrores d'essa desgraçada campanha.

— E, se d'estas epocas afastadas de nós, nos transportarmos aos nossos dias, ás campanhas coloniaes, veremos a mesma inquebrantavel firmeza da parte do nosso soldado, o mesmo espirito aventureiro e ousado d'outras eras, o que mostra que o povo portuguez tem conservado as

mesmas preciosas qualidades, que sempre o tem distinguido.

Entre as numerosas guerras que temos tido com o gentio das nossas possessões na Africa, como foram as do Bailundo, do Barué, dos Namarraes, do Maputo, da Guiné e de Gaza, destacam-se principalmente as campanhas de 1895, em Moçambique e a do Cuamato, em 1907.

Na primeira, em que se distinguiram muitos officiaes, entre elles Mousinho d'Albuquerque, Galharado, Caldas Xavier, Eduardo Costa e tantos outros, poz-se termo á influencia de um temido potentado — o poderoso regulo Gungunhana, que dispunha de um grande prestigio em vastas regiões e podia pôr em armas milhares de homens, entre as mais aguerridas tribus africanas, como os vatuas e landins.

As incursões dos landins no districto de Lourenço Marques, pondo em risco a segurança da propria cidade, devidas á rebeldia do celebre Zichacha, que dispunha da protecção e auxilio do Gungunhana, eram um desprestigio para a nossa auctoridade.

Da metropole partiram tropas, caçadores n.º 2 e 3, e infantaria n.º 2, além de cavallaria e artilharia, com o fim de porem termo á critica situação. A lucta que ia travar-se era cheia de perigos, porque o minguido numero dos nossos soldados tinha de haver-se, alem da hostilidade do clima, com a astucia e selvageria dos numerosos adversarios. Mas o espirito soffredor e valoroso dos portuguezes teve a mais completa recompensa dos seus esforços pois que, após os celebres e gloriosos combates de Maracuene, Magul, Coolela e Manjacaze, em que o reduzido quadrado portuguez se bateu com as mangas de milhares de vatuas, a victoria foi completa, destruindo para sempre o formidavel poderio do regulo.

Commandou a expedição o coronel Eduardo Augusto Galharado. Durante o tempo que esteve em Africa, supportou ella penosas marchas e as inclemencias do clima e, quando chegou o momento de se defrontar com o inimigo, até os doentes que estavam nos hospitaes quizeram combater e a muitos foi dada alta, em satisfação do seu ardente desejo.

Em Coolela eram pouco mais de 500 europeus, enfraquecidos pelas febres, que se bateram contra milhares de vatuas, que se arremessavam intrepidamente contra as

faces do quadrado, vindo a cair mortos a pequena distancia. Se não fosse a serena coragem de que, todos deram provas, abrindo largas brechas, com o seu fogo certo, nas compactas mangas, teriam sido esmagados pelo numero muitas vezes superior dos seus ferozes adversarios. Entre mortos e feridos houve 26 baixas, alem de varios officiaes feridos, conservando-se os feridos de menos gravidade, no seu posto, sem pensarem em tratar-se.

Esta guerra teve o mais brilhante fecho que a nossa alma de patriotas podia sonhar. Gungunhana, que depois do incendio do seu curral, em Manjacaze, conseguira fugir acompanhado ainda por numerosos guerreiros, foi feito prisioneiro, já depois do regresso das nossas tropas ao continente, por um pequeno numero de soldados, cheios de febres e de fadigas, que, ao fim de penosas marchas forçadas conseguiram deitar mão ao potentado estando elle rodeado dos seus homens de guerra! Chega a parecer inacreditavel que um punhado de soldados, extenuados pela ardua campanha, tivesse a extraordinaria coragem de ir arrancar o regulo, estando elle cercado da sua gente! Planeou e dirigiu tão audacioso e temerario feito, Mousinho d'Albuquerque, então capitão de cavallaria, e o mais perfeito e acabado modelo de intrepidez que pode imaginar-se.

Alem de heroico, tal successo foi em extremo vantajoso, pois com o regulo livre, ter-se-hia perdido todo o effeito da guerra.

Não foi esse o unico acto de valor praticado por Mousinho, em outras guerras mostrou ser o mesmo official valente e aguerrido. E não só como militar, tambem como administrador severo e colonial distincto, elle deixou o seu nome ligado á provincia de Moçambique.

Outra campanha colonial tambem levada a cabo com uma coragem inexcedivel e que foi habil e intelligente-mente preparada, foi a do Cuamato, em 1907. Comandou a pequena columna portugueza, n'esta rapida campanha, o tenente coronel Roçadas, então capitão do estado maior.

Havia n'essa expedição arriscada um facto que poderia entibiar o animo das tropas — era a recordação d'um recente desastre que custou a vida a muitos officiaes e soldados portuguezes, em lucta com os mesmos traiçoeiros adversarios, cuja forma de combater, escondidos no matto e armando emboscadas, tornava difficil e perigosa a guerra.

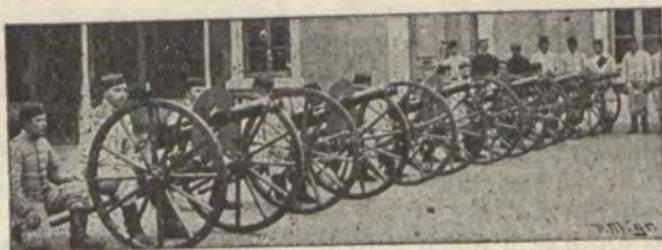
Apesar de todas estas difficuldades, o animo das tropas era excellente e, depois de decisivos combates, alcançaram completa victoria, derrotando o inimigo e vingando devidamente o revez soffrido. Está acima de todo o elogio, não só o modo como os soldados se bateram, como a maneira como foi o exito assegurado pela cuidada preparação em que o commandante da expedição se mostrou um chefe consumado.

Por estes factos que acabo de vos expôr abreviadamente, simples exemplos de muitissimos outros que a historia archiva e que seria longo referir, podeis avaliar qual a brilhante reputação de coragem e de abnegação, que o soldado portuguez sobre conquistar e qual a responsabilidade que pesa sobre vós, soldados de hoje, herdeiros das suas tradições e continuadores da sua obra!

Que estes episodios, que vos relatei, se gravem para sempre no vosso espirito e por elles orienteis sempre o vosso procedimento.

(*Continúa*).

L. M. A. D.



Emprego das metralhadoras no combate

(Continuado do n.º 2, 1912)

Sob este mesmo titulo um outro official japonnez escreveu um artigo em que estabelece algumas divergencias com as afirmações anteriormente feitas.

Este official sustenta que a metralhadora tanto pode ser empregada com vantagem em campanha como na guerra de fortaleza e que tão bons serviços presta no ataque como na defeza. A característica da metralhadora, que pode produzir um fogo nutrido e intenso num curto espaço de tempo, consiste em tornar em uma ardua tarefa, mesmo para as tropas mais corajosas, atra-

vessar um espaço batido por uma simples metralhadora. Esta experiencia foi universalmente feita na guerra russo-japoneza. As metralhadoras são, por isso, iminente-mente proprias para a defensiva.

Se as metralhadoras estiverem habilmente colocadas em importantes pontas da posição defensiva e por forma a dificultar ou mesmo impossibilitar ao inimigo o pode-las reduzir ao silencio com facilidade, a guarnição dessas proprias posições pela infantaria pode ser muito reduzida. A posição assim occupada não só permite uma eficaz defeza, mas até permite se possa aniquilar as tropas assaltantes desde que haja uma sufficiente reserva de munições que permita fazer face a todas as contingencias até ao ultimo momento. Nas guerras futuras as metralhadoras serão uma arma devéras importante.

No ataque o emprego das metralhadoras apresenta-se menos vantajoso do que na defensiva. Desde que as metralhadoras empreguem o mesmo cartucho que a infantaria, devem, com o fim de aumentar o seu poder, avançar o mais possivel juntas com a linha de fogo. Isto porem não é tarefa facil. A menos de 1.000 metros do inimigo os tres homens que servem a metralhadora oferecem um alvo bastante grande e favoravel, e, alem disso, não é facil transportar o grande numero de munições de que precisam sob a acção do fogo adverso. Mas se fôr possivel encontrar boas posições para as metralhadoras e se estas estiverem abrigadas e forem bem aproveitadas, o grande poder do seu fogo pode ser desenvolvido e empregado tão bem no ataque como na defeza,

E' absolutamente necessario conhecer o momento e o alvo sob o qual o fogo deve ser concentrado para se poder com vantagem obter o efeito desejado. Quando assim não suceda a acção desta arma é muito restricta e o seu efeito insufficiente.

Para se alcançar todo o efeito do seu fogo requerido pelas condições tacticas, as metralhadoras devem ter a mesma mobilidade da infantaria e devem ser organisadas e equipadas como esta arma.

Na 1.^a e 2.^a companhias de metralhadoras japonezas tanto as proprias metralhadoras como as suas munições eram transportadas em vagões especiais. Elas não podiam por isso acompanhar a infantaria. Nas es-

tradas más e montanhosas a marcha era muito demorada e as colunas eram muito alongadas. A continuidade dessas colunas chegou mesmo a ser interrompida e era difícil mantê-la. Apesar de todos os esforços e exortações dos oficiais, o pessoal das metralhadoras encontrava-se extenuado antes de entrar em fogo.

Felizmente aquelas duas companhias de metralhadoras não faziam parte do exercito de campanha, sendo apenas empregadas nas operações em frente de Porto Arthur. Logo que se lhes deu porem outro meio de transporte a sua mobilidade foi aumentada.

As companhias de metralhadoras que depois foram organisadas levavam as munições em pequenos carros tirados por um cavalo. Isto aumentou a sua mobilidade nas marchas, mas ainda tornava difícil o acompanhar a infantaria atravez dos campos. Em vista disto deve-se concluir que o equipamento das metralhadoras deve permitir acompanhar a infantaria por toda a parte, montes e vales e terrenos arborisados, para se tornar efectiva a sua interferencia nas decisões tomadas pelo comando. As munições devem sempre e em todos os casos acompanhar as metralhadoras.

Devem-se transportar as metralhadoras e parte das munições em cavalos de carga e o resto das munições e outros artigos em viaturas. Assim dá-se ás metralhadoras uma mobilidade igual á da infantaria e colocam-se em condições de poderem desempenhar cabalmente o seu dever.

A escolha de posições para as metralhadoras em terreno descoberto e que não ofereça abrigos naturais é muito difícil, sendo nestes casos preferivel fazê-las seguir a linha de atiradores e cooperar com eles no fogo de combate.

Quando porem se apresente uma cova ou um monte de terra, devem ser logo aproveitados pelas metralhadoras como abrigos.

As mudanças de posição devem efectuar-se em harmonia com o objectivo do ataque, a situação e a natureza do terreno. O principio geral consiste em desenvolver o mais possivel o efeito do seu fogo. Para isso, as seguintes condições são absolutamente necessarias:

- a) A distancia do inimigo não deve exceder 1.000 metros;

- b) Uma posição que tenha comando sobre o inimigo, que deva ser conveniente para ter á mão todas as metralhadoras e por forma a tanto poderem auxiliar a infantaria no ataque como na retirada;
- c) Um bom campo de fogo, liberdade de movimentos para a frente e para a retaguarda;
- d) Possibilidade de poder auxiliar sempre o avanço da sua infantaria até á posição do inimigo;
- e) Possibilidade de ocupar a posição e reabastecer as munições o mais abrigadamente possível.

Intervalos na execução não serão regulares, mas, pelo contrario, os abrigos deverão ser utilizados quando as metralhadoras se desloquem com o fim de dificultar tanto quanto possível ao inimigo o poder localisá-las.

Quando esteja resolvida a missão de que as metralhadoras devem ser encarregadas e se conheçam as posições que devem por elas ser ocupadas, os seus comandantes devem proceder pessoalmente ao reconhecimento dessas proprias posições. Designam os locais que as secções devem ocupar e ordenam todos os preparativos. Nos casos de retirada, elles proprios devem conduzir as companhias para uma posição fóra da acção do fogo adverso, devendo neste caso mandar previamente um official proceder ao necessario reconhecimento.

O andamento da marcha deve ser apropriado ao terreno e ás condições tacticas, devendo permitir se atinjam as posições antes das tropas se encontrarem fatigadas. Antes de ocupar a posição, a estrada ou caminho que a ella conduz deve tambem ser previamente reconhecida.

A distancias inferiores a 1:000 metros ou quando o avanço tenha de ser feito debaixo de fogo, as metralhadoras devem avançar isolada e independentemente, devendo o comandante ir na frente e indicar a cada uma delas o local que deve ocupar. O avanço de cada uma das metralhadoras deve ser feito pela seguinte ordem: escudos ou sacos de areia, tripés, metralhadora e finalmente as munições. No ataque de Nan-Shan reconheuse que este metodo correspondia bem ás necessidades

de serviço e que diminuía o numero de baixas do pessoal das companhias de metralhadoras.

As mudanças de posição devem efectuarem-se em ocasiões propícias porque doutra forma não se alcançará resultados apreciáveis. Estas mudanças de posição são necessarias todas as vezes que as tropas amigas ocupam posições que fiquem no campo de tiro das metralhadoras para não as bater com o seu proprio fogo. Antes destas mudanças de posição se efectuarem deve-se mandar sempre uma patrulha com o fim de reconhecer o caminho a seguir. Nas mudanças de posição a menos de 1:000 metros do inimigo as metralhadoras, accessorios e munições devem ser transportadas pelo respectivo pessoal. Quando porem a mudança de posição seja para efectuar a perseguição do inimigo convirá então transportar tudo o dorso dos animais a fim de se ocupar a nova posição o mais rapidamente possivel.

As mudanças de posição para a retaguarda a retirada devem ser feitas por secções, devendo se ter o cuidado de as fazer preceder por um certo numero de munições.

Quando uma companhia se encontre isolada, as mudanças de posições devem ser sempre feitas por secções, devendo o seu comandante acompanhar a ultima secção. E em casos especiais a retirada ainda deverá ser feita por sub-secções.

O fogo das metralhadoras é dirigido pelo comandante da respectiva companhia. Ele indica o alvo a cada uma das secções, indica a especie de fogo, observa os pontos de queda dos projecteis e o efeito do fogo.

Os comandantes das secções observam o alvo que lhes foi designado, indicando a cada metralhadora a parte que devem alvejar, o que deve ser feito por forma que todo o alvo seja atingido. Observam os movimentos do inimigo e sómente devem ordenar que se faça fogo quando o possam atingir. Contra os alvos moveis deve-se usar o fogo concentrado e é nestes casos que mais se impõe o valor das metralhadoras. Nestes casos não devem esperar por ordem especial para romperem o fogo.

Tanto a cavalaria e a artilharia como todas as formações densas da infantaria são excelentes alvos que as metralhadoras não devem desprezar.

A qualidade do fogo depende do objectivo do com-

bate, da situação e natureza do alvo e do numero de munições disponíveis. Sobre alvos em que se anteveja pequeno efeito, o fogo lento deve ser empregado, enquanto que um fogo rapido e intenso deve ser dirigido sobre um inimigo que avance por lanços ou que se encontre em marcha para ocupar nova posição ou para reforçar outras forças. Este genero de fogo deve ser sempre empregado contra a cavalaria e a artilharia desde que se encontrem em boas condições.

As metralhadoras nunca devem iniciar o fogo prematuramente porque o inimigo esforçar-se-ha nestes casos em as aniquilar, lançando sobre elas uma grande quantidade de fogo.

O efeito do fogo depende da justa avaliação das distancias, e da rapida e rigorosa observação dos efeitos. E' aconselhavel, quando possivel, ocupar as posições elevadas que houver nas proximidades, devendo-se mandar observadores para elas.

(Continúa)

Um exemplo a seguir



E' entre nós um habito invetrado, e mau habito que que ele é, procurarmos imitar o estrangeiro em questões militares, mas nem sempre copiarmos o que de bom existe lá fóra.

Muitas vezes procura-se introduzir no nosso meio militar principios e doutrinas inadaptáveis ás circumstancias do nosso modo ser.

Em regra, não preside á adopção de estrangeirismos, um criterio seguro como consequencia de ponderação e maduro exame.

Cada povo tem a sua psicologia, os seus costumes, as suas tradições, as tendencias naturaes do seu espirito e o fundo ancestral do seu character.

Transplantar abruptamente de outros povos praticas e principios, sem se saber se taes innovações podem ou não ser proveitosas, é um erro de consequencias quasi sempre funestas.

Outras vezes, porém, succede exátamente o contrario.

Princípios de resultados praticos reconhecidos e que com suprema vantagem poderiam ser introduzidos no nosso exercito, ficam esquecidos e ninguem deles faz caso.

Ora, é contra estas duas ordens de ideias que protestamos.

O Japão exulta hoje por ver o seu regulamento do serviço interno dos corpos assentar sobre as tradições daquele grande povo, libertando-se de toda a imitação europeia.

E' que os japonezes veem assim aumentar a força moral dos seus exercitos indo buscar á sociologia *confucionista* e ás antigas regras do *Buchido* o alicerce das suas crenças, a continuação das suas tradições, e a norma por onde todos devem pautar os seus deveres moraes e civicos.

A Alemanha depois do desastre de Iéna e Auerstaedt, em 1806, organisou um orgão central para o alto comando do exercito com tão sabia orientação, que tem vindo até nossos dias afirmando o seu grande valor.

As campanhas de 1864, 1866 e 1870 assim o afirmam.

O organisador do exercito prussiano depois do tratado de Tilsitt, foi Scharnhorst.

Foi este grande patriota e grande general que com a colaboração do grande ministro Stein, creou em 1810 a Escola de Guerra, transformada mais tarde em Academia de Guerra de Berlim.

A Alemanha conserva religiosamente este monumento militar, fonte do seu grande valor, e que nós não procuramos, infelizmente, imitar.

Moltke dizia... «as nossas campanhas e as nossas victorias teem instruido os francezes, que, como nós, teem o numero, o armamento e a coragem. A nossa força estará pois na direcção, no comando, numa palavra no grande estado maior.

Esta força pode a França nol-a invejar, porque não a tem».

E' que a Alemanha segue no seu organismo militar uma sequencia logica, aproveitando o que a tradição tem de bom e só innovando quando os altos interesses do exercito reclamam essa innovação.

Levar-nos-ia muito longe se continuassemos esta digressão, quando o nosso fim é muito restrito e directamente dirigido a um assunto do mais palpitante interesse para a nossa arma.

O actual director da Escola de tiro de Spandau é o general von Alt-Sthuterheim que tomou conta da direcção daquela Escola quando ainda era capitão.

Este exemplo de bom senso e do mais evidente proposito do aproveitamento das aptidões de cada um, merece ser conhecido no nosso exercito.

E a oportunidade é palpitante.

Chega-nos ao conhecimento que neste momento se está estudando um regulamento para carreiras de tiro no nosso paiz, e em que se pretende taxativamente acorrentar as funções de director a certos e determinados postos.

E' um erro, e a pratica de tantos anos dessa brilhante Escola de Spandau assim o demonstra.

Os alemães reconheceram no capitão von Alt-Sthuterheim todos os prediçados e toda a alta competencia para um aproveitamento rendoso do trabalho produzido naquela Escola, e, não quizeram saber se von Alt-Sthuterheim era promovido a major, a tenente coronel, a coronel ou a general, para o conservarem no seu logar onde tantos e tão assinalados serviços tem prestado e continua prestando.

Na carreira de tiro de Pedrouços está um official como director, que é, sem ofensa para ninguem, a maior autoridade que existe hoje na infantaria portugueza em questões de tiro e de armamento.

A sua alta competencia, a sua envergadura profissional é hoje reconhecida até no estrangeiro, que bem avalia o valor das suas opiniões em questões de armamento.

Alia ás suas grandes faculdades de trabalho, uma grande capacidade de administrador.

Tem a autoridade que lhe dá o saber e o valor moral que lhe dá o seu nobre character.

Pergunta-se, haverá coragem para no regulamento em elaboração consignar-se taxativamente o principio de ser capitão o director da carreira de tiro de Pedrouços, para assim a nossa arma se vêr privada da colaboração valiosissima e insubstituivel do sr. capitão Bugalho, agora que ele está prestes a ser promovido a major?

Não acreditamos.

Seria uma nota tão palpitante de falta de senso, e até de falta de interesse pelo bem da arma de infantaria, que nos repugna admetil-a.

Pois então que tantas coisas copiamos do estrangeiro sem utilidade, lance-se um olhar atento para os ale-

mães, que, com sabia prudencia e belos resultados praticos, teem conservado em Spandau desde capitão o general von Alt-Sthuterheim.

Se no regulamento em elaboração se consignar o principio de que a carreira de tiro de Pedrouços pode ser dirigida por um capitão ou por um official superior, tudo ficará remediado, e a nossa arma não se verá privada da grande competencia do sr. capitão Bugalho, o inventor da espingarda automatica portugueza, na direcção da carreira de tiro de Pedrouços, onde os seus serviços são reconhecida e notoriamente apreciados por todos quantos ligam o mais alto interesse ás questões do tiro da nossa arma, que é a nossa incomparavel força.



Direito de punir

Diz-se, e de facto com razão, que a disciplina militar se encontra abalada. Os queixumes a este respeito são gerais e no entanto pouco se tem feito com resultados eficazes para que este estado de coisas acabe.

Não indicaremos agora quais as medidas que em nosso entender se deviam pôr em execução para vigorisar e fortalecer a disciplina do exercito. Limitar-nos-hemos neste momento a indicar aos nossos camaradas a forma como este assunto foi ultimamente encarado e resolvido em França por um ministro da guerra que comunga no ideal socialista, como é o sr. Millerand.

Trata-se do direito de punir dos subalternos, sargentos e cabos. A disciplina do exercito francês não é, como certamente todos sabem, das que ofereça mais confiança, e um dos meios que neste momento se reputa mais eficaz para combater a debilidade geral de que está sofrendo consiste em interessar directamente os subalternos na sua

manutenção, concedendo-se-lhes o direito de punir, que até aqui lhes era defezoz.

E tendo nós imitado os francêses quando identico direito foi tirado aos nossos subalternos, justo era que agora tambem os imitassemos para lh'o conceder, tanto mais que as razões alegadas para eles com maioria de razão se applicam ainda a nós.

E posto isto vamos transcrever o decreto e o seu respectivo preambulo.

«Senhor Presidente

«O artigo 188 do decreto de 25 de maio de 1910 sobre o serviço interior dos corpos de tropa determina que *todo o superior, qualquer que seja o seu posto ou a qualquer corpo ou serviço a que pertença, tem o dever estricto de contribuir para a manutenção da disciplina geral reprimindo toda a falta dos seus inferiores e esforçando-se por lhe pôr fim logo que esta falta persista.*»

Mas, impondo assim a todos os chefes a responsabilidade em materia de disciplina, o decreto de 15 de maio de 1910 não atribue, no entretanto, senão a certos chefes o direito de punir, que é o corolario e que deve ser considerado como uma das prerogativas inseparaveis da autoridade. Parece-me indispensavel acabar com esta contradicção e restituir a todos os superiores o direito, que antes lhe pertencia, de impôr punições em limites determinados; o maximo será especificado no regulamento para cada um dos postos da hierarquia.

Eu espero, alem disso, que a extensão do direito de punir, tem como consequencia necessaria a adoção de disposições proprias a evitar os abusos que se possam cometer no exercicio deste direito.

Com este fim, e mantendo aos chefes de companhia, de grupo e de regimento, a faculdade que possuem já de modificar as punições impostas pelos seus subordinados, parece-me que eles teem logar de dicidir que toda a punição igual ou inferior a oito dias de detenção não se tornará definitiva senão depois que o militar que cometeu a falta tenha sido ouvido nas suas explicações.

A applicação da dilação já prevista pelo artigo 191 do regulamento actual, permitirá, alem disso, applicar a todo o militar punido o beneficio d'uma indulgencia que possa ter merecido pela sua maneira habitual de servir.

Eu acrescento que excéto o caso de falta grave, exi-

gindo uma repressão imediata, nenhuma punição se tornará definitiva sem ser sancionada pelo chefe da unidade; até que esta sanção seja concedida o militar punido ficará apenas detido; contudo, em caso de urgencia e se o chefe da unidade se encontra ausente, será comunicado ao official de serviço.

Enfim, no que diz respeito ás punições dos officiaes, eu espero que convirá restabelecer o castigo de prisão simples tal qual é definido pelos regulamentos anteriores ao de 1910; esta punição, com efeito, constituindo um castigo material eficaz, não interrompe o serviço do official punido e permite-lhe continuar as suas funcções na sua unidade.

Se aproveis as considerações que precedem, eu tenho a honra de vos pedir, Senhor Presidente, que vos digneis revestir o decreto junto com a vossa assinatura.»

Millerand.»

O decreto que acompanha este relatório e que foi assinado pelo Presidente da Republica, é o seguinte:

«Artigo 2.^o — O artigo 188 do decreto de 25 de maio de 1910, assim como os artigos 159, 190, 198, 205 e 208 deste decreto, são modificados e substituídos pelas disposições seguintes:

Art.^o 188.^o — *Direito de punir.* Todo o superior, qualquer que seja o seu posto e a qualquer corpo ou serviço a que pertença, tem o dever estricto de contribuir para a manutenção da disciplina geral punindo toda a falta dos seus inferiores e esforçando-se por lhe pôr fim logo que esta falta persista.

Logo que o julgue necessario, e em todos os casos, logo que as suas ordens são desrespeitadas, reprimirá as infracções impondo as punições previstas pelo regulamento.

O direito de punir pertence, para este efeito, a todos os postos, nas condições fixadas pelo artigo 189 aqui junto, e nos limites determinados pelos artigos 198 e 208.

O comandante de destacamento, se é official superior, tem os mesmos direitos que o coronel em materia de castigos; se é official subalterno, tem os mesmos poderes que o comandante da unidade. Os sargentos e cabos comandantes de destacamentos ou de posto possuem os direitos dos alferes.

Todo o militar que desempenhar momentaneamente uma função possui, em materia de punições e qualquer que seja o seu posto, os mesmos direitos que o titular desta função. Os simples soldados desempenhando as funções de cabo tem os direitos destes.

Quando um chefe entenda que os poderes disciplinares de que dispõe não lhe permitem impor um castigo sufficiente, toma as medidas necessarias para o interesse da disciplina e da boa ordem e comunica logo o facto á autoridade de que depende.

Desde que o castigo é imposto o chefe que o applicou notifica-o ou fal-o notificar sem demora ao interessado.

Os castigos não são nunca notificados na presença dos inferiores dos militares punidos; podem ser inseridos nas ordens nos casos do artigo 163.

Artigo 189.^o — *Exercício de direito de punir.* Todo o superior tem o direito de castigar, em todas as circumstancias de tempo e de lugar, os militares que pertençam mesmo provisoriamente ao mesmo corpo ou serviço a que ele pertença; possui igualmente este direito nas repartições e estabelecimentos de guerra e no interior dos destacamentos com relação a todo o militar, mesmo pertencendo a um corpo ou serviço diferente do seu.

As faltas cometidas em um lugar fóra dum estabelecimento militar e constatadas por um superior dum outro corpo ou serviço, dão lugar a um pedido de punição nas condições fixadas pelo artigo 37 do decreto de 1 de outubro de 1908 sobre o serviço de guarnição.

Artigo 190.^o — *Descrição e sanção das punições.* Os castigos serão mencionados nos mapas diarios das unidades; serão levados ao conhecimento do comandante da unidade, seja por exposição dos seus subordinados, seja pelas notificações transmitidas pelo serviço geral se se trata de castigos impostos pelos graduados extranhos á unidade. Não se tornam definitivos e a sua execução não começa senão depois da sanção do comandante da unidade, ou, em casos urgentes, do official de serviço. Contudo, todo o militar a quem um castigo foi notificado é desde esse momento considerado detido.

Toda a punição de prisão egual ou superior a 8 dias deve fazer objecto dum relatorio escrito; não póde ser pronunciada sem que o chefe que a impoz tenha recolhido, de viva voz ou por escrito, as explicações do militar punido.

Artigo 198.^o — *Quadro das punições*. O maximo das punições que se contam por dias que podem ser impostas pelas diferentes autoridades hierarquicas aos sargentos, cabos e soldados é indicado em um quadro especial.

Artigo 205.^o — *Punições a impor aos officiaes*. As punições dos officiaes são :

- Repreensão do capitão, do major e do coronel;
- Prisão simples;
- Prisão de rigor;
- Prisão em fortaleza.

Estas punições são descritas nas notas de assentamentos dos officiaes punidos.

A repreensão do capitão é dada ao interessado em particular e sem formalidades definidas; as repreensões do major e do coronel são dados na presença de um ou muitos officiaes de posto mais elevado ou mais antigos de posto do que o official punido.

O official castigado com prisão simples não fica isento de qualquer serviço; é obrigado a manter-se no seu quarto sem receber pessoa alguma, excéto para assuntos de serviço; pode contudo tomar as suas refeições fóra do quartel com auctorisação do chefe de corpo.

O official castigado com prisão de rigor e prisão em fortaleza não exerce, durante a duração do castigo, nenhuma função do seu posto. O official em prisão de rigor não pode receber pessoa alguma, devendo ali tomar as suas refeições. O official que violar este preceito será castigado com prisão em fortaleza.

Os castigos em fortaleza são cumpridos num estabelecimento militar designado pelo comandante do corpo de exercito. A decisão que impõe o castigo em fortaleza especificará se o official irá ou não livremente para o local onde o deve cumprir; no segundo caso deve indicar como será conduzido.

Artigo 208.^o — *Duração das punições a impôr aos officiaes*. Nos corpos de tropa, as durações dos castigos a impor aos officiaes são fixadas como segue:

Pelos tenentes, ou, eventualmente alferes, 2 dias de prisão simples;

Pelos capitães ou officiaes superiores fóra da sua unidade, 4 dias de prisão simples;

Pelos capitães ou officiaes superiores na sua unidade, 8 dias de prisão simples;

Pelos officiaes superiores chefes de corpo ou officiaes ge-

neraes fóra do seu comando, 30 dias de prisão simples ou 15 dias de prisão de rigor;

Pelos generaes de brigada na extensão do seu comando, 30 dias de prisão simples, ou de rigor, 8 dias de prisão em fortaleza;

Pelos generaes de divisão na extensão do seu comando, artilharia divisionaria compreendida, 30 dias de prisão simples, ou de rigor, 15 dias de prisão em fortaleza;

Pelos generais comandantes de corpo de exercito na extensão do seu comando, 30 dias de prisão simples, de rigor ou em fortaleza.

Artigo 3.º — Todas as disposições contrarias são e ficam revogadas.

Feito em Rambouillet, 14 de maio de 1912.

A. Fallières.

O ministro da guerra,

A. Millerand.

Como se vê pelo texto do decreto que acabamos de transcrever é conferida competencia disciplinar a todos os postos da hierarquia militar. E para ajuizar da latitude e extensão que ao espirito deste decreto foi dado bastará dizer que pelo quadro das competencias que foi publicado em anexo se vê que os proprios cabos podem castigar os seus subordinados com dois dias de detenção, competencia esta que é extendida a 4 dias para os sargentos, 8 para os subalternos, 30 para os comandantes de companhia, etc.

E foi assim que procedeu um ministro da guerra que é um bem conhecido militante do partido socialista.

BIBLIOGRAFIA

Sul d'Angola, relatório de um governador (1908-1910), por *João d'Almeida*, capitão de infantaria com o curso do estado maior.

O nosso querido amigo, sr. capitão João d'Almeida, acabou de fechar com chave d'ouro a grandiosa obra colonial que encetou enquanto governou o districto da Huila.

Os relevantes serviços que ali prestou, a forma patriótica como encarou a sua missão, os sacrificios a que se sujeitou e os

beneficos resultados que o paiz colheu durante a sua gerencia são por todos bem conhecidos. João d'Almeida foi um governador de destaque, e quem primeiramente lhe começou a fazer justiça não fomos nós, portuguezes, porque o nosso espirito mesquinho consegue por vezes ofuscar-nos esse salutar espirito; essa primazia e essa honra coube a um povo extranho, aos alemães, que nos jornais da especialidade por vastas vezes se tem referido á obra deste nosso amigo e distinctissimo camarada.

Mas se a sua obra foi grande, o seu relatório agora publicado é então um trabalho colossal que só podia ser empreendido e executado por uma grande intelligencia fortemente apoiada por uma vontade tenaz, inquebrantavel, de ferro.

Em formato grande, tem este trabalho 648 paginas, que se encontram recheiadas com belas gravuras e ilustradas com muitos mapas da região.

Em uma lucida exposição define com clareza e precisão a orientação patriótica dos fins que o levaram a empreender este corramento dos seus trabalhos, definindo ao mesmo tempo um vasto programa que maduramente deve ser estudado e meditado por todos quantos se encontrarem em identicas condições de governo colonial.

Este relatório é dividido em 4 partes; tratando a primeira da terra e da população; a segunda da conquista, occupação e colonisação; a terceira das divisões territoriaes e sua evolução; e a quarta de administração civil e militar, riqueza e fomento. Cada uma destas partes é subdivida ainda em capitulos, mostrando em cada um deles o que era e o que havia feito e por fazer n'aquelle districto, o que fez e o que conseguiria fazer se as contingencias duma politica mal compreendida não o afastassem do logar que desempenhava com tanto proveito para o districto e tanto brilho para o nome portuguez.

E evidenciando tudo isso, nas paginas deste relatório mostra ainda em todas elas os seus vastos e profundos conhecimentos e a sua fé e a sua crença sempre vivas e sempre ardentes como as d'um bom portuguez que é.

Este relatório é, pois, o verdadeiro padrão glorioso da sua ação governativa que só mais tarde, com o tempo, se chegará a compreender e apreciar.

Princípios de Guerra, por *Carlos Alberto Correia*, tenente de cavalaria.

É o terceiro volume da obra que encetou o nosso camarada, sr. tenente Carlos Correia, a que nos vamos referir.

Como sequencia natural dos volumes já publicados, este 3.º volume é dedicado á tactica de combate.

E dito isto evidenciada fica a alta importancia deste livro porque é mais um valioso auxilio que a todos os nossos camaradas é prestado para poderem completar e desenvolver a sua instrução neste complexo ramo dos conhecimentos militares.

Em um grosso volume de perto de 400 paginas, o nosso amigo e distincto camarada, sr. tenente Correia estuda as generalidades do combate, aprofundando depois o estudo da guerra offensiva e defensiva, o desenvolvimento do combate, as suas fases e a sua execução e por fim a batalha.

O capitulo 7.º deste volume é consagrado á missão e emprego das armas no combate e os permonores e detalhes com que o seu auctor os descreve fazem com que seja um dos que mais interesse desperta e que mais uteis se tornam.

Aos estudiosos recomendamos a leitura deste trabalho e ao nosso illustre e prezado camarada agradecemos a oferta com que nos honrou.



Secção do estrangeiro

França. — Uma intrevista com o ministro da guerra.— O facto, pela primeira vez sucedido, de se encontrar á testa dos destinos do exercito como ministro da guerra um politico filiado e militante no partido socialista, como é o sr. Millerand, actual ministro da guerra do exercito francês, fez com que este homem publico fosse entrevistado por um dos redactores do jornal austriaco *Neue Freie Presse*.

Nesta entrevista o sr. Millerand, depois de fazer o elogio do lialismo e da competencia dos officiaes francezes, sendo perguntado sobre o desaparecimento do exercito permanente e a possibilidade da creação das milicias nacionais, o ministro disse o seguinte, segundo vemos trascrito na *France Militaire*.

«Todo o mundo se trasforma sem duvida e o mundo não é senão uma perpetua transformação. Mas não esperemos que uma tal evolução se produza muito cedo; não o esperemos nem pelo exercito nem pela propria nação. Não vê o serviço constante que o exercito presta á Republica pela noção d'ordem e de dever que ele sustenta e mantem? Pela escola obrigatória e laica, pelo uso de uma liberdade sem peias, pela propaganda dos jornais e dos discursos, nós somos um povo em constante fermentação intelectual, na alma de todo aquele que ousasse confundir as regras elementares de toda a sociedade constituída.

«E nesta atmosfera de liberdade total, neste caos que fazem nas almas tantas noções imperfeitamente compreendidas é que o exercito vem successivamente procurar toda a juventude da Republica para lhe dar esta educação de disciplina e de sacrificio sem o qual o homem não é completo.

Os sonhadores teem pensado algumas vezes em fazer do exercito a sequencia da escola. Que loucura! O exercito é com efeito uma escola complementar, mas para ele proprio, pelas necessidades proprias da sua vida, pelas virtudes que suscita e desenvolve e não em função da escola da infancia.

«E' loucura pensar em legislar uniformemente para o universo. A Suíça é um velho paiz de liberdade e ao mesmo tempo de disciplina, onde a ordem social está regulada desde ha seculos. Nós chegámos mais tarde á liberdade, nós somos mais impacientes, mais racionadores e as nossas regras estão ainda incertas. E' um trabalho de organização que se faz lentamente, mas que está em via de se realisar e ao qual ajudará muito o desenvolvimento do sindicalismo. Esperando que seja completada, eu afirmo-vos que a instrucção militar é eficaz porque ella é a ordem.»

Italia. = Dotação de munições da infantaria. — Foi ultimamente aumentada sensivelmente, e distribuem-se do seguinte modo :

Infantaria de linha.—Sobre o individuo, 168 cartuchos; no trem regimental, 24; na secção de munições de visionaria, 108; total, 300 cartuchos.

Bersaglieri.—Sobre o individuo, 168; no trem regimental, 24; na secção de munições, 260; total, 452.

Alpinos. — Sobre o individuo, 167; no trem de companhia, 244; na secção de munições do grupo alpino, 90; total, 502.

Os militares armados de pistola dispõem de 18 cartuchos; o trem regimental transporta 720 cartuchos para pistola; o trem de companhia alpina, 360; e as secções de munições, 20.000.

Vulnerabilidade das formações da infantaria sob o fogo da artilharia. — Fizeram-se experiencias de tiro para estudar qual será a formação da infantaria menos vulneravel ao tiro da artilharia.

Com esse fim fizeram-se fogos contra quatro alvos distinctos, constando cada um de 72 silhuetes.

O primeiro alvo eram duas linhas, uma á retaguarda da outra, a 200 passos de distancia. Em cada linha o intervalo das silhuetes era de 3 passos.

O segundo alvo era tambem de duas linhas, uma atraz da outra, mas apenas á distancia de 20 passos, sendo o intervalo entre as silhuetes de 2 passos.

O terceiro era uma linha de 6 colunas de homens a 2 passos de distancia.

O quarto era unicamente uma linha com as silhuetes a 2 passos de distancia.

O resultado medio do tiro foi de 78 % no primeiro alvo; 91% no segundo; 57 % no terceiro e de 83 % no quarto.

Estes resultados confirmam os obtidos nos exercicios realizados no poligono de Guterburg, na Alemanha, e nos quais se evidenciou que a formação sobre a qual a artilharia causava menos efeito era a columna, porque assim se evita que uma granada possa causar dano ás fileiras adjacentes.

Belgia. = Reformas militares. — Todas as questões referentes á preparação da guerra que até agora eram dependentes do ministerio da guerra, passam a ser da incumbencia do estado maior central, que ha pouco foi criado.

Na mesma occasião foi tambem organizada uma Secretaria geral civil e uma inspecção geral civil de administração do exercito, assim como um Conselho do Ministro da guerra.

Foi tambem criado um Conselho superior de defeza nacional, composto de 6 membros do conselho do ministro e dos comandantes das grandes unidades, incluindo a gendarmaria e a guarda civica.

Na mesma occasião foram tambem melhorados os soldos dos officiaes, que começando com um soldo anual de 2:500 francos se irá aumentando com 300 francos cada tres anos, sem que esse aumento possa exceder 1:800, salvo para os capitães comandantes, nem baixar de 3.700 o soldo dos capitães de segunda classe, e de modo que os capitães comandantes recebam sempre mais do que os de segunda classe, 700, 1.000 ou 1.300 francos, segundo contem menos de 3 anos de antiguidade, ou esteja compreendido entre 3 a 6 ou passe de 6.

Os soldos dos maiores são aumentados com 600 francos.

Todas as praças de pré com mais de 4 anos de serviço receberão mais 25 francos por ano.

Suissa. — Programa de iustrução. — As escolas de recrutas terão este ano logar por regimentos, enquanto que dantes os recrutas dos varios regimentos se reuniam num só deposito, formando a mesma escola, sob o comando de officiaes e sargentos de distinctos corpos

Esta medida que terá grandes vantagens sob o ponto de vista do desenvolvimento do espirito de corpo, tem o inconveniente de não deixar aos recrutas a escolha do local da sua escola e impedirá, alem disso, a reunião de mancebos de diferentes cantões, o que contribuia para realisar a unidade moral da Suissa.

As escolas de sargentos precederão as dos recrutas a fim de que aqueles estejam bem preparados para instruir estes.

Este ano effectuar-se-hão pela primeira vez cinco cursos de metralhadoras.

As divisões 1.^a e 2.^a terão cursos de repetição; as divisões 3.^a e 4.^a terão exercicios de quadros; e a 5.^a e a 6.^a terão exercicios de dupla acção, com tropas.

CONSULTAS

52.^a — a) O official póde ter a pistola em sua casa ?

b) Póde usal-a sem ser em serviço ?

Póde têl-a em casa e usal-a sem ser em serviço, visto que o militar por natureza tem licença de porte de arma (n.º 22 do art. 278º do codigo administrativo de 4 de maio de 1896).

53.^a — Tendo um soldado faltado ao cumprimento do disposto no art. 30.º do regulamento de honras e continencias militares, fazendo uso de traje civil, pergunta-se se um soldado mais moderno poderá dar-lhe a voz de prisão ?

Em primeiro logar, contanto que moralmente seja um crime de lesa-patriotismo o não descobrir-se perante uma banda que toca o hymno nacional, perante os regulamentos penaes militares, a falta cometida constitue uma infracção de disciplina e, como tal, puravel pelo regulamento disciplinar.

Nestas circunstancias a praça que observou a falta cometida pelo seu camarada mais antigo, deverá participal-a á primeira autoridade militar mais graduada e mais proxima.

54.^a — Estando una companhia a ser comandada por um tenente e havendo na mesma um alferes, deve este substituir o tenente no comando, ou deve ser nomeado para esse fim um alferes de outra companhia pelo facto de ser mais antigo do que aquelle?

Quem deve comandar a companhia, durante o impedimento temporario do seu comandante (capitão ou tenente), é o official mais graduado e antigo que d'ella faça parte.

55.^a — Diz o art 401.^o do Codigo de Justiça Militar «Ao acusado, desde que lhe fór intimada a accusação, é permitido comunicar livremente com o defensor, o qual poderá tirar copias de quaesquer peças do processo, sem que o julgamento possa ser retardado por sua causa».

Pergunta :

Tem por este facto a defensor, depois de intimada a accusação ao acusado, o processo á sua disposição, para tirar d'elle copias sempre que queira; ou deverá tomar conhecimento e ter o processo patente na secretaria, para o vêr, sómente durante os prazos marcados nos artigos 395.^o e 396.^o do referido Codigo?

Os artigos a que o consulente se refere e que se acham transcritos no «Codigo do Processo Criminal Militar» de 16 de março de 1911, com os n.^{os} 222, 223 e 224, teem como chave o artigo 225.^o do mesmo Codigo. Isto é, o defensor officioso ou o que o réu nomear, teem respectivamente 3 ou 8 dias para ler o processo e requerer tudo que julgar necessario para o boa e justa defesa do seu constituinte. A partir d'esta data, só poderá requerer a adjução de documentos ao processo e tirar copias das peças que necessitar, sem que possa embarçar o andamento do mesmo processo, a fim do julgamento não ser retardado.

56.^a — Tendo sido nomeado para a instrucção de recrutas o capitão ajudante d'um regimento, para o que foi substituido nas funções, e passando os officiaes impedidos na mesma instrucção a fazer serviço de escala, o capitão deverá grupar nas mesmas escalas, e, portanto, fazer o mesmo serviço que os demais officiaes impedidos na instrucção?

Sem duvida que deve.

57.^a — a) Os chefes de musica teem continencia de todas as praças?

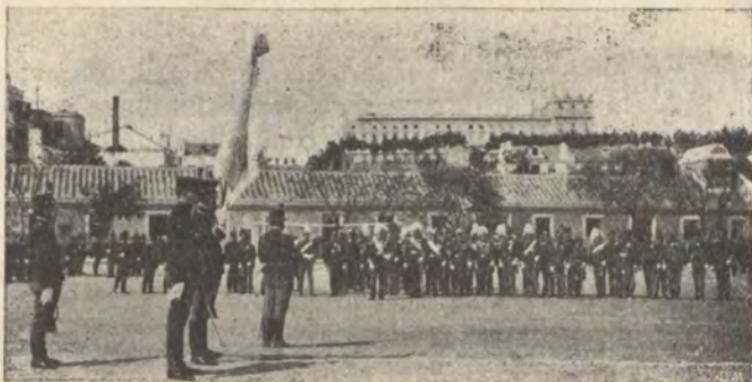
b) Em caso affirmativo, onde está escripto?

Devem, visto que são considerados para todos os effeitos officiaes, não só pela sua graduação, como pelos seus deveres e direitos pela legislação vigente, e mui especialmente pelo decreto de 25 de maio de 1911 no seu quadro no 27 que os inclue na categoria dos officiaes.

58.^a — Dizendo o art. 1.^o do Decreto de 3 de novembro de 1910, que os officiaes e praças de todas as classes do exercito e armada não soffrerão desconto algum nos seus vencimentos, para o hospital, quando em tratamento nos mesmos, por motivo de ferimento em serviço, pergunta-se :

Alem dos vencimentos a que as mesmas praças teem direito, deve-lhes ser abonado pão e rancho a dinheiro ou só simplesmente o pré e as gratificações a que tenha direito?

Devem-lhe ser abonados todos os seus vencimentos.



15.º ANNO

AGOSTO DE 1912

N.º 8

REVISTA DE INFANteria

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

Os quadros da infanteria

Como é sabido e notorio o quadro permanente da nossa arma já foi alterado conforme a proposta a que nos referimos no nosso penultimo numero.

Quem tem luctado em prol desta causa com o afincio e amor como nós o temos feito, não pôde nem deve ficar silencioso perante um facto desta natureza.

Nós dissemos que era necessario fazer justiça á nossa arma, que pela ultima organização do exercito tinha ficado numa situação devéras desvantajosa em relação ás suas irmãs de combate. E agora que essa justiça se lhe começou a fazer, não fugiremos nós a dar louvores a todos quantos trabalharam em prol desta causa. Não especialisamos ninguem porque com imenso prazer notámos que muita gente houve que se apressou a mostrar não só a equidade da medida, mas tambem a urgencia em que justiça se fizesse. Desde o proponente até Sua Ex.^a o Ministro da Guerra todos são merecedores dos nossos agradecimentos.

E cumprindo este dever de gratidão para todos os que trabalharam a favor da nossa causa, justo é tambem que não abdiquemos do direito que nos assiste de

pôr a questão no seu verdadeiro pé. No ultimo artigo que sobre o assunto aqui escrevemos dissemos e mostrámos com elementos que não admitem contestação; que esse aumento de quadros não correspondia ás legítimas aspirações da arma. Finalisámos até o nosso artigo dizendo que aprovar esse aumento de quadros apenas correspondia a praticar um pequeno acto de justiça.

E de facto assim é. O aumento promulgado atenua apenas a grande desvantagem em que a infantaria ficou em relação ás outras armas. E essa virtude, a virtude de atenuar essas diferenças, sômos nós os primeiros a reconhece-la e até a louvar, como louvamos e louvaremos todos os que nesse sentido trabalharam.

Mas dando ás coisas o seu devido valor e fazendo aos homens a merecida justiça, não podêmos deixar de reconhecer que o problema ficou por resolver e que certas classes dos quadros da arma e alguns dos seus serviços continuam sofrendo dos mesmos prejuizos.

O excedente dos subalternos ficou existindo da mesma fórma, embora um pouco reduzido, de maneira que os nossos camaradas que nêle ainda se encontram continuam a vêr o horisonte do seu futuro sensivelmente tão carregado como o viam antes dessa lei ser promulgada.

Os regimentos de infantaria continuam sem um immediato ao comandante e sem o qual todos os serviços internos do regimento difficilmente se podem executar com a vigilancia, direcção e fiscalisação que todos reclamam. E esse immediato é tanto mais necessario quanto é certo que pela organisação vigente os quartéis teem sempre mais gente do que tinham antigamente.

A percentagem dos capitães do quadro permanente para os milicianos não foi alterada, e isso, como já por diversas vezes temos dito, constitue o ponto fraco da nossa infantaria porque aumentaram os effectivos e não se aumentaram proporcionalmente os officiaes que teem de os enquadrar, que teem de lhe dar fórma, que teem de os instruir e sobre tudo de os commandar e dirigir. Dentro de poucos anos se por qualquer circumstancia fôr necessario chamar ás fileiras todos os soldados que para isso estiverem aptos, se por uma circumstancia imprevista fôr necessario mobilisar a nossa infantaria, os officiaes existentes não chegarão para o desempenho de todos os serviços.

E' por isso que nós chamamos á grande percentagem de officiaes milicianos que foi destinado á nossa arma o ponto fraco da infantaria, pois que officiaes milicianos é coisa que não haverá e muito especialmente capitães, que na melhor das hipóteses levariam tempo a fazer.

Nós bem sabemos que não é facil resolver tudo satisfatoriamente duma só vez, e, por isso, apontamos estes factos confiados em que serão devidamente atendidos na ocasião propria, isto é, quauda no parlamento se discutir a organisação actual.

E plenamente confiados como estamos de que então se dará á nossa arma todos os elementos para ella se desempenhar cabalmente da sua tão ardua como gloriosa tarefa, nós não podemos deixar de registar com louvor a fórma carinhosa como pela parlamento ella foi agora tratada, atendida e considerada.

Educação moral do soldado

(Continuado do n.º 7)

Disciplina.—As 3 qualidades essenciaes de que já tratei—*honestidade, patriotismo e coragem*,—são indispensaveis ao soldado, mas, por mais elevado que seja o grau em que existam, não bastam para formar um exercito solido.

E' precisa uma quarta qualidade: a *disciplina*.

E' provavel que, ouvindo fallar da vida militar, vos tivesse já chegado ao ouvido a palavra disciplina, tanto estas ideias andam ligadas, mas o que é quasi certo é não saberdes bem o que ella exprime. E porque, como já disse, ella constitue uma das qualidades primarias do soldado e é de tal valor, que sem ella, todas as outras reunidas não a podem supprir, nem pode existir um exercito forte, eu vou tratar da disciplina detidamente, para vos dar a comprehensão da sua importancia.

Para completa intelligencia da indispensabilidade da disciplina no exercito, é preciso conhecer a constituição e o funcionamento d'este organismo.

A parte mais numerosa do exercito é formada pelos

soldados, isto é, pelos cidadãos que, como vós, chegaram á idade de serem chamados ao serviço militar. Estes soldados foram distribuidos pelos regimentos e ahi encontraram, a dirigil-os e a educal-os, outros militares, designados genericamente por *superiores* e que, pelos conhecimentos mais ou menos completos que tem da profissão e pelo tempo de serviço que possuem, occupam os differentes graus da hierarchia militar.

Esta hierarchia constitue como que uma escada que, no regimento, vae do soldado ao coronel, e d'ahi se eleva aos generaes e, por ultimo, ao ministro da guerra, que é quem dirige superiormente o exercito. O ministro da guerra, fazendo parte do poder executivo, é quem faz cumprir as leis relativas ao exercito e dá as ordens convenientes para que elle desempenhe a sua missão. Estas ordens são transmittidas hierarchicamente até chegar ao soldado e cada militar as tem de cumprir rigorosamente, na parte que lhe disser respeito.

Vê-se logo que, para que a ordem emanada do ministro da guerra tenha completa execução, é necessario que cada militar, seja qual fôr o seu posto, a cumpra sem hesitação e a faça cumprir pelos seus subordinados.

D'onde se conclue que a condição necessaria para o bom funcionamento do exercito consiste na obediencia ás ordens, vindas dos superiores hierarchicos. Com effeito, se alguns dos individuos que recebesse uma ordem, deixasse de obedecer a ella, esta não teria execução e dar-se-hia uma perturbação grave no exercicio de tão importante organismo.

Ora, se a condição necessaria para esse bom funcionamento é a obediencia, como havemos de conseguir que ella se realice? Pela disciplina. O que é então a disciplina? E' a lei da obediencia, que exige que todo o militar cumpra rigorosamente todas as ordens emanadas dos seus superiores e relativas ao serviço. E esta obediencia não admite hesitações, nem adiamentos, nem alterações, cinge-se estritamente ás determinações do superior que deu a ordem e d'ella tem a responsabilidade.

Por estas considerações comprehendéis já o que é a disciplina e a necessidade da sua rigorosa observancia, a bem do serviço militar, que todos nós estamos desempenhando, e para cumprimento da missão que nos incumbe, tanto mais que as ordens devem ser sempre inspiradas nas conveniencias do serviço, isto é, no bem da Patria.

Como acabaes de vêr, a disciplina não obriga só o soldado, não é só elle que recebe e tem a cumprir ordens; todos os militares, ainda os de patente mais elevada, as recebem dos seus superiores e as tem de cumprir com o mesmo escrupulo e rigor.

No exercito existem leis e regulamentos que determinam o modo pratico como se executam os differentes serviços e as suas prescripções devem ser observadas rigorosamente, pois constituem ordens escriptas, que se devem executar permanentemente.

A disciplina não existe simplesmente na vida militar; a disciplina militar não é mais do que uma forma especial, peculiar á instituição, da disciplina social.

Os operarios d'uma fabrica, os trabalhadores do campo não exercem os seus mistéres desordenadamente, observam determinados regulamentos e disposições, que os patrões lhes impuzeram, o que constitue uma forma de disciplina, sem a qual desapareceria a ordem e existiria a confusão, prejudicando o regular andamento do trabalho. Nas coisas mais simples se nota a necessidade da disciplina e se observa como toda a gente se submete voluntariamente a ella, mesmo sem dar por isso.

Fixemos um exemplo: supponhamos que uma carroça carregada se atola n'um lameiro. Os cavalios esforçam-se por a arrancar d'ahi e o carroceiro cança-se de os fustigar: não se consegue fazel a seguir. Differentes pessoas veem em auxilio, mas prestam-no sem methodo, sem coordenação de esforços: emquanto um pucha para a direita, outro pucha para a esquerda, um terceiro para a frente e ainda um outro para traz. Gritam, barafustam, embaraçam-se mutuamente, e a carroça não se meche. Mas, logo que um, mais experimentado tome a direcção e mande puchar um pela roda direita, outro pela esquerda, emquanto um terceiro segura o cavallo pelo freio e um quarto empurra o carro por detraz, e todos esses movimentos se executam á voz, para os esforços serem simultaneos, a situação muda e, com aquelles impulsos bem orientados e disciplinados, a carroça sae do atoleiro.

Não se fez mais do que disciplinar o movimento, distribuindo a cada um uma missão, e ordenar que todos obedecessem á vontade de um que dirigia.

Por este exemplo vulgar e simples fareis ideia da vantagem e necessidade da disciplina que, assim observada, se torna voluntaria, porque cada um a cumpriu por livre

vontade e não lhe foi imposta por ninguém, mas por se reconhecer que só ella permittiria chegar ao fim desejado.

E, se isto é verdade, em relação ao facto considerado, o que não deverá ser quando se tratar d'esse complexo organismo que é o exercito? Como se haveria de mover os milhares de homens que o constituem, sem confusão, ordenadamente, como o exige o desempenho da sua difficil missão?

Se a disciplina é precisa na paz, em tempo de guerra torna-se ainda mais necessaria pois que, d'outro modo, os exercitos seriam apenas multidões de homens destinados ao sacrificio, sem utilidade. A historia diz-nos que, nos exercitos onde ella faltou, por maior que fosse a bravura dos seus soldados, a derrota foi o resultado final attingido; a ausencia da disciplina dessiminou os esforços que deviam congregar-se e o exito não se alcançou.

Baseando-se a disciplina na obediencia, deve ser esta a norma de todo o militar, não nos sentindo vexados em obedecer, pois que o fazemos pelo interesse da Patria: é como a obediencia que devemos a nossos paes. Não é um acto servil que apouque o nosso orgulho, merece antes o nome de dedicação e deve, pelo contrario, augmental-o.

A continencia, ou cumprimento militar, que vos ensinaram, é como que o symbolo da disciplina. Faz-se de cabeça erguida, com a vista na frente, sem dobrar a espinha, e o superior corresponde do mesmo modo. E' como que um signal de solidariedade, uma demonstração de confiança mutua entre companheiros d'armas que se dedicam pela mesma causa.

Um dos deveres mais imperiosos d'um superior é manter a disciplina entre os seus subordinados. Se algum deixasse manifestar-se a indisciplina nas suas tropas trairia a confiança que o Estado depositou n'elle.

Duas especies de disciplina. — Considerando bem, ha duas especies de disciplina: a *voluntaria* e a *repressiva*.

A primeira é a disciplina que resulta da obediencia prestada por livre vontade. A ella nos submettemos espontaneamente, por reconhecermos a sua necessidade imperiosa, não precisando, para cumprirmos esse dever, de qualquer imposição, ameaça ou coacção.

E' a mais geral, a mais fecunda, a unica que deveria existir, a unica que convem aos bons cidadãos que reco-

nhecem terem sido chamados ao serviço militar, em nome d'um dever sagrado de que comprehendem bem a importancia e a necessidade. A esses não fallo de castigos como de um meio de acção ; bastará persuadil-os, aconselhal-os.

A *disciplina repressiva* applica-se aos que não querem comprehender nem acceitar a primeira. E, para a impôr, o meio d'acção é o *castigo*.

Tendo a disciplina de manter-se impreterivelmente é necessario escolher uma ou outra, pois que não depende dos superiores, mas sim dos soldados, a escolha dos meios a empregar para ella se alcançar. Espero que o numero d'aquelles que escolherem a segunda especie de disciplina, isto é, d'aquelles que teem apagado o sentimento da dignidade pessoal para não cumprir senão á força de castigos, será muito reduzido.

Na vida civil existem egualmente estas duas formas de disciplina. Ha os bons cidadãos que comprehendem a necessidade das leis e as observam voluntariamente ; mas ha tambem, infelizmente, aquelles para quem foram creados a policia, os tribunaes e as prisões.

E' escusado explicar-vos que o soldado, que prefere a disciplina repressiva, segue um caminho errado ; pois que, se elle, esquecendo a consideração que o superior lhe deve merecer, não escutando as suas lições, em que elle lhe ensinava a proceder bem, e fechando os ouvidos ás suas advertencias e conselhos, com que procurava chamal-o ao bom caminho, se obstina em merecer repetidas punições, aliena toda a benevolencia que aquelle poderia dispensar-lhe ; os castigos succedem-se, os proprios camaradas censuram-no e evitam-no, sabendo que da sua companhia nada pode resultar de bom e o mau soldado vê-se n'um meio hostil que lhe torna a vida insupportavel. E' sobre elle que recaem todas as consequencias do seu mau procedimento. Portanto, é no vosso interesse, que eu vos aconselho, vos submettaes sempre voluntariamente ao fiel cumprimento dos vossos deveres.

E' preciso que a ameaça dos castigos não appareça aos vossos olhos como um espantallo, para vos atemorisar ; e, se ha algum que só o receio d'elles os obriga a cumprir, eu devo dizer-vos que só é castigado quem quer.

A competencia para applicar castigos, quando elles são merecidos, não é só um direito que o superior tem, mas tambem um dever, doloroso, é verdade, porque ninguém castiga por gosto, mas imperioso ; responsavel pela

disciplina, o superior não póde fechar os olhos ás faltas commettidas, do mesmo modo que um juiz não póde absolver um réu a quem, no julgamento, se fez prova do seu crime.

Se os regulamentos prohibem aos superiores todo o abuso d'auctoridade, todo o castigo injustamente infligido, prohibe-lhes, do mesmo modo, todo o acto de fraquesa, que constitue na verdade uma falta contra a disciplina.

Por conseguinte, a toda a falta corresponde o devido castigo.

No emtanto, este varia segundo o character de quem praticou a falta: se se trata, por exemplo, de uma simples negligencia no serviço, commettida por um bom soldado, uma vez, por acaso, isso importa n'uma leve reprehensão, que o culpado acatará devidamente, procurando evitar que o facto se repita; mas, se se trata d'outro, que seja useiro e veseiro na pratica de desleixos, importando-se pouco com as suas obrigações, então torna-se necessario o emprego de meios muito mais severos.

A reincidencia é uma circumstancia aggravante, que importa á applicação d'uma pena mais severa, pois que o culpado mostra não ser susceptivel de emenda, e só o arrependimento justificaria a indulgencia.

O direito de reclamação. — Os castigos não devem ser applicados senão com o mais escrupuloso cuidado, para que sejam justos; mas póde dar-se o caso de um superior, por mal informado, commetter um erro involuntario, visto que ninguem é infallivel, e applicar um castigo injusto. O regulamento disciplinar prevê esse caso, concedendo o direito de reclamação. Ser-vos-ha ensinado, quando vos explicarem as disposições d'aquelle regulamento, o modo de formular qualquer reclamação, mas dir-vos-hei, desde já, que é prohibido expressamente fazel-a debaixo de armas e tem de ser singular, dirigida verbalmente ou por escripto, em termos moderados e respeitosos, pelas vias competentes.

Por conseguinte nenhum militar deve apresentar reclamação alguma, em nome de varios camaradas; cada um d'elles deverá reclamar individualmente, com todo o socego e respeito, expondo as suas rasões, de boa fé, que serão devidamente apreciadas pelo superior. Mas se alguem tiver feito uma reclamação infundada e, quizer por essa forma protestar malevolamente, deturpando os factos

que lhe foram imputados, então á falta que lhe acarretou o castigo, vem juntar-se uma nova, e bem grave, que implica um outro castigo.

Não é sómente dos castigos que ha o direito de reclamar, tambem se póde fazer ácerca de qualquer outro facto, em que alguem se julgue lesado, como, por exemplo, nos seus vencimentos, etc., mas, sempre nos termos em que já vos indiquei.

Camaradagem. Solidariedade.— A camaradagem consiste nas boas relações que devem existir entre os individuos que vestem o mesmo uniforme e que os leva a prestarem-se mutuo auxilio, como é de uso entre os membros da mesma familia.

Já a conheceis, por certo, da vida civil, pois tambem se manifesta entre os alumnos da mesma escola, entre os companheiros da fabrica, da officina ou dos trabalhos do campo, entre todos os individuos, emfim, que estão sujeitos a uma vida commum. Mas em parte alguma a camaradagem se manifesta tão intensamente como na vida militar.

A partilha das mesmas fadigas, a associação ás mesmas alegrias, a preparação para os mesmos perigos, que resulta d'uma vida em commum de todos os instantes, faz-vos approximar uns dos outros, estabelecendo entre todos um laço de verdadeira fraternidade.

As contrariedades e as fadigas supportam-se melhor em commum do que isoladamente.

Para ser um bom camarada é preciso ter um character franco e leal, ser serviçal, auxiliar os outros na medida dos seus recursos e saber supportar pequenos incommodos para evital-os maiores aos outros; e sobretudo, não ser egoista, isto é, um individuo que só pensa em si, e que fica indifferente aos males alheios.

A camaradagem deve ser observada por todos vós por forma a tornar-se, com o tempo, cada vez mais intima e cordeal, ligando-vos estreitamente uns aos outros, como se fossem irmãos.

Porque actos se póde, na pratica, revelar a camaradagem?

Por diversos modos. Se virmos, por exemplo, um camarada triste e apoquentado, procuraremos distraill-o e suavisar-lhe o seu soffrimento, e se a sua dôr fôr demasiado profunda para ser consolada, respeitamol-a. Se um

outro adocece e baixa ao hospital, iremos visital-o para inquirir do seu estado e saber do que precisa. Devemos estar sémpré dispostos a aconselhar os camaradas, esclarecendo-os com a nossa experiencia; os que forem mais desembraçados ensinam os mais atrasados; os que forem mais instruidos ilucidam os que são menos cultos. Eguamente os bons camaradas devem vigiar-se mutuamente para evitarem o affastarem-se dos seus deveres.

Um de vós vê na rua um seu camarada, que não vae devidamente uniformisado, avisa-o logo para elle se compôr. Se souberdes que um camarada está em risco de praticar uma falta, tratareis por todos os modos de evitar esse acto que lhe acarretaria consequencias desagradaveis.

Por estes exemplos e por muitos outros que se apresentam todos os dias na vida do quartel, um bom soldado póde mostrar a comprehensão que tem dos deveres da camaradagem.

Excepções ás leis da camaradagem. — Um dos deveres da camaradagem consiste em não denunciar os camaradas, mas este dever cessa quando cessa a honestidade, isto é, não se deve occultar um ladrão, porque isso seria uma cumplicidade, além de que um ladrão deixou de ser um camarada.

Ha outra circumstancia em que a camaradagem cessa ou, pelo menos, deve ser relegada para segundo plano: é quando sois encarregado de fazer cumprir uma ordem, ou umas instrucções.

Por exemplo, uma sentinella ou um plantão, enquanto estão no seu posto, deixam de ser camaradas. Imaginae que um de vós está de sentinella a uma porta do quartel para impedir que se saia por alli; se um camarada qualquer, o tentar fazer, infringindo a ordem, deveis evitar isso, sem hesitar, até pela força e chamando o cabo da guarda se fôr preciso, se não procederdes assim, traireis a missão de confiança que vos deram e tereis commettido uma falta grave.

As contendadas. — Por muitos bons camaradas que sejam, não é possivel estar sempre d'accordo. Haverá divergencias, mas o que é preciso evitar é que degenerem em contendadas, não sendo permittidos os insultos, nem as vias de facto. Se, por acaso, dois camaradas, a quem o sangue ferve, estão em risco de virem ás mãos, é obri-

gação dos que estiverem presentes intervir, para os separar e socegar, evitando uma scena impropria e desagradavel.

O espirito de corporação. — A camaradagem, que deve ligar todos os que vestem o honroso uniforme do exercito portuguez, revela-se mais intensamente entre os que trazem o mesmo numero no barrete, isto é, que pertencem ao mesmo regimento, e que constitue o que se chama espirito de corpo.

Com effeito, os que servem no mesmo regimento, tem como laço a ligal-os, as tradições gloriosas d'essa unidade, e a recordação dos feitos dos seus antigos soldados serve para que os de hoje se orgulhem da sua historia, e procurem enriquecel-a tambem. Em tempo de paz, prova-se o amor que se tem ao regimento em que se serve, por muitas formas, pela boa compostura dos uniformes, pela apresentação correcta em todos os actos, tanto em serviço, como em publico, e pela manifestação das qualidades moraes que vos indiquei já e todo o soldado deve possuir. E' assim que se consegue fundamentar a boa reputação do regimento, cujo bom nome fica confiado á guarda e vigilancia de todos vós. Os actos honrosos que praticardes virão accrescentar mais brilho á fama do vosso regimento, assim como os actos censuraveis, que não soubestes ou quizestes evitar, recairão inevitavelmente sobre elle. Vêde a responsabilidade que assumis, pois as vossas acções terão consequencias que attingem toda a corporação.

Esta affeição do soldado pelo regimento a que pertenceu, mantem-se ainda depois do regresso á vida civil, pois a elle tem de voltar, ás escolas de repetição, ou a qualquer serviço para que seja chamado.

A camaradagem, que cimenta as relações entre as praças da mesma companhia, servindo-lhe de emulação, para que se distingam entre as demais do mesmo regimento, deve alargar-se, como ficou dito, a todas as d'este corpo, o que não impede de cada um escolher para amigos particulares, aquelles que lhe merecerem mais sympathia.

Não deve concluir-se que, do facto de dedicarmos affeição especial ao nosso regimento, tenhamos pelos outros aversão. De modo algum, pois que todos são constituídos por portuguezes, tem a mesma honrosa missão e acima de todos existe a Patria.

Devemos lembrar-nos que, na guerra, não só todos os

regimentos, mas todas as armas sommam as suas energias, para alcançar a victoria e, se é a infantaria que constitue a parte mais numerosa e importante dos exercitos e a ella pertence decidir da sorte das batalhas, á cavallaria incumbe a missão de descobrir o inimigo a distancia e informar acerca das suas posições e á artilharia está destinado o papel de apoiar os movimentos da infantaria, levando-lhe o concurso dos seus fogos e da sua influencia moral.

Esta dependencia que existe entre as armas, que não podem prescindir umas das outras, auxiliando se mutuamente e completando-se, faz nascer a camaradagem entre as armas.

Por que todas ellas são necessarias e concorrem para o mesmo fim, cada militar, embora deva ter o orgulho da arma a que pertence e lhe dedique todo o amor, deve ter tambem pelos seus camaradas das outras armas toda a consideração, não fugindo ao seu convivio, antes procurando estreitar as relações.

(Continúa).

L. M. A. D.



As linhas de Torres Vedras

(Conferencia)

Satisfazendo o desejo do nosso commandante, que, com tanto interesse e competencia, vem procurando levantar o nivel intellectual dos officiaes do nosso regimento, eu venho palestrar um pouco com os meus camaradas, lastimando somente que o que vou dizer, pela pobreza das ideias, não seja digno de infileirar ao lado das brilhantissimas conferencias que todos nós aqui temos applaudido, e que collocam em frisante destaque o nome da corporação a que me honro de pertencer.

Eu venho fallar-vos das linhas de Torres Vedras. Parece-me arrojado da minha parte resolver-me estudar umas posições que nunca percorri e que apenas conheço pelos exercicios de jogo de guerra que aqui temos realisado, estudo este que requer uma competencia que eu não possuo e conhecimentos que só se adquirem á custa d'um prolongado trabalho a que se oppõem as funcções do meu cargo de ajudante; mas o plano relevo que possuímos, auxiliar-me-ha e a vossa benevolencia fará o resto.

A defesa do nosso paiz tem despertado nos nossos escriptores militares obras de valor incontestavel que põem em evidencia o nome dos seus auctorer, os quaes sempre consulto com aquelle religioso respeito com que um apaixonado das coisas militares se entrega aos que são reputados mestres na sciencia da guerra.

Já vêdes que não venho dizer-vos coisas que o vosso espirito esclarecido não saiba, ou que, pelo menos, a vossa curiosidade vos não tenha levado a lêr nos livros d'uma bibliotheca; mas venho com toda a fé, com todo o enthusiasmo de quem só desejaria ser util á nobre classe a que se honra de pertencer, chamar a vossa attenção para uma das paginas mais interessantes da nossa historia militar, porque ella nos offerece exemplos que convem lembrar, virtudes civicas que se não devem esquecer e, sobretudo, uma lição que, no momento historico que estamos atravessando, deve servir de aviso ao nosso coração de patriotas.

Sim, camaradas, que exemplos de abnegação e de civismo não foram praticados para resgatar o nosso paiz ás mãos despotas de Junot? Que actos de heroicidade para fazer desaparecer a tyrania opressora do general francez, que uma traição politica collocára á frente de Portugal?!

Poderá haver exemplo mais grandioso de amor patrio do que o que nos deu esse soberbo povo portuguez, durante a epocha fatidica das invasões, devastando as suas propriedades, abandonando o seu lar, porque assim convinha ao plano superiormente delineado por quem estava encarregado de velar pelo sagrado direito da nossa independencia?

Mas por outro lado, como era humilhante a situação do nosso exercito, que annos antes havia sido modernizado pelo celebre organisador Conde de Lipe, e que n'aquella occasião se achava esfacelado, sem chefe, sem disciplina e sem instrucção, guiado depois por mãos de estrangeiros,

mercenario na sua propria patria, servindo os interesses dos estranhos, embora alentado pela esperanza d'um resurgimento nacional, servindo de escolião ás ambições de gloria dos generaes inglezes que nunca, é factó, deixaram de reconhecer em nós valor e lealdade, mas que tambem nunca deixaram os seus *creditos por mãos alheias*...

Mas eu não quero alongar-me em extensas divagações, para não abusar da vossa attenção, e entro por isso desde já no objecto da minha conferencia.

No estudo summario que faço das Linhas eu considero-as sob o ponto de vista da *sua historia*, da *descripção das suas posições principaes* e ainda da *sua utilidade actual na defesa do nosso paiz*.

Historia das linhas de Torres Vedras

As nossas instituições militares foram sempre mais ou menos descuidadas pelos nossos governantes. Nos tempos de paz, de nada se cuidava; o exercito desorganisava-se, e quando nos horisontes da politica do paiz surgia alguma nuvem ameaçadora, improvisavam-se todos os elementos de defesa e contractavam-se generaes estrangeiros; era o meio de que se lançava mão para remediar faltas e para atenuar imprevidencias. Assim vieram Schomberg, Conde de Lipe, Beresford, Solignac e outros.

As nossas obras de defeza resentiam-se dos mesmos males, provocados pelas mesmas causas. Os aperfeiçoamentos introduzidos nas nossas fortificações effectuavam-se durante a propria guerra, em harmonia com o papel que lhes seria distribuido; não admira, pois, que ninguem ligasse ás alturas de Torres Vedras a importancia que ellas tinham, pois que não se augmentando o valor defensivo das obras existentes, muito menos se pensava em crear as que podessem contribuir para a defeza do paiz.

Só em principios do seculo xvii, Lino Mendes de Vasconcellos, no seu livro, *Do Sitio de Lisboa*, considerava as posições de Mafra e Montachique como tendo um certo valor por interceptarem a marcha de um invasor pelas duas principaes vias de communicação sobre a capital, e mais tarde, em junho de 1907, o coronel de engenheiros francez Vicent, que, quando encarregado por Junot de proceder a um reconhecimento do litoral para estudar a fórma de evitar um desembarque de tropas inglezas, teve occasião de avaliar a natureza do terreno entre o Tejo e

o Oceano, e a importancia que a organização defensiva de Lisboa, d'essa capital que a traição e a cobardia haviam collocado sob o dominio francez, e que Junot desejava conservar, não como reliquia d'uma conquista difficil, mas como soberano despota d'um povo que elle só queria espèsinhar, como a mais *justa recompensa* dos serviços que d'elle tinha recebido, e que tinham sido até ao ponto de encravarem as peças que defendiam Lisboa para que não houvesse a mais insignificante resistencia a esse exercito de famintos e de esfarrapados!

Vicent, n'esta missão, foi para Junot um valioso auxiliar, fazendo reconhecimentos, sob o ponto de vista tactico, de posições que o general francez Delaborde tomou, para se oppôr á marcha do exercito alliado, sobre Lisboa, levantando plantas e colhendo informações que levou para França, e organisando uma planta, que mais tarde entregou acompanhada de uma memoria, onde expunha os meios mais convenientes a adoptar para repelir o inimigo.

Parece, pois, não haver duvida que foi Vicent que primeiro concebeu a idéia de occupar algumas posições ao norte de Lisboa, idéia que elle expandiu n'uma reunião de generaes, convocada por Junot em junho de 1808, indicando até Sobral como a mais importante, e que devia ser occupada por 1:500 homens.

Seriam, porém, os seus trabalhos que inspiraram em Wellington a idéia da organização das linhas?

O sr. capitão de engenharia Vieira Ribeiro tem vindo, n'estes ultimos tempos, contestando na *Revista de Engenharia* a opinião dos que consideram Vicent como inspirador do general inglez, por isso que, referindo-se a memoria do engenheiro francez ao desastre da batalha do Vimeiro, onde vem exposto o parecer de que tal desastre poderia ser evitado se Junot occupasse a posição do Sobral, essa memoria só poderia ter sido feita depois da sahida dos francezes do continente, e, portanto, posterior á apresentada pelo major de engenheiros portuguez Neves Costa á Secretaria da Guerra, em 6 de julho de 1809, e que era acompanhada pela planta do terreno que tinha sido levantada por este official.

Só Neves Costa poderia ter sido o inspirador de Wellington, pois que foi elle o enviado, em janeiro de 1808, com Xavier de Brito, e sob a direcção do tenente-coronel Canha, para procederem á confecção da carta topographica do terreno comprehendido entre o Cabo da Roca e

Peniche, (asseverando até alguns que elle acompanhou Vicent no reconhecimento de junho do mesmo anno) e ainda elle, que tendo apreciado a importancia das posições ao norte de Lisboa, tanto se preocupou com os reconhecimentos que mais do que nunca julgava necessarios, visto os francezes terem levado tudo o que poderia interessal-os n'uma futura reconquista de Portugal.

Em outubro, Neves Costa, representava ao governo sobre a necessidade de estudar as vantajosas posições defensivas de Lisboa de fórma a pol-a ao abrigo de um atacante, sendo elle encarregado de apresentar um plano e carta respectiva, o que fez a principio auxiliado por outros officiaes portuguezes, mas ficando mais tarde sósinho n'esta importantissima commissão de serviço, que concluiu, entregando a carta em 4 de março de 1809, e a sua memoria em 24 de maio do mesmo anno. Ora, dias antes, chegava Wellington a Lisboa e continuava-se a construcção da 1.^a linha de defeza, que tinha o seu flanco direito na Cruz da Pedra, o centro na Penha de França e a esquerda na Ribeira d'Alcantara, o que nos leva a concluir: — que o general inglez não tinha conhecimento da memoria de Vicent (pois do contrario não gastaria tempo e dinheiro em construcções que depois foram julgadas inuteis) e que só os trabalhos entregues por Neves Costa poderiam fazer modificar o seu plano de defeza.

E' facto que Wellington contesta que se tenha utilizado dos estudos do engenheiro portuguez, chegando mesmo a apreciar o valioso trabalho de Neves Costa, mas tambem não pode contestar-se que quasi todas as posições indicadas por este foram aproveitadas pelos engenheiros inglezes, e que as unicas fontes por onde estes se poderiam guiar nas suas disposições defensivas eram a carta e a memoria de Neves Costa entregue em maio de 1809.

Onde os inglezes mais accentuadamente se affastavam do seu plano, foi em abandonar Lisboa como base de operações, organisando uma linha de retirada que tinha por ultimo reducto o forte de S. Julião e destinada a proteger o embarque do seu exercito no caso de insuccesso.

Se não podemos, pois, contestar a Neves Costa a gloria de ter concebido primeiro o plano de defesa da chamada *Peninsula de Lisboa* e haver preparado á custa dos maiores esforços e mais aturado trabalho os *unicos documentos* de que se poderia ter servido Wellington para o seu projecto grandioso, pertence ao general inglez a

execução d'esse plano, e d'elle o plano de campanha que levou de vencida as hostes napoleonicas, e é á sua energia indomavel, á sua vontade de ferro que se deve attribuir a disciplina das nossas tropas, é ao prestigio do seu nome que se deve o auxilio, não desinteressado é facto, mas em todo o caso auxilio providencial, que nos deu a Inglaterra.

Foi depois da batalha de Talavera que o general inglez, acompanhado do tenente coronel de engenheiros Fletcher, se dirigiu a Lisboa, e teve occasião de analysar todos os trabalhos sobre a defesa da capital; e foi em face d'esses trabalhos (que como disse só podiam ser os de Neves Cosa) e após um reconhecimento rapido das principaes posições que elles lhe indicavam, que elle escolheu definitivamente para linha principal de defesa, as posições que n'um desenvolvimento de 40 kilometros vão da Via-Longa no Tejo, á foz do Safarujo no Oceano, passando por a serra de Serves, Cabeço de Montachique e Mafra.

A' retaguarda foi construida a linha de retirada, com o desenvolvimento de 2.700 metros, desde o Forte das Maias ao da Junqueira. As tropas portuguezas occupariam estes ultimos reductos e protegeriam o embarque dos nossos alliados!

Aqui, como antes na Convenção de Cintra, os inglezes deixavam a descoberto as suas *desinteressadas intenções!*...

Em caso de desastre, ficavamos abandonados aos nossos proprios recursos, que insufficientes seriam para a defesa da nossa independencia.

E esses pequenos recursos que ainda poderiam servir de scintilha, a propagar o fogo sacrosanto da liberdade da Patria,—esse punhado de portuguezes estavam destinados a sacrificar-se no ultimo reducto, para proteger o embarque dos que se retiravam abandonando-nos aos vencedores!

Detenho-me n'esta significativa lição da historia, para chamar a attenção dos meus camaradas para o cuidado que nos deve merecer a nossa instrucção militar, porque nos momentos mais criticos para a nossa nacionalidade só comnosco podemos contar.

Alem das duas linhas a que já me referi, Wellington, afim de facilitar a passagem á offensiva e como pontos de apoio, mandou construir as obras avancadas de Castanheira, que depois foram substituidas pelas de Alhandra,

as da serra da Urmeiro ou do Mont'Agraço, as de S. Vicente e Alto da Forca ao norte de Torres Vedras.

Foi Fletcher encarregado da construcção das linhas, recebendo instrucções minuciosas em 20 de outubro de 1809 sobre quaes as posições que mais convinha fortificar, e a ordem porque se devia proceder, deixando ao criterio do habil official inglez a escolha de outras que julgasse necessarias.

Depois de iniciadas as obras que constituem a linha de retirada, foram começadas as obras avançadas de Torres e do Sobral, creando-se reductos intermedios, ligando-se essas obras avançadas, e constituindo-se assim uma linha continua de defesa que se chamou a — 1.^a linha de Torres Vedras.

E' d'esta que me vou occupar, não tratando por hoje da 2.^a linha, ou linha principal, para não tornar demasiadamente extenso este meu trabalho, e ainda por falta de um plano relevo ou carta onde todos nós possamos seguir e estudar as suas posições principaes.

(*Continúa*)

ANTONIO LOPES MARTINS.

Tenente d'infanteria 21

SARGENTOS

Os sargentos pertencentes á arma de infantaria encontram-se, sob o ponto de vista da promoçãõ, numa situação devéras precária.

Sé se estabelecer o confronto das promoções a alferes dos sargentos da nossa arma com os sargentos das outras armas, encontram-se differenças tão eloquentes e flagrantes que bastarão para mostrar a veracidade daquela nossa asserção e ao mesmo tempo a necessidade que ha em remediar um tão desigual estado de coizas.

Já por diversas vezes e por diferentes fórmas temos asseverado isto mesmo e hoje mais uma vez nos vamos referir ao mesmo assunto para fazer um ligeiro confronto das condições de promoçãõ em que se encontram os da arma de infantaria em relação aos seus

colegas das outras armas e para mostrarmos também ao mesmo tempo a maneira porque nós entendemos se pôde e devem evitar essas grandes desigualdades.

O alferes mais moderno dos serviços de engenharia e artilharia foi promovido a 1.º sargento em 1904, o de engenharia e companhia de torpedeiros em 1904, o de cavalaria em outubro de 1900 e o de infantaria em fevereiro também de 1900.

Os 1.ºs sargentos que estão n.º 1 nas suas respectivas escalas para sargentos ajudantes foram promovidos áquele posto nas seguintes datas: o de engenharia, em 5-12-907; o de artilharia, em 1-5-904; o de cavalaria, em 16-5-904; e o de infantaria, em 31-10-902.

Por estas simples indicações, que de resto são bem facéis de conhecer e verificar, logo se vê que os 1.ºs sargentos de infantaria vão muito atrasados na promoção a alferes em relação aos seus camaradas e que, portanto, isso representa uma desigualdade e uma injustiça a que é necessario pôr termo.

E se esse confronto se estabelecer com os seus colegas do serviço de saúde e dos serviços administrativos, as diferenças são então muito maiores e muito mais flagrantes.

Este estado de coisas, pois que apontado o mal justo é se lhe procure também a causa, provém da grande percentagem de oficiais milicianos que foi arbitrada á arma de infantaria, ao excedente de oficiais subalternos que originou e ainda das circuntancias de se vedar o ingresso aos sargentos de infantaria no quadro dos oficiais da administração militar e de se permitir a entrada no secretariado militar aos individuos paisanos que, como amanuenses, já pertenciam a este quadro, indo desta fórma ocupar um grande numero de logares que pelos sargentos de infantaria podiam ser ocupados.

Ora a circunstantia de se lhes cortar o ingresso no corpo de oficiais da administração militar, além de os prejudicar, teve ainda o inconveniente de deixar um grande numero de vagas em aberto.

Se se quizer, pois, valer aos sargentos de infantaria por fórma a coloca-los em egualdade de condições com os seus colegas das outras armas, muito bem se podia determinar a entrada nesse quadro dos sargentos que fossem julgados necessarios para equilibrar as condi-

ções duns e outros. E por esta fôrma se fazia justiça a esses môdestos sérvidores do exercito e se melhoravam os serviços administrativos, que evidentemente lutam com falta de pessoal.

E se se procedesse de identica fôrma com relação ao secretariado militar, aí ficariam dois meios que permitiriam fazer justiça a quem de direito a merece e se melhorariam ainda os respectivos serviços.

E seria isto o que se chamaria na Alemanha uma promoção *à la suite*, que não tendo por este facto o merecimento de ser original, tem, em todo o caso, a virtude incontestavel de fazer justiça e melhorar os serviços.



SECÇÃO COLONIAL

Relatorio da occupação do Otokero no Cuamato

I

Foi a columna de 1907 que com heroicos esforços conseguiu levar a nossa soberania das margens do Cú-nene ao Nalueke — embala do Cuamato Grande —, vencendo todas as resistencias que os indigenas lhe poderam offerecer e acabar de vez com a *lenda de terror* que a apregoada ferocidade e valor dos Cuamatos haviam enraizado.

Mas a seguir á retirada da referida columna o nosso dominio ficou limitado á sua zona de marcha, a uma facha de 6 kilometros de largura, aos povos directamente atingidos, conservando-se os restantes em completo divorcio com as auctoridades e guarnições dos postos.

Por outro lado tambem a situação d'estes, tendo obedecido á marcha da columna, de fórma alguma podiam satisfazer a todas as necessidades da occupação.

Uma politica energica, de attração e justiça, se impunha a todas as auctoridades; e a dedicação e boa vontade de todos aquelles que alli ficaram representando a nossa soberania se conduziram de fórma tal que em breve a maioria dos indigenas corriam aos postos a fazerem a sua apresentação.

Mas a indole do povo, o grande prestigio e influencia dos grandes da terra que não se apresentaram e continuaram mantendo esperanças, por um inveterado receio e terror que lhes inspirava os seus antigos senhores refugiados no Cuanhama ou sobados visinhos, a persistencia e orgulho d'estes, levava-os a uma reacção constante.

De tudo isto derivou, para mantença da nossa auctoridade e prestigio, para tirar os naturaes resultados de uma lucta prolongada e dispendiosa, a necessidade das guarnições effectuarem constantes diligencias de policia, mais ou menos numerosas e esforçadas e ainda de reduzir a guarnição de alguns postos e crear outros.

E se bem que muitas d'essas diligencias fossem oportunas e coroadas do melhor resultado, outras houve a que nem sempre presidio o bom criterio e acerto.

D'ellas varios fazer referencia, das que chegaram ao nosso conhecimento e reputamos de maior importancia.

*
*
*

Logo em dezembro de 1907 se effectuaram varias diligencias partidas do Nalueke para os lados do Otokero e extremo da terra, do lado do Cuambi, dando em resultado a captura e morte do antigo soba Chaula e dos seus mais afeiçoados.

O ex-soba Chietakella, dêsenvolvendo grande actividade, ameaçava todos aquelles que se submettessem á auctoridade dos brancos, fazendo largas incurções no Cuamato onde apprehendia gados e pessoas d'aquelles que não queriam seguir o seu partido, e, acompanhado de grande numero de adeptos ameaçava atacar os proprios fortes.

Em janeiro de 1908 novas diligencias se fazem para a borda da terra, lados do Cuanhama, provôcadas em especial pelas razzias d'estes e rebeldes Cuamatos, pelo Chietakella, dando em resultado o justo fusilamento de dois cuanhamas prisioneiros.

O capitão Patacho mandou distribuir varias armas e munições pelos auxiliares, sendo mais tarde necessario recolhel-as, o que se fez com grandes difficuldades.

Em março novas diligencias partem do Nalucke para os lados da Dombondolla conseguindo-se apprehender 16 esgingardas, das quaes 6 de systema aperfeçoado. Foi tambem necessario reforçar á pressa a guarnição d'aquelle forte por causa das insubmissões do soba *Popiene* (que foi posto pela columna), chegando os indigenas, quando este fugiu, a fazer fogo sobre a guarnição do nosso posto.

As gentes fieis ao Chietakella continuavam ameaçando tudo e todos.

Em maio outras diligencias sob o commando do capitão Mario Dias, com effectivos relativamente grandes (uns 400 homens) se effectuaram para os lados do Otokero e borda da terra do lado do Cuambi, com o fim de aprisionar o mesmo Chietakella e os membros principaes das familias dos sobas depostos, que pensavam fazer um levantamento e atacar os postos.

Houve fogo por mais de uma vez, bastante aturado, de parte a parte, não conseguindo as nossas forças os fins desejados. No emtanto muitos se submetteram depois de se lhe destruirem as suas cubatas.

Em julho sahe do Damequero para os lados do Cariafengo uma diligencia sob o commando do capitão Oliveira com o fim de capturar os séculos Chafór e Ayulo e rehver 200 armas M. H. e 30 Snyder com as respectivas munições, que o pouco tacto do commandante do Auongo levára a distribuir á gente d'aquelles, como auxiliares, contra o que estava determinado pelo governo do districto. Conseguiu os seus fins empregando um dolo e estratagema.

Em agosto novas diligencias são feitas com o fim de aprisionar o Chietakella, que de vez em quando entrava no Cuamato, procurando levantar os habitantes contra o nosso dominio, raziando e espalhando o terror por toda a parte.

Em agosto nova diligencia se effectua com o mesmo fim para os lados da Inhoca.

Em outubro sahem outras diligencias do Nalueke para os lados do Otokero, sob o commando do tenente Tavares, mas sem conseguir maiores resultados.

Em principios de 1900 desejando levar a nossa soberania aos limites do districto, á fronteira sul, pensámos em estabelecer ali dois postos, um a sudeste e outro a sudoeste do D. Luiz, pedindo ao commando militar do Cuamato para colher as necessarias informações. E em abril do mesmo anno, sahia uma outra força que reforçada com parte da guarnição de Nalueke assegurava assim a soberania sobre todos os sobados a sudeste do Cuamato e a sul do Cunene, e que se presumia estarem na nossa esphera de influencia e acção.

Outro tanto não podémos fazer para sudeste, onde reconhecimentos mais precisos indicaram que a população terminava a uns 11 kilometros d'aquelle forte. Também se pretendeu mudar o posto do Aucongo para o Cariatengo, borda terra do lado do Cuanhamo, visto as constantes incursões do Chietakella e a resistencia ao nosso dominio d'aquelles povo, e ainda por as informações do alferes Balaya darem aquelle ponto como distando de 10 a 25 kilometros do Damequero e Aucongo. Mas seguindo para ali as forças para montarem o posto reconheceu-se que aquellas distancias eram apenas de 10 e 12 kilometros pelo que nada se fez.

Em agosto d'este anno effectuaram-se ainda algumas diligencias á mucunda do Piloto, perto do D. Luiz, e outras para os lados da Inhoca e Cariatengo, havendo sempre fogo e tendo uma d'ellas de se entrincheirar n'uma libata até ser soccorrida por forças da 17.^a e 2.^o esquadrao.

O Calipalula havia praticado varios abusos e tropelias e, receando o castigo dos nossos, expatriara-se para o Cuanhama. Era mais um inimigo declarado e que agora segundo elle dizia pretendia remir o passado, de ter sido o guia dos brancos.

E em novembro de 1900 foi necessario reforçar á pressa o Nalueke por causa do Calipalula que com os seus adeptos andava fazendo razzias nos povos submissos, roubando e matando, e instigando-os a atacarem o forte. Creara novas pretensões ao sobado do Cuamato Grande.

A 4 de dezembro uma força de 10 praças indígenas que havia ido ao Otokero fazer uma intimação e ali recebida a fogo, sendo morto um soldado, feridos dois, roubando-lhe as armas e valendo-lhe o século Chillombolene, que com a sua gente, entrincheirando-se todos na sua libata, conseguiram valentemente resistir até á chegada das forças de cavallaria e infantaria sob o commando do tenente Torres.

Este ataque precisava ser punido, mas o commandante militar do Cuamato não se julgava com forças bastantes para o fazer, limitando-se por isso no seu relatório a propor ali o estabelecimento de um posto de occupação.

Ainda em março de 1910 o commandante do Cuamato reuniu no Nalueke as forças dispensaveis e 200 auxiliares com o fim de ir castigar as gentes do Otokero, mas chegando ali, reconhecendo a insufficiencia dos meios, retirou para o D. Luiz sem nada tentar.

II

Todos os povos do Cuamatos, á excepto do Otokero, haviam sido mais ou menos raziados, obedecendo aos mandados da auctoridade, e havendo permitido o arrolamento e pago o imposto de cubata.

Apenas o Otokero continuava hostil, tornando-se agora uma ameaça ao nosso dominio e prestigio.

Como já disse, o commandante militar do Cuamato reconhecia a necessidade de lhe infligir um castigo; mas pelas informações que colhera, onde se cria estarem agora refugiados todos os grandes da terra e membros das famílias dos sobas, com armas e munições, que as nossas forças lhes não haviam ainda conseguido fazer entregar, arreceou-se de o fazer, apesar de para isso ter a auctorisação necessaria do governo do districto; limitou-se a communicar factos e a expor no seu relatório a necessidade de ser estabelecido um posto no Otokero. Levado esse relatório ao conhecimento do governo geral, por este foi tambem determinado a montagem do posto. Mas o commando militar procedendo a novas informações chegou á conclusão de que com os recursos de que dispunha nada podia tentar, sendo para reear a intervenção de outros cuamatos e dos proprios Cuanhamas, sendo voz corrente de que

o Chietakella ali se encontrava com os seus preparando a resistencia. No Otokero não se reconhecia a nossa auctoridade como se não permittia a entrada ou passagem de qualquer pessoa que fosse mandada dos fortes ou em serviço do estado.

Um tal estado tornava-se intoleravel não só pelo prestigio que causava, mas ainda pela influencia que estava exercendo nos restantes povos submissos.

III

Estavamos no Humbe aguardando a chegada de algumas forças para proseguirmos no prolongamento da linha de penetração Cafu, Evale e Cubando quando tomamos conhecimento dos factos occorridos e estado do Otokero (documentos n.º 1 e 2).

Infelizmente uns pequenos reforços ha tanto tempo esperados e prometidos não chegaram e além dos recursos ás ordens do commandante do Cuamato apenas dispunhamos de 1 official e 8 praças de artilharia que regressado das operações do Pocólo, e que haviamos já posto tambem á disposição d'aquelle commando. A situação no emtanto, não era para hesitações, mórmente para quem desejava e necessitava ir longe antes das chuvas; não admittia mesmo delongas. E contra a expectativa e opinião de varios e contra a vontade de muitos, resolvemos logo ir nós proprios estabelecer o referido posto, custasse o que custasse.

Ainda do Humbe determinámos que as guarnições dos varios postos do Cuamato ficassem reduzidas ao numero de homem necessarios á *defeza* passiva dos mesmos, concentrando-se as restantes forças no D. Luiz para onde seguimos em 21 de julho e onde chegámos em 22 de manhã.

Uma vez ali procedeu-se á organização da pequena columna demorando-nos no emtanto até 26 á espera de 22 europeus que haviam chegado de Loanda e que mandaramos avançar a toda a pressa. Convidaram-se alguns auliares de confiança para nos acompanhar e a 25 publicava se a *Ordem de serviço n.º 1*, com a organização da columna (documento n.º 3) com o effectivo indicado no mappa da força (documento n.º 4).

IV

A 26 seguiu a columna para o Nalueke, onde bivacou.

Ali nos vieram cumprimentar vinte e tantos seculos do Cuamato Grande, na maioria dos lados do Otokero, e d'esta propria região, acompanhados das suas gentes. Nós, quando chegámos ao D. Luiz, fizemos lhe saber, por varios meios, de que iamõs visitar as nossas terras, e em especial o Otokero, fazendo-nos acompanhar da nossa escolta e que por isso nos viessem cumprimentar ao Nalueke ou durante a viagem; e que receio algum deviam ter, pois que nós não queriamõs saber de questões antigas e só puniriamõs aquelles que nos hostilisassem. Iamõs visitar a nossa gente, tratariamõs bem aquelles que nos recebessem amigavelmente, mas que tambem puniriamõs com severidade todo aquelle que não acatasse a nossa auctoridade.

A concentração de forças no D. Luiz, a vinda de alguns homens de fóra do Cuamato e a nossa presença para os commandar, avolumou de tal fórma a importancia da columna que os rebeldes se encheram de receio e resolveram, na sua grande maioria, vir apresentar-se. A nosso pedido, alguns dos seculos mais importantes ficaram para nos acompanharem e servirem de guias.

N'este mesmo dia 26 á tarde deu-se a *Ordem de marcha n.º 2* (documento numero 5), e na madrugada de 27 seguiamõs para o Otokero, attingindo-se as cacimbas do Chietakella de um só folego. A marcha foi um tanto demorada pela necessidade de abrir caminho á passagem dos carros e da columna marchar com todas as precauções de segurança. Durante o caminho, a maioria dos habitantes veiu ao nosso encontro, com os seus presentinhos, embora as mulheres e gados não apparecessem. Uma vez nas cacimbas e tomadas as necessarias disposições, procedemõs a um rapido reconhecimento da região, para escolha do local do posto. Do que vimos e das informações que colhemõs, chegámos á conclusão de que o local mais proprio para o estabelecimento do posto, sob todos os pontos de vista, era aquelle em que a columna se encontrava.

Por isso, na manhã de 28, começou-se a construc-

ção do forte com toda a actividade. O gentio continuava a apresentar-se em grande numero, mandando logo muitos d'elles recolher os gados e mulheres refugiadas em varios pontos.

Para lhes mostrar bem a nossa auctoridade e vermos até que ponto ia a sua obediencia, impozemos trabalho obrigatorio e gratuito no córte de capins e madeiras para a construcção do forte.

N'este mesmo dia começaram o trabalho os moradores mais proximos, seguindo outros a avisar os mais afastados para que se viessem apresentar. Todos obedeceram, á excepção dos quatro secúlos que haviam tomado parte mais activa no ataque á diligencia de 4 de dezembro do anno findo e que, segundo as informações colhidas, haviam fugido para os lados da Hinga e margem direita do Cunene.

A' tarde mandei seguir a cavallaria e auxiliares, sob o commando do tenente Torres, razziar as terras dos secúlos Penahime e Daimabano, por nos informarem estarem ali e não se quererem apresentar. Voltaram sem ter encontrado ninguem e incendiando-lhes as cubatas.

Na manhã de 29 seguiu novamente a cavallaria e auxiliares para os lados da Hinga em perseguição dos rebeldes, conseguindo, ao cabo de muitos esforços, apprehender 38 cabeças de gado bovino e umas cento e tantas de gado meudo. Por experiencia sabiamos já da grande difficuldade em perseguir ou aprisionar os gados e prender rebeldes, quando refugiados, com forças regulares, e uma vez que elles se tinham dispersado por varios pontos como agora havia acontecido. E como por outro lado havia relativa facilidade em communicar com elles, por intermedio dos secúlos principaes — o Chilombolene e Chipopiene (este é parente do Chieta-kella e talvez o mais importante e prestigioso de todos) — em vez de continuarmos as correrias, que a abalada saude das tropas não estava em condições de supportar, preferimos lançar-lhe uma contribuição de 20 bois e 10 armas finas a cada um dos rebeldes, o que se lhes mandou logo communicar. A' nossa sahida do Cuamato parte d'esta contribuição havia já sido paga, sendo de esperar que seja satisfeita na totalidade e se apresente toda a gente e de futuro passem a obedecer ás nossas auctoridades.

Considerado o forte em estado de defesa, nomeou-se a sua guarnição, deram-se as instrucções ao seu comandante (documento n.º 6) e procedeu-se á inauguração (documento n.º 7). A columna foi dissolvida em 2 de agosto, recolhendo as forças ás suas anteriores guarnições; as do Damequero e Forte Roçadas, directamente, sem que tivessem tido qualquer hostilidade, antes pelo contrario, sendo bem recebidas pelos indigenas por onde passaram.

Ao século Angulo-Iangolo, que havia ameaçado e prohibido a passagem de individuos em serviço dos postos pelas suas terras, foi tambem imposta uma contribuição.

Os cuanhamas, como sempre, promptos a secundar os cuamatos, haviam-se reunido em grande numero na borda da terra dispostos a entrarem em acção. Ficaram, porém, desapontados quando souberam que as gentes do Otokero haviam desistido da lucta e se haviam apresentado, vindo ainda assim os mais corajosos até ao D. Luiz vêr pessoalmente o que se passava, conservando-se ali todo o dia 23. Vendo que não havia lucta houveram por bem retirar-se em paz.

O Chietakella parece que realmente estivera no Otokero, mas fugira, por entre o Nalueke e a Dombondolla, ao saber da nossa aproximação.

E agora é de crêr, pacificados e obedientes como estão todos os Cuamatos, não lhes diminuindo por ora as guarnições, empregando convenientemente as patrulhas de cavallaria no policiamento e visitas constantes, e havendo senso e justiça da parte de quem ali exerce auctoridade, tudo entrará no verdadeiro caminho e não teremos mais apprehensões pela tranquillidade d'esta região.

*

* *

Conseguimos o nosso objectivo, e todos cumpriam o seu dever.

Não houve fogo e ainda bem, para bem de todos; no emtanto houve os trabalhos inherentes a uma columna de operações, embora curtas e modestas.

E compete-nos aqui frisar a dedicação e boa vontade com que todos se comportaram, frisando em especial muitas praças europeias que, anemicas e cheias

de febres, deixaram a ambulancia para nos acompanharem.

Humbe, 14 de agosto de 1910. = *João de Almeida*, governador.

(*Continúa*)



Secção do estrangeiro

O soldo dos reformados. = A titulo de curiosidade damos os seguintes dados referentes a pensões e soldos de reforma dos officiais dos principais exercitos estrangeiros.

As pensões das viúvas no exercito alemão elevam-se a 40 0/0, não podendo exceder a cifra de 6.400 francos.

Na Italia, no caso mais favoravel, chega á metade, sendo em geral o terço do soldo.

As cifras reguladoras aos 35 anos que tomámos como tipo de comparação, são:

Postos	Allema- nha	Italia	Austria	Russia
Tenente general.....	23.001	8.000	16.537	16.640
General de Divisão.....	15.900	8.000	14.000	12.800
General de brigada	11.564	8.000	11.900	8.960
Coronel	9.214	6.400	7.350	8.320
Tenente coronel.	7.430	5.600	5.696	3.712
Major.....	7.430	4.800	4.416	3.712
Capitães com 9 anos de posto	6.070	4.000	4.042	2.560
Ten.* com 13 anos de serviço	3.268	3.120	2.572	1.740

A Inglaterra é porém a que melhor paga aos reformados, como se póde vêr por estas cifras :

Tenentes generais, 25:000 francos; generais de divisão, 21:250; generais de brigada, 17:500; coroneis, 10:000, 11:000 ou 12:500; tenentes coroneis, de 6.000 a 11:250; majores, 7.500; e capitães, 5.000.

Alemanha. = Academia tecnica de Berlin. — Serão este ano admitidos nesta Escola os seguintes tenentes: 30 de artilharia a pé para seguir o curso desta arma: 14 de infantaria, 26 de artilharia de campanha e 3 de artilharia a pé para seguirem o curso de armamento; 56 de sapadores, dos quais 6 para o terceiro curso de engenheiros e o resto para o primeiro; 31 para o primeiro curso de comunicações, sendo 16 de infantaria, 2 de cavalaria, 1 de trem, 7 de caminhos de ferro, 4 de telegrafistas e 1 de aereação.

As secções de armamento, engenheiros e comunicações da dita Academia constam cada uma de 4 cursos, que duram 1 ano. A maior parte dos officiaes que passam pela Academia frequentam apenas os dois primeiros cursos. Só um pequeno numero de elles, escolhidos entre os mais aptos, é que costuma frequentar os dois ultimos cursos, que são os destinados á secção de armamento ou estudos belisticos e construcção de armas, á de engenheiros e comunicações e á construcção de edificios, maquinas e pontes.

Cursos de instrucção para generais nas escolas de tiro de infantaria e da artilharia de campanha. — Os cursos de instrucção nas escolas de infantaria efectuaram-se desde 22 de abril até 4 de maio.

Neles tomaram parte um general proveniente de cavalaria, outro de artilharia de campanha, 7 de infantaria, 1 de artilharia a pé, 1 general bavaro, 1 saxão e outro wurtemberguês.

O curso de tiro da escola de tiro de artilharia de campanha teve lugar desde 1 a 15 de maio, tendo assistido 9 generais procedentes da infantaria e cavalaria, 1 general da artilharia a pé, 1 de engenheiros, 2 inspectores de cavalaria, 2 generais bavaros, 1 saxão e 1 wurtemberguês.

França. = Efectivos mobilisaveis. — A França em tempo de guerra, pode por em armas uns 4.500.000 homens, numero pouco inferior ao dos combatentes alemães.

No primeiro dia de mobilisação, 800.000 reservistas se unirão aos 600.000 homens do exercito activo, e 4 dias depois 1.400.000 homens estará a caminho da fronteira de Leste, onde a sua concentração deverá estar completada 15 dias depois do rompimento de hostilidades, principalmente á retaguarda da linha fortificada Verdun-Belfort, tendo em conta que um corpo de exercito (40.000 homens) com todos os seus elementos, necessita uns 110 combois de 50 vagons cada um e pelo menos 6 dias de trabalhos. Os caminhos de ferro estrategicos de França estão em condições de satisfazer a todas estas necessidades.

Atraz de este poderoso exercito activo, 1.400.000 reservistas mais velhos serão mobilizados 4 dias depois da declaração de guerra. Estas tropas consideradas como excellentes e formadas de individuos que tiveram contacto com a profissão das armas durante periodicos exercicios de 17 a 23 dias, constituirão o exercito da segunda linha. Estes 2.800.000 homens compõem o exercito francês de primeiro encontro com as forças alemãs.

A elas ha que ajuntar 1.700.000 homens territoriaes, uteis para guarnecer as fortificações de segunda linha e especialmente Paris, assim como para guardar as linhas ferreas e depositos de munições e material de todas as classes.

Este rapido exame das forças francezas explica a repugnancia crescente de França em tolerar a attitude dos poderosos vizinhos alemães e tambem a vacillação destes em meter-se n'uma aventura que tem muitos perigos.

As difficuldades da mobilisação são insignificantes, comparadas com as que hão de apparecer para prover a estas massas de homens de alimentos e munições. Os exercitos beligerantes receberão tudo de que carecem da retaguarda, isto é, das regiões empobrecidas pelo estado de guerra e a consequente suspensão de todo o commercio e industria. Calculando em 800.000 homens de cada lado em primeira linha, serão necessarios 200 combois para levar diariamente os viveres, munições e material que necessitem e o exito dependera consequentemente da efficacia do serviço de administração.

Russia. — Nova organização dos destacamentos de metralhadoras. — Cada regimento de infantaria ou caçadores, quer seja a 4.^a ou a 2.^a batalhões, forma um destacamento de metralhadoras formado em 2 secções a 2 peças cada uma. Um official superior ou um capitão nomeado pelo coronel exerce supreintendencia no destacamento cujo comando é exercido por um capitão de 2.^a classe ou por um tenente antigo.

Antes de serem colocados n'estes destacamento como chefes de secção, os jovens officiaes devem ter servido tres anos pelo menos n'uma companhia; officiaes e soldados do regimento devem estar habilitados para em todo o tempo completar o destacamento de metralhadoras para o poder levar rapidamente ao pé de guerra.

Os serventes e apontadores são escolhidos nas companhias (3 a 6 homens de cada companhia) no mês de abril seguinte ao da incorporação, tanto quanto possivel entre os homens que tenham instrucção primaria.

Continuam a pertencer ás companhias, mas são preparados para passar para os destacamentos quando se licenciar a classe anterior, passando para elles os que forem necessarios para completar os seus effectivos, ficando os restantes nas companhias como reserva sempre pronta a preencher as vagas que se derem ou a elevarem os destacamentos ao pé de guerra. Os graduados das companhias de metralhadoras devem seguir, como os outros candidatos, o pelotão de instrucção regimental.

Na cavalaria regular cada regimento possui um destacamento de 3 secções de metralhadoras e esta disposição será em breve extensiva aos cossacos. O pessoal é recrutado segundo os principios estabelecidos para a infantaria.

Tanto na infantaria como na cavallaria as metralhadoras são transportadas a dorso.

Suecia. — Cursos taticos para capitães. — Os cursos taticos annuaes para capitães de todas as armas tiveram logar este anno em Upsal desde o meado de junho a meados de julho.

O director do curso é um coronel, dispondo como instructores, d'um official superior de infantaria, d'um de cavalaria e outro de artilharia. Os cavalos necessarios com os respectivos tratadores foram fornecidos para este curso por dois regimentos de cavalaria.

Este curso devia ter sido seguido por 30 capitães de infantaria, 8 de artilharia, 4 de cavalaria, 2 de engenharia e 4 de trem.

CONSULTAS

59.^a — Achando-se um 1.^o cabo impedido na enfermaria do 1.^o batalhão d'um regimento de infantaria, nos termos do art. 253.^o do regulamento geral para o serviço de saúde do exercito, pôde ser nomeado para serviço regimental ?

Em caso nenhum o deverá ser... a não ser que seja a unica praça de pret existente no batalhão.

60.^a — Determinando o decreto de 25 de maio de 1911 (reorganização do exercito), que haja uma escola de sargentos (art. 413.^o), pergunta-se se são estas as escolas que habilitam os 2.^{os} sargentos para o posto de 1.^o sargento ?

Nada está determinado a este respeito, deprehendendo-se no mesmo artigo, a que se refere, que ella só serve para preparar cabos para segundos sargentos.

61.^a — Determinando o art. 63.^o das «Disposições provisórias para promoção aos postos inferiores do exercito», que apenas podem ser recebidos no exercito da metropole até 31 de dezembro de 1912, os 2.^{os} sargentos promovidos no ultramar a este posto ; e havendo-os que, por terem requerido nova obrigação de serviço nos termos do Decreto de 14 de novembro de 1901 e antes da publicação das citadas disposições, não se podem apresentar, para ter ingresso no exercito metropolitano na data fixada como limite, pergunta-se :

«Pódem ser recebidos no exercito da metropole desde que satisfaçam ás condições exigidas no art. 62.^o das citadas disposições?

Não deve. Mas como o interessado não pôde ser lesado pelo facto da sua situação não ter sido prevista pelo regulamento, deverá procurar que ella se liquide por meio de qualquer circular, o que deverá requerer a tempo ás respectivas auctoridades militares.

62.^a — Tendo um sargento do quadro permanente d'um regimento trocado com um outro d'um batalhão isolado do mesmo regimento, que tambem pertence ao quadro permanente d'este, pergunta-se a que circular ou regulamento obedece o facto do que foi transferido para o batalhão passar a supranumerario ?

Não se conhece lei ou circular ou regulamento que determine a alteração que o consulente indica. De regimento para regimento, sim; mas dentro dos batalhões da mesma unidade, não se csmprehende, visto que os quadros do pessoal permanente são privativos do corpo a que pertencem, podendo os seus commandantes, em harmonia com as disposições regulamentares e o bom senso, fazer uma distribuição equitativa do pessoal graduado, até subalternos, excluindo os que commandam companhia, para boa e justa regularidade do serviço. Quantas vezes o alferes A ou o sargento B pertencentes ás companhias x e y, vão fazer serviço para a companhia z ou w d'outro batalhão, e, por este motivo, nunca passavam a suprenumerarios. Ora o batalhão isolado, apesar da sua relativa autonomia administrativa, jámais deixou de pertencer ao regimento, de cujo numero o usa no barrete das suas praças.



15.º ANO

SETEMBRO DE 1912

N.º 9

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietário e editor — *Empresa da Revista de Infantaria*

Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

Como se educa um povo e se alcança uma victoria

Toda a gente conhece, admira e enaltece as virtudes civicas do povo suiso. Todos sabem que uma das fórmas da exteriorisação dessas virtudes consiste no ardor com que se consagram á instrucção, e nomeadamente á instrucção do tiro, e no entusiasmo com que abraçam o mistér das armas.

O suiso frequenta a escola sem relutância, frequenta o *stand* com amôr e põe de parte, sem difficuldades nem hesitações, o seu labôr quotidiano da fábrica ou dos campos para fazer o seu tempo de serviço militar ou tomar parte nos periodos de repetição e manobras, fazendo tudo isso como um povo consciente, como um povo patriota, como um povo que tem a nítida compreensão do seu papel social.

O povo boer, esse rude e laborioso povo que na Africa do Sul tinha constituido uma nacionalidade á custa de mil sacrificios, luctando com os homens, luctando com os elementos e luctando até com as proprias feras, soube pela tenacidade dos seus esforços e pela persistência no seu ideal de independencia, avigo-

rar as suas virtudes cívicas de maneira a pôr em cheque durante anos a nação mais poderosa e o império mais vasto que no mundo há memória. E tudo isso conseguiu-o, não com o seu dinheiro, não com a sua grandeza, não com o seu poderio, mas com a educação, com a destreza no tiro e com um acrisolado sentimento patriótico.

O Japão também há anos, saindo da penumbra do seu obscurantismo, conseguiu mostrar á velha Europa o quanto podia fazer um povo que, levado por um místico e mesmo louco sentimento patriótico, não recuava nem perante sacrificios de dinheiro, nem mesmo perante o sacrificio mais doloroso do sangue do seu povo.

A educação cívica, arreigando na população niponica a noção do desprezo pelo sacrificio e pela propria vida e despertando o amôr da patria e fazendo vibrar os seus sentimentos guerreiros, permitiu alcançar as victorias mais colossais de que reza a historia contemporanea.

E esse triunfo foi devido á educação da escola, foi devido á educação cívica que nela se ministrou, foi devido aos sentimentos e ás virtudes que ali se fizeram despertar. O sr. Ludovic Nandau, no seu livro *Le Japon moderne, son Evolution*, faz ressaltar bem nitidamente a fórma como tudo isso se conseguiu.

Para salientar a maneira como a educação militar e cívica daquele povo se fez, referir-nos-hemos ainda a uma passagem que em uma Revista militar inglêsa lemos sobre o assunto.

Depois da ardua campanha, poderiam os seus vencedores limitar-se a colher os fructos dos seus triunfos, vivendo descansada e tranquilamente sob a acariciadora sombra dos seus louros. Eles, porém, assim não fizeram. Indo a Tokio uma personalidade militar europeia de alta categoria, pretendeu um dia falar ao heroe de Mukden, e, procurando-o em sua casa, ali lhe foi dito que naquele momento não podia ser recebido porque o general tinha ido a uma escola proxima, onde aliás ia todos os dias, fazer uma preleção militar aos alunos que a frequentavam. E foi procedendo desta fórma, antes e depois da guerra, que o povo japonês se educou, se desenvolveu, triunfou e se tornou hoje por todos respeitado.

E, indicado a traços imensamente largos o que se

tem feita lá fóra, em algumas nações, para se incutir no povo todos esses sentimentos que constituem a melhor garantia e o melhor padrão da sua glória e da sua independência, vejamos o que entre nós se tem feito em identico sentido.

Seria uma ardua tarefa se pretendessemos fazer uma análise circunstanciada sobre o assunto e muito principalmente se envolvessemos o paiz inteiro. Mais modesto será o nosso fim e por isso nos limitaremos a indicar o que se tem feito na heroica vila de Chaves, porque, indicado o que ali se tem feito e posto em evidencia o que ali se tem conseguido, implicitamente fica apontado o que se deve fazer nas demais localidades.

E' Chaves uma pequena vila transmontana, fronteira de Espanha, retirada e distante dos grandes centros e portanto esquecida e ignorada como succede a todas as mais que se encontram nas mesmas condições. Os ultimos acontecimentos politico-militares vieram, porém, lançar sobre ela uma intensa e clara luz, que é a luz da victoria, que é a luz dos triunfos, que é a luz da glória.

Chaves já era uma vila de larga história, era uma vila heroica, era uma vila de glorioso passado. A sua história era tão formosa como formosos são os campos sobre que assenta e tão grande e imponente como grandes, altivas e magestosas são as serras que a circundam. Tudo ali é grande e formoso; grandes as suas muralhas, grande o seu povo, grandes os seus campos e as suas serras e grande a sua história. Sobre Chaves só é pequeno o conhecimento que a seu respeito existe nos grandes centros.

Ha dias, nos dias 7 e 8 de julho, deram-se ali acontecimentos que a história encerrou já numa das suas muitas paginas de ouro. A' sua volta feriram-se combates, troou a artilharia, crepitou a fuzilaria, carregou a cavalaria e os seus campos ficaram juncados de cadáveres.

E o nosso glorioso exército, que soube, com a sua dedicação, com o seu yalor, com os seus sacrificios, com o seu nunca desmentido heroismo, não só abrir na história pátria uma pagina de ouro, mas tambem na história das democracias, na historia da evolução dos povos, um capitulo que só as gerações vindouras saberão apreciar devidamente, teve nesses dias memo-

raveis como companheiros dedicados, não menos heróicos, nem menos valorosos, alguns grupos de civis que ao seu lado se bateram.

A descrição tequenica desses combates e a sua apreciação critica serão um dia feitas nas colunas da *Revista de Infantaria*. Neste momento o que apenas desejamos tratar é da interferência desses elementos, porque isso representa uma lição militar e civica que precisa ser lembrada e evidenciada para servir, como exemplo, para a educação patriótica deste povo lusitano.

E quem escreve estas linhas, que é transmuntano e se tem dedicado ao assunto, tendo já chegado até a escrever um livro (1) para mostrar como pelo tiro civil se podia desenvolver a educação militar do povo, não pôde ficar silencioso, a não ser que pratique uma falta que repugnaria á sua propria consciencia.

Vamos, pois, indicar a fórmula como se conseguiu a educação civico-militar do povo fluviense e o papel que esse povo desempenhou nesses dias de lucta e de anciedade.

*
* *
*

Quando no paiz se iniciou a instrucção do tiro civil, o que foi devido, como é sabido, ao *frisson* porque nos fez passar a Inglaterra em 1891, foi a vila de Chaves uma das primeiras terras em que essa instrucção mais incremento tomou e maior desenvolvimento adquiriu. E a alma propulsora desse movimento foi o então capitão de infantaria, Augusto Cesar Ribeiro de Carvalho. Este nosso illustre camarada, nosso prezado amigo e um dos ornamentos da nossa arma, sentindo-se animado dos mais elevados sentimentos patrióticos e compreendendo com o seu espirito esclarecido o quanto essa instrucção pôde ser util ao povo, como meio educativo, e util á sua patria, como meio de defeza, com um trabalho insano, sem uma hora de esmorecimento e com vontade de tempera rija e propria de um temperamento de transmuntano, lança mãos á obra e, quer

(1) *O Tiro Nacional*.

como instructor, quer como propagandista, não tem abandonado o assunto um só instante. E a população daquela bela terra, compreendendo-lhe a pureza das suas intenções e sentindo-se animada dos mesmos sentimentos, em breve abraça a sua ideia. E só assim se pôde explicar que a carreira de tiro de Chaves fosse, apoz Lisboa, aquela que sempre, desde então até hoje, a que tenha tido maior concorrência.

Com a promoção a major daquele nosso camarada, que por este facto teve de deixar a direcção da carreira de tiro, e com a promulgação das leis da República, que tendiam a dar ao exército uma feição miliciana, passou o nosso distincto amigo a encarar o problema sob um outro aspecto. A instrucção do tiro civil, limitada simplesmente ao tiro de guerrá e especialmente destinado aos adultos, se era conveniente que se continuasse a manter, como aliáz se continuou, necessário era tambem dar-lhe uma feição mais completa, como é a da instrucção militar preparatória, e que melhor se podesse coadunar e que melhor podesse auxiliar as leis da República.

Uma organização dessa instrucção que mais se aproximasse da organização suissa era evidentemente aquela que melhores serviços podia prestar, não só por ser a mais completa, mas tambem porque era a que melhor se coadunava com as leis vigentes. Uma organização identica á dos chamados *corpos de cadetes*, na Suissa, ou *boy-scouts*, na Inglaterra, era evidentemente o ideal a atingir.

E foi nesse caminho que, franca e abertamente, se lançou o nosso prezado camarada. O atrazo intelectual do nosso povo e a falta de uma solida educação civica, fizeram, porém, com que essa organização visa-se tambem a outros fins. Os *corpos de cadetes* ou os *boy-scouts* podem dedicar-se unica e exclusivamente á instrucção propriamente militar. A instrucção primaria e a educação civica são ministradas por outros órgãos, no seio da familia, com o leite, ou nas escolas, logo nos primeiros anos.

Entre nós, infelizmente, era necessário ministrar tudo ao mesmo tempo, para que não houvesse desarmonia e desconexão na instrucção que se ministrasse. E o sr. Major Ribeiro de Carvalho, compreendendo, com o seu espirito culto, que de facto assim é, passou

então, com o auxilio de alguns camaradas e individuos da classe civil, a organizar a *Liga floviense de instrucção e beneficencia*, que incluiu nos seus fins a seguinte disposição estatual:

«c) Ministrar a instrucção militar preparatória aos rapazes que frequentem as escolas públicas e particulares e as aulas da Liga.»

E passando a dar cumprimento a esta disposição, foi organizado um batalhão de 250 alunos, que no quartel de infantaria n.º 19 recebiam todos os domingos a instrucção militar preparatória do 1.º grau, ministrada por officiaes e sargentos, que, a convite do seu presidente, a isso voluntariamente se prestaram.

O batalhão foi dividido em 4 companhias, pertencendo á 1.ª os rapazes de 16, 15 e 14 anos, á 2.ª os de 13 e 12, á 3.ª os de 11 e 10 e á 4.ª os de 9, 8 e 7 anos. A instrucção durava habitualmente 2 horas e compreendia tres partes; na primeira dava-se aos alunos uma lição de educação civica; na segunda, ginastica e escola de soldado e de grupo (que devia ir até á escola de companhia); e na terceira dava-se uma lição de canto côral, que era dirigida pelo chefe da musica daquele regimento.

O entusiasmo que este acontecimento despertou na vila foi grande. Os rapazes andavam contentes porque aos domingos tinham em conjuncto e ao ar livre essa instrucção variada e atraente; os pais andavam satisfeitos porque viam que com isso os seus filhos só recebiam noções que lhes desenvolviam o corpo e lhes avigoravam o espirito; os seus instructores sentiam-se felizes porque notavam dia a dia os proficuos beneficios do seu trabalho; e o seu director andava radiante porque via realisada uma das suas grandes aspirações, educar o povo da sua adorada terra civica e militarmente.

A instrucção militar dos recrutas do segundo contingente necessário era que marchasse tambem com a maior rapidez possivel. Na previsão de uma proxima incursão, que para breve se annunciava, logo que a incorporação se fez, a instrucção do tiro tinha capital importancia. E foi nesta conformidade que logo na segunda semana da incorporação se lhes começou a ministrar a instrucção de tiro.

*
* *
*

E ministrada a instrucção civica e militar da população de Chaves por esta fórma, vejamos o que se passou logo que os primeiros tiros dos conspiradores anunciaram a sua aproximação, os seus intentos e os seus desejos. Ao troar dos primeiros tiros da artilharia rebelde, correram logo para o quartel de infantaria 19, que o sr. Major Ribeiro de Carvalho se achava comandando, 150 atiradores civis, quasi todos por êle instruídos e portanto homens da sua mais absoluta confiança. Foram logo armados e municidados e durante as longas e angustiosas 9 horas que o combate durou, esses homens, paizanos, filhos do povo e simples atiradores civis, só deram prova, pelas informações que temos, de boa vontade, zelo e patriotismo, sentindo-se felizes e satisfeitos por defenderem a sua patria e por servirem sob as ordens do seu mestre, que era tambem de todos um amigo.

Para a linha de combate, acompanhando os bravos recrutas do 19, seguiram apenas uns 40 atiradores, ficando os restantes prestando valiosos serviços na patrulha das ruas da vila e ao que se deveu a manutenção da ordem publica; na guarda do telegrafo, da cadeia, da camara e da recebedoria.

Com êles foi tambem organizado um posto de socorros e o serviço de maqueiros; com êles se estabeleceu um serviço constante de transporte e escolta de munições para as forças em combate e com êles, finalmente, se organisou a defeza do quartel, que durante mais de uma hora foi bombardeado pela artilharia dos conspiradores, que serviria de último reducto no caso de insucesso e em que a resistencia seria levada até á morte.

Os serviços que estes cidadãos prestaram ficam assim patentes, e os que prestaram os que marcharam para a linha de fogo, juntamente com os soldados, já de todos são conhecidos. A educação civica e os sentimentos patrióticos levam tanto o povo suiso, como o povo niponico, como o povo boer, como o povo flavense a cumprir os seus deveres sem esmorecimento, mas antes com calor, entusiasmo e ardor, que vae á

loucura, que vae ao sacrificio, que vae ao desprezo da propria vida.

O tiro, que é a arte do combatente, sendo applicado com conhecimento de causa e segundo as regras que os instructores ensinaram, só pôde então produzir o que produziu em Chaves: cerca de 20 0/0 de baixas, ficando o campo de batalha juncado de cadáveres, alguns dos quais tinham 5 balas, como se viu sob o sol brilhante que no dia 8 de julho iluminou os campos de Chaves.

O povo japonéz morria cantando nos campos da Mandchuria, o povo boer morria rezando no arido *veld* africano; pois o povo floviense, se tivesse de morrer, com a instrucção militar e civica que recebeu, morreria gritando — Viva a Republica!

DAVID RODRIGUES

Cap. d'Inf.^a

As linhas de Torres Vedras

(Conferencia)

(Continuado do n.º 8, 1912)

Descripção sumaria da 1.^a linha de Torres

As posições defensivas ao norte da capital, dividiram-se em districtos ou zonas á frente das quaes estavam engenheiros inglezes, encarregados de dirigir e fiscalisar os trabalhos em que foram empregados, — alem das tropas de dois regimentos de milicias, — todos os homens validos de 50 milhas em redór, os quaes, apesar de longe de suas habitações, deram exemplo da mais absoluta ordem, da mais extraordinaria disciplina, durante os trese meses que levaram a construir as 154 obras que depois de artilhadas com as suas 534 peças e guarnecidas com os seus 34:000 homens, constituiram o obstaculo inexpugnavel em que se firmou a independencia na nossa nacionalidade.

As posições que constituíam a 1.^a linha de Torres Vedras estendiam-se, desde o Tejo, pela serra de Alhandra, até á fóz do Sizandro no Oceano; dividiram-se em

quatro districtos, tendo cada um numero variavel de obras de defeza e em harmonia com o valor das posições.

Esta 1.^a linha dispunha d'uns 18:700 homens, para a sua guarnição, e possuia umas 320 bocas de fogo.

As suas obras não foram construidas ao mesmo tempo; principiaram as obras de Torres em 4 de outubro, e dias depois, as do Mont'Agraço. Eram numeradas, e os numeros mais baixos, indicando as que primeiro eram construidas, mostram, da parte do general inglez, a falta d'um plano determinado e previamente definido para a execução das obras precisas á defeza de Lisboa.

N'esta 1.^a linha temos a notar seis posições principaes.

1.^a posição de Alhandra — Era formada pela Serra dos Anjos, tendo o seu flanco esquerdo apoiado no Valle do Bulhaco ou do Calhandriz.

Esta serra era cortada quasi a pique para o lado da campanha, e o terreno mais baixo comprehendido entre esta serra e o Tejo, por onde passava a estrada Santarem-Lisboa, era interceptado por um entrincheiramento destinado á infantaria. Dose lanchas canhoneiras que estacionavam no rio, auxiliavam a defeza do flanco direito da 1.^a linha.

Esta posição tinha a principio, como obras principaes, o entrincheiramento junto ao Tejo, o reducto entre o Moinho do Alberto e os de S. Fernando, o Forte dos Signaes, e reductos a Oeste do Moinho de S. Fernando e no alto da Serra do Formoso. Era uma posição importante, mas tinha o seu flanco esquerdo facilmente torneavel, pois permittia ao inimigo que viesse dos lados de Arruda penetrar pelo valle do Bulhaco e marchar sobre Alverca, ou por Mato da Cruz sobre Bucellas, envolvendo e cortando a retirada das tropas que guarnecessem a posição.

Para evitar estes inconvenientes, o capitão inglez J. Jones, mandou construir mais quatro reductos no alto da Murteira, e um outro no alto do Mato da Cruz, para evitar o accesso ao alto de Calhandriz, mandando ainda construir a bateria das Antas na encosta da Serra do Formoso, para bater o valle do Bulhaco, e, com o mesmo fim, mais no interior d'este valle, respectivamente nas margens direita e esquerda, as baterias do Alfarge e dos Melros.

Esta posição foi occupada pelas duas divisões do general Hill.

2.^a *posição*. — Está formada pelas serras do Alfarge, das Penas, da Capellã e alto do Moinho do Céu, desde o valle do Bulhaco ao valle de Monfalim.

Continha as obras do alto da Chan da Vinha, do alto da Carvalha, os fortes de S. Sebastião, do Paço e do Moinho do Céu, e outras que mais tarde foram construídas.

Esta posição, que foi occupada pela divisão do general Crauford, interceptava o valle da Matta, por onde segue a estrada Arruda-S. Thiago dos Velhos-Bucellas, por meio dos fortes de S. Sebastião e da Carvalha.

O valle da Boiça que tambem podia dar accesso á posição, era defendido eficazmente pelos fortes do Moinho do Céu e do Paço.

3.^a *posição*: — Era constituida pela Serra de Mont'-Agraço, e foi das mais importantes da 1.^a linha. Como obras de defeza tinha um grande reducto, chamado o Forte Grande, e mais quatro reductos, tres a sudoeste e um ao norte.

Esta posição batia as estradas de Sobral para Bucellas e para Cabeça de Montachique, e dominava o valle dos Casaes do Sobral que por Dois Portos abria communição para a estrada de Torres-Lisboa.

Além da guarnição propria de cada obra, esta posição era occupada pela brigada Pack, estacionando á retaguarda como reserva a divisão Leisth.

4.^a *posição*. — Da serra da Archeira ou da Cadriceira com o alto da Portella do Bispo. Era formada por dois reductos e um forte, que tinham a numeração 128, 129 e 130, e ainda pelos fortes da Portella do Bispo e da Patameira.

Esta posição importante passou desapercibida a Wellington e aos engenheiros inglezes encarregados da execução das obras de defeza e tanto que foi fortificada só quando o exercito alliado occupava as linhas.

Esta imprevidencia podia ter sido prejudicial ao general inglez se Massena, já senhor de Runa e de Cavarias, tivesse reconhecido o seu flanco direito, porque então certificar-se-hia da fraqueza da posição antes de constituido o Forte do Moinho e ser-lhe-hia talvez facil torneal-a pela serra dos Capuchos e do Gayo, tomar a estrada de Torres-Trucifal-Mafra, sem que a este movimento podesse obstar a posição de Torres Vedras.

A serra da Archeira, que batia eficazmente a antiga

estrada Torres-Cadriceira-C. Barbas-Mafra, era occupada pela divisão Spencer. A' retaguarda como reserva e apoiando-se nos dois fortes das Enxaras, estacionava a divisão Cole, mais tarde substituida pela divisão espanhola de La Romana.

5.^a posição. *De Torres Vedras.* -- Interceptava a estrada principal de Lisboa: Caldas-Torres por Mafra ou por Cabeço de Montachique.

Esta posição, que foi occupada por Picton, dispunha, a oeste da estrada, e na margem direita do Sizandro, do Forte de S. Vicente, que era o mais importante, e o Forte dos Olheiros; e a oeste, do Forte da Forca. A sul tinha ainda o Castello e o Forte de S. João.

Era esta posição facilmente torneavel pelos Palheiros, ou pelo Varatojo no seu flanco esquerdo, o que podia permittir ao inimigo tomar o Alto de Santo Antonio e como consequencia alcançar a estrada Trucifal-Mafra. Este movimento torneante que só poderia ser contrariado pela unica obra a principio existente na margem esquerda do Sizandro, o Forte do Grillo ao sul da Ponta do Ról, tornou-se depois mais difficil com a construcção dos fortes da Cruz, dos Palheiros e de Pedrulhos.

6.^a posição. — Da Ribeira de Pedrulhos até ao oceano, pela margem esquerda do Sizandro.

Dispunha a principio apenas dos fortes do Grillo, da Alquiteira e de S. Pedro da Cadeira. Era a mais fraca da 1.^a linha, sendo mais tarde reforçada com vinte e uma obras construidas umas perto das outras e de maneira a baterem o vale de S. João, e o acesso á Ribeira de Pedrulhos e a defenderem a estrada que de A. dos Cunhados pela ponta do Ról e Freiria dos Chapeus, ia a Sobral de Abelheira e Picanceira, e a estrada Vimeiro-Secarias que por S. Pedro da Cadeira e Encarnação conduzia á Picanceira.

A fraqueza desta posição comprometia deveras a defesa de Lisboa, porque o inimigo logo que conseguisse forçal-a e se apoderasse da Picanceira teria torneado o desfiladeiro da Portela do Gradil na 2.^a linha, e, por consequencia, teria o caminho aberto para Oeiras, onde chegaria com muita antecedencia para evitar o embarque do exercito inglez.

Wellington, que comprehendeu a possibilidade dum desastre desta natureza, mandou construir á retaguarda as obras indispensaveis a interceptar a estrada que da Pi-

·canceira se dirigia a Cintra, passando pelas proximidades da Ericeira.

As comunicações entre as obras de defeza que constituíam a 1.^a linha faziam-se por meio de signaes opticos, para o que se estabeleceram postos no Alto da Senhora do Socorro, em Alhandra, em Mont'Agraço, em Torres Vedras e no reducto do Grillo.

Como estes postos ficassem muito afastados uns dos outros foram creados postos intermedios para facilitarem a transmissão das comunicações.

Estes postos eram guarnecidos por marinheiros dos navios inglezes.

D'esta forma o quartel general de Wellington, na Quinta do Pero Negro, transmitia as suas ordens com a maior rapidez por intermedio do posto do Alto da Senhora do Socorro.

Eis o que se me offerece dizer sobre esta primeira linha que foi occupada pelos alliados de 8 a 12 de outubro de 1811, entrando Wellington por Sobral e Arruda, enquanto nos seus flancos, Hill vindo de Thomar e Santarem occupava Alhandra, e Picton por Alcobaça e Obidos tomava posição em Torres Vedras.

Quatro dias depois, o proprio Massena, n'um reconhecimento que fez ás posições, convence-se da sua enexpugnabilidade e um conselho de generaes, talvez precipitadamente, resolve esperar reforços!

E' que o espanto e a fraqueza d'esses generaes augmentaram ainda mais o valôr defensivo das mesmas posições!

As linhas faziam portanto baquear as tropas vencedoras de Napoleão e eclipsar a estrella radiante do *filho querido da victoria!*

Utilidade das linhas na defeza actual do nosso paiz

O systema de defeza que mais conviria ao nosso paiz, segundo a opinião do sr. Sebastião Telles, seria a defeza concentrada que tem por fim auxiliar e proteger a concentração de forças da defeza nos pontos estrategicos mais importantes, visto que sendo natural que um aggressor reúna as suas forças para atacar, por maioria de razão o defensor deve reunir as suas, para se defender; e portanto um exercito pequeno deverá ter um unico refugio ou po-

sição fortificada, afim de que não seja obrigado a dividir-se precisamente quando mais necessidade terá de estar reunido.

Estudando o nosso paiz para a applicação d'este principio, o territorio do continente seria dividido em tres zonas de operações.

1.^a—A do *Norte até ao Douro* onde as invasões são consideradas menos vantajosas. 2.^a—A do *Centro* entre o Douro e uma linha que passe por Elvas, Serra de Ossa e o curso do Sado. 3.^a—Ao *Sul* d'esta linha pouco provavel para o ataque.

A zona central é a mais vantajosa para o invasor, que poderá internar-se pela Beira Alta, pela Beira Baixa e Alemtejo.

Por qualquer outra parte em que o ataque se faça, ficaremos sempre reduzidos ao esforço convergente de todas as forças sobre o valle do Tejo, pelo Norte ou pelo Sul,

E' pois ao sul do Mondego e na península de Setubal. que devem concentrar-se as forças de defeza, podendo portanto segundo opinião do mesmo official, considerar-se como *zona de defeza concentrada* o espaço comprehendido pelo Mondego, por uma linha tirada a cima de Coimbra e passando pela serra da Louzã, curso do Zezere, até á sua confluencia no Tejo, este rio até Santarem, e pela margem esquerdo por Palmella até Setubal.

O systema de operações que teriamos de adoptar em caso de invasão, seria, não a offensiva, senão em casos muito excepçionaes, nem tão pouco a defesa na fronteira, mas sim a defesa activa, no interior do paiz, dentro naturalmente da zona já indicada, onde estaria o grosso do exercito.

Não quer isto dizer que fóra d'esta zona o paiz seja abandonado ao invasor, mas simplesmente que o emprego das forças disseminadas pelo paiz terão como principal missão o demorar a marcha do atacante, conservando o contacto com elle, avaliar as suas forças, reconhecer a direcção que segue, e procurar atrahil-o aos pontos mais vantajosos á nossa defeza.

E para que tropas regulares possam desempenhar-se de tão espinhosa missão, deverão estabelecer-se em observação nos pontos estrategicos que podem ser organisados defensivamente, por obras de fortificação de campanha que sirvam de base a essas operações.

Fóra pois da zona concentrada deve merecer-nos es-

peçias attenções as posições do Porto, ao Norte, Celorico ou Guarda, na Beira, e Evora ou Extremoz no Alemtejo.

Dentro das mesmas zonas as operações seriam auxiliadas pelo emprego de maiores effectivos, que teriam como pontos de apoio, Coimbra para as linhas de defeza do Mondego; Tancos e Santarem para as do Tejo.

E ainda mais no interior, a séde do governo, o centro commercial e politico do paiz, é que deve ser convenientemente fortificado e com o desenvolvimento necessario para um exercito numeroso.

D'esta maneira chegamos á conclusão de que será inutil a fortificação permanente do Porto, opinião esta não só seguida por Sebastião Telles, mas por outros escriptores militares de reputação feita sobre o assumpto, que consideram a existencia d'uma nova base de operações n'aquella cidade como prejudicial á defeza do paiz, visto que ficaria separada da de Lisboa, com as communicações interrompidas, inutilisando-se, portanto, uma grande parte do exercito para a defeza da base principal.

Devendo portanto ser o principal e unico objectivo do invasor a conquista da capital, é Lisboa que nós devemos defender a todo o transe, é o caminho de Lisboa que em occasião oportuna mais conviria preparar para uma defeza inergica e tenaz.

E o caminho de Lisboa, como vimos, para o atacante que deseje aproveitar-se d'uma das mais favoraveis linhas de invasão, é o espaço comprehendido entre o Oceano e o estuario do Tejo.

Sômos pois naturalmente levados ás posições de Torres Vedras, que não teem actualmente a mesma importancia tactica, visto serem outras as condições do armamento, mas que são, como disse, o caminho obrigatorio do invasor, com a mesma serra de Montejunto a separar como em 1811, o exercito atacante, com as mesmas vias de communicação e outras que se construíram, mas todas ellas dominadas pelas posições de Alqueidão, serra de Alhandra, Torres e outras que em caso de necessidade poderiam ser organisadas defensivamente para servirem de apoio a tropas regulares que tivessem por missão demorar ou impedir o investimento da capital.

Tal é a importancia que eu julgo poderem ter hoje as linhas de Torres Vedras.

Se necessario fosse ainda aproveitar lhes o seu valôr, faltar-nos-hiam, é factó, as tropas alliadas para insuflar ás

novas forças aquelles exemplos de bravura de que nos falla a historia; o genio guerreiro de Wellington, a sua vontade firme de vencer, mas em compensação teriamos um exercito mais preparado, mais instruido, e estamos bem certos de que em breve dotado com o material indispensavel a poder desempenhar-se da sua missão; temos uma corporação de officiaes animada das mais patrioticas intenções, capaz de se dedicar com o mais acalorado amor á instrucção de todos os cidadãos validos que a nação lhe vae confiar, os quaes, n'um futuro bem proximo, já poderão cooperar comnosco na defeza sacrosanta da Patria; e teremos, meus caros camaradas, um povo em cujas veias gira ainda o sangue dos seus antepassados de 1811, d'esse povo altivo e orgulhoso da sua independencia, que tudo sacrificou, comodidades, bem estar, as habitações que lhe serviram de berço, as terras que lhe recordavam saudades do passado, e que eram no futuro o patrimonio dos seus filhos queridos; d'esse povo unico que abandonava tudo, e tudo destruía para que o invasor nada podesse aproveitar, povo sublime que deu provas da maior abnegação e patriotismo trabalhando na construcção das linhas de Torres com o enthusiasmo louco de quem edifica um monumento gigantesco que havia de servir para salvaguardar a independencia da sua Patria estremeçada; e com um sigillo tão rigoroso, de fórma que nem o serviço de espionagem e de informações levou ao conhecimento de Massena as obras collossaes que se andavam construindo, esse *anjo querido da victoria* que caminhava para Lisboa com a confiança que lhe dava o seu exercito sempre vencedor, deteve-se verdadeiramente surpreendido perante a inexpugnabilidade das posições que elle nunca julgou que podessem empanar o brilho do seu nome e fazer declinar a estrella brilhante de Napoleão.

Sim, camaradas, o povo de hoje é ainda o nobre descendente d'esse povo de 1811.

Podel-o-hão considerar eivado de vicios de jesuitismo, fanatisado, a ponto de se preocupar menos com os interesses da vida nacional do que com as procissões e romarias que constituem as festas e os folguedos das suas aldeias; poderão chamar-lhe indolente e que só sabe despertar para ao som das suas violas e guitarras cantar o seu fado favorito. Sim, esse povo, poderá em grande parte resentir-se d'uma educação excessivamente jesuitica, mas quando vibra no seu peito o sentimento do amor patrio

vae ainda hoje até onde fôr preciso ; esse povo reflete-se nos nossos soldados, obedientes, doces, resignados e capazes dos mais difíceis emprehendimentos, como póde comproval-o o testemunho d'alguns camaradas que me estão escutando e que os tiveram por companheiros nas luctas africanas; soldados que combateram valorosamente em Nagul, que fizeram a jornada difficil de Manjacase, que prepararam com o seu heroismo de Coellela o feito glorioso de Chaimite, que reconstituiram o quadrado rôto e dismantelado de Marraquene, factu unico na historia militar do mundo inteiro; soldados que levaram a bandeira da Patria sempre gloriosas por entre as regiões inhospitas do Cuamato, firmando entre as aguerridos e nunca submettidas tribus da Ovampia o direito sagrado da nossa soberania.

Aveiro, 13 de junho de 1911.

ANTONIO LOPES MATHEUS.

Tenente d'Infanteria 21



A GUERRA ITALO-TURCA

No dia 3 de outubro de 1911, o couraçado *Benedeto Brin*, que ostentava a bandeira do almirante Favarelli, no meio de grande entusiasmo da tripulação da esquadra italiana, rompia fogo sobre as pobres baterias razantes, que imperfeitamente procuravam assegurar a defeza de Tripoli. Quatro dias depois, alguns

centos de marinheiros desembarcaram, e, sem encontrar a menor resistencia, occuparam a cidade.

A Italia, toda inteira, saudou com delirio esta victoria, que não foi difficil de alcançar, porque a julgou como prova indubitavel de uma rapida e total conquista. A heroica tradição da Roma antiga havia-se renovado; as aguias das legiões pairavam de novo sobre a terra africana, consagrando o renascimento formidavel de um povo. E immediatamente, um decreto anexando á corôa de Italia a Tripolitania, a Cyrenaica e a Marmarica, quiz provar ao mundo toda a magnitude dos resultados esperados.

Mas, em frente do grande exército invasôr, levantou-se um punhado de bravos decididos a morrer valentemente para defender até ao ultimo suspiro a terra do Islam. E desde há perto de um ano tem-se ferido uma extraordinaria guerra; desde então o esforço consideravel sustentado pela Italia quebra-se na frente da tenaz vontade de um adversario desprovido de tudo, apenas cheio de coragem e de amôr pelo seu torrão natal.

Se se acreditasse no lirismo dos jornais italianos, a campanha de Tripoli appareceria gloriosamente fecunda. A verdade, porém, não se pôde ocultar por muito tempo deante da evidencia dos factos; a verdade, cedo ou tarde, triunfa sempre.

Sem procurar fazer um quadro completo desta campanha, procurar-se-ha mostrar com exemplos a situação exacta dos beligerantes.

Com uma rapidez e com uma ordem que justo é reconhecer e que demonstra o cuidado minucioso com que se tem executado a campanha, a Italia, em poucos dias, desembarcou em Tripoli mais de 40:000 homens, uma artilharia formidavel e um potente e completo material de guerra.

Mas, sob a impulsão dos officiaes turcos, a defeza organisou-se tambem depressa; os arabes, alistados a todâ a pressa, corriam aos combates; em frente das trincheiras italianas cavavam-se as trincheiras turcas; os invasôres viram-se em breve sitiados e durante dois mezes, no mesmo oasis de Tripoli, notou-se este phenomeno imprevisito e extraordinario de um exército muito superior em numero e armamento, vêr-se apertado, cercado, inutilisado por um inimigo que se julgava de pouco valor.

A terceira marcha sobre Ain-Zara, a 4 de dezembro, quando se supunha que não se encontraria mais do que uma pequena guarnição turca, pois que os auxiliares arabes tinham recolhido aos seus aduares para celebrar a festa famosa de «Aid-el-Kebir», permitiu livrar um pouco a Tripoli dos continuos ataques dos inimigos. Esta foi a maior victoria italiana, que esteve bem longe de ser decisiva.

Duas divisões italianas, levando na sua frente um milhar de homens, gastaram o dia inteiro para percorrer 7 kilometros, não chegando a romper a cortina inimiga, nem tentar um movimento envolvente, que teria acabado para sempre com toda a resistencia.

E desde dezembro a situação em Tripoli não se tem modificado. Ocultos no fundo das suas trincheiras, os italianos mantem-se numa prudente defensiva, enquanto que na sua frente o exército turco-arabe se reforça, se organisa, se adestra.

Teem-se dirigido grandes censuras ao general Caneva por causa desta imobilidade e pensa-se mesmo até em o destituir do comando. Estas censuras há quem as julgue injustas, attribuindo as faltas antes a um decidido espirito ofensivo das tropas.

O combate de 18 de janeiro, em frente de Garagarech, mostra, como nenhum outro, este defeito do exército italiano. Naquele dia se havia resolvido efectuar uma marcha ofensiva sobre o oasis de Zanzour, situado a uns 20 kilometros a Oeste de Tripoli.

A' uma hora da manhã saiu do campo entrincheirado italiano uma forte coluna, composta de infantaria, cavalaria e artilharia. Pouco depois de passar o oasis de Garagarech, a menos de cinco kilometros das fortificações, alguns arabes, dos que, como de ordinario, percorriam o paiz em patrulhas, fizeram fogo sobre a guarda avançada italiana. Esta deteve-se nessa ocasião e, sem tomar o cuidado de mandar a cavalaria a reconhecer a importancia do inimigo, tratou-se logo de construir uma importante linha de trincheiras.

Conhecedoras deste facto, as forças turco-arabes acudiram logo de pontos mais distantes. E então começou um extraordinario combate. Apesar da poderosa ajuda das fortificações, apesar da poderosa artilharia de campanha e apesar dos seus efectivos, os italianos retrocederam perante o ataque que lhes foi feito.

As trincheiras avançadas fôram tomadas; os italianos recuaram para novas obras defensivas que á pressa se levantaram e pouco depois a segunda linha era tambem abandonada, passando a ocupar uma outra já perto de Tripoli.

O tiro incessante da artilharia de Tripoli deteve então o impeto dos turco-arabes, mas o contra-ataque natural e possivel que se devia efectuar com tropas frescas que viessem reforçar a coluna primitiva não se iniciou. E ao cair da noite os italianos repousaram nas fortificações que circundavam Tripoli e donde tinham partido de manhã!

Ha ainda um outro feito de armas que merece ser citado. A 21 de fevereiro uma coluna italiana, composta de um regimento de cavalaria, dois batalhões de infantaria e duas baterias de montanha, saú de Tripoli em direcção a sudoeste, seguindo o vale de Medjenina.

Uma pequena patrulha de 2 officiaes e alguns cavaleiros do exército turco avistaram esta coluna. Enquanto um dos cavaleiros seguia a galope para a retaguarda a prevenir as restantes forças do que se passava, o resto da patrulha rompe um intenso fogo contra a coluna italiana, que immediatamente toma uma attitude simplesmente defensiva. E porque se daria este extranho caso? Seria pelo receio de uma outra Adoha? Não pôde ser, porque no exército italiano há quem tenha dado grandes provas de energia, de valor e de heroismo. Em todo o caso o facto é este e verdadeiro.

A falta de um decidido espirito ofensivo das tropas fez com que muitos officiaes nos primeiros combates se lançassem para a frente das suas unidades para lhes dar um heroico exemplo. E no entanto nem sempre foram seguidos! E desta falta de espirito ofensivo tambem está sendo acusado o estado maior italiano. E só assim explicam muitos correspondentes o facto das marchas ofensivas de Tobbras, Gargarech, Medjenina, Zanzour, etc., se tivssem convertido em retiradas infructíferas.

Mas esta falta de uma energica decisão ofensiva, que não permite deixar o litoral e que não deixa que o exército, com um internamento rapido, energico e decidido no territorio inimigo, aniquilasse o adversario e alcançasse a victoria desejada, não podará ter outra explicação.

• Talvez e é mesmo muito natural. A ardencia do clima e a aridez do terreno são inimigos poderosos com que há a lutar. Seja, porém, como fôr, o que é verdade é que os italianos estão mostrando ao mundo o quanto é verdadeiro o aforismo popular — de que para tirar um homem de sua casa, mesmo depois de morto, são necessarios, pelo menos, quatro homens.

Educação moral do soldado

(Continuado do n.º 8)

Relações com os individuos da classe civil. —

Visto que a passagem pelas fileiras consiste em um dever que todos os cidadãos validos teem de cumprir, não ha razão alguma de existir antagonismo entre as duas classes, militar e civil.

O cidadão de hoje é o soldado de amanhã, que volta mais tarde á vida civil. Por conseguinte, as relações dos militares com os civis são perfeitamente naturaes e ha apenas a restricção de que o militar deve ser escrupuloso na escolha das pessoas de sua amisade ou convivencia mais intima, para não dar a qualquer individuo de más qualidades a honra da sua companhia. Logo que uma pessoa das vossas relações pratique qualquer acto deshonoroso, afastai-o da vossa intimidade.

Solidariedade. — E' a relação de dependencia entre determinados individuos ou grupos de individuos, em resultado da qual as consequencias dos actos, que incidem sobre um d'elles, se reflectem tambem sobre os demais. D'onde resulta a necessidade de se auxiliarem mutuamente, pois está n'isso o seu interesse, tornando-se por essa forma solidarios, em vista de a todos caber a sua parte no bem ou mal que aconteça a qualquer d'elles.

A solidariedade existe tanto entre os membros da mesma familia, como entre os cidadãos do mesmo paiz e ainda entre os povos das diversas nações, alargando-se assim do lar, á aldeia, á provincia, á patria e a toda a humanidade.

Tendo, pois, um tal character de universalidade, não admira que ella se manifeste vivamente no exercito.

A solidariedade dentro da mesma familia torna-se evidente pois que a felicidade ou infelicidade d'um dos seus membros é sentida por todos os outros.

Mas, fóra da familia, existe tambem. Se, n'uma fabrica, alguns operarios produzirem mal a sua obra, o credito da casa é affectado, e o dono, perdendo os freguezes e tirando menos lucro, poderá ser forçado a reduzir os salarios ou até mesmo a fechar a fabrica e eis como todos os operarios são attingidos pelas consequencias dos actos praticados apenas por alguns.

A Patria é uma vasta solidariedade, em que cada um de seus filhos experimenta o reflexo do bem ou mal que acontece aos seus concidadãos, e o exercito, fazendo parte integrante da nação, é do mesmo modo affectado com o bem ou mal do paiz.

A solidariedade internacional é tambem um facto incontroverso. Os acontecimentos, que agitam um paiz, repercutem-se nos outros, porque os povos não vivem isolados no seu territorio, mantem entre si relações de toda a especie e, portanto, os successos que se derem dentro d'uma nação, não ficam circumscriptos aos limites das suas fronteiras.

A solidariedade no exercito é facil de comprehender, pois que sendo todos os seus elementos dispostos para o mesmo fim, vê-se bem que qualquer perburbação n'um d'elles se transmite logo aos outros.

E esta estreita dependencia mais se avoluma durante as operações da guerra, em que o bom exito ou o insuccesso da missão confiada a uma parte das tropas, vae influir na acção das restantes. Se, por exemplo, as forças incumbidas de sustentar um combate, para permittir que as tropas, que vem ainda em marcha, tenham tempo de tomar as suas disposições, não tiverem procedido por forma a deter o adversario, este cairá sobre o grosso da columna, antes d'ella estar em condições de se defender, paralisando-lhe a sua acção. E, como este, innumerous exemplos se poderiam apresentar para mostrar a estreita solidariedade que existe no exercito.

Reconhece-se, pois, que a solidariedade é um principio permanente, uma verdadeira lei natural, com que se deve contar e que traz como consequencia a necessidade de nos auxiliarmos mutuamente, porque, em ultima ana-

lyse, o auxilio prestado a outrem reverte em nosso proveito.

E' em obediencia ao principio da solidariedade que os trabalhadores se agremiam nas suas associações de classe, com o fim de conseguir melhorar a sua sorte. Não basta, é claro, reunirem-se e reclamar seja o que fôr, apresentando exigencias impossiveis de satisfazer, que acarretariam a ruina dos patrões. Por esta forma, tendo em vista alcançar melhora de situação, cavava-se imprudentemente a propria ruina. Não devem nunca esquecer que elles proprios são tambem solidarios com os seus patrões, cuja sorte está ligada á sua, e ainda com todo o paiz, sobre o qual vão influir as sua reclamações rasoaveis ou injustificadas.

Quando todos tiverem comprehendido como o seu interesse particular está ligado ao interesse geral, acabarão todos por entender-se, sendo substituidas as luctas entre o capital e o trabalho pela solidariedade entre o capital e o trabalho.

A iniciativa. — A disciplina rigorosa, que deve existir no exercito e que exige a mais completa obediencia, não deve ser de molde a paralyzar a intelligencia do soldado, a sua faculdade de reflectir, por isso que a epoca do soldado machina já passou e hoje o que se pretende é crear homens capazes de, nos limites impostos pelos regulamentos e pelas ordens recebidas, collaborarem intelligentemente com os seus chefes, no interesse da patria.

Para que o soldado possa attingir este grau de perfeição é preciso, não só um completo conhecimento dos seus deveres profissionaes, mas o desenvolvimento d'uma qualidade muito importante — a *iniciativa*.

E' pelo cultivo d'ella que o soldado, que recebeu uma ordem incompleta e que não prevê todos os casos, recorrendo á sua intelligencia, consegue obviar a defeciencia da mesma ordem, cumprindo-a tão satisfatoriamente, como se o fizesse sob as indicações do chefe. Póde mesmo dar-se o caso que o soldado não tenha recebido ordem alguma, para a hypothese que se apresenta, e então, em vez de ficar inactivo, sob o pretexto de que não tem instruções que regulem o seu procedimento, pedil-as-ha, se houver occasião d'isso, e, no caso contrario, substituil-as-ha por outras, que elle dá a si mesmo, inspirando-se nas necessidades da situação em que se encontra e procurando

resolver por si, tão bem como se lhe fossem dadas ordens precisas.

Chegar-se-ha a possuir esta qualidade sufficientemente desenvolvida, creando o habito de proceder reflectidamente, por si mesmo, sem necessidade de ser guiado em tudo e por tudo, e não se limitando ao cumprimento machinal e demasiado á letra das ordens recebidas dos superiores. E' preciso ter a intelligencia do que estes tiveram em vista, quando deram essas ordens, porque só assim poderão compenetrar-se do espirito d'elles e mais facilmente estarão habituados a completal-as, quando sejam deficientes, não fazendo a primeira cousa que lhes venha á cabeça, mas procedendo em harmonia com os regulamentos e com as intenções dos chefes.

Se, durante um combate, fôr designado um atirador para ir occupar uma determinada posição, de onde bata com o seu fogo um certo objectivo e, depois de estar no ponto indicado, reconheça que um grupo de arvores lhe encobre esse objectivo, o atirador, em vez de ficar immovel na dita posição, procurará outra nas proximidades, que lhe permita desempenhar a missão de que o incumbiram.

Se uma ordenança fôr encarregada de levar uma comunicação ao seu destino, devendo ser portador da resposta, e, que o individuo a quem foi dirigida a comunicação, se esquecer de lhe entregar a devida resposta, em vez de ficar indefinidamente á espera que elle lh'a dê, lembrar-lhe-ha de que o encarregaram tambem de transmitir a resposta por que espera.

Mais exemplos se poderiam citar, mostrando a conveniencia da iniciativa, tanto mais necessaria quanto é certo o soldado encontrar-se frequentes vezes, em campanha, perfeitamente entregue a si mesmo, longe da intervenção dos seus chefes. Substitue-se assim a disciplina passiva, que consiste em executar cegamente as ordens recebidas, sem as comprehender, pela disciplina activa que consiste em executal-as com intelligencia, completando-as ou modificando-as, quando se tornem inexequiveis.

Ha ainda outra maneira de manifestar qualidades de iniciativa; é em procurar augmentar a sua instrucção, sem se contentar com o que lhe foi ensinado, aproveitando n'esse sentido todas as occasiões que se apresentam.

Nos conversações, que tiverem entre si, poderão tran-

mittir conhecimentos, acerca das suas profissões, das suas regiões, das culturas, etc., e, quando saírem a passeio, em vez de divagarem pelas ruas, ao acaso, deverão visitar os museus, os jardins, as fabricas, colhendo assim noções que vos serão de utilidade na vida.

Quando fôrdes em marcha, debaixo de forma, não vos contenteis em seguir machinalmente, com a vista fixa nos pés do camarada que vae na frente; observae a paysagem que vos cerca; inquiri o nome das localidades que atravessaes; interessai-vos assim pelo que fôrdes vendo.

Conseguireis assim que o tempo passado na vida militar, longe de ser considerado tempo perdido para a vossa educação pessoal, vos foi em extremo util e d'elle conservareis perduravel recordação.

A bandeira e o hymno nacionaes. — Todas as nações adoptaram uma bandeira de determinadas côres e com certos emblemas pela qual se distinguem as diversas nacionalidades.

Como as demais, tambem a Nação Portugueza possui a sua bandeira propria, que é a nossa bandeira nacional, verdadeiro symbolo da Patria, que vemos hasteada nas fachadas dos nossos edificios e arvorada nos mastros dos nossos navios e levada, com as honras devidas, no meio sdo nossos regimentos.

A bandeira nacional tem soffrido modificações, em varias epochas, nas côres que a formam e nos emblemas que a ornamentam. Actualmente, as côres que a constituem são a verde e a vermelha, assentando sobre a sua linha divisoria a esphera armillar com o escudo, em que figuram como elementos principaes, os castellos e as quas.

Esta bandeira substituiu a antiga, azul e branca, e foi adoptada depois da implantação da Republica, por serem as côres verde e vermelha as tradicionaes do partido republicano, que á sombra d'ellas luctou durante largos annos, como á sombra d'ellas luctaram e venceram os revolucionarios que destruíram a monarchia.

Disse-vos que a bandeira é o symbolo da Patria e por isso ella deve merecer de todos os patriotas e em particular do soldado portuguez um culto especial. Todos os cidadãos devem saudal-a com respeito, descobrindo-se á sua passagem, e os militares prestam-lhe as honras devidas, quer em actos de formatura, quer individualmente, fazendo-lhe a continencia.

Todos os regimentos possuem uma bandeira, a qual é uma deshonra perder, por isso todos devem sacrificar-se em defendel-a e evitar que o inimigo possa apoderar-se d'ella; pelo contrario, arranca-la das mãos do adversario, constitue um feito brilhante.

Em Lisboa, no museu d'artilharia, que melhor deveria chamar-se museu militar ou do exercito, existem, como verdadeiras reliquias, diversas bandeiras historicas, que foram desfraldadas pelos nossos regimentos, em varios combates, principalmente durante a guerra peninsular, attestando no desbotado das côres e nos rasgões que lhes abriram as balas e o tempo, o valor historico que possuem.

Muitas mereceram a distincção de lhe inscreverem diversas divisas honrosas, havendo-as tambem que foram condecoradas com a Torre e Espada, a ordem destinada a galardoar os feitos de bravura.

No mesmo museu existem tres bandeiras que, na batalha de Valencia d'Alcantara, em 1762, foram conquistadas ao regimento de Sevilha.

A bandeira nacional tem sido, em todos os tempos, defendida com energia pelos portuguezes e citar-vos-hei os seguintes exemplos.

Uma das mais completas provas do seu amor pela bandeira deu a Duarte d'Almeida, na batalha de Toro, que teve lugar em 1476, entre o exercito portuguez, commandado pelo rei D. Affonso V e o exercito castelhano.

No maior ardor da batalha tentaram estes apoderar-se da nossa bandeira, empunhada pôr Duarte d'Almeida, ao qual acometteram com todo o vigor. Este defende-se com energia, mas uma cutilada formidavel corta-lhe a mão direita; não desanima por isso e empunha a bandeira com a esquerda, mas uma nova cutilada o priva d'essa mão. Então louco de dôr, toma a bandeira entre os dentes e resiste ainda, mutilado e heroico, caindo por fim crivado de golpes.

Duarte d'Almeida ficou sendo conhecido na historia pelo Decepado.

Os inimigos arrebataram-lhe a bandeira que só poderam haver com a morte do seu defensor, mas surge um outro denodado portuguez, Gonçalo Peres que, abrindo caminho ás cutiladas, por entre os castelhanos, consegue tirar-lhes a preciosa reliquia e voltar com ella para o nosso exercito.

O outro exemplo do que pôde a exaltação a que con-

duz a defeza da bandeira nacional, vou buscal-o á historia do 15 d'infantaria, que tomou uma parte importante na guerra peninsular, entrando em numerosos combates.

Em 1813, sendo commandado pelo bravo coronel Luiz do Rego, fazia parte das forças que deram o assalto á praça de S. Sebastião de Byscaia, defendida pelos francezes. Foi uma lucta encarniçada, em que os assaltantes caíam aos milhares nos fossos, sob o fogo incessante da praça; não obstante isso, tentava-se, a todo o transe, alargar a brecha, por onde as columnas podessem irromper na praça, ao passo que os sitiados a tentavam tapar por todas as formas. Tres vezes as tropas anglo-lusas investem com a brecha e, sob a violência terrível do fogo, são forçados a retirar.

E' então que o bravo Luiz do Rego, querendo estimular o animo dos seus soldados com a vista da bandeira, para os arremessar com energia para o assalto, empunha a bandeira do seu regimento e brada: — «Soldados! Pertence agora morrer ao vosso commandante!» e avança para a brecha.

Os soldados do 15, n'um impulso de heroismo, seguem-n'o, nada os detem, e conseguem entrar, em primeiro lugar, na praça.

Hymno nacional. — Do mesmo modo que todas as nações possuem uma bandeira propria, tambem tem um hymno nacional, objecto de especial apreço por parte dos cidadãos pertencentes ao respectivo paiz.

A Assembleia Nacional Constituinte, ao mesmo tempo que decretou que a bandeira da Republica Portugueza fosse a que vos descrevi, determinou tambem que o nosso hymno nacional fosse a composição musical conhecida pela Portugueza, musica e letra de dois apreciados artistas nacionaes.

O hymno nacional falla-nos tambem da patria e, quando longe d'ella, o ouvimos entoar, o coração bate-nos com mais vigor e a evocação da patria distante e a lembrança dos entes queridos que ahí deixámos, humedece-nos os olhos de commoção. Emoções analogas se experimentam quando, nas mesmas circumstancias, vêmos ondular o pedaço de panno, onde as cores da nossa bandaira nos trazem ideias da patria distante.

O hymno nacional, pelo significado que tem, deve ser executado em attitude respeitosa e de cabeça descoberta

e os militares, ao principiari a sua execução, farão a continencia, conservando-se em sentido até final.

Com o testemunho publico d'estas manifestações de respeito pela bandeira e hymno nacionaes, revela um povo a comprehensão que tem da ideia da Patria e dos deveres que; como cidadãos, temos a cumprir para com ella, dando uma prova do seu civismo. Os proprios estrangeiros não regateiam essas manifestações respeitosas á bandeira e ao hymno da nação onde se encontrem.

Outrotanto vos aconselho a fazer, não hesitando em prestar as homenagens devidas á nossa bandeira e hymno nacionaes e, quando em paiz estrangeiro, as deveis prestar tambem á bandeira e hymno do paiz onde fordes hospede, pois que assim cumprireis um dever de cortezia que dá uma boa ideia da vossa educação, o que vos não deve ser indifferente para o vosso credito e da nação que vos foi berço.

L. M. A. D.



Secção do estrangeiro

Austria-Hungria. — Escolas de officiaes nos corpos de exército. — Estas escolas, organisadas na maior parte dos corpos de exército, são hoje em numero de 12. Teem por objecto aperfeiçoar a instrucção dos tenentes que tenham, pelo menos, 6 anos de posto e dois de comando de tropa, e recebem por ano, desde 1 de novembro até fins de junho, 30 officiaes em média cada uma, exceto as de Viena, Budapest, Praga e Gratz, que recebem o dobro. Só os officiaes admitidos na escola de guerra e nos cursos superiores de artilharia e engenharia é que são dispensados da frequência destas escolas de corpo de exército.

Dotação de explosivos para a infantaria e cavalaria. — Até agora apenas as tropas de engenheiros estavam dotadas com um importante municamento de explosivos, 44 quilos de dina-

mite por companhia. Nas outras armas só a cavalaria possuía, por regimento, 33 quilos de dinamite.

Cada destacamento de sapadores da infantaria, composto por regimento, por 1 oficial, 2 sargentos por batalhão e 4 homens por companhia, passará a ter agora 12 homens municiados com explosivos e com fio de ferro para as defezas accessorias.

A dotação dos pelotões de sapadores de infantaria e cavalaria passará a ser de 1:0 quilos de dinamite, o que demanda um cavallo para o seu transporte.

Suissa. = Consumo de munições em 1911. — O relatório oficial sobre o exercito federal para 1911 fornece, sobre o assumpto de consumo de munições durante esse anno, os esclarecimentos seguintes :

O exercito suiso consumiu 7.345.000 cartuchos com bala e 4.210.000 cartuchos sem bala, todos para arma, 168.000 cartuchos para pistola automatica e 48.000 cartuchos para revolver.

A artilharia de campanha gastou 9.600 granadas e 32.000 shrapnells ;

A artilharia de montanha gostou 2.700 shrapnells ;

A artilharia a pé e de fortaleza consumiu 5.000 granadas e 12.500 shrapnells

O relatório desse ano diz que o numero de sociedades de tiro é de 3.973 com 232 000 associados.

Roumania. = Monte-pio para sargentos. — O monte-pio para sargentos, cuja criação estava autorizada no orçamento para 1911-1912, acaba de ser organizado, tendo há pouco tempo apparecido o seu regulamento.

Conforme ás disposições da lei de 9 de março de 1900, referentes á criação de uma caixa economica, de credito e de socorro para officiaes, foi organizada ao lado desta uma secção especial que se denomina *secção de sargentos readmitidos*.

Podem ser socios desta secção, mas unicamente enquanto estão ao serviço activo :

- 1.º — Os sargentos readmitidos ;
- 2.º — Os sargentos da administração ;
- 3.º — Os sargentos guardas da artilharia e engenharia ;
- 4.º — Os funcionarios civis ao serviço do exercito e cujos vencimentos não excedam os dos sargentos.

A inscrição como socio é voluntaria.

Os socios inscritos nesta secção teem os mesmos direitos de que gozam os officiaes nas condições prescritas pela lei e nos limites dos fundos especiais affectos a esta secção e dos beneficios provenientes da administração destes fundos.

Os adeantamentos não poderão exceder o valor dos vencimentos mensaes regulamentares, os quais serão pagos em 24 mezes consecutivos, no maximo.

Os fundos de reserva da secção foram fixados no principio em 3.600.000 réis, que foram prescritos no orçamento já mencionado.

Este fundo não se pôde alienar ; serve para cobrir as perdas eventuais e completa-se todos os anos com os beneficios produzidos pela applicação dos fundos da secção.

Como caixa de socorros constituir-se-ha um fundo especial

de 72 contos e do qual se tomarão as somas que se devam adeantar a titulo de socorro nas condições indicadas no regulamento da caixa de officiaes.

Este fundo será constituido :

- 1.º — Por uma soma de 5:400.000 réis, consignada no dito orçamento ;
- 2.º — Pela subvenção obrigatoria que todos os anos figurará no orçamento da guerra ;
- 3.º — Por uma parte dos beneficios realisados pelo juro dos adiantamentos, que será marcado pelo conselho administrativo ;
- 4.º — Pelo producto das festas, loterias, etc., que fôrem autorisadas ;
- 5.º — Pelos donativos e legados especiais.

Alemanha. = Nova chapa para escudos. — O alemão Schaumann construiu recentemente um novo tipo de chapas para escudos, que parece teem dado bons resultados.

Estas chapas são compostas de duas laminas, a anterior, que recebe o choque, que é de aço, e a posterior, que é de duraluminio. As duas chapas estão intimamente ligadas por meio de soldadura.

Fizeram-se já diferentes experiencias, variando a espessura da chapa, com os resultados seguintes :

1.ª — Chapa anterior de aço de 6 milímetros e a posterior de duraluminio, tambem de 6 milímetros ; distancia do tiro, 30 metros. O escudo não foi perfurado, ficando as chapas apenas abauladas.

2.ª — O escudo era constituido unicamente pela chapa de aço de 6 milímetros. Fazendo-se fogo a 30 metros o escudo foi totalmente perfurado, fazendo um grande orificio.

3.ª — Chapa anterior de aço de 4 milímetros e a posterior de duraluminio de 6 milímetros. Fazendo fogo a 50 merros ficaram as duas chapas abauladas e rachadas, não tendo contudo havido perfuração.

4.ª — Chapa anterior de 4,5 milímetros e a posterior de duraluminio de 6. Fazendo fogo a 40 metros, as chapas ficaram ligeiramente abauladas, mas não racharam.

O peso de um escudo de 4 milímetros de aço e de 6 de duraluminio é igual ao de um escudo de aço de 6 milímetros e tem e resistencia de um escudo de aço de 7 milímetros.

Russia. = Telemetros para a infantaria. — O ministerio da guerra abriu um concurso para um telemetro para a infantaria.

As condições principais a que deve satisfazer o instrumento são as seguintes :

- 1.ª — Não deve pesar mais de 2 quilos ;
- 2.ª — O erro das medições não deve exceder 4 % a distancias superiores a 3:000 passos ;
- 3.ª — O tempo decorrido entre a medição e a leitura não será superior a 1 minuto.

Concedem-se dois premios, um de 20:000 rublos e o outro de 10:000.

Tribunais de honra para officiaes. — Os tribunais do corpo-

de officiaes encarregados por uma parte de julgar os actos incompatíveis com a honra militar, a dignidade e a moralidade dos officiaes, e por outra parte de regular as questões levantadas entre officiaes, foram reorganizados sob o nome generico de Tribunais de honra.

As principais modificações introduzidas nas antigas regras são as seguintes:

1.^a — Além dos tribunais de honra que julgavam os officiaes, foram organisados tribunais desta classe para os que pertenciam a um ou outro corpo. Cada tribunal é composto de cinco membros, á razão de um por regimento e brigada de artilharia ou grupo de artilharia independente, e um substituto.

2.^a — Para os officiaes e funcionarios do estado maior, estabelecimentos, administração, saude, corpo juridico, engenheiros, topografos, gandarmeria, etc., foram organisados tribunais de honra em analogas condições.

3.^a — Os tribunais para officiaes subalternos tinham uma composição variável e segundo pertenciam a uns ou outros corpos. Agora passam, porem, a ter uma composição uniforme, mas o seu numero será determinado pelo general comandante da região e segundo o numero de officiaes.

Cada tribunal será composto de cinco membros eleitos entre os majores, capitães primeiros e segundos que tenham, pelo menos, tres anos de serviço no corpo, havendo dois suplentes.

Os membros do tribunal são eleitos todos os anos por meio de voto secreto dos officiaes do corpo ou da divisão, não podendo ser eleitos os que tenham castigos ou que já tivessem sido submetidos a um tribunal de honra.

A estes tribunais pôde-se ser submetido ou por pedido proprio ou por imposição das autoridades.

Os julgamentos são secretos, e se algum official os divulga é submetido a outro tribunal.

As questões entre officiaes são tambem resolvidas por estes tribunais, os quais decidem se se devem reconciliar, se se devem bater em duelo ou se um dêles deve ser julgado no tribunal de honra. Se um official se nega a bater-se é convidado a pedir a reforma e se o não fizer é expulso do exercito.

Quando um official fôr condemnado pelos tribunais de honra, a pena consiste em pedir a reforma, sendo tambem expulso do exercito se o não fizer.

Quando as decisões envolvam duelo, o tribunal fará uma memoria sobre as condições do encontro.

Espanha. — O general Marina, que é o governador militar de Madrid, fez publicar a seguinte circular sobre a instrucção das tropas que lhe estam subordinadas:

1.^o — As tropas a pé e a cavalo terão instrucção pratica nas proximidades dos quartéis todos os dias durante duas horas, que terá lugar entre o café e o rancho da manhã. A tarde, depois da sesta, será consagrada á ginastica e esgrima de baioneta nos corpos a pé e á instrucção tequenica nas outros armas.

2.^o — A instrucção do tiro ao alvo começará desde o romper do dia no campo de Carabanchel. O trajecto de Madrid ao campo terá lugar de noite e servirá de exercicio de noite

3.^o — Sendo conhecida a importancia da ginastica e da es-

grima de baineta, os generais de divisão comunicarão semanalmente ao capitão-general da marcha dessa instrução.

4.º — Os corpos de serviço terão repouso durante a manhã; os que fôrem ao tiro, repousarão na manhã do dia seguinte.

5.º — As sextas-feiras são destinadas ás revistas.

6.º — Se em virtude da falta de officiaes este quadro de serviço não poder ser rigorosamente cumprido, os generais propoirão ao capitão-general as modificações de detalhe que julgarem necessarias.

O general Marina, como é sabido, é o heroe da campanha de Melilla, em 1909.

França = Um «raid» de infantaria. — O regimento 154 de infantaria de guarnição em Lérerville fez um *raid* que mostra bem as qualidades de resistencia ás marchas do soldado francez.

Todo o regimento, com as suas 12 companhias completas, partiu do quartel, em 17 de julho, ás 7 horas da tarde, para ir, sob as ordens do seu comandante, o coronel Rogerie, visitar a parte que ficou francêsa do campo de batalha de Rezonville.

Depois de ter desfilado deante do monumento nacional de Mars-la-Tour, o regimento regressou ao quartel, por uma segunda marcha de noite, a Lérerville, onde chegou no dia 20, ás 8 horas da manhã, tendo percorrido 122 kilometros em 61 horas com um effectivo de 1:665 homens.

O vigor fisico dos officiaes. — O ministro da guerra fez publicar a seguinte circular que tem em vista não conservar no exercito senão os officiaes que sejam manifestamente vigorosos:

«Eu tenho a honra de chamar a vossa atenção para o despacho de 24 de julho de 1911, no qual o meu antecessor insistia na necessidade de não manter nos quadros da actividade senão officiaes duma saude experimentada e ordenava para este effeito que todos os officiaes, cujo estado de saude podesse parecer insufficiente, fossem obrigados a tomar parte nas manobras de outono.

«Eu ligo uma grande importancia a que as prescrições do dito despacho sejam estrictamente observadas em 1912.

«Eu acrescento que estas prescrições não visam sómente os officiaes arregimentados e dos estados maiores, mas que ellas se apliquem tambem aos officiaes empregados nas escolas, serviços e estabelecimentos

«Os officiaes desta ultima categoria, que importa não ter por muito tempo afastados das tropas, devem, quaisquer que sejam as suas qualidades fisicas, tomar parte nas manobras de outono, pelo menos, de dois em dois anos.

«Vós deveis não perder de vista a obrigação imposta pelo despacho de 24 de julho de 1911, de me dirigir, nas datas fixadas, as propostas que me devem ser submetidas sobre os officiaes incapazes de suportar as fadigas desta campanha.»

Lançamento de bombas de bordo dos aeroplanos. — Em França tiveram logar ultimamente experiencias de lançamento de bombas de bordo dos aeroplanos. A primeira, effectuada no campo militar de aviação de Vielarné, pelo tenente Scott, acompanhado pelo coronel Boutlieux, conseguiu, com um aparelho

da sua invenção, fazer cair de uma altura de 200 metros os projecteis em um circulo de 20 metros de diametro, apesar de soprar o vento com uma velocidade de 8 metros por segundo.

Outra experiencia foi levada a cabo pelo tenente Bousquet, em Mourmelon-le-Grand, com um pequeno biplano, que continha 5 bombas. A' altura de 200 metros fez cair os projecteis, uns após outros, tendo dois deles caído no centro do alvo, dois na periferia e só um caiu fóra do alvo.

As recomendações. — Um sargento readmitido e adido ao 120.^o regimento de infantaria, de guarnição em Saint-Denis e postos proximos, julgou dever, antes de reunir a este corpo, fazer-se recomendar ao coronel por uma personalidade parlamentar importante a fim de ser colocado na fracção do regimento que se encontra de guarnição em Paris.

O coronel sensurou publicamente este procedimento do sargento em uma disposição da propria ordem regimental, dizendo que para de futuro não hesitará em castigar disciplinarmente, conforme determina a circular de 1 de agosto de 1906, todos os seus subordinados que tentarem junto d'ele ou qualquer outro chefe um procedimento igual.

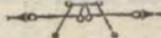
Dinamarca. — Destacamento ciclista de metralhadoras. — Na Dinamarca foi publicado um projecto de regulamento, feito depois de se proceder a experiencias praticas, para um destacamento ciclista de metralhadoras.

Este regulamento estuda a segurança em marcha, a formação e a instrucção de patrulhas, a ordem dispersa, o serviço da arma dinamarquês automaticamente *Rekylgewehr*, a occupação dos desfiladeiros, os movimentos de avanço e retirada durante o combate, o lugar a dar ao destacamento nas colunas de divisão, etc.

O destacamento compõe-se de um chefe, dois chefes de secção, quatro chefes de meia secção, doze metralhadores armados cada um com a *Rekylgewehr* e trinta e seis ajudantes.

A presença destes ultimos, em numero bastante elevado, dispensa dar ás metralhadoras um reforço especial. O destacamento disporá ainda de duas secções de ciclistas telefonistas, podendo montar seis postos telefonicos e dispor de seis kilometros de fio.

A arma *Rekylgewehr* pesa 8 quilos e dá 200 tiros por minuto. Bastam, pois, tres armas deste genero para desenvolver a mesma potencia de fogo que uma metralhadora ordinaria. E' facil de transportar sobre a bicyclete e não custa muito dinheiro.





15.º ANO

OUTUBRO DE 1912

N.º 10

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empreza da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

A artilharia na batalha

(CONFERENCIA)

A infantaria e a artilharia são as duas armas do campo de batalha.

Intimamente ligadas no combate, o auxilio mutuo que se prestam impõe, a todos que estudam e meditam estes assuntos, ponderadas reflexões e maduro exame.

Evidentemente, o bom exito de um combate, sendo na maior parte a consequencia logica de productos de valiosas energias moraes, para ele concorre poderosamente a ação directiva a que deve presidir sempre o conhecimento científico das propriedades tácticas destas duas armas, o estudo da historia das guerras e a serenidade de espirito guiada pela grande superioridade moral do bom senso.

Na guerra tudo é simples, e ai daqueles que procurem embaralhar e dificultar qualquer situação, que nada poderão conseguir senão desordem e desastre.

Essa simplicidade não exclue o dever indclinavel que todo o oficial tem de consagrar a sua vida inteira

ao estudo da sua nobre profissão para assim poder responder, em todas as circumstancias, áquilo a que a Patria tem o direito de esperar de nós.

Ora, não havendo no exercito armas nem serviços que possam ser considerados preferentes, porque está precisadamente na harmonia de todos os elementos componentes do exercito toda a superioridade e todo o valor da defêsa nacional, vou tratar, neste modesto estudo, de fixar doutrina sobre a importância da artilharia, a arma irmã nos campos de batalha, porque não podendo abranger nos estreitos limites de uma conferencia todo o vasto assunto que envolvesse o estudo de todas as armas e serviços, naturalmente o meu espirito devia inclinar-se para a arma que combate a nosso lado desde o inicio da batalha até ao grito glorioso da vitória.

Ninguém desconhece que o progresso enorme, realiado em nossos dias, no aperfeiçoamento da construção das bocas de fogo e seu municamento, produzir um notavel aumento na potencial do fogo da artilharia.

Essa circumstancia impoz como consequencia logica e inadiavel o estudo do melhor aproveitamento do terreno e metodos de combater, para, não diremos neutralisar o fogo da artilharia, mas diminuir consideravelmente a sua ação.

Quer dizer, a um progresso realiado houve a irrefragavel necessidade de opôr outro progresso, e, parece que com tão bom resultado que vamos encontrar na estatistica do corpo de saude japonéz, referente á ultima guerra do extremo-oriente, a percentagem das baixas produzidas pela artilharia precisamente igual ás percentagens nas guerras em que a artilharia não era uma arma tão perfeita nem o seu fogo tinha a rapidez que hoje tem.

E' que ha a fazer duas correções importantes ao fogo da artilharia.

A primeira é que a artilharia só é eficaz contra um objectivo não abrigado.

A segunda é que a rajada, aliás tão preconisada e cuja ação destruidora avassala e subjuga as mais valerosas energias, conduz a um consumo sério de munições, e os aprovisionamentos não são inexgotaveis.

Antes de procurarmos dar algum desenvolvimento a estas duas proposições, convem fixar a fórmula, o me-

todo, emfim, os principios adotados pela artilharia na batalha moderna.

A artilharia abandonou as cristas, e ninguem julgue que vai encontrar, em nossos dias, esboçada a ossatura da batalha pela occupação dos pontos dominantes e ás claras.

Não.

A artilharia em principio combate sempre abrigada.

E esta vantagem, aliás do maior alcance, vem do aperfeiçoamento admiravel do seu material, da facilidade e precisão com que póde regular o seu tiro completamente occulta, da justeza desse mesmo tiro, da facilidade do manejo da peça e dos seus rapidos deslocamentos, emfim, vem de todo esse conjunto de circunstancias favoraveis e que traduzem e exprimem a resultante dum estudo sério, persistente e intelligente, que permite que a artilharia moderna possa, completamente furtada ás vistas do adversario, bater a artilharia adversa e todo o terreno onde se deve desenrolar a ação

As posições abrigadas podem ser classificadas em cinco categorias, a saber:

- a) posição em que só as peças estão desenhadas;
- b) posição em que estão as peças e os homens desenhados;
- c) posição em que até os homens a cavalo estão desenhados;
- d) desenhamento dos clarões (4 a 5 metros abaixo da crista);
- e) desenhamento da poeira (8 metros abaixo da crista).

Na Mandchuria houve baterias colocadas a 20 metros e mais abaixo das cristas.

Este é realmente o principio, a regra geral, que por isso mesmo que o é, tem tambem as suas excêções, e até os seus inconvenientes a par das enormes vantagens que apresenta.

Desses inconvenientes o mais importante será sem duvida os angulos mortos á frente da crista cobridôra.

E esse inconveniente cresce com o maior desenhamento por um lado e com a maior rapidez do declive por outro. Póde-se obstar, em parte, a este grande contra afastando as baterias para longe da crista cobridôra, o que ao mesmo tempo que faz diminuir os

angulos mortos torna a regulação do tiro quasi impossivel ao inimigo.

Todavia, como medida eficaz para evitar o inconveniente dos angulos mortos, só ha uma, e vem a ser o flanqueamento d'essas zonas não batidas.

Ora, sendo a regra geral para a artilharia o combater subtraída aos olhos do inimigo, casos ha em que tal não póde acontecer.

E assim vemos que a artilharia terá de combater a descoberto quando não haja posições abrigadas, ou havendo-as não satisfaçam ás condições tacticas que o comando exige;

— quando o inimigo não tenha artilharia, ou tendo a seja numericamente tão inferior que não possa sustentar o duelo d'esta arma, tendo-se a absoluta certeza que a podemos neutralisar com parte das nossas baterias;

— quando casos urgentes imponham a necessidade de uma ação potente e imediata a qualquer outra consideração;

— quando pretendâmos flanquear angulos mortos;

— quando pretendâmos concorrer para a defêsa proxima de pontos de apoio, apoiar ou repelir um assalto;

— quando queiramos desembaraçar fracções comprometidas ou proteger os flancos das tropas de assalto contra os contra-ataques;

— quando, finalmente, na perseguição, fôr necessario a todo o preço esmagar o inimigo pelo fogo cu completar a sua desorganisação.

E assim temos diante dos nossos olhos tantos casos, e outros que ainda poderão aparecer no decurso da batalha, em que a artilharia deixando o seu tipo normal, não hesitará um só momento em combater a descoberto.

*
* *
*

Na ultima guerra do extremo-oriente ficou reconhecido que a artilharia produz efeitos decisivos até perto de 4:000 metros; efeitos uteis até 5:400 metros; e que em condições excepcionalmente favoraveis póde tambem produzir efeitos uteis até 6:000 metros.

A 2:000 metros de distancia uma granada produz

os seus efeitos numa facha de terreno de 30 metros de largura por 200 de profundidade.

Isto convém muito á infantaria saber para poder regular os intervalos das suas fracções que avançam nas zonas batidas pela artilharia a fim de evitar que a mesma granada prejudique duas fracções.

A' maneira que as distancias aumentam vai diminuindo a zona batida, parecendo que entre 2:500 e 3:000 metros já essa zona fica reduzida a 25 metros de largura e 100 de profundidade.

Em todo o caso convém nunca esquecer que a nossa arma tem como a melhor fórma de garantir a sua segurança contra o fogo da artilharia, o subtraír-se ás suas vistas.

Mas isto nem sempre é possível, e se ás grandes distancias o desenfiamiento completo é possível muitas vezes, ás pequenas distancias nem sempre.

Os espaços batidos devem ser atravessádos sempre em formações diluidas quando a perda de tempo não fôr factor importante para o resultado final que se de-seje atingir.

Quando, porém, haja absoluta necessidade de avançar depressa, é indispensavel combinar as formações a empregar, sempre irregulares e avançando de modo diverso, aliás, com os esforços da nossa artillaria.

Ha perdas inevitaveis.

Todavia, todo o official deve ter o maior cuidado em conduzir a sua tropa de modo que pela sua negligencia ou falta de atenção não haja a lamentar-se a perda de um só homem.

Dragomiroff dizia que quando a imprudencia, incapacidade ou falta de cuidado do official são causa da morte de um soldado, essa morte cairá sobre a consciencia desse official como se fôra êle proprio que a produzira.

O que se me afigura de uma necessidade instante é fixar bem no espirito da nossa arma de que, quando uma infantaria é manobradora e conheça bem todo o valor da potencial do fogo da artilharia, não receará jámais avançar, ora subtraíndo-se o mais possível á ação desse fogo, ora usando formações adquadas, ou ainda ocultando-se e deitando-se na ocasião das rajadas.

Aqui convém lembrar os ensinamentos do tenente-coronel de Colligny, no seu notavel livro *L'infanterie*

au combat, que já em 1900, na Escola Normal de tiro do campo de Chalons, ensaiva, com exito formidavel, a formatura em *Escama de Tartaruga* ou *Escudo* para proteger e defender a infantaria do fogo da artilharia.

Não se pense, porém, que uma infantaria oculta das vistas da artilharia se possa considerar sempre isenta de ser batida.

Os tiros progressivos da artilharia, passando por cima das cristas cobridoras ou dos abrigos da infantaria, podem ter os seus rebentamentos nas zonas desenhadas, ou porque a artilharia procura bater uma zona invisivel mas para ela suspeita, ou por ter errado o objectivo procurado, ou ainda porque observadores laterais ou em aeroplano lhe marcam ou indicam o logar onde estão as tropas.

A artilharia usa o tiro de percussão e o tiro de tempos.

No primeiro caso, o tiro é usado para uma só distancia, no segundo, póde tambem usar-se para quatro distancias sucessivamente crescentes (tiro progressivo).

Em ambos os casos póde conservar-se constante a direcção do tiro, ou fazel-a variar metódicamente de uns tiros para outros (tiro a dispersar).

Como a forma da batalha é determinada pela ossatura da artilharia, por isso mesmo é que devemos subordinar as nossas posições de infantaria ás da artilharia.

Isto na pratica traz suas dificuldades, o que justifica e torna digno dos maiores aplausos todos os exercicios de conjunto em que, pelo menos, entrem estas duas armas.

O reconhecimento feito pela artilharia á posição é em extremo difficil quando a artilharia e infantaria inimigas já estão de posse do terreno, cuja utilisacção é para elas completa.

Por isso esse reconhecimento tem de ser longo, e a responsabilidade de poder conduzir utilmente a nossa artilharia de modo que ela saiba bem sobre que objectivo tem de atirar e a fórma como deve desenhlar-se, é grande, e dela depende muitas vezes a sorte da batalha.

A fórma do desenhamento implica a resolução de um delicado problema que se conjuga com estes dois

impreteriveis principios — grande campo de tiro e auxilio eficaz á infantaria.

Para que os nossos camaradas de artilharia se possam desempenhar cabalmente dessa difficil e complicada missão do reconhecimento, para a instalação das suas baterias, necessitam do auxilio e do concurso do comando das tropas de infantaria.

E bastaria esta consideração para resultar desde logo a importancia do valor da ligação destas duas armas, ligação que deve ser perfeita e completa, tanto na paz como na guerra.

(Continúa)

CORONEL SANSFIELD.

DEFEZA NACIONAL

Tanto no parlamento como na imprensa tem nos ultimos tempos sido debatida com calor e acrisolado patriotismo a momentosa questão da defeza do paiz natal, deste torrão sagrado que todos adoramos e estremecemos.

O momento tem sido propicio porque o desenrolar de varios acontecimentos politicos, quer de character nacional quer de character internacional, teem posto bem a claro e bem a nu essa irrefragavel necessidade de aumentar-mos os recursos da nossa de defeza.

Nós, no limitado ambito das nossas atribuições, sempre aqui apontámos esse perigo e por isso rejubilamos do coração e com calor com essa corrente de opinião que dia a dia vemos engrossar a favor desta causa que é uma causa sagrada, que não admite demoras nem delongas na sua rapida e pronta solução.

Em Lisboa vae-se organizar uma grande comissão que orientará a opinião publica e que dará forma e corpo ás aspirações de todos os bons portuguezes.

Um grupo de camaradas nossos, compreendendo a gravidade da situação e conhecendo de perto as necessidades e exigencias dos elementos da defeza nacional, publicou um manifesto em que se faz ver qual o caminho que despe já se deve começar a seguir.

A sua atitude é digna do maior aplauso e as indicações que apontam são bem merecedoras de ser ouvidas pelo paiz inteiro. Pela nossa parte, visto estarmos em tudo de acordo, o melhor que podemos fazer é transcrever aqui esse caloroso apelo desses nossos illustres camaradas. A grande maioria dos nossos leitores talvez que já o conheçam, mas os que se encontram isolados e afastados da metropole é natural que o não recebessem e por essa razão e para o deixar gravado como um exemplo e um documento historico, aqui o passamos a transcrever.

Segue o manifesto:

«*Camaradas!*»

«A monarchia arruinou-nos. Deshonrou-nos. Corrompeu, envileceu e traíu a Patria.

«Com os mil tentaculos malditos dos seus bandoleiros e dos seus parasitas, ella — o grande polvo perverso — sugou todo o sangue, toda a fortuna, todo o suor de um povo; com a sua devassidão, as suas torpezas, o seu egoismo de parasita e as suas trapaças de ladra secular, ella pôs em perigo o nosso futuro e encheu as nossas almas de sombra.

«Durante séculos, abusando da sua força, abusando dos seus privilegios, abusando da ignorancia do povo — ora violentamente, aperrando o bacamarte truculento das Falperras; ora em insídias, em arteirices de jesuita, insinuando-se em sorrisos, em genuflexões de sácrastia, coleando, rastejando na treva como um chacal esfaimado e cobarde — a monarchia despejada, contumáz, relapsa, estendeu sempre para o tesoiro público as mãos ávidas, mergulhando-as nêle até aos sangradoiros.

«E assim ella desprezou sempre absolutamente a nossa defêsa, abandonou a nossa instrução, esqueceu as nossas colónias e o nosso fomento nacional; e assim toda a miséria, todos os sacrificios, todo o suor de um povo eram — transformados em frutos de maldição — destinados ao seu fastigio, á sua grandeza humilhadora — e as orgias, e as amantes e os hiates reaes lembravam trechos da Babilonia, a silenciosa; e os diamantes da corôa eram cada vez mais refulgentes, e os mantos das rainhas cada vez mais roçagantes, e os depositos nos bancos de Inglaterra cada vez mais opulentos!

«E assim quando todo um povo, ávido de liberdade,

clamando pela sua honra e pelos seus bens desbaratados, tomou as armas invencíveis da Republica, quando os canhões tonitroantes da Rotunda lhe intimaram o mandado de despejo, quando a alvorada suprema de 5 de outubro a afugentou para longe, a monarchia deixou na terra torturada, delapidada de Portugal — rasto maldito da sua passagem — a ruina, a miséria, a confusão e o caos das nações saqueadas!

«Mas, camaradas, a monarchia fez mais. Banida, condenada, irremissivelmente expulsa da terra de Portugal, ela chamou, incitou, armou no estrangeiro as seus *condottieri* e os seus validos, os seus sequazes e os seus pimpões de feira, os seus sácristas e os seus cães de fila.

«O jesuíta ampara-a, reanima-a, protege-a; esmola para ela por toda a Europa reacionária a complacencia das corôas vacilantes e o ouro das velhas beatas flatulentas; a alma torva de Loyola — Quichote da infamia, cavaleiro andante da treva e da maldição — vai por todo o mundo arrecadando contra nós mais ouro e distilando contra nós mais peçonha; a República é a sua obsessão; ela horrorisa-o como a luz, alucina-o como a Verdade, fãla estremecer de um odio hervado — e êle, o jesuíta, — o maior, o mais criminoso enredador da Historia, acomete-nos, intriga-nos, divide-nos, difama-nos, assalta-nos no estrangeiro a reputação — e mesmo no interior, no território sagrado da Patria, ergue mãos sinistras de traidores, arma braços comprados de fibusteiros!

«De Espanha acomete-nos a caterva boçal e infecta — bando de traidores, récua de parricidas, *condottieri* e validos da realza proscrita com os seus sequazes e os seus pimpões de feira, os seus sácristas e os seus cães de fila.

Ao largo, anciosamente, o Bragança espera. E o jesuíta ri n'um jubilo...

«Camaradas!

«O perigo continúa.

«O dia de amanhã é para nós uma interrogação.

«Apezar do heroismo de Chaves, vibrando em clangões de epopeia, quem sabe o que reserva o Futuro?...

«Quem sabe o que ainda nos póde vir de Espanha?

«Mas os nossos direitos — a existencia da Patria, a existencia da República, a nossa tranquillidade, a nossa

honra, o nosso futuro — não pôdem assim estar dependentes do Acaso.

«Temos de defender-nos.

«E para nos defendermos precisâmos de armar-nos. Armar-nos quanto antes.

«Que o governo trabalhe nesta missão — a mais urgente, a mais instante de todas as grandes missões da República — que os póvos o aclamem, o incitem e se sacrifiquem para esse trabalho.

«Que se contráia um empréstimo; que se armem imediatamente os nossos bravos soldados; que se dêem aos nossos marinheiros cidadelas dignas da nossa bandeira, dignas do seu heroísmo; que cada um de nós seja, pelo seu sacrificio, pelo seu exemplo, pela sua palavra, pela sua abnegação, um divulgador, um propagandista deste supremo Evangelho da Patria: — afim de que lá fóra nos respeitem e possâms orgulhar-nos; afim de que o Direito não seja nas nossas mãos uma quiméra, uma irrisão; afim de que um dia, proximo ou remoto, quando atacados na proporção de quatro para um, os nossos corações ávidos de liberdade e os nossos braços empunhando as armas, possam resuscitar, no prodigio de uma emancipação definitiva, Montes Claros e Aljubarrota.

«*Camaradas!*

«Um grupo de officiaes acaba de realizar em Lisboa uma grande reunião onde foi resolvido o seguinte:

«1.^o — Instar desde já junto do governo para contrair um grande empréstimo destinado a armar o nosso exercito de terra e a crear uma esquadra.

«2.^o — Fazer por todo o país os mais intensos trabalhos de propaganda para que esta medida seja aceite por todos os corações de patriotas e compreendida como uma verdadeira medida de salvação nacional.

«*Camaradas!*

«Para este superior *desideratum*, para esta grande e bela obra contamos convosco — com o vosso patriotismo, com a vossa intelligencia, com o vosso coração!

«E' preciso que em cada localidade trabalheis e agiteis a opinião; é preciso que pela palavra, pela pena, pela acção, promovaes a definitiva libertação da Patria!

«Para isso temos a honra de vos propôr o seguinte programa:

a) Indiferença ante toda a ideia de subscripção pública como sendo de fins irrisorios e estreitos;

b) Publicar *artigos* nos jornais da capital desenvolvendo o nosso pensamento;

c) Esperar de vós a publicação de *artigos* análogos e insistentes nos jornais da provincia;

d) *Conferencias* feitas por vós, presididas ou patrocinadas quando possivel pelos governadores civis a quem deveis dirigir-vos, solicitando-os para este efeito e tambem pelas autoridades administrativas dos concelhos;

e) Faculdade de poderdes aproveitar os esforços dos deputados locais que compreendam o alcance d'esta obra;

f) *Folhetos* de propaganda cuja publicação iniciaremos em breve;

g) *Maxima urgencia* em todos estes trabalhos.

«Nestes trabalhos deveis frisar e desenvolver a *necessidade* inadiavel do grande empréstimo citado (exclusivamente destinado á defeza da Nação) e o *sacrifício* que a todos se impõe de aceitarem o aumento progressivo de tributos necessarios a caucionar esse empréstimo — *com o fim de contraminar a campanha e as perfidias que os nossos adversários hão de fatalmente opôr ao citado empréstimo e aumento d'impostos.*

«*Camaradas!*

«Esperamos que colaboreis com todo o vosso coração nesta obra.

«*Mais uma vez a salvação da Patria está nas vossas mãos!*

«Saude e Fraternidade.

«Lisboa, 24 de agosto, de 1912. — *Major Pereira Bastos, Capitão Bernardo Ferreira, Capitão Jaime Garcia, Tenente João Soares, Tenente Chagas Franco.*»





Ao sr. Ministro da Guerra

E'-nos pedida a publicação do seguinte:

«Os officiaes do quadro auxiliar dos serviços de engenharia — para que negal-o? — foram beneficiados ultimamente no que respeita a promoções até ao posto de capitão, mas foram colocados numa situação deprimente aquelles que pertencem á colúna de munições, que só existe no papel, em alguns regimentos, porque, alem de desempenharem as funcções de antigo almoxarife, ainda são nomeados para os diversos serviços, como se realmente pertencessem á arma d'artilharia. Mas, oh irrisão! não podem comandar bateria, quando é certo que, uma victima desta arbitrariedade, havendo no regimento officiaes da arma mais modernos, marchou para a fronteira, onde esteve comandando uma divisão de artilharia, isolada, que foi organizada expressamente para combater os conspiradores.

Nada de subterfugios; ou se lhes reconhece oficialmente a competencia necessaria para exercer, em todos os casos, as funcções de official de artilharia nos corpos, e, por consequencia, ter eguaes garantias, ou não se lha reconhece e, portanto, só deverão desempenhar os serviços de que estavam encarregados os almoxarifes ou outros da colúna de munições que foram regulamentados e sem quebra da sua dignidade. E' doloroso e vexatorio vêr num regimento um official acabado de sair da escola comandar uma mais baterias, e haver officiaes do quadro auxiliar mais antigos a quem lhe não são dadas taes garantias. Só não servem para este serviço, desempenhando, porém,

todos os outros e ainda os mais arriscados e que demandam auxilio da ciencia tequenica tão defendida teoricamente.

Em vista dos factos narrados assiste o direito de supôr que o nome de «quadro auxiliar» é sinonimo de «creado» para estar á disposição dos menos escrupulosos.

Naturalmente este estado de coisas será modificado logo que S. Ex.^a o ministro da guerra tenha deles conhecimento, porque, atendendo ao seu espirito recto e democratico, é de prevêr que administrará a justiça a que jugam ter direito os officiaes nas condições expostas.»

J. S. D.

Resumo historico da arte da guerra desde a mais remota antiguidade até ao fim do seculo XVII

Disse um auctôr contemporaneo que *um estudo acerca da arte militar deve ser o resultado de uma longa observação, e não uma exposição de opiniões pessoais, dictada pela inspiração, ou por uma exagerada imaginação.* Isto é uma grande verdade.

Hoje para se escrever o mais singelo trabalho historico é indispensavel ter lido muito, ter observado muito, ter cogitado muito. Com a muita leitura obtem-se as opiniões, as mais das vezes descontraidas, acerca do mesmo assumpto; com a observação obtem-se o caminho a seguir na indagação da verdade; com o cogitar pesam-se as opiniões, aproveitam-se os indicios, restabelece-se a verdade, reconstrue-se o successo, recompoem-se os phenomenos, pondéra-se, discute-se, aclara-se, delibéra-se. No remanso do seu gabinete o historiador desenrola os successos com toda a pericia, e no kaleidoscopio da sua intelligencia vê, nitidamente, desenhados os panoramas de remotas éras, com personagens vivos desempenhando os seus mistéres com a mesma actividade, a mesma energia, o mesmo valôr. Depois transporta para o papel as suas impressões que poderão ser mais ou menos desenvolvidas conforme a sua capacidade intellectual, mas que tem sempre de

ser conformes com a verdade. Deve ser claro para ser facilmente comprehendido, verdadeiro para que mereça sempre todo o credito.

Em três periodos distinctos dividirei este trabalho : — Desde as mais remotas éras até á quéda do imperio romano do occidente ; desde a quéda do imperio romano do occidente até á quéda do imperio romano do oriente, e desde a quéda do imperio romano do oriente até ao fim do seculo xvii. E, portanto, um escôrço da historia antiga, mediéva e moderna, se bem que esta ultima incompleta, visto que a historia moderna finda no principio do seculo xix. Em cada um destes periodos esboçarei, mui ligeiramente, o caracteristico da arte da guerra.

*

*

*

Qual é o objecto final da guerra? Evidentemente a victoria. E como se vence? Por combinações tacticas ou estrategicas. Ora, na infancia dos exercitos só existia a tactica e, por muito tempo até, nem tactica houve; a victoria, entre individuos, pertenceu á força e entre povos ao numero. Depois quando appareceu a tactica ella resumia-se quer em simples escaramuças, quer no choque; aquellas executavam-se com homens armados á ligeira, este com homens pesadamente armados.

Sabe-se hoje que os chinêses tinham o seu dispositivo tactico em uma linha com intervallos, e em quadrados eguaes em frente e intervallos, porque só elles conhecêram a polvora muito antes da nossa éra, e que os assyrios 18 seculos antes de Christo dispunham as suas tropas com uma profundidade de trinta filas. Com tal profundidade a maioria dos combatentes não chegava a fazer uso das suas armas. Igual caso se dava com os egypcios, que haviam adoptado a formatura em quadrados compactos de cem homens de frente por cem de profundidade. Para elles esta formatura era considerada impenetravel, e só quando tivéram de se haver na lucta com povos mais adeantados verificaram o êrro em que viviam; mas era já tarde. Nem em Sardes, antiga cidade da Asia Menor, e capital da Lydia, nem na batalha de Tymbreia, onde fôram alliados de Créso, nunca, este rei, pôde conseguir que elles diminuíssem

a profundidade da sua formatura para augmentarem a frente.

Os reveses que soffreram foram grandes. Cyro, adversario de Créso, ao ver a insistencia dos egypcios disse para os seus generaes: — «Unidades cuja espesura permite que a maioria dos soldados não chegue a fazer uso das suas armas não são para reccar; queiram os egypcios formar unidades de dez mil homens de profundidade que ainda mais vantajôso será para nós, porque teremos a combater com menor numero.»

Deve dizer-se que não era por falta de exercicios constantes que os egypcios deixavam de se preparar para a guerra. Manethons falla de um campo fortificado na planicie de Aváris onde havia, permanentemente, um corpo de 240.000 homens, que se exercitavam *nas manobras de guerra*. No que elles sobrelevavam a todos os outros povos era nas marchas, segundo Maspero nos seus, — *Études égyptologiques*. — Conhecêram bem a arte de fortificar, como o attestam as ruinas das muralhas de Memphis, muralhas que tinham 26 kilometros de peripheria. Segundo Diodoro as pedras destas muralhas eram ligadas por escapulas de bronze, e as pedras eram tão bem aparelhadas que pareciam uma só pedra. Havia muitas tôrres e, entre ellas, sete que transmittiam de umas ás outras o menor ruido que se fizesse em qualquer dellas.

Ora, os egypcios que se sabiam fortificar tão bem não sabiam tomar pontos fortificados. Vinte e oito annos permanecêram deante da praça de Azoth para a tomarem; não ha memoria de cêrco tão prolongado.

Os judeus, depois da sua partida do Egypto, conservaram-se sempre em armas; mas os seus progressos militares fôram quasi insignificantes. Os seus successos fôram todos de fé no seu Deus. Combatiam em uma só linha, mas com trinta homens de profundidade, e na retaguarda dessa linha estavam collocados os chefes encarregados de matar os fugitivos.

No oriente os povos que mais progressos fizéram fôram os persas, e isto devido a Cyro. Este notavel rei remodelou, por completo, a tactica. Creou a cavallaria na proporção de $\frac{1}{6}$ do effectivo do seu exercito, e reduziu a profundidade com o fim de ter o menor numero de combatentes empenhados no combate. Pela pri-

meira vez apparecem os exploradores, homens escolhidos e bem adestrados para a sua missão.

Como dispositivo de combate Cyro fizera adoptar o seguinte; no centro a infantaria pesadamente armada; nos flancos a cavallaria; ainda na frente e nos flancos os carros de guerra. Na retaguarda do corpo de batalha a infantaria ligeira com o fim de correr a qualquer ponto como reforço e, mais á retaguarda, e em cada flanco, uma pequena reserva.

Tres grandes principios deve a arte da guerra a Cyro. São elles:

- 1.^o — Conservar tropas permanentes;
- 2.^o — Cahir de improviso sobre o inimigo;
- 3.^o — Aproveitar a victoria.

O merito militar dos grêgos esteve na sua tactica, porquanto a estrategia só appareceu com Alexandre. As varias expedições dos athenienses na Sicilia fôram méras diversões sem resultado pratico, e a invasão do Peloponeso por Epaminondas foi uma verdadeira farça.

Falla a historia da expedição de Agesilau á Asia. Segundo se vê na obra de Xénophonte, — «Hellenicas e vida de Agesilau,» — esta expedição foi, simplesmente, um ensaio de estrategia, isento de qualquer ideia de conquista. E, não me parece fóra de proposito citar aqui uma passagem do mesmo auctôr. Conta Xenophonte que Agesilau mandára vender todos os prisioneiros asiaticos em Epheso, mas que no acto do leilão os mandara despir para que os grêgos vissem como eram homens efeminados, e quanto elles, grêgos, ganavam com os constantes exercicios a que éram obrigados. Que então os grêgos verificaram que os homens com quem tinham a combater não eram mais para temer do que mulheres, tal o estado physico em que se apresentavam, e passaram a ter uma desmedida confiança na sua superioridade.»

Em regra os grêgos applicavam-se a manobras que dão, a qualquer tropa, estabilidade e consistencia. Para elles a unidade de *movimento*, — *kinémata*, — tinha tanta importancia para a phalange como para a menor das suas subdivisões. Eram manobristas, por excellencia, pericia que mais de uma vez Alexandre Magno lhes reconheceu e de que se aproveitou, com os melhores resultados. Executavam as marchas de flanco com uma admiravel precisão. Ao movimento da phalange mar-

chando perpendicularmente á linha de combate, quer em linha, quer em columna chamavam elles, — *epagó-gé*, — movimento de tropas, marcha, invasão e, mais propriamente, marcha em columna. Assim lê-se em Herodoto: — «*epagein tois barbarois*,» — marchar contra os barbaros. Ao movimento executado pela phalange, de costado, depois de ter feito, — «*klisis epi dory*,» — direita volver, traducção á lêttra, — inclinação para o lado da lança, — ou, — «*klisis ep'aspida*,» — esquerda volver, traducção á lêttra, inclinação pelo lado do escudo, chamavam elles, — *paragógé*, — acção de augmentar a frente de uma fôrça ou, tambem, e em certos casos, com a significação de, — *marcha por filas*.

Os grêgos tinham, como formaturas para combate, as seguintes :

A ordem em *crescente*, — *méné*, — destinada a involver o inimigo que se internasse na curva; os flancos atacando, e o centro resistindo. Encontra-se frequentes vezes em Herodoto, e nos escriptôres militares, o seguinte; — «*ménoeidês phalangks, aggos*,» — phalange disposta em forma de crescente.

A ordem *convexa*, — *kyrtos*, — para illudir o inimigo occultando-lhe forças superiores.

A ordem *obliqua* empregada na batalha de Mantineia por Epaminondas com o melhor exito.

A ordem paralela, a mais usualmente empregada.

A *cunha*, — *embolon*, — tambem chamada, — cabeça de porco, — em forma de triangulo, empregada com vantagem contra a cavallaria. Esta formatura correspondia, na tactica romana, á, — *acies cuneata*, — de que adeante tractarei.

Na Grecia havia escolas militares com professôres competentes para o ensino da tactica e da estrategia, e foi no tempo de Alexandre que a arte militar grêga chegou ao seu mais alto grau de perfeição, sem comtudo ter prosperado.

Os romanos fôrão os primeiros soldados do mundo antigo. Para elles a disciplina militar revestia um character essencialmente religioso podendo dizer-se que a tal disciplina deveu Roma o seu poderio e a sua grandêsa; a nação estava no exercito. Nascida da guerra, e para a guerra, Roma foi um acampamento permanente, e os romanos foram, por temperamento, verdadeiros soldados, quer na paz, quer na guerra. A conquis-

ta que Roma fez de todo o mundo antigo deve attribuir-se ao desenvolvimento da arte militar, que bem differente era da arte militar dos grêgos e, mui principalmente, dos povos primitivos.

Seja Montesquieu quem nos elucidie ácerca de Roma como potencia militar.

(*Continúa*).

J. CORRÊA DOS SANTOS

General de brigada de reserva



SECÇÃO COLONIAL

Relatorio da occupação do Otokero no Cuamato

(Continuação ao n.º 8)

DOCUMENTOS

Documento n.º 1

Commando militar do Cuamato

N.º 293-A — 12 de julho de 1910. — Ao ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. governador do districto da Huilla em marcha para o Humbe — Do mesmo commando.

Cumprindo o despacho lançado por v. ex.^a na nota do quartel general n.º 126-H de 1 de maio do corrente anno, que por copia me foi enviada com a nota da secretaria do governo d'este districto n.º 1:090 de 18 de junho findo, devo informar v. ex.^a que a occupação do Otokero se impõe e com a possivel urgencia, mas para isso necessitava-se de uma respeitavel força e que a guarnição do posto que ali ficasse fosse elevada ao tri-

pulo do numero da guarnição actual do Ancongo a que se refere a nota n.º 043 da mesma secretaria, sob o commando de um ou dois officiaes; e, a razão d'isso é porque sendo a região do Otokero muito grande, povoada e aguerrida, possuindo ainda, segundo se diz, as armas e munições saqueadas em 1904, no desastre do Pembe, e estando ali uma grande parte dos lengas e outras entidades importantes do Cuamato refugiados e possuindo o soba Chietakella fugido d'aqui quando se effectuou a occupação d'esta região, bastante prestigio; decerto o mesmo gentio opporá tenaz resistencia á implanção do posto e até á entrada das forças na terra.

Como é do conhecimento de v. ex.^a, o gentio de Otokero não obedece aos mandados da auctoridade, não pagando imposto nem consentindo a passagem na terra de forças armadas; hostilizando estas quando ali passam como succedeu nos fins do anno findo que atacaram uma força de dez praças, matando-lhe um soldado, ferindo e desarmando-lhe dois, sendo preciso ir o esquadrão soccorrer o commandante que valentemente se defendeu entrincheirado n'uma libata até á chegada do mesmo. As informações que cuidadosamente procurei, corroboram o que acabo de dizer e ainda mais: que o mesmo gentio, até, por ali não consente soldados mesmo desarmados e carregadores que vinham buscar rações e outros artigos do destacamento da Dongoena a Damequero e vice-versa e que de tal procedimento, além do pessimo exemplo que dão aos povos circumvisinhos e até outros os provocará decerto no futuro á desobediencia e hostilidades tambem. E' quanto se me offerece informar depois de ter colhido os dados para o fazer, como já disse, visto eu estar de posse d'este commando ha pouco tempo. = *Fernando Augusto da Silva Guardado*, major.

Está conforme. = Secretaria do governo do districto da Huilla, 13 de outubro de 1910. = O secretario, *Antonio B. Ferreira*, tenente.

Documento n.º 2

Posto militar da Dongoena

N.º 126 — Dongoena, 10 de junho de 1910.

Ao commando militar do Cuamato — Do commando do posto da Dongoena.

Para os fins que esse commando julgar convenientes, communica-se que tendo este commando muitas vezes necessidade de mandar carregadores ao Damequero em serviço do destacamento que pertence á 14.^a companhia que ahí tem a sua séde, e sendo o caminho por elles e este commando preferido por mais curto e menos dispendioso o pagamento, o que passa na mucunda do Angula do Iangolo, pertencente a essa região, este se oppõe á passagem de indigenas pela sua mucunda, desde que vão em serviço de qualquer auctoridade, tendo-os ameaçado, como agora succedeu, aos indigenas que mandei ao Damequero buscar generos e que de tal facto se queixaram n'este commando. -- *Anibal de Barros*, alferes de infantaria.

Está conforme. = 25 de junho de 1910. = O commandante, *Fernando Augusto da Silva Guardado*, major.

Documento n.º 3

Columna de operações ao Otokéro

Ordem de serviço n.º 1 — Forte no Cuamato, 25 de julho de 1910.

Sua ex.^a o governador do districto, determina e manda publicar:

1.º Que tendo-se reconhecido ser de inadiavel necessidade o submeter e occupar a região do Otokero que até hoje se não sujeitára á nossa soberania tendo até ultimamente dado mais evidentes provas da sua rebeldia manifestadas por actos hostis ás forças portuguezas, seja organizada uma columna de operações destinada ao indicado fim e a construir um posto militar n'aquella região.

2.º Que a columna a que se refere o artigo 1.º tenha a seguinte composição:

1) *Quartel general* — Commandante, sua ex.^a o governador do districto, capitão do estado maior, João de Almeida; chefe do estado maior, major do quadro occidental, Fernando Augusto da Silva Guardado; ajudante, capitão de infantaria, Manuel de Almeida; amanuense, um; ordenanças europeias, duas; ordenanças

indigenas, uma; impedidos (indigenas), dois; interprete (soldado indigena), um.

2) *Tropas* — Artilheria — Commandante, alferes do corpo de almoxarifes, Joaquim da Cruz Branco; 9 praças e 3 indigenas; uma peça de 7^c m/82, uma peça 7,5 T. R. systema Ehrhardt ^m/1905 e uma metralhadora Nordenfeld. Cavallaria — Commandante, tenente de cavallaria, Faustino Correia Torres, 1 official, 42 praças europeias, 10 indigenas, com 44 cavallos e 42 lanças. Infanteria europeia — Commandante, alferes de infanteria, Manuel de Moraes, 58 praças europeias, 5 indigenas com 58 espingardas. Infanteria indigena — Commandante, tenente de infanteria José Augusto Simões Esteves Lopo, 1 official, 7 graduados indigenas, 1 contra-mestre de corneteiros e 213 soldados indigenas com 221 espingardas. Auxiliares — 145 indigenas com 60 espingardas.

3) *Trem de combate* — Commandante, alferes do corpo de almoxarifes, Joaquim da Cruz Branco; 202 tiros de artilheria; 12:000, 8^{mm}k; 34:180, 11^{mm} M. H; material de construcção; ferramentas, pás, picaretas, machados, etc.

4) *Serviço de saude* — Chefe, facultativo de 2.^a classe Alfredo Anjos Manso Preto, 1 ajudante de enfermeiro, 4 caixas de ambulancia, 6 macas e uma viatura.

5) *Trem regimental e comboio* — A cargo das unidades e fracções; 10 dias de alimentação e 5 viaturas.

3.^o O armamento, correame e equipamento é o regulamentar, indo todas as praças municiadas com 120 cartuchos cada uma e as boccas de fogo com 40 tiros completos.

4.^o Que os srs. commandantes das unidades, serviços e fracções entreguem relações numericas e nominaes do pessoal sob as suas ordens.

5.^o A's praças e officiaes será abonada etape, áquellas como se acha determinado para a guarnição do Cuamato e a estes á razão de 500 réis diarios.

6.^o A alimentação é fornecida pelas unidades, devendo ser cosinhado rancho para os indigenas.

7.^o Aos auxiliares será abonada alimentação igual á dos indigenas, mas sem etape.

O chefe do estado-maior, *Fernando Augusto da Silva Guardado*, major.

Documento n. 4

Columna de operações ao Otokero

Mapa da força referido ao dia 26

Designações	Officiaes	Sargentos	Cabos	2. ^{as} cabos e soldados europens	2. ^{as} cabos e soldados indigenas	Ferradores	Clarin e corneteiros	Condemnados	Auxiliares	Carreiros	Somma	Animaes		Viaturas					
												Solipedes	Bois de tração	Peças	Metralhadoras	Carros de quatro rodas	Carros de duas rodas	Somma	
Quartel general....	3	1	-	2	4	-	-	-	-	-	10	6	-	-	-	-	-	-	-
Artilheria.....	1	1	3	5	3	-	-	-	-	-	13	1	8	2	1	-	-	-	3
Cavallaria.....	2	5	8	29	10	1	1	-	-	-	54	44	-	-	-	-	-	-	-
Infanteria europeia	1	2	-	57	5	-	-	-	-	-	65	1	-	-	-	-	-	-	-
Infanteria indigena	2	3	5	-	208	-	4	-	-	-	222	2	-	-	-	-	-	-	-
Auxiliares.....	-	-	-	-	-	-	-	-	147	-	147	-	-	-	-	-	-	-	-
Serviço de saude.	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-
Comboio.....	-	-	-	2	4	-	-	2	-	11	19	90	-	-	-	1	5	6	-
Somma...	10	10	16	96	234	1	5	2	147	11	533	55	98	2	1	1	5	9	-

26 de julho de 1910. = O chefe do estado maior, *Fernando Augusto da Silva Guardado*, major.

Documento n.º 5

Ordem de marcha para 27

Columna de operações ao Otokero

N.º 2. Nalucke, 26 de junho de 1910, ás 5,30 da tarde.

Distribuição das forças

Guarda avançada

Cavallaria e auxiliares, destacando 3 patrulhas de 3 homens sobre a frente e flancos, de 300 a 400 metros.
Distancia 20 metros.

Grosso da columna

Infanteria europeia em colu-

I Situação — Suppõe-se que o gentio do Otokero está concentrado com o fim de se oppôr por meio de fogo ao objectivo da columna.

II Fim — A columna vae estabelecer um posto de occupação no Otokero e castigar o gentio rebelde da região.

III Disposições:

a) A cavallaria encontrando resistencia procura destruil-a

mna dupla por secções de costado enquadrando a artilheria, 1.º e 2.º pelotões indigenas em columna dupla de costado enquadrando o trem de combate.

Distancia 10 metros.

Guarda da retaguarda

2.º Pelotão indigena em columna por secções de costado enquadrando o comboio, 3 cavalleiros. Cada secção destaca um homem para flanqueador a 100 metros.

por meio do fogo, se porém não poder resistir á acção do genio dá o alarme e retira lentamente sobre o quadrado.

b) Os irregulares acompanham as patrulhas de cavallaria e precedem-a na marcha de avanço.

c) Ao signal de alarme a columna cerra as distancias e prosegue a marcha só fazendo uso das armas á ordem do commando, tomando as disposições que este determinar.

d) Em caso de ataque subito e violento a columna fórma quadrado pela fórma seguinte:

1.º Infantaria europeia fórma a face da frente, 1.º e 2.º pelotões indigenas cerram sobre a frente, volvem aos flancos formando as faces lateraes; o 3.º pelotão fórma a face da retaguarda.

2.º A artilheria occupa as faces ou os angulos que lhe forem determinados pelo commando; a cavallaria e auxiliares não podendo manter-se recolhem ao quadrado.

3.º Viaturas cerram sobre a frente e entram no quadrado.

4.º Serviço de saude junto ao carro da ambulancia.

IV Local para onde devem ser dirigidas todas as communicções — Testa da guarda avancada onde me encontro.

(Dada por copia). = O commandante, *João de Almeida*, governador.

Documento n.º 6

Columna de operações ao Otokero

Instrucções para o commando do posto militar do Otokero

1.º O commando fica directamente subordinado ao commando militar do Cuamato.

2.º Competem-lhe todas as attribuições determinadas nos differentes regulamentos, ordens, instrucções e mais:

a) Promover a apresentação de todo o gentio da região, fazendo o seu registo por mucundas e cubatas, usando de toda a moderação, prudencia e justiça.

b) Indagar da existencia de armas finas e seus possuidores, obrigando-os a entregal-as pouco a pouco, no que poderão ser empregadas as patrulhas moveis de cavallaria, devendo usar-se de toda a prudencia e energia n'este serviço.

c) Promover a captura dos seculos ou indigenas que atacaram as forças ou que deem manifestas provas de rebeldia.

d) Completar as installações do posto e promover o desenvolvimento de culturas.

e) Com o auxilio do trabalho obrigatorio dos indigenas, proceder a abertura de carreiteiras do posto Otokero para: Dangoena, Damequero, Forte Roçadas e Dombondola.

Bivaque no Otokero, 29 de junho de 1910. = O governador, *João d'Almeida*.

Documento n.º 7

Columna de operações ao Otokero

Auto de inauguração do forte Otokero

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo. Aos vinte nove dias do mez de julho de mil novecentos e dez, n'este local das cacimbas do Chietakella, achando-se presente sua ex.^a o governador do districto da Huilla, commandante da mesma columna, João de Almeida, e os officiaes que constituem a mesma columna, major do quadro occidental das forças militares ultramarinas, Fernando Augusto da Silva Guardado, chefe do estado maior da referida columna, capitão de infantaria do exercito do reino, Manuel de Almeida, ajudante; tenente de cavallaria Faustino Correia Torres, commandante do 2.^o esquadrão de dragões de Angola; tenente de infantaria do exercito do reino José Augusto Simões Esteves Lopo, commandante da 17.^a companhia indigena de infantaria de Angola e dos contingentes da 14.^a e 16.^a companhia indigena de infantaria de Angola; facultativo de 2.^a classe do quadro de saude de Angola, S. Thomé e Principe, chefe dos serviços de

saude da columna, Alfredo Anjos Manso Preto, alferes de infantaria do exercito do reino, Manuel de Moraes, commandante da 2.^a companhia europeia de infantaria do mesmo exercito; João Luiz de Castro, subalerno da 17.^a companhia indigena de infantaria de Angola; alferes do corpo de almoxarifes de engenharia e artilheria Joaquim da Cruz Branco, commandante da artilheria da columna; alferes de cavallaria Antonio Augusto de Campos, subalerno do 2.^o esquadrão de dragões de Angola e 1.^o sargento do 2.^o esquadrão de dragões de Angola, Manuel Nunes de Oliveira, nomeado para escrivão d'este auto; se procedeu á inauguração do referido forte do Otokero. — A este auto assistiram differentes chefes de mucundas acompanhados da sua gente que se haviam apresentado a prestarem homenagem ao mesmo ex.^{mo} governador do districto e não havendo mais nada a tratar se encerrou o presente auto que vae por todos assignado e por mim Manuel Nunes de Oliveira, 1.^o sargento que o escrevi, ficando no citado forte copia do mesmo. — João de Almeida, governador; Fernando Augusto da Silva Guardado, major; Manuel de Almeida, capitão; Flauzino Correia Torres, tenente; José Augusto Simões Esteves Lopo, tenente de infantaria; Alfredo Anjos Manso Preto, facultativo de 2.^a classe; Manuel Moraes, alferes de infantaria; João Luiz de Castro, alferes; Antonio Augusto de Campos, alferes de cavallaria; Joaquim da Cruz Branco, alferes almoxarife; Manuel Nunes de Oliveira, 1.^o sargento de cavallaria; Antonio Correia de Allemão, 1.^o sargento de infantaria; Manuel Augusto da Costa Monteiro, 2.^o sargento de infantaria; João Antonio da Conceição Cesar, 2.^o sargento de cavallaria; Antonio Rodrigues, 2.^o sargento de cavallaria; Luiz dos Santos Pereira, 2.^o sargento de infantaria; José Teixeira, 2.^o sargento de artilheria; José Augusto Romeirão, 2.^o sargento de cavallaria; Jose Joaquim Fernandes de Oliveira, 2.^o sargento de infantaria; Antonio Amadeu Alves, 2.^o sargento de infantaria; Miguel de Almeida, 1.^o cabo; C. V. S. Carvalho, 1.^o cabo de cavallaria n.^o 180; Alfredo Monteiro da Rocha, 1.^o cabo de cavallaria; Luiz Guilherme, 1.^o cabo n.^o 184 de cavallaria; Adelino Soares da Costa, 1.^o cabo de infantaria; Valentim, 1.^o cabo de artilheria; Julio Pereira, 1.^o cabo de cavallaria; Annibal Esteves Salgueiro, 1.^o

cabo de artilheria; José Maria da Fonseca, 1.º cabo de cavallaria; Joaquim Nogueira, 1.º cabo de artilheria; Manuel Lourenço do Nascimento, soldado n.º 14; Balthazar de Albuquerque, soldado de infantaria; Francisco Firmino, soldado de infantaria; Luciano Joaquim, soldado n.º 14 de cavallaria; Adolpho de Oliveira, soldado n.º 121 de cavallaria; José Leal de Figueiredo, clarim 91 de cavallaria; Luiz Vieira de Lima, soldado n.º 37 de infantaria; Albino Gonçalves, soldado de artilheria; José Maria, soldado de infantaria n.º 174; Joaquim Albino, soldado de infantaria.

Está conforme. — Secretaria geral do governo no districto da Huilla, 13 de outubro de 1910. — O secretario, *Antonio B. Ferreira*, tenente-

BIBLIOGRAPHIA

Pelo exército, por major *Machado*.

Este nosso ilustre e distinto camarada mais uma vez honrou a nossa literatura militar com a publicação d'um folheto, em que sob aquele titulo, aprecia e discute os dois importantes assuntos: *A vida de quartel sob o ponto de vista social*, e *O official educador moderno*.

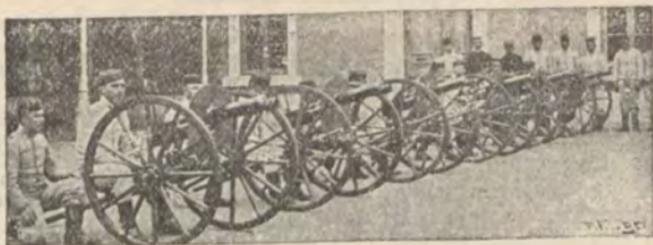
Na primeira parte do seu folheto, o sr. major Machado rebate com calor e com uma argumentação cerrada as acusações de que por vezes tem sido vítima, e injusta vítima, toda a instituição militar.

Ha muita gente que não se cança de acusar a vida militar de causadora de muitos males fisicos, educativos, morais e sociais. Pois essas acusações são rebatidas por uma fórmula clara e concludente pelo nosso distinto camarada, o sr. major Machado.

Na segunda parte, *O official educador nacional*, descreve o nosso presado camarada a nobrêsa dessa missão e ensina ao mesmo tempo qual a melhor fórmula de, dentro dos sãos principios da democracia, todos cumprirem essa tarefa.

E este livro, tratando estes assuntos palpitanes e de flagrante oportunidade, ao mesmo tempo que instrue, tem ainda o merecimento de recrear e deleitar pela elegancia da frase e pela precisão dos conceitos.

As nossas felicitações ao nosso distinto camarada sr. major Machado.



Secção do estrangeiro

Suissa = Alterações à organização do exército. — Em 1 de abril do corrente ano foram feitas algumas modificações na organização do exército suíço que é importante conhecer.

Mencionaremos em primeiro lugar a supressão dos quatro corpos de exército e a sua substituição pelas 6 divisões, compostas cada uma por tres brigadas de infantaria, havendo em quatro das divisões uma destas brigadas substituida por uma brigada de montanha.

Na infantaria o numero de batalhões é presentemente de 106, mas o dos regimentos foi elevado de 33 a 36; os batalhões de carabinieri deixaram de estar sob o comando directo dos comandantes das divisões e são arregimentados com os batalhões de fuzileiros. Além disso, alguns regimentos teem apenas 2 batalhões em lugar de tres.

Uma das novidades desta organização foi a criação duma tropa especial para os serviços de montanha, a infantaria de montanha.

Uma outra inovação é a introdução das metralhadoras de infantaria, que constituirão uma preciosa reserva de fogo para a divisão para todos os casos em que se precise produzir efeitos prontos e decisivos.

Referiremos ainda que os capitães de infantaria passaram a ser montados e que os batalhões são fornecidos com uma equipagem de telefonistas, o que facilitará imenso as comunicações com os comandantes superiores e postos avançados sobre tudo.

As cozinhas rolantes, que já deram as suas provas nas manobras do ano passado, funcionaram este ano em larga escala.

Na cavalaria, a antiga divisão só dispunha duma companhia de guias; as divisões actuais disporão de dois esquadrões de guias de 150 homens cada um. Os esquadrões de dragões, que formam a cavalaria do exército, são mantidos com o numero de 24.

Na artilharia, a antiga organização distinguia entre artilharia adjunta ao corpo de exército e artilharia divisionaria. Os corpos de exército, tendo sido suprimidos, a nova divisão conta 12 baterias de artilharia de campanha, formando quatro corpos a dois regimentos; o todo tem o nome de brigada de artilharia.

O numero de baterias de artilharia de campanha ficou de 72, passando, porém, a haver agora 9 baterias de artilharia de montanha em vez de seis.

Na engenharia, os oito meios batalhões (a duas companhias) correspondente ás 8 divisões antigas, passaram a constituir 6 ba-

talhões completos, o que se traduz por um ligeiro aumento do numero de soldados de engenharia affectos á divisão.

Depois dos calculos feitos, a 5.^a e 6.^a divisões devem mobilisar aproximadamente 16:000 homens cada uma. A estes 32:000 homens devem ajuntar-se, como estando fóra da divisãa, a 3.^a brigada de cavalaria, assim como uma companhia de metralhadoras a cavallo, ou seja mais um milhar de homens.

Alemanha. = Organização das companhias de metralhadoras de infantaria. — As novas baterias de metralhadoras constam de 6 metralhadoras, 3 armões, 1 carro de material, uma cosinha de campanha e 1 carro de equipagens, distribuidas do seguinte modo:

a) Companhia de combate: 6 metralhadoras e tres armões.

b) Carros de combate: 1 viatura de material e uma cosinha de campanha.

c) Grandes carruagens: 1 carro de equipagens.

A instrução das tropas no manejo das metralhadoras começa 6 semanas depois da sua incorporação.

As companhias tomam parte nos exercicios dos corpos a que estam affectas.

As companhias pódem estar affectas momentaneamente a outro qualquer regimento da brigada por motivo de manobras de guarnição e durante a permanencia nos campos de instrução.

O efectivo das companhias de metralhadoras é de 1 capitão, tres tenentes ou alferes, todos montados, 11 sargentos e cabos e 60 soldados, dos quais 11 são conductores. As companhias dispõem de 22 cavalos. Existem actualmente 107 companhias, a saber: 83 na Prussia, 12 na Baviera, 8 na Saxonia e 4 no Wustemberg.

Roumania. = Gratificações dos officiaes. — Segundo o artigo 9.^o da lei de 19 de março do corrente ano, se concede a todos os generais e officiaes as seguintes gratificações de serviço activo: generais de divisão, 250 francos por mês; generais de brigada, 200; coroneis, 150; tenentes-coroneis, 100; majores, 80; capitães, 60; subalternos, 50.

Quando mudem de situação por conveniencia de serviço, os officiaes terão direito a viagem gratis para êles, suas familias e criados, transportando gratuitamente as suas bagagens. Além disso teem ainda direito aos seguintes subsidios: os generais casados e com filhos, 900 francos; casados, sem filhos, 600, e sendo solteiros, 400; os officiaes superiores casados ou viuvos, com filhos, 700 francos; casados, sem filhos, 500, e sendo solteiros, 300; e os restantes officiaes, sendo casados ou viuvos, com filhos, recebem 500 francos; casados, sem filhos, 300, e sendo solteiros, 200.

Dinamarca. = O orçamento do exército para 1912-1913. — O orçamento do exército para 1912-1913 eleva-se á soma de 15.950:355 corôas. E' superior em 731.600 corôas ao orçamento anterior. A lei de meios compreênde ainda um orçamento extraordinario de 3.836:300 corôas, que somadas com as do orçamento ordinario dão para o exército uma despêsa total de 19.766:655.

A repartição destes creditos é feito da seguinte fórma:

Orçamento ordinario: — Administração central, 248:410 co-

rôas; soldos, 9.075:750; viveres suplementares, 60:000; serviço de saúde, 350:000; vestuário, 767:700; alojamentos, 428:800; escolas, 258:540; indemnisações e transportes, 1.016:200; remonta, 1.166.900; diversos, 156:670; material, 1.615:500; fortificações e aquartelamentos, 541:600; serviço geográfico, 145:108; despêsa de Bornholm, 62:385; gratificações diversas, 33:500.

A organização votada em 1909 já foi posta em vigor no que diz respeito aos quadros, efectivos e criação de unidades.

O quadro permanente compreende 12 generais, 92 officiaes superiores, 630 capitães e subalternos e 1.663 sargentos.

O numero de cavalos pertencentes ao estado é de 3:267.

No orçamento extraordinario figuram os trabalhos de fortificação das costas, cuja importancia deve ser paga em 4 anuidades a partir de 1913.

Brazil. — Organização do exercito. — O general Menna Barreto, ministro da guerra, estuda um projecto elevando o efectivo do exercito a 300:000 homens. As forças publicas dos diferentes estados formarão uma reserva da primeira linha, á qual se juntarão os elementos das Sociedades de Tiro, que na presente ocasião já oferecem um efectivo de 50:000 homens instruidos.

Será tambem organisada uma segunda reserva de 125:000 homens, em que serão incluidos todos os cidadãos uteis de 30 a 44 anos.

Orçamento da guerra.

Pela lei de 4 de janeiro do corrente ano, o orçamento do Ministerio da Guerra foi fixado em 79.269:588\$000 réis em papel, e 300:000\$000 réis em ouro.

Este crédito total está distribuido pelos diferentes capitulos do orçamento como segue :

Administração geral, 1.238:203\$600 réis.

Estado maior do exercito, 44:0:2\$000 réis.

Supremo Tribunal Militar e auditores, 170:550\$000 réis.

Instrução militar, 1.820:932\$000 réis.

Arsenais, depositos e fortificações (pessoal) 1.888:014\$658 réis.

Soldos e gratificações a officiaes, 24.608:400\$000 réis.

Soldos, etapas e gratificações a praças de pré, 24.388:945\$200 réis.

Classes inactivas, 7.124:101\$133 réis.

Despêsas de viagens, 400:000\$000 réis.

Colonias militares, 44:700\$000 réis.

Obras militares de defesa, 3:000\$000 réis.

Material, 512:585\$800 réis.

Comissões em países estrangeiros, 800:000\$000 réis.

CONSULTAS

63.^a — Dizendo a ordem regimental — «Que tenham passagem ás baterias que lhes são indicadas as seguintes praças licenciadas — desde quando deve ser dada a passagem ?

Desde a data da ordem regimental. Agora, o bom methodo manda que se ponha na ordem regimental, como principio, as datas das transferencias, pois que raras vezes succederá os averbamentos das notas biographicas corresponderem á data da recepção da folha na nova unidade do licenciado.

64.^a — Uma praça, filho de official fallecido, condemnada a deportação militar, tem direito a rancho de sargentos ?

Não deve ter, pelo facto de ter perdido toda a consideração que parecia merecer pela instrução e educação que devia ter recebido. Delinquir, desfez o conceito anticipado, e, portanto, igualou-se com os que foram condemnados na mesma pena.

65.^a — Havendo n'um regimento, praças de pret com a mesma graduação, a quem foram concedidos 30 de licença nos termos do artigo 108.^o do regulamento disciplinar do exercito, para serem gosados em occasião que as mesmas não façam falta ao serviço, e, tendo sido a referida licença concedida a todas com data diferente, quaes são as que em primeiro logar têm o direito de gosar esta licença ?

Não sendo aquellas a quem primeiro foi concedida, onde está determinado que, as que ainda não gosassem em tempo algum licença d'esta natureza, e bem assim as que ha mais tempo a tenham gosado, sejam preferidas para, em primeiro logar, entrarem no goso da licença de que se trata ?

Quanto á sua primeira pergunta, o criterio do commandante do regimento determinará. O consulente comprehende muito bem que requerimentos d'esta natureza e entregues na secretaria regimental no mesmo momento, enviados juntamente para a Divisão, n'esta soffrem mistura com outros e, muitas vezes, succede os que n'ella entrarão com data posterior serem os primeiros despachados. Por consequencia, o criterio da data do lançamento do despacho, não é sempre o justo.

Quanto á sua segunda pergunta, só de que posso certificar-o é que não existe em regulamento algum preferencias que regulem a concessão de licenças nos termos do regulamento disciplinar. Comtudo, o que se não regulamenta, porque se não pode, porque muitos e muitos são os factores moraes que impendem sobre esta especie de licença, tem no bom senso do chefe e juiz da opportunidade a base segura de uma justiça sã e recta.

66.^a — O artigo 405.^o da reorganisação do exercito, que diz que todo o militar pode requerer, por motivo imperioso, para não tomar parte n'uma escola de repetição, comprehende as praças em serviço effectivo ?

Não, porque lá diz o § unico do mesmo artigo que, por cada adiamento conferido nos termos do mesmo artigo, o adiado tem de pagar taxa militar. Ora, como quem paga taxa militar são só os isentos e os militares licenciados, em determinadas condições, eis a razão porque

não é applicavel aos do effectivo o referido artigo. Caso contrario, não seria justo.

67.^a — As praças de pret devem tirar e pagar licença para fazerem uso de bicycleta?

Devem, visto que não ha diploma algum que estabeleça a excepção em contrario.

68.^a — Havendo nos corpos d'infanteria um sargento ajudante, quando lhe pertença a gerencia do rancho geral deve ser substituido; ou deve ser nomeado um 1.^o sargento para auxiliar do seu serviço; ou deve ser excluido da escala dos 1.^{os} sargentos e sargentos ajudantes na gerencia do rancho? O n.^o 10 do art. 208.^o do regulamento geral está bem claro e prevê o caso de haver um só sargento ajudante, mas preciso da opinião da «Revista d'Infanteria».

Antes de mais nada devo lembrar ao amavel perguntador de que, o actual regulamento de serviço interno, está um bocado fóra da reorganisação do exercito, e que assim estará por algum tempo, visto que só ha pouco foi nomeada a grande Commissão encarregada de elaborar um novo regulamento geral para o serviço do Exercito

Mas a Revista é de opinião que o sargento-ajudante exerça a gerencia do rancho sem substituição ou outro auxilio, visto que, actualmente, possui o tempo preciso para a accumulção das funcções de gerente do rancho geral com as do seu cargo. Pois o 1.^o sargento, quando de rancho, não accumula as suas funcções com as de gerente? E, com certeza, que não tem menos trabalho e responsabilidade do que o sargento-ajudante.

69.^a — Ha um soldado que completou a ausencia illegitima para constituir deserção em 26 por 16 horas. Quando deve ser entregue a participação do commandante da companhia? Quando deve ser abatido ao effectivo do regimento? Em que dia deve constar do mappa da força a alteração do abate? Quem deve abater primeiro esta praça, a ordem do corpo ou o mappa da companhia? Onde se acha determinado?

A tão grande chocarrilho de perguntas, pruriremos responder rapidamente ao consulente, o que deseja saber:

1.^o — Que a deserção conta-se desde a hora em que se verificou a falta e em harmonia com o disposto nos artigos 124.^o a 135.^o do código de justiça militar;

2.^o — Que das ausencias illegitimas, quando constituam deserção, o commandante de companhia fará a participação do facto. Ora, como ás 16 horas as secretarias regimentaes devem normalmente estar fechadas, só no dia immediato áquelle em que se acabou de cometer o crime é que a parte deve ser entregue.

3.^o — Deve ser abatida ao effectivo do regimento desde o dia em que a secretaria regimental teve conhecimento official da deserção, isto é, pela participação ou pelo mappa da força da companhia ou por ambos os documentos juntos, que se devem conjugar com os relatorios do official de inspecção.

4.^o — Quem deve narrar a occorrença da deserção é o mappa da força e quem deve abater a praça primeiramente é a ordem regimental;

5.^o — Quem determinou tudo que aqui se expoz, foi o regulamento

de serviço interno, código de justiça militar e respectivo regulamento se também o critério.

70.^a — Havendo n'uma companhia um capitão e um aspirante a official, e, passando o capitão a exercer as funções do posto immediato, pergunta-se quem deve substituir o capitão no commando da companhia?

O subalterno mais graduado no corpo e que não esteja commandando companhia nos termos do quadro n.º 28 do decreto de 25 de maio de 1911, visto que a disposição 9.^a do artigo 208.º fixa que, na ausencia do respectivo capitão, o substituto no commando da companhia é sempre um subalterno em todos os casos.

A confirmar esta interpretação, temos o proprio regulamento de serviço interno sempre que se refere ás funcções do aspirante-a-official

Em todo o caso não tenha pena de não comandar companhia porque o fardo, encarado a sério, é muito pesado.

71.^a — Quaes são «as commissões para serviço administrativo acumulaveis com todo o serviço do corpo?»

São as commissões de espolio, são as encarregadas dos autos de extravio, etc.

72.^a — Quaes os diplomas que regulam as licenças para estudos a officiaes?

O D. de 25 de maio de 1912 para o estado maior; artigo 4.º da earta de lei de 25 de setembro de 1908 para o curso ordinario da escola colonial, O. E. n.º 15 de 1909.





15.º ANO

NOVEMBRO DE 1912

N.º 11

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR—Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietário e editor — *Empresa da Revista de Infantaria*
Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

Descrição do combate de Chaves

Convidado a fornecer a esta Revista alguns apontamentos sobre o combate de Chaves, gostosamente aceitei esse convite, embora reconheça que outra pênna mais auctorisada o poderia fazer; mas antes de entrar propriamente na descrição dêsse combate, entendo que alguns esclarecimentos devem ser dados sobre a disposição das nossas fôrças na véspera, isto é, na noite de 7 para 8 de julho do corrente ano, bem como das fôrças rebeldes.

Essa disposição era a seguinte (Vidé croquis n.º 1):

Em Montalegre encontrava-se um pelotão de cavalaria 6 na fôrça de 24 cavalos, comandada pelo alferes Jaime Casqueiro, e um pelotão de infantaria n.º 13, na fôrça de 30 praças, sob o comando do Tenente Varejão Castelo Branco. *Em Sapiãos* uma companhia de infantaria n.º 13, com 100 praças, um esquadrão de cavalaria n.º 6, uma divisão de artilharia n.º 4 e uma secção de metralhadoras do grupo n.º 6. Estas fôrças constituíam uma coluna comandada pelo major de infantaria 19, Gualberto Antunes. O esquadrão de cavalaria é comandado pelo capitão Serra, a companhia de infantaria pelo capitão Lopes Teixeira, a divisão de artilharia pelo alferes Beleza. Fazem parte da companhia de infantaria, como comandantes de pelotões, o

alferes Castilho Dias, e aspirantes a oficial Gastão Dias e Amaral Pinto. Comanda a secção de metralhadoras o alferes Mario Saldanha.

Em Vila Verde da Raia está um pelotão de infantaria 13, comandado pelo alferes Fortunato Pires e 30 praças da guarda fiscal, comandadas pelo Tenente Fernando Barreiros da mesma guarda e um pelotão de cavalaria n.º 6 comandado pelo alferes Avelar.

Em Chaves estavam nos seus respectivos quartéis 101 praças de cavalaria n.º 6 e 172 de infantaria n.º 19.

As forças de infantaria n.º 13 e cavalaria 6, que se encontravam em Montalegre, foram para ali em 6 de julho, quando naquela localidade e na tarde dêste mesmo dia, foi presentida a presença dos rebeldes.

As de Vila Verde da Raia são as que ficaram em observação depois do combate que em 7 de julho se ferira proximo desta localidade. As forças que tomaram parte neste combate eram comandadas pelo capitão de infantaria n.º 19 Viana de Andrade e compunham-se da divisão de artilharia n.º 4, nesse dia comandada pelo alferes Elisio Lobo, um esquadrão de cavalaria n.º 6, do comando de capitão Modesto Barreto, e de 100 praças de infantaria n.º 13, commandadas pelo capitão Tito Livio Barreira, tendo como subalternos os alferes Fortunato Pires, Francisco de Carvalho e aspirante a oficial Eusebio Emidio da Silva e a secção de metralhadoras do grupo n.º 6 do comando do alferes Mario Saldanha. Era chefe do Estado Maior da coluna o capitão de cavalaria e do serviço do estado maior Maia Magalhães. Acompanharam a coluna o chefe do Estado Maior da 6.ª Divisão do Exército, tenente coronel do serviço do estado maior, Alfredo May e o ajudante de campo do comandante da mesma divisão, tenente de infantaria Antonio Fernandes Varão.

Cooperaram tambem alguns soldados da guarda fiscal que haviam recolhido dos respectivos postos fiscaes, sob o comando do tenente Braga Barreiros. (4)

(4) Em 6 de julho, pelas 8 horas, os rebeldes entraram em Mairós, destruindo o posto fiscal, voltando ás 14 horas para retirarem pouco depois. As praças dêste posto e dos outros reuniram-se numa só força, e são as que aparecem a combater em Vila Verde e no dia seguinte em Chaves.

Nêste combate, que tinha por fim efectuar um reconhecimento sobre as fôrças rebeldes que se concentravam na fronteira, entre Vila Verde da Raia e Feces de Abajo (povoação espanhola), não chegou a intervir a infantaria, porque, após algumas granadas lançadas pela nossa artilharia, que fôra tomar posição a Leste da Atalaia 2.^a (424), e o fogo da cavalaria apeada em Atalaia 2.^a, (1) o inimigo debandou, internando-se em Espanha.

A infantaria conservou-se abrigada na estrada de Faiões.

Esta acção realisou-se, como acima digo, em 7 de julho entre as 13 e 14 horas.

Viu-se que o inimigo era aproximadamente em numero de 400 homens, mas sem qualidades algumas combatentes, oferecendo pequena resistencia, desconhecendo por completo a offensiva e mal armados (2). O comando destas fôrças rebeldes era exercido pelo official do exército portuguez Sousa Dias e por João de Almeida, tendo como subalternos Pita e Castro, Montanha e Menezes. Eram armados na sua maioria de carabinas Winchester e tinham recebido este armamento na véspera, na fronteira, em Mairos, na vertente do lado de Portugal.

Trazia esta coluna rebelde uma metralhadora que não chegou a funcionar, ignorando-se se devido á falta de munições, se a desarranjo no seu mecanismo.

Antes de se travar a acção de Vila Verde, o commandante das fôrças de Montalegre havia recebido no mesmo dia (10 horas), uma intimação para abandonar esta localidade, intimação escrita pelo proprio Paiva Couceiro, em Padornelos ás 9 horas (3), o que levou o chefe da estação telegráfica de Montalegre a dar, ás 13 horas, comunicação ao chefe da estação de Chaves de que Montalegre ia ser tomada pelos rebeldes, noti-

(1) Atalaia 2.^a é um alto proxivamente a 300^m a Leste de Vila Verde da Raia.

(2) Comtudo nêste combate é ferido o capitão Maia Magalhães.

(3) Couceiro entra em Portugal proxivamente ás 14 horas de 6 de julho, vindo de Ginzo de Limia (povoação espanhola) e estaciona nêste dia em Padornelos.

cia que chega ao comando de Chaves ás 14 horas, de que «Montalegre estava tomada pelos rebeldes».

Em presença desta informação, o comandante do sector de defesa de Chaves, depois de consultado o seu Estado Maior, concluiu que Paiva Couceiro tinha por fim obrigar com as poucas aguerridas fôrças que se mostraram em Vila Verde, a *fixar* em Chaves as fôrças que aqui se encontravam, marchando Couceiro com a sua coluna, a mais importante em qualidade e número de combatentes, ao encontro da coluna do padre Domingos, por Boticas.

Em presença das supostas intenções do inimigo (as quais depois se confirmaram pór informações de prisioneiros, e até de rebeldes, que conseguiram refugiar-se em Espanha, após o combate de Chaves) e das ordens superiores recebidas, para se adótar uma enérgica ofensiva, a fim de conseguir um rapido aniquilamento do inimigo, impedindo que êle ganhasse terreno, o que havia a fazer era, evidentemente, sair-lhe ao caminho, não só para o desbaratar, como tambem para evitar que êle realisasse a tal ligação com as fôrças rebeldes de Cabeceiras de Basto. E nesta ordem de idéas foi dada ordem para seguir para Sapiãos a coluna que ali se encontra de 7 para 8 e atraz indicada.

Já depois da partida de Chaves desta coluna, sabe-se ás 20 horas, por informação do comandante das fôrças de Montalegre, que era falsa a noticia da tomada daquela vila, a qual foi motivada pela falta de serenidade do empregado da estação telegráfica de Montalegre.

Paiva Couceiro, depois de enviar a sua intimação ao comandante das fôrças de Montalegre, não esperou pela resposta e sêgue de Padornelos ás 10 horas com a sua coluna, por Gralhas, Solveira para Soutelinho, onde entra ás 14 horas. Este movimento, porém, ignorou-o o comandante do sector de Chaves, embora o alferes Casqueiro, que estava em Montalegre com o pelotão de cavalaria 6, fosse enviado a fim de manter o contacto com esta coluna, ⁽¹⁾ e ainda fosse lançada a

(1) O alferes Casqueiro consegue manter o contacto com a coluna de Couceiro, mas, pela dificuldade de comunicações, as informações que enviou não chegaram em tempo oportuno a Chaves.

cia que chega ao comando de Chaves ás 14 horas, de que «Montalegre estava tomada pelos rebeldes».

Em presença desta informação, o comandante do sector de defesa de Chaves, depois de consultado o seu Estado Maior, concluiu que Paiva Couceiro tinha por fim obrigar com as poucas aguerridas fôrças que se mostraram em Vila Verde, a *fixar* em Chaves as fôrças que aqui se encontravam, marchando Couceiro com a sua coluna, a mais importante em qualidade e número de combatentes, ao encontro da coluna do padre Domingos, por Boticas.

Em presença das supostas intenções do inimigo (as quais depois se confirmaram por informações de prisioneiros, e até de rebeldes, que conseguiram refugiar-se em Espanha, após o combate de Chaves) e das ordens superiores recebidas, para se adotar uma enérgica ofensiva, a fim de conseguir um rapido aniquilamento do inimigo, impedindo que êle ganhasse terreno, o que havia a fazer era, evidentemente, sair-lhe ao caminho, não só para o desbaratar, como tambem para evitar que êle realisasse a tal ligação com as fôrças rebeldes de Cabeceiras de Basto. E nesta ordem de idéas foi dada ordem para seguir para Sapiãos a coluna que ali se encontra de 7 para 8 e atraz indicada.

Já depois da partida de Chaves desta coluna, sabe-se ás 20 horas, por informação do comandante das fôrças de Montalegre, que era falsa a noticia da tomada daquela vila, a qual foi motivada pela falta de serenidade do empregado da estação telegráfica de Montalegre.

Paiva Couceiro, depois de enviar a sua intimação ao comandante das fôrças de Montalegre, não esperou pela resposta e sêgue de Padornelos ás 10 horas com a sua coluna, por Gralhas, Solveira para Soutelinho, onde entra ás 14 horas. Este movimento, porém, ignorou-o o comandante do sector de Chaves, embora o alferes Casqueiro, que estava em Montalegre com o pelotão de cavalaria 6, fosse enviado a fim de manter o contacto com esta coluna, ⁽¹⁾ e ainda fosse lançada a

(1) O alferes Casqueiro consegue manter o contacto com a coluna de Couceiro, mas, pela dificuldade de comunicações, as informações que enviou não chegaram em tempo oportuno a Chaves.

cavalaria de Sapiãos em diferentes direcções com o mesmo fim.

Paiva Couceiro estaciona em Soutelinho de 7 para 8. Na marcha efectuada de Padornelos para Soutelinho foi que elle recebeu comunicação escrita, dada por um individuo de Chaves, de que a nossa artilharia tinha seguido desta vila para Sapiãos, bem como grandes forças de cavalaria e infantaria.

Couceiro, ao receber esta noticia, modifica o seu primitivo plano de avançar sobre Cabeceiras de Basto por Boticas, e prefere atacar de surpresa Chaves, aproveitando a excelente occasião de ali não estar artilharia e de ser muito reduzida a guarnição desta vila, e ainda talvez por qualquer outra circumstancia. (1)

Em resumo: Na noite de 7 para 8 ignora-se onde está a columna de Couceiro; apenas se sabe que partira de Padornelos em direcção desconhecida e que a columna de Sousa Dias está na raia em frente de Vila Verde.

E' chegada a occasião de entrar propriamente na descripção do combate de Chaves que teve lugar na manhã de 8 de julho do corrente anno, mas antes de o fazer devo frisar a distribuição de forças na noite de 7 para 8 e principalmente a boa colocação das que se encontram em Sapiãos, localidade situada proxima-mente a meio da distancia que separa Chaves de Montalegre, e por isso podendo estas forças socorrer prontamente Chaves ou Montalegre, conforme o inimigo dirigisse o seu ataque sobre uma ou outra vila, (2), impedindo tambem o avanço ao inimigo por Boticas, no caso deste resolver não atacar nenhuma das povoações citadas e sómente querer fazer a ligação com os re-

(1) Diz um prisioneiro que ouvira a Couceiro, pouco depois do inicio do combate de Chaves, elle estranhar não vêr arvorada na vila uma bandeira branca, sinal combinado de que Chaves se rendia, como lhe prometeram.

(2) No ataque a Chaves, estas forças demoraram algum tempo a chegar ao campo de combate, já por os rebeldes terem efectuado uma marcha sobre Chaves sem serem vistos, como tambem por se ter dado um desarranjo no automovel que conduzia a pessoa que levou a ordem verbal (Tenente coronel Alfredo May) e ainda pela demora que houve em arranjar em Chaves um automovel para êste serviço.

beldes de Cabeceiras de Basto, comandados pelo padre Domingos.

O conservar todas as fôrças em Chaves era êrro grave, porque não só se deixava o caminho de Boticas (vale de Ardãos) aberto ao inimigo, como não se poderia socorrer prontamente Montalegre, no caso de esta povoação ser atacada como se supunha, quando as fôrças de Sapiãos para ali marcharam. As mesmas considerações teem logar desde que se concentrasse grande número de fôrças em Montalegre e Chaves fosse atacada.

Sobre as fôrças que depois da acção de Vila Verde da Raia ficaram em observação perto desta localidade, tão evidente é o motivo da sua colocação, que não me deterei a justificar a sua permanencia naquêlo ponto.

*

* * *

Na madrugada de 8 foram patrulhas de cavalaria em direcção a Soutelinho, as quais, conjuntamente com as fôrças de observação deixadas na véspera na Atalaia 2.^a depois do combate de Vila Verde da Raia, eram destinadas a orientarem-nos sobre a movimento dos rebeldes. Estas patrulhas seguiram nas direcções de Soutelo, Bustelo e Sanjurge (vidé croquis n.º 1) recolhendo a ultima ás 5,30 horas, dizendo que fôra informada por um guarda fiscal de que «estavam 100 conspiradores em Soutelinho, deitados num palheiro».

Nesta mesma madrugada recolhera antes outra patrulha de comando do official que tinha ido fazer um reconhecimento sobre Outeiro Sêco, e que não havia conseguido obter noticias sobre o inimigo.

O Comando ignorava, pois, onde se encontrava o grôso das forças de Couceiro, mas o certo é que êste pernôitára de 7 para 8 em Soutelinho e ás 5 horas de 8 inicia a sua marcha sobre Chaves; mas em vez de seguir o caminho mais curto, Soutelinho-Calvão-Soutelo-Chaves, vem pelo mais longo, Soutelinho-Agrela-Torre-Bustelo-Chaves conseguindo ter feito a marcha sem ser visto. Resultou tambem que a primeira comunicação recebida em Chaves, só chegou ás 8 horas ao comando do sector, transmitida por um individuo da classe civil, leiteiro de Sanjurge, de que os rebeldes es-

tavam nesta povoação. Claro é, na ocasião que este individuo deu essa noticia, já os rebeldes se encontravam mais proximos.

I

Combate entre as nossas forças e a guarda avançada inimiga

Imediatamente foi dada ordem para formarem as forças de infantaria 19 e cavalaria 6, ao todo 282 homens, e para sair uma patrulha de cavalaria comandada pelo tenente Manuel Joaquim da Costa, na direcção de Sanjurge, a verificar a veracidade da informação. O tenente Costa quando chega a Abobeleira é informado de que o inimigo (guarda avançada) já se encontra na carreira de tiro (croquis n.º 2), sendo tambem este official já obrigado a retirar por um troço de rebeldes que avança sobre o Telhado; o official transmite o que viu e soube para Chaves.

Antes porém de se receber a informação do tenente Costa, ouve-se ás 8,30 horas para os lados da carreira de tiro, tiroteio, que é travado entre a guarda avançada dos rebeldes e as praças em serviço na carreira, que se defendem abrigados nos abrigos de 200 metros da mesma carreira.

Ao serem ouvidos estes tiros em Chaves, o alferes de cavalaria Fernando Augusto Adão avança para o local conhecido pelo fosso e a oeste do cemiterio velho (1) com 30 praças apeadas de cavalaria onde recebe alguns tiros dos rebeldes, em número de 20, que estão na crista do espaldão da carreira e de outros que se tinham aproximado da Quinta do Esgueira, e com elles trava tiroteio. Salta depois com a sua força os muros do mesmo fosso e fazendo alguns lanços vai pelo caminho do Forte de S. Neutel em direcção á casa que lhe fica mais proxima do lado Sul (Casa da Quinta do Esgueira).

O tenente da administração militar, Bernardino Setas, provisor de cavalaria n.º 6, a seguir ao alferes Adão, marcha para o local conhecido pela «muralha

(1) Vidé croquis n.º 2.

do trem», com algumas praças apeadas de cavalaria, onde fez fogo com a alça de 1:000^m sobre uns rebeldes que vira proximo da carreira de tiro.

Como apparecesse neste local o ajudante de cavalaria 6, capitão Costa, o tenente Setas entrega-lhe o comando desta fôrça. O capitão Costa vai com ela para o forte de S. Francisco, e a esta fôrça juntaram-se no caminho algumas praças de infantaria 19, reformados, soldados da companhia de saude e rancheiros.

Fez alguns tiros sobre os rebeldes da carreira, mas em breve teve de cessar o fogo, porque já outras fôrças nossas (as do alferes Adão e capitão Tito Barreira) chegavam proximo do Forte de S. Neutel e da carreira de tiro.

*

*

*

No entretanto saia a companhia de infantaria n.º 19 (8,45 horas), com o efectivo de 143 praças, sob o comando do capitão Tito Livio Barreira. Era composta por 3 pelotões, sendo o 1.º comandado pelo tenente Francisco Soares, o 2.º pelo tenente Alexandrino Macedo e o 3.º pelo alferes Francisco de Carvalho.

No quartel ficaram armados 150 atiradores civis, a guarda de policia (16 praças), os impedidos de officiaes, os do serviço do corpo, 15 praças prontas, a banda de musica, artifices e corneteiros, aos quais foi mandado distribuir armamento e munições para todos fazerem a policia da vila e guarda dos edificios publicos.

A companhia organisou o serviço de segurança em marcha na Avenida do Cemiterio Novo, e como nessa ocasião já se sabia da presença dos rebeldes no Telhado (informação dada pelo tenente Costa) e no espaldão da carreira, a companhia fracciona-se do seguinte modo: O 2.º pelotão vai para a povoação do Telhado, o 1.º pelotão para o Cemiterio Novo, o 3.º segue até ao cruzamento dos caminhos Alto da Trindade (espaldão da carreira de tiro), Chaves e Forte de S. Neutel-Chaves. Reconhecendo-se que o ataque do inimigo era mais intenso do lado da carreira, é dada ordem ao 1.º pelotão para ir para a Quinta do Mesquita, onde se desenvolveu em atiradores até á Quinta do Faria, e depois disto seguir caminho do Forte de S. Neutel, a ocupar a plataforma de 600^m da carreira. O

3.º pelotão seguiu pelo caminho do espaldão da carreira a um de fundo e encostado ao muro do lado esquerdo, para ir desenfado, até ao muro de pedra solta que orla o caminho em direcção perpendicular a este que conduz ao Telhado, e onde 1 secção estendeu em atiradores, por detraz do muro, abrindo fogo contra o espaldão, ficando a outra a um de fundo e em reserva no caminho do mesmo espaldão.

Ao alferes Adão é-lhe ordenado que siga da casa da Quinta do Esgueira a tomar posição no caminho coberto da explanada Sudoeste do Forte de S. Neutel, tomando o espaldão como objectivo, e este official assim procede com os seus homens dirigindo-se pelo caminho do Forte, e, desenvolvendo em atiradores, contorna o Forte por Sudoeste e Oeste, segue á velha carreira de tiro e vai tomar posição num monticulo que fica a S. E. do espaldão da carreira de tiro.

Os lances efectuados são todos pequenos e acompanhados sempre de um curto mas vivo tiroteio.

O 3.º pelotão avança a descoberto até um muro de pedra solta que lhe fica ao Norte do primitivo desenvolvimento.

Emquanto os 2 pelotões de infantaria e o pelotão do alferes Adão avançam tambem, mas perfeitamente a descoberto, o inimigo reforça as suas fôrças do espaldão (guarda avançada) e executa um intenso fogo sobre as nossas fôrças que vê deslocarem-se e poucos instantes depois a sua artilharia toma posição nos pinhais da Cocanha.

As nossas fôrças sentem-se um pouco desmoralizadas, já por terem de efectuar os lances a descoberto já pela intensidade da fusilaria inimiga, aumentada do fogo de artilharia.

Comtudo a coragem e exortação dos nossos officiaes impulsiona-as, (1) conseguindo o pelotão do alferes Car-

(1) E' nesta altura que o contramestre de clarins de cavalaria 6, que fazia parte da fôrça do alferes Adão, se oferece e insiste para ir em embate corpo a corpo lutar com os rebeldes que se encontram no espaldão da carreira de tiro, o que devido á sua insistencia lhe foi consentido, indo acompanhado de mais duas praças, de modo que quando o pelotão do alferes Adão atingiu o espaldão da carreira, já estas praças lá se encontram, tendo produzido á sua chegada grande panico entre os rebeldes, dos quais muitos foram mortos á queima-roupa, pelas referidas praças.

valho (3.º) e o pelotão apeado de cavalaria do alferes Adão e parte do 1.º pelotão atingir a crista do espaldão, pondo em debandada os rebeldes que ali estavam.

Acompanha sempre estas fôrças o capitão Tito Barreira; a outra parte do 1.º pelotão dirige-se da plataforma de 600 metros a ocupar os pinhais de Santa Cruz.

O 2.º pelotão havia seguido a rua do Telhado e desenvolveu ao longo do muro de pedra solta, perpendicular a esta rua, algumas praças em atiradores, indo o comandante do pelotão, com a maioria da força, para o montículo da Quinta do Vinhais (indicada no croquis n.º 2 por *rochedo*) abrindo fogo contra o inimigo que estava numa pedreira ao Norte. Fez fogo com a alça 4 depois do que os rebeldes (uns 12) fugiram para um barranco a Oeste da carreira.

Emquanto este pelotão se bate com o primeiro grupo de rebeldes, um outro grupo inimigo que tomou posição num barranco visa também este pelotão, do que resultou esta nossa fôrça ser batida com fogos cruzados numa posição que era dominada pelo inimigo e o seu commandante (Tenente Macedo) ser ferido com uma bala, que lhe atravessou a bôca. E' morto na mesma ocasião também um 1.º cabo e uma outra praça.

*

*

*

E' para notar o grande auxilio prestado pelas fôrças de cavalaria apeada, do alferes Adão e capitão Costa, no inicio do combate. Foram elas que conseguiram o desenvolvimento da nossa infantaria e impediram o avanço dos rebeldes do espaldão da carreira sobre a vila, bem como afugentar os que mais ousados haviam chegado até á Quinta do Esgueira. Também foi um feliz acaso o encontrarem-se praças na carreira de tiro, que deram o alarme, fazendo com que as fôrças de cavalaria, as que mais proximo estavam do combate, iniciassem o fogo e protegessem o avanço da nossa infantaria.

(*Continúa*)

ARNALDO DE MELLO

Cap.º de Inf.ª e do Serviço do Est.º Maior

General Silva Monteiro

O exército perdeu um dos seus mais prestigiosos generais, a Patria um dos seus mais dedicados e leais servidôres, e a *Revista de Infanteria* o seu melhor amigo.

A nossa *Revista* saiu das suas mãos.

A sua alma generosa e boa, o seu character da mais fina e delicada tempera, a sua vasta intelligencia e larga erudição, todo esse conjunto que fás realçar e enobrecer uma individualidade, tornava o general Silva Monteiro um chefe que nunca pôde ser esquecido, e cuja perda será por muito tempo bem sensível no exército.

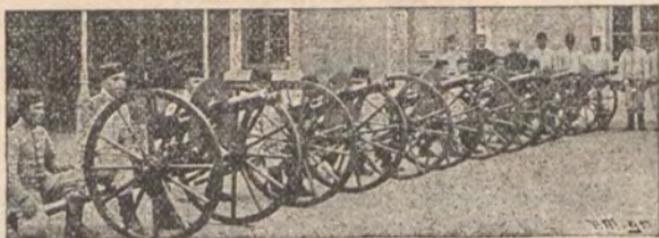
No lar, no seu lar que êle tanto amava, espalhou a flux os lampejos da sua nobre sentimentalidade, e ali existiu sempre uma mansão de paz e de amor, sem sombras nem arrefecimentos.

E é por isso que á sua esposa inconsolavel e aos seus filhos, dilacerados por tão grande quão legitima dôr, vem a *Revista de Infanteria* trazer os protestos do seu pungente pezar, neste adeus eterno ao amigo, que foi ao mesmo tempo nosso chefe e nosso guia.

Nunca poderemos esquecer esse convivio intimo de mãis de 20 anos da mais sincera e leal amisade e em que toda a grande estatura moral do amigo, sempre igual e sempre ponderado, se erguia dentro da sua auctoridade official, fazendo-se obedecer e respeitar sem um gesto que não fosse inspirado pela justiça e acalentado pelo amor á disciplina.

Neste lance angustioso, em que tão fatal surpresa nos esmagou o coração, não podemos traduzir tudo quanto admiravamos no general Silva Monteiro, já como chefe, já como erudito, já como escritor, já como artista, porque tudo sairia entrecortado pela mágua que nos perturba.

Por isso, nesta pagina de luto, apenas podemos dizer o sentido adeus, o ultimo adeus ao querido amigo que não mais abraçaremos, mas cuja lembrança viverá vivida e bem quente em nosso coração.



A artilharia na batalha

(CONFERENCIA)

(Conclusão)

O fogo de artilharia só é eficaz contra um objectivo não abrigado.

O enunciado desta proposição, aliás tão simples, nunca deve ser esquecido pela nossa arma.

Alguns factos historicos demonstrarão a verdade deste asserto.

Em 1877, nessa memoravel campanha entre a Russia e a Turquia, houve um episodio que pôde muito bem esclarecer este assunto.

Foi o cêrco e as batalhas de Plewna.

Sabe-se que foram tres as batalhas travadas em tôrno de Plewna.

A primeira não merece relâto especial porque as forças russas, sob o comando do general Schilder, eram em pequeno numero, dispondo apenas de 46 bôcas de fogo.

Foram dois os ataques, um pelo norte. e outro por leste, sem resultado, tendo ficado impotente o fogo da artilharia russa contra as baterias turcas.

A segunda batalha, a 3o de julho, foi mais importante, porque já então o general Krudener, comandante do 9.º corpo do exército russo, dispunha de 170 bôcas de fogo.

Nesta batalha os russos cometêram ainda o êrro de pretenderem efectuar a preparação do ataque pelo fogo da artilharia.

Ora, sabia-se já de antemão que a artilharia sósinha não pôde nunca preparar o ataque, porque essa preparação só é possivel quando se conjuga o fogo da infantaria com o da artilharia, porque sómente desta fórma

é que se consegue que a artilharia possa fazer fogo contra alvos não abrigados.

A ideia preconcebida da parte dos russos de que o bombardeamento das suas 170 bôcas de fogo era mais do que suficiente para abrir o caminho ás colunas de infantaria que deviam dar o assalto resalta do seguinte episodio, contado por uma testemunha presencial.

O general Schakowskoï comandava o ataque do sector sul. Desenvolveu as suas 48 peças a 2:500 metros do entrincheiramento turco, numa ótima posição, e durante 5 horas e meia essa grande bateria vomitou fogo contra as posições abrigadas do inimigo.

Ao cabo dêste tempo o general julgou que o caminho para as colunas de assalto estava aberto, e foi pessoalmente, a cavallo, com o seu estado maior, á posição onde estava a artilharia. Mal aí appareceu foi obrigado a apear-se precipitadamente, debaixo de *um fogo do inferno* que os turcos dirigiram sobre êle e a sua escolta.

Não obstante isto, o general mostrou-se satisfeito e julgou que a infantaria devia agora entrar em linha.

A ineficácia dêste bombardeamento provou-se depois com a espantosa derrota da infantaria atacante, tendo o destacamento do general Schakowskoï perdido mais de 50 0/0 do seu efectivo total!!

Bonita preparação esta pelo fogo da artilharia.

E o mesmo aconteceu nos outros sectores.

Mas vamos á terceira batalha, que foi a 11 de setembro.

Nesta batalha dispunham já então os russos de 444 bôcas de fogo, sendo algumas de grôso calibre. A artilharia estava nesta batalha largamente representada.

Antes de mais nada, devemos transcrever aqui o pensamento do general Zotov, que a comandou, extraído do seu proprio relatório.

— «bombardeamento preparatorio das obras inimigas, tão prolongado quanto possivel, aumentando a sua intensidade á maneira que a artilharia se fôr aproximando; avanço da infantaria aproveitando os abrigos naturais do terreno, e finalmente o ataque á viva força.» —

E a gente fica espantada com esta insistencia recal-

citrante e tenaz do mesmo principio expresso no celebre bombardeamento como preparação para o ataque.

Na noite de 6 para 7 de setembro procedeu-se ao desenvolvimento da maior parte da artilharia.

Os dias 7 e 8 de setembro foram consagrados ao bombardeamento de todas as posições turcas.

Nesse canhoneio entraram 20 peças de cêrco de grôssô calibre.

Pensava-se em effectuar o ataque geral a 9, mas reconheceu-se que os dois dias inteiros de bombardeamento não tinham produzido resultado algum, e consagra-se, para continuar nessa operação, mais os dias 9 e 10.

O que é certo é que ao cabo de 4 dias de bombardeamento dessa formidavel bateria de 444 bôcas de fogo reconhece-se ainda que o inimigo não estava enfraquecido, e por consequencia, que o ataque não estava preparado, mas que os cofres estavam vazios e que os aprovisionamentos não podiam ser renovados pela difficuldade enorme das communicações em país inimigo.

E' nesta situação, aliás bem critica, que os russos resolvem dar o ataque geral no dia 11.

O dilêma era terrivel.

Ou atacar, havendo a consciencia da improficuidade do bombardeamento anterior e da situação precaria em que a artilharia se encontrava esgotada de munições, ou levar ao coração do exército russo a desastrosa impressão moral de uma retirada sem combater.

Diante dêste dilêma o comando russo optou pelo ataque.

Não cabe nos estreitos limites dêste trabalho a descripção minuciosa desta terceira batalha, tão interessante sob todos os pontos de vista, por isso nos limitamos a dizer que a improficuidade dos bombardamentos, em que os russos assentavam, aliás, toda a sua esperanza, mais uma vez levou esse valente exército a um grande desastre, tendo soffrido nesta batalha pêrdas enormes, principalmente quando se iniciou a retirada das tropas atacantes dos diferentes sectôres.

Comtudo, devemos aqui fazer uma referencia especial ao general Skoblef, que comandava o sectôr sudoeste, e que tinha, como chefe do estado maior, o brilhante capitão Kouropatkine, que comandou como

general em chefe as tropas russas na ultima guerra do extrêmo-oriente.

Skobelef, além de ser um general heroico, era dotado duma grande tenacidade e duma grande energia moral, que fazia acender, no meio das suas tropas, o sentimento da admiração, do respeito e da amizade.

O seu saber, a sua alta competencia, o seu notavel golpe de vista e o bom senso das suas decisões, fez com que, abandonando a errada teoria da preparação do ataque pelo fogo da artilharia, antes conjugando o fogo da sua infantaria com o da sua artilharia, estivesse, ao cair da tarde do dia 11, a dois passos de Plewna.

Nessa ocasião se Zotov tem reservas na mão para actuar no momento decisivo onde fosse conveniente e pode acudir aos instantes pedidos e reclamações de Skobelef, a sorte de Plewna teria sido bem outra.

Desgraçadamente para os russos só no dia 12 é que Skobelef poude receber, como reforço, o regimento n.º 118, já fatigado e moralmente abatido, não podendo fazer outra coisa mais do que cooperar para sustentar a retirada.

Mas ha mais.

Em Colenso, dezembro de 1899, o general Buller comandante das tropas inglêsas ao começar a guerra do Transvaal, tambem mandou bombardear durante dois dias as posições dos Boers, fazendo consistir nesse bombardeamento a preparação para o ataque.

Os resultados foram os mesmos, precisamente os mesmos, que os russos tiveram em Plewna.

Em Belmont, Magersfontein e noutros combates, o mesmo bombardeamento da artilharia inglêsa como combate de preparação e a mesma improficuidade desse fogo contra as posições abrigadas dos Boers.

Em Liao-Yang, o general japonês Kuroki sofreu durante 11 dias o bombardeamento ininterrompido de 300 bôcas de fogo.

Os russos fizeram nesses 11 dias um espantoso consumo de munições, calculando-se que cada bateria enviava por dia para o campo inimigo 500.000 projecteis, incluindo neste numero os estilhaços dos rebentamentos das granadas.

Parece que o exército de Kuroki devia ter ficado esmagado sob a acção duma metralha tão potente.

Mas não aconteceu assim.

Ao cabo desses célebres 11 dias dum bombardeamento incessante, verificou-se que apenas 750 japonezes tinham sido atingidos, o que dava a media dum homem atingido por dia e por bateria!

Diante de todos estes exemplos, e muitos mais que poderíamos ir buscar á história das guerras, fica provado que a artilharia só é eficaz contra alvos não abrigados.

E este ensinamento deve ficar bem gravado na memoria de todos para que o efeito moral do fogo da artilharia fique dentro dos seus justos limites.

A acção moral do fogo da artilharia é grande no combate, e representa um valôr com que não póde um chefe deixar de contar, mas é necessario contrapôr a essa acção moral os factos deduzidos da historia das guerras para que não seja exagerada nem deprimente a sua influencia.

Eu já tive ocasião de combater contra pretos bem armados e bem comandados. Foi em Coolella.

O nosso quadrado dispunha de 4 peças de montanha e de duas pequenas peças Gürzon.

Durante o combate estas bôcas de fogo estiveram sempre a vomitar granadas e é convicção minha que o efeito material deste fogo foi inteiramente nulo, não só por ser muito curta a distancia a que estava o inimigo, mas tambem pela fôrma como estava abrigado.

Todavia, o efeito moral produzido nos nossos soldados era manifesto, e tão grande quão depressivo e esmagador era o mêdo causado nos pretos pelos tiros e e sobretudo pelos rebentamentos das granadas.

Mr. Reginald Kalm que acompanhou o exército japonês na ultima guerra, como correspondente dum jornal, viu numa ocasião uma bateria japoneza estar a fazer fogo contra reductos russos, tendo a 2 000 metros á frente a sua infantaria em combate. O comandante da posição disse a Mr. Kalm que bem sabia que era pequeno se não nulo o efeito material do fogo desta bateria, mas que não duvidava do grande prazer que experimentava a sua infantaria ouvindo o sibilar das granadas por cima das suas cabeças.

Do mesmo modo se verificou na prática quão verdadeira é a tése do tenente coronel de Colligny, brilhantemente apresentada no seu interessante livro *L'Infanterie au combat*.

Quer dizer, verificou se que uma infantaria deitada tambem pouco ou nada tem a temer do fogo da artilharia.

O coronel suiso Goertsch, que como adido militar seguia o exército japonéz na Mandchuria, conta o seguinte factó ilucidativo:

— Inesperadamente é surpreendida uma companhia japoneza de 200 praças a 2.000 metros de uma bateria russa. O terreno era em declive suave e o tiro da artilharia russa estava bem regulado.

Não podendo nem avançar nem desenfiar-se, a companhia japoneza deitou-se precipitadamente e assim esteve durante muitas horas, enquanto que as 4 peças da bateria vomitavam intensa metralha sobre ela.

Os adidos militares estrangeiros que seguiam a batalha do lado dos japonezes registaram a triste e critica situação desta companhia, e não foi sem um grande movimento de espanto que se verificou, ao cabo dum tão intenso canhoneio, que a companhia apenas tinha 7 homens feridos e nenhum morto.

Eu não sei, porque o coronel Goertsch não o diz, qual foi a formatura adótada pelos japonezes nesta situação, mas estou sinceramente convencido que se os japonezes tivessem seguido á risca os conselhos do tenente coronel de Colligny talvez que nem esses 7 homens tivessem sido feridos.

Portanto, do que fica escrito se deduz a conveniencia de não se exagerar o efeito do fogo da artilharia, e a necessidade de nós, infantaria, nos prepararmos para o encarar de frente, com serenidade e compléto conhecimento da fórma de nos subtrairmos á sua acção.

A segunda corrécção que importa fazer ao fogo da artilharia funda-se no principio de que os aprovisionamentos não são inesgotaveis.

A rajada arrasta consigo um consumo enórme de munições.

A nossa artilharia, tendo um pessoal bem adéstrado, póde dar 20 tiros por minuto e por peça.

Nos primeiros minutos isto será assim, mas quer-nos parecer que depois difficilmente atingirá os 15 tiros por minuto.

Em todo o caso vê-se que uma bateria no fim de dez minutos de tiro rapido terá consumido entre 600 a 800 granadas, ou seja em média 700 granadas, o que corresponde a metade do seu aprovisionamento.

Ao cabo de 20 minutos de tiro rapido a bateria ficaria esgotada.

Esta consideração bastaria para fazer calar no ânimo da infantaria a absoluta convicção da avareza com que um comandante de bateria usará na batalha da rajada.

Uma bateria de combate divide-se em duas partes, mas que devem andar sempre ligadas, a saber:

- a) Bateria de tiro.
- b) Escalão de combate.

A' bateria de tiro correspondem 5 secções e ao escalão de combate 3.

As primeiras 4 secções compõem-se de 1 peça e 1 carro cada uma, ou seja uma peça e 148 granadas, visto que cada armão transporta 38 granadas e cada carro 72.

A 5.^a secção é constituída por dois carros de munições, o que dá para a bateria de tiro 4 peças e 812 granadas.

As 3 secções do escalão de combate compõem-se de 2 carros de munições cada uma, tendo a 8.^a mais um carro de bateria.

Quer dizer, uma bateria de combate dispõe de 4 peças, 1.472 granadas e 1 carro de bateria.

Não falo aqui nos carros de granadas explosivas com que o comando poderá reforçar uma ou outra bateria.

Fixo o tipo normal.

A opinião corrente dos téqunicos é que a dotação de 1.472 granadas por bateria é suficiente.

Todavia, convém registrar que esgotados os cofres de uma bateria não é facil proceder ao seu reaprovisionamento complêto.

E isto explica que a rajada, que em determinadas circunstancias pôde ser do mais extraordinario valôr no combate, não é coisa que se esteja a ver a cada momento, porque muito caro pagaria o comandante de bateria que abusasse da rapidez de tiro das suas peças.

E' que os aprovisionamentos não são inesgotaveis, e este principio devemos ter sempre bem presente, porque uma bateria exaurida de munições ficará constituindo um sem valôr.

Para que as rajadas sejam eficazes importa que o alvo seja apropriado.

Os bombardeamentos e as rajadas ficarão completamente inúteis se á acção do fogo da artilharia não se vier juntar o fogo dos nossas espingardas.

A artilharia por si só não pôde obter efeitos uteis do seu tiro.

Afirma-o a historia de todas as guerras.

Para que esses efeitos apareçam, para que a rajada possa obter resultados sobre o inimigo, é indispensavel obriga-lo a mostrar-se, o que só a infantaria com o seu fogo e o seu avanço pôde conseguir.

Logo, a vitória depende da combinação do esforço destas duas armas na batalha e do auxilio mutuo que se devem prestar.

Para terminar este ligeiro estudo seja-nos licito deixar aqui consignado algumas notas interessantes de diversos regulamentos estrangeiros, que lançarão uma certa luz na estrada que a infantaria terá de percorrer para alcançar a vitória.

Comecemos pela Suissa.

«A artilharia inimiga procurará deter o movimento ofensivo da infantaria. A nossa artilharia opôr-se-ha a esses esforços, combatendo a artilharia adversa. Assim sustentada a infantaria transporá a zôna batida pela artilharia, ora utilizando habilmente o terreno, ora atravessando-o rapidamente.»

Os japonezes dizem:

«Uma infantaria manobrando na zôna batida pelo fogo da artilharia deve primeiro que tudo reduzir a sua frente o mais possivel, a fim de tornar difficil a pontaria das peças. Se é já impossivel subtrair-se ao logo eficaz da artilharia inimiga, a infantaria tomará uma formação tão delgada quanto possivel, com o fim de se tornar menos vulneravel.»

Os alemães aconselham a infantaria a variar a forma e a direção da marcha para a frente, e a empregar linhas de atiradores delgadas e irregulares.

A Austria, aconselhando o fraccionamento das tropas antes de se penetrar na zona dos fôgos da artilharia, diz no seu regulamento: «A escolha das formações apropriadas das unidades subalternas pertence aos seus chefes. No batalhão as companhias tomam entre si intervalos e distancias conforme o comandante entender. Os capitães decidem das formações a adotar.»

O regulamento francês é mais completo, e diz:

«A artilharia, como as outras armas, está sujeita ás influencias do campo de batalha; a sua atenção pode encontrar-se absorvida pela obrigação de responder ou de se subtrair ao fogo da artilharia adversa, e bem assim pelos incidentes de toda a naturêsa que se produzem durante a acção.

A utilização completa da potencia do seu fogo supõe a reunião de condições favoraveis que nem sempre se realisarão.

Uma infantaria ágil e manobradôra, que sabe utilizar o instante propicio, pôde marchar para a frente, mesmo em face de baterias em posição.

E' necessario que nem se deixe arrastar pelo temôr do fogo de artilharia, nem hesite em atacar as baterias em posição.

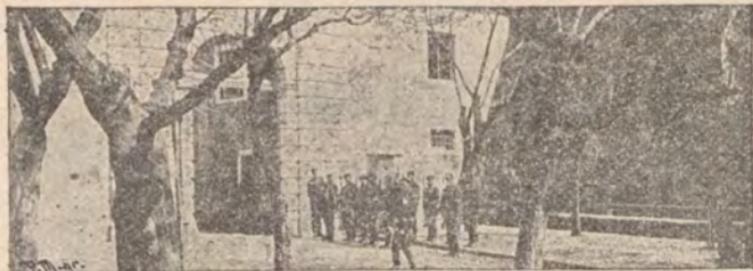
Largamente espaçada, dividida em pequenos grupos e marchando a coberto, oferece alvos pouco aproveitaveis.

Deitando-se durante as rajadas, retomando a marcha quando elas cêssem, a infantaria consegue ganhar terreno e aproximar-se da artilharia a distancias em que o seu fogo toma uma notavel efficácia, e que pôde mesmo tornar insustentavel a posição das baterias inimigas.»

E assim, resumindo, procurei condensar em poucas palavras tudo o que nos convêm saber para que a nossa arma não tema o fogo da artilharia.

Tendo a convicção da inefficácia dos fogos de artilharia contra objectivos abrigados ou deitados; reduzido ás suas légitimas proporções o efeito moral do fogo da artilharia; tendo a certeza de que as rajadas só se produzirão quando a infantaria cometer êrros nas suas formações de ataque e, finalmente, esperando que a infantaria terá o cuidado em empregar formações que por um lado não apresentem alvos favoraveis, e por outro desnorteiem a artilharia inimiga pela irregularidade da fórma de avançar, a nossa arma nada terá a temer, e continuará a ter nas suas mãos potentes o pendão da vitória como dominadôra no campo da batalha.

CORONEL SARSFIELD.



Um caso de justiça

Não é meu intento trazer para as paginas da nossa Revista discussões politicas. Longe disso. Mas não me soffre o animo calar-me ante uma *scie* que em varios jornais vem, dia a dia, dando fóros de cidade ao já chamado caso D. João d'Almeida. Ainda hoje a *Nação* traduz e transcreve um artigo da *New Frei Presse* sobre o assumpto. Ha dias li que uma comissão de officiais austriacos procurára alguém para lhe pedir cousas a favor do mesmo preso, etc.

Não conheço D. João d'Almeida, nunca o vi, e não tenho odio pessoal a ninguem. Tudo quanto sei dêsse homem é que, sendo portuguez e miguelista, foi para a Austria servir D. Miguel, e achou bem renegar a sua patria para se naturalisar austriaco; e daí concluo que elle era mais miguelista que portuguez. Depois, uma vez austriaco, volta a êste pais, a que deixou de pertencer, e foi preso com armas na mão, por occasião duma pequena invasão; é tudo. D. João foi preso, foi julgado por um codigo muito mais liberal que o da ultima monarchia, e, por certo, muito mais ainda que o do sr. D. Miguel.

Para nós, para uso interno, está o caso liquidado; mas ainda ninguem perguntou á *New Frei Presse*, nem á comissão de officiais austriacos, o que faria a grande Austria a um official estrangeiro que entrasse no seu territorio, armado, disposto a intervir na politica do Imperio?

E como ninguem perguntou, dê-me a Revista licença que eu aqui deixe a pergunta.

Lisboa, 4 de outubro de 1912.

M. ROQUETTE
Cap, d'inf.³

Leis de promoções

O nosso distincto camarada sr. capitão Victorino Godinho, apresentou ao parlamento, de que é um dos seus mais ilustres membros, no ultimo periodo legislativo, a seguinte proposta de lei:

Artigo 1.º — A promoção ao posto de major nos quadros permanentes das diversas armas e serviços é regulada pela presente lei.

Art. 2.º — As vacaturas de major que ocorrerem nos quadros permanentes das diversas armas e serviços serão preenchidas pelos capitães dessas armas e serviços que satisfaçam ás condições de promoção exigidas pelo artigo 434.º do decreto de 25 de maio de 1911, promovendo-se áquele posto três quartas partes dos capitães por antiguidade e um quarto por escolha.

§ unico. — A escolha só póde efetuar-se no terço superior da escala dos capitães.

Art. 3.º — A escolha de que trata o artigo anterior é feita pelo conselho superior de promoções, que terá sempre convenientemente organisadas as listas dos capitães das diversas armas e serviços, que, ocupando o terço superior da respetiva escala, devam ser promovidos por escolha.

§ 1.º — O conselho superior de promoções colherá todos os elementos necessarios que lhe facultem uma acertada escolha, podendo, se o julgar conveniente, ouvir a opinião dos chefes com que os capitães tenham servido.

§ 2.º — Os capitães escolhidos são colocados nas respectivas relações por ordem de antiguidade, que não póde ser alterada, para assim serem promovidos.

Art. 4.º — A escala dos majores é organisada por fórma que, três majores a quem pertenceu o posto por antiguidade, se siga o major que foi promovido por escolha.

Art. 5.º — Se a um capitão pertencer, simultaneamente, a promoção por antiguidade e por escolha, farse-ha a sua promoção por antiguidade, fazendo-se a menção da escolha, e continuará a promoção por antiguidade,

de fôrma que ao ultimo major que foi de facto promovido por escolha se sigam na escala sete majores promovidos por antiguidade.

Art. 6.^o (transitorio) — Emquanto não houver capitães que satisfaçam a todas as condições de promoção exigidas pelo artigo 434.^o do decreto de 25 de maio de 1911 serão estas substituidas pelas provas anteriormente exigidas para o posto de major.

Art. 7.^o — As três primeiras vacaturas que se derem no posto de major, em seguida á promulgação d'esta lei, serão preenchidas por antiguidade.

Art.^o 8.^o — Fica revogada a legislação em contrario.

E como esta proposta envolve um principio novo entre nós, vamos indicar qual a orientação seguida nos principaes exércitos europeus, a fim de elucidar os nossos leitores sobre este importante assunto.

Em todos os exércitos os sistemas de promoções procuram:

1.^o Conseguir a passagem o mais rapida possivel de um posto ao outro, para se conseguir que o entusiasmo pela carreira e a íntima satisfação sejam cada vez maiores;

2.^o Procurar que as escalas de generais e officiais superiores sejam constituídas por officiais novos relativamente, em pleno gôso de saude e condições de energia, mas que ao mesmo tempo se distingam pelos seus dotes intellectuais e conhecimentos militares.

3.^o Necessidade iniludivel de fazer uma constante differenciação entre os officiais merecedores do qualificativo de «bons» dos que o não são, beneficiando aqueles na sua carreira, eliminando os totalmente inaptos e creando, por fim, esse acicate, que tantos milagres produz: o estímulo.

E posto isto, vejamos qual a orientação seguida nos principaes exércitos europeus:

Allemanha. — A única regra fixa que regula a promoção é a antiguidade, acompanhada de seleção, e mais justo seria dizer da preterição e eliminação.

As promoções effectuam-se dentro de cada regimento, até ao posto de major, excéto na infantaria, que é até tenente-coronel; a passagem aos postos superiores a estes faz-se na totalidade do exército.

E' tambem regra estabelecida pelo costume e que não tem excéção alguma, que o official a quem passa para a frente um mais moderno pede acto continuo a sua passa-

gem á reserva. Estas preterições, porém, quasi nunca se chegam a dar, porque ha sempre o meticoloso cuidado de prevenir a tempo o official que vae ser preterido, que por sua vez tem tambem o meticoloso cuidado de pedir immediatamente a sua passagem á reserva, «por motivo particular». Desde 1 de janeiro a 25 de abril do corrente anno, pediram para passar a essa situação 67 generais, 25 coroneis, 15 tenentes-coroneis e 59 majores.

Estas indicações das estações superiores são baseadas nas informações que os chefes militares dão dos seus subordinados, e especialmente as indicações dos inspectores, que procedem a verdadeiros exames práticos nas suas inspecções.

Os officiaes que desempenham os cargos seguintes obtem positivas vantagens para as suas promoções :

Ajudante do imperador, que é o cargo mais difficil de obtêr;

Ajudantes de generais, escolhidos entre os relacionados pelo ministro da guerra;

E, finalmente, os que pertencem ao estado-maior.

Estes são, porém, em numero' bastante limitado e pode-se asseverar que são officiaes de verdadeiro merito.

França. — As promoções fazem-se por antiguidade e escolha. A proporcionalidade de umas e outras varia conforme os postos:

De alferes a tenente ascende se sempre por antiguidade aos dois anos.

De tenente a capitão dão-se dois terços á antiguidade e um á escolha.

De capitão a major, metade á antiguidade e metade á escolha.

Nos postos superiores a major as promoções são feitas exclusivamente por escolha.

Para todas as promoções ha um limite minimo de antiguidade, sem o qual não se póde ser promovido. Alem disso é exigido o serviço durante dois anos, pelo menos, com tropas.

Para se ser promovido por escolha é necessario ser primeiramente incluído no quadro de promoções (tableau d'avancement).

Este quadro é formado da seguinte fórma:

1.º O coronel faz uma proposta que envia ao general commandante da brigada antes de 20 de outubro de cada anno, em que figuram todos os officiaes que reputa aptos

e nas condições de ascenderem ao posto immediato. Estas condições são: a) que as propostas estejam dentro dos limites de antiguidade marcada; b) que se encontrem na primeira metade da escala respectiva; c) que não tenham alguma nota desfavoravel. O coronel classifica a todos os aptos para promoção, tendo em conta não só a sua apreciação pessoal, mas tambem as informações dos capitães, majores e tenente-coronel. Depois de indicar o total de officiaes de cada posto que reünam as condições de promoção, faz a classificação de todos cuja apreciação se indica por meio de uma fracção que tem por numerador o logar de preferencia que indica ao classifica-los e por denominador o numero total de officiaes. Assim, por exemplo, se ha 15 tenentes aptos e entendeu que 11 destes não devem ser escolhidos, classifica os quatro restantes designando ao que reúne melhores condições a fracção de $\frac{1}{15}$, ao segundo a fracção de $\frac{2}{15}$, etc. Os que não são propostos, os que ficam *ajournés*, indicam-se com a fracção $\frac{A}{15}$, etc.

2.º Esta lista assim formulada é enviada ao comandante da brigada. Este general, com a lista dos seus dois regimentos, faz uma nova classificação, segundo o seu critério, entre os officiaes do mesmo posto da sua brigada e, está claro, tendo em conta a classificação dos coronejs, mas com liberdade absoluta para as modificar. Na classificação que organisa inclue os coronejs da sua brigada.

3.º Se existe general de divisão, este recebe as listas dos comandantes das brigadas, como succede nas divisões de cavalaria; mas nos outros casos essas listas são mandadas aos comandantes dos corpos d'exercito, que fazem nova selecção, por armas, de todos os officiaes da sua unidade, remetendo a depois ao ministro da guerra.

4.º Recebidas por este, são separadas por armas e remetidas ás respectivas direcções gerais, para serem entregues ao *Comité de classement*, nomeado pelos ministros devendo entrar na sua composição um general por cada arma e tendo um official superior como secretario. Este comité faz uma nova classificação por armas e postos, que depois é remetida ao ministro.

5.º O ministro aceita ou modifica esta classificação final, tendo ainda a faculdade de incluir no quadro dos escolhidos qualquer official que ali não esteja indicado, desde

que o julgue com meritos suficientes «por serviços especiais assinalados».

Uma vez constituido o quadro da escolha com aprovação do ministro, fórma-se o *tableau d'avancement*, onde se incluem todos os officiaes que podem ser escolhidos, distinguindo-se os que figuram nesse quadro pela primeira vez com a indicação simples dos seus nomes e os restantes com a indicação do numero de véses que já foram incluídos.

Para se ser promovido é preciso figurar, pelo menos uma vez, e cumprida esta condição, o ministro póde promovê-los ao posto immediato sem ter em conta a ordem em que figurem no dito quadro.

Austria-Hungria. — As promoções neste pais fazem-se semestralmenie e nelas se observam dois turnos: um de antiguidade e outro por escolha. Os que pertencem ao estado-maior só são promovidos por antiguidade, porque existe o critério de que não deve haver escolha entre os que tenham dado provas de valor positivo como consequencia dos exames a que são submetidos.

Para se ser promovido é necessario ser reconhecido apto para exercer o novo posto, o que é feito em virtude das informações dadas pelos seus superiores e em consequencia dos resultados alcançados nos severos exames a que é necessario satisfazer para a promoção a major.

As promoções por antiguidade fazem-se mediante uma certa eliminação. Para esse fim ha nomeadas permanentemente commissões de classificação, cuja missão é anotar todos os officiaes em algumas das seguintes categorias:

Os que permanentemente devem permanecer no seu posto (eliminados).

Os que podem ser promovidos quando lhes pertença por antiguidade.

Os que merecem ser promovidos por escolha.

Para ser promovido por escolha é preciso estar no primeiro quarto da escala e sempre prévio exame teorico-pratico, a não ser que se tenha obtido aprovação em alguns cursos dos diferentes estabelecimentos de instrucção militar.

Para o turno da escolha reserva-se unicamente o quinto das vagas.

Para a promoção a major deve concorrer ás reuniões que teem logar em Vienna um certo numero de capitães

dos mais antigos, os quais são submettidos a um exame teorico-pratico muito rigoroso.

Isto constitue uma rigorosa selecção, pois que são eliminados todos aquelles que, embora tenham sido aprovados, não reunam todas as mais condições que requer a categoria de major. Estes capitães eliminados são empregados em serviços especiais, com o posto de major.

Major até coronel ascende-se unicamente por antiguidade, com rigorosa eliminação.

As promoções a coronel e a general fa-las o imperador, mediante prévia classificação e depois de serem submettidos a certas provas. A preterição nestes postos obriga a pedir a reforma aos preteridos, que se efectúa no posto immediato, a titulo honorifico.

Russia.—O exército segue um sistema parecido com o francês, reservando-se, porém, uma proporção muito grande de vagas para promoção por escolha nos postos inferiores e dando-se a totalidade das vagas nos postos superiores.

Não ha regra alguma para se fazer a escolha, que apenas é fundamentada nas propostas que fazem os chefes mais autorisados, sendo o Czar e o ministro da guerra os unicos que resolvem o assunto.

Inglaterra.—Neste pais as promoções effectuam-se sempre mediante proposta do comandante em chefe e com aprovação do ministro da guerra.

Os tenentes, capitães e majores são submettidos a exame e devem ser julgados aptos.

Os capitães, além da aprovação no citado exame, devem ter seis anos de antiguidade no posto, excéto os do estado-maior, que apenas precisam de dois anos nesse posto. Aos majores exige-se a prática do comando dum batalhão, regimento de cavalaria ou bateria.

Em casos verdadeiramente excépcionais póde conceder-se o posto immediato sem exame, por proposta do ministro da guerra.

A coronel ascende-se sem exame, desde que se tenha três anos de posto com serviço efectivo.

Na promoção a general de brigada dão-se dois terços á promoção por escolha e um á antiguidade; á de general de divisão e á de tenente general ascende-se por méra antiguidade e a capitão-general por escolha do soberano.

Italia.—O exército italiano está prestes a possuir uma

nova lei de promoções que, embora não possa ser considerada uma novidade, não deixa, contudo, de representar uma feição déveras acentuada e característica dos novos processos de selecção e promoção. Vamos, pois, dar os topicos principais desse novo projecto de lei.

Os alferes das quatro armas não pódem ser promovidos a tenentes se não satisfizerem ao exame a que são submetidos no fim dos cursos das escolas de applicação.

As vagas do posto de capitão pódem ser preenchidas por escolha até um quarto, com exceção dos medicos e veterinarios, que é até um terço.

Para ser promovido por escolha, os tenentes das quatro armas devem satisfazer a um exame especial e identico ao exame da escola de guerra, não sendo, porém, obrigados a seguir o curso desta escola para gosarem daquela garantia.

Para serem promovidos ao posto de capitão, os tenentes das quatro armas que satisfaçam a essas condições, devem encontrar-se na primeira duzia da lista de antiguidade. Os restantes devem encontrar-se no terço superior.

Para se poder ser admitido a concorrer aos exames de escolha, devem os tenentes encontrar-se na primeira metade da lista de antiguidade do seu posto, devendo além disso obter licença para isso, que é dada pela comissão de promoções. Cada tenente não póde concorrer mais de duas vezes a estes exames.

As promoções ao posto de major em todas as armas e serviços pódem ser feitas por escolha até um sexto.

Para se ser promovido por escolha, devem os capitães tomar parte num concurso cujo programa será determinado por decreto. Este programa compreênderá uma parte comum a todas as armas e uma parte especial a cada arma. Os capitães não poderão tomar parte nestes concursos mais do que duas vezes.

Devem ter, pelo menos, 7 anos de posto. Os que obtiverem classificação dentro do sexto, serão promovidos durante o ano e conforme as suas antiguidades.

Os majores são todos promovidos por antiguidade, com exceção dos que estejam no estado maior.

Em todas as armas e em todos os serviços as promoções ao posto de coronel são feitas exclusivamente por escolha. Os candidatos devem ter obtido aprovação em

exames de aptidão e de cultura profissional e mediante condições que serão reguladas por decreto.

As promoções aos diferentes postos de general são também unicamente feitas por escolha, devendo apenas ser promovidos aqueles que pelo seu caracter, a sua intelligencia, as suas qualidades militares e os seus conhecimentos dêem garantias de que desempenharão com distincção os cargos que lhes fôrem confiados.

Os coroneis de infantaria, cavalaria e artilharia não serão promovidos a generais se não tiverem comandado regimento durante dois anos.

Além disso ha ainda as promoções por distincção em tempo de guerra ou por serviços relevantes prestados ao estado.

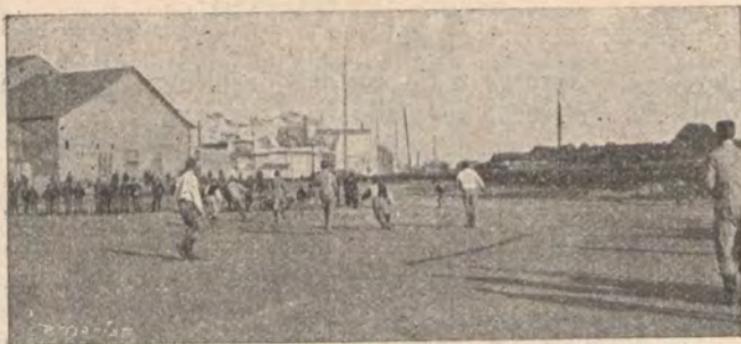
A aptidão para promoção, seja por escolha, seja por antiguidade, é constatada pela comissão de promoções do primeiro grau, cujas decisões são submetidas á comissão superior.

Esta comissão superior de promoções aos postos de major-general e tenente-general tem a designação de comissão central de promoções.

Compreênde o chefe do estado maior general e os generais designados para os comandos dos corpos de exército. Fazem igualmente parte desta comissão o comandante do corpo de exército do official interessado e, eventualmente, os generais inspectores das diferentes armas ou serviços para os officiais que se encontrem sob as suas ordens.

Os officiais examinados não pódem ser declarados aptos para promoção, se não obtiverem, pelo menos, os dois terços de votos da comissão. Quando houver desacôrdo entre a comissão do primeiro grau e a comissão superior, é o ministro da guerra que decide em ultima instancia.

A designação para a função de comandante de corpo de exército é feita pelo ministro sob proposta da comissão central.



BIBLIOGRAFIA

Tática, por *Balck*, major do estado maior alemão e professor da Academia de Guerra.

E' do tomo terceiro do livro dêste notavel escritor militar, bem conhecido em todos os meios militares, que hoje estamos trando.

O exemplar que temos sobre a nossa mēsa de trabalho é uma tradução em espanhol, mandada fazer pelo estado maior do exército do Chile, que desta fôrma quiz, num desejo imensamente louvavel, fornecer aos officiaes do seu país um meio facil de se podērem pôr ao corrente dêste importante ramo de conhecimentos militares, como é a tática.

E para isso escolheu um dos mestres do grande exército alemão, *Balck*, que, em um grosso volume de 400 paginas, versa o assunto com a proficiencia que lhe é peculiar e bem conhecida.

Este tereceiro tomo começa por estudar a influencia dos terrenos e das estações na conducta da guerra, que é um assunto que, além de ser longa e desenvolvidamente tratado, tem ainda o merecimento de ser materia que ainda não está sufficientemente generalisada. Muito poucos militares haverá que ao lerem a primeira parte dêste livro não encontrem alguma cousa para apender.

A seguir versa o autôr a organização das grandes unidades, como divisões, corpos do exército e exércitos.

E depois de ilucidar o leitor sobre a influencia do terreno e a constituição das unidades para a tratar com o maximo desenvolvimento da parte da tática applicada que se refere a *ordens e participações, marchas e serviços de segurança*, acabando por fornecer alguns exemplos de marchas colhidos na história militar contemporanea.

E' o livro dum mestre, é um livro de estudo, que grandes serviços deve prestar aos nossos confrades do exército chileno.

Ao nosso illustre coléga *Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Chile*, penhorados agradecemos a valiosa oferta com que nos honraram.

Secção do estrangeiro

Alemanha = Formação ternaria. — No n.º 65, de 25 de maio ultimo, o *Militar Wochenblatt*, sob as iniciais V. M., desenvolveu as seguintes considerações :

Nêstes ultimos tempos, em virtude dos projectos da reorganisação do exército, tem-se emitido muitas vezes a ideia de formar os batalhões de infantaria a três companhias, em lugar de quatro, para intraduzir no batalhão a formação ternaria, reconhecida, em geral, como mais vantajosa.

O autor do artigo vê nesta tendencia um erro bastante grande, que procura combater pelos perigos que pôde originar.

Na realidade, a formação binaria, tal como existe na brigada de infantaria composta de dois regimentos, presta-se ao fraccionamento da forma menos pratica. O comandante da brigada não pôde constituir uma reserva para obter a profundidade desejada a não ser que redusa mais ou menos o efectivo dos regimentos. Este inconveniente pôde remediar-se com a formação ternaria. O comandante dum regimento de infantaria alemã pôde dispôr de dois batalhões um ao lado do outro e conservar o terceiro de reserva.

A formação quaternaria do batalhão de quatro companhias pode constituir sem alterar a composição das suas companhias, uma forte reserva com a quarta parte do seu efectivo. O batalhão alemão está perfeitamente organizado e a sua organisação em três companhias seria uma falta e um passo dado para traz.

Dêsde a adoção das metralhadoras e a dotação duma companhia destas por cada regimento de infantaria, teem estes na realidade a formação quaternaria e, portanto, um fraccionamento que nada deixa a desejar.

O mesmo auctor faz notar que no exército alemão os regimentos de artilharia de campanha, as brigadas de todas as armas, a divisão de infantaria e o corpo de exército teem um fraccionamento defeituoso porque todas estas unidades teem a formação binaria.

A transformação desta organisação originaria grandes despesas pelo que não se pôde pensar nisso em tempo de paz. Em tempo de guerra, porém, necessario é fazê-la, pelo menos na infantaria, pois que a formação ternaria seria facil de obter desde que se ajuntasse uma brigada de infantaria de reserva ao corpo de exército, como já se fez em França.

Esta brigada de reserva do corpo do exército deve estar constituida de maneira a corresponder ao seu fim. Os seus elementos devem possuir aptidões para a marcha e para o combate, devendo formar-se com os reservistas mais novos.

O autor faz notar que o aumento de uma brigada de reserva a cada corpo de exército apresenta ainda outras vantagens.

No interior do corpo de exército realisar-se-ia uma preparação de forças de infantaria mais justa com relação ás de artilharia.

Com as preparações atuais de 24 batalhões e 24 baterias de 6 peças, é de temer que depois dos primeiros grandes desenvol-

vimentos e combates decisivos, a infantaria, reduzida pelas baixas rápidas nas marchas e no fogo das trez quartas partes ou dois terços de seu efectivo, não possa ocupar nos combates sucessivos a frente necessaria para o desenvolvimento das 144 peças na offensiva e na defensiva, de sorte que frações consideraveis de artilharia de campanha não poderão tomar parte na luta ou não estarão suficientemente sustentadas.

Russia. — **Metralhadoras.** — O exército russo está largamente dotado de metralhadoras. Cada regimento de infantaria (a 4 batalhões) e cada regimento de caçadores (a 2 ou 3 batalhões) possui um destacamento de duas secções de 2 peças, commandado por um capitão ou tenente antigo, nomeado pelo commandante do regimento. O seu pessoal recebe a instrução de infantaria antes de ser afécto a estes destacamentos.

Cada regimento de cavalaria (a 6 esquadões) possui um destacamento de 3 secções de 2 peças cada. Os regimentos cosacos, que ainda as não possuem, serão tambem em breve dotados com este material.

Tanto na infantaria como na cavalaria as metralhadoras são transportadas a dorso, assim como a primeira dotação de cartuchos, sendo o resto transportado a dorso.

Suissa. — **Um novo regulamento da landsturm.** — A *landsturm* é destinada á vigilancia das fronteiras e communicações, ao serviço d'etapes e ao serviço territorial. Pode igualmente ser utilizada como tropa de campanha em missões secundarias para substituir a *landwehr*.

A *landsturm* é constituida pelos antigos militares instruidos e que tenham 41 a 48 annos e homens instruidos das classes mais novas que não sejam completamente aptos para o serviço normal.

Os mancebos podem-se instruir voluntariamente, desde que tenham uma certa instrução de tiro, devendo as autoridades cantonaes decidir destas admissões voluntarias depois da informação dos chefes da unidade de que desejem fazer parte.

Os quadros são escolhidos entre os officiaes e graduados da *élite* ou da *landwehr*, até aos 25 annos depois da sua entrada no serviço, podendo ser conservados por mais tempo a seu pedido.

Os homens com menos de 48 annos e que não sejam aptos para o serviço da *landsturm* são collocados nos serviços auxiliares. As unidades da *landsturm* são formadas por circunscrições correspondentes ás da *élite* e da *landwehr*. O quadros provêm da mesma circunscrição.





15.º ANO

DEZEMBRO DE 1912

N.º 12

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

Descrição do combate de Chaves

(CONCLUSÃO)

E' ferido no acésso da luta o alféres Carvalho comandante do 1.º pelotão, e, instantes depois, o capitão Barreira, retirando ambos para o hospital.

São proximamente 10 horas da manhã. Estão 3 oficiais feridos, e o alferes Adão veio buscar munições á vila por já escasseárem. O fôgo da artilharia inimiga torna-se cada vez mais intenso, os soldados estão extenuados, famintos e sequiosos.

Presentemente quasi não ha oficiais para lhes incurtir ânimo. Nós não temos artilharia para responder á inimiga.

Todas estas circunstancias, acrescidas com o pequeno efétivo de que dispômos e ainda o movimento envolvente do nosso flanco direito que se pronuncia da povoação de St.^a Cruz, por parte do inimigo, produzem uma tal desmoralisação nas nossas forças, que é ordenada a retirada por lanços do espaldão da carreira até á orla da vila.

O alferes de cavalaria miliciano Henrique Luis Carmona, que acompanha sempre o alferes Adão, tomou

conta de um grupo de 15 homens (cavalaria, infantes e civis) e vem para a Quinta do Pigelas.

O pelotão do Telhado, ficou também desmoralizado, depois de ferido o seu comandante e morto o 1.º cabo Sousa Dias, e agora ainda mais, pois está sendo alvo dum intensissimo fôgo do flanco esquerdo do inimigo.

O tenente Pires de Moraes, da guarda fiscal, vai ao Telhado e procura dar-lhe impulsão, mas debaixo de fôgo não o consegue e vendo-se obrigado a retirar, leva-o para o Cemitério Novo, onde foi reforçado com 24 praças da mesma guarda. No nosso flanco direito as forças que ocupam o pinhal de St.^a Cruz, fizeram também intenso fôgo sobre os rebeldes, quando a artilharia dêstes fez fôgo sobre o espaldão da Carreira. Até aí, ocultas e despercebidas do inimigo, chamam com este fôgo a atenção das forças rebeldes, que agora as visam também com a sua artilharia, o que obriga estas forças a retirar um pouco tumultuosamente, reunindo-se novamente na plataforma de 500^m da carreira.

Os rebeldes retomam o espaldão da carreira e avançam na direcção do Forte de S. Neutel.

O tenente Soares (1.º pelotão) retira em direcção á vila, juntando-se-lhe no caminho uma fracção que vigiava o caminho que da Estrada de Outeiro Sêco se dirige a St.^a Cruz pelo Norte, indo ocupar os muros da Quinta do Toribio e depois a Quinta do Miranda, local de onde podia bater a carreira de tiro velha, Forte de S. Neutel e Estrada Chaves-Outeiro Sêco, e destaca uma secção para a Quinta do Mesquita para bater o caminho Carreira de tiro—Quinta do Pigelas.

Os rebeldes deslocam uma das suas peças para a frente Sul do espaldão, ao passo que a linha dos seus atiradores avança pela Carreira de Tiro Velha, em direcção ao Forte de S. Neutel.

A esta hora, e pela entrada em ação do grôso dos rebeldes, as nossas fôrças recuam, indo ocupar na direita a Quinta do Miranda e estendendo-se daí pela Quinta do Mesquita—Cemitério Novo. Os rebeldes avançam com a outra peça para junto da primeira e na mesma linha, lançando algumas granadas sôbre a vila. Os seus atiradores avançam até ao longo dos muros que contornam por Norte as Quintas do Faria e do Pigelas.

*
* *

Entretanto já deveriam ter chegado ao seu destino as ordens dadas ás 9 horas, para que avançassem as forças de Sapiãos, Montalegre e Vila-Verde (Atalaia 2.^a).

A's primeiras foi dada ordem verbal ás 10 horas, pelo chefe do Estado Maior Alfredo May para que avançassem imediatamente sobre Chaves, para o que, êste official se serviu dum automóvel. A's de Montalegre foi dada ordem pelo telégrafo, pondo-se estas só em marcha ás 15 horas, de modo que não chegaram a tempo de entrar em combate.

A's forças da Atalaia chegou a ordem ás 12 horas, levada por uma ordenança, para que avançassem sobre Outeiro Sêco afim de cortar a retirada ao inimigo.

Como se sabia que ao Vidago deveria chegar ás 10 horas uma companhia de infantaria 6, na força de 100 praças, foi-lhe dada ordem telegráfica, para seguir em marchas forçadas, sobre Chaves,

*
* *

Em vista da ordem que recebeu, a coluna que se encontrava na Atalaia, atravessa o rio Tâmega a vau e a Sudoeste de Vila-Verde, em direcção ao pinhal que fica a 900^m a Sudoeste da mesma povoação, dali dirigiu-se ao Alto de Cota 382, oitocentos e cincoenta metros a Sudoeste daquele pinhal. (1)

O alferes Avelar, comandante da cavalaria desta coluna, percorre as povoações de Vilela-Sêca e Tôrre (croquis n.º 1), avança até á Serrinha 2.^a, e vem reunir-se á coluna, em Outeiro-Sêco.

Os rebeldes que estavam em St.^a Marta (coluna de Sousa Dias) seguem a nossa coluna, travando se uma escaramuça, durante uns 45 minutos, entre êles e a nossa guarda da retaguarda, a principio composta de

(1) O itinerário percorrido por esta coluna acha-se indicado no croquis n.º 2.

10 praças sob o comando dum sargento e depois reforçada com 8 soldados e 1 cabo.

A coluna prosegue na sua marcha, atravessando o caminho Outeiro-Sêco—Vilela-Sêca e, quando ás 13 horas chega a uns 1:000 metros a Noroeste de Outeiro-Sêco, devido a um equívoco, em que o comandante da coluna supõe que a ordem recebida, o obriga á passagem forçada por Outeiro-Sêco, muda a direcção da marcha, para a estrada que conduz de Chaves áquella povoação. Como no flanco direito desta coluna, a uns 200^m, existisse um pinhal, foi mandado explorar por uma pequena força de 10 praças, sob o comando dum 2.^o sargento.

Este pinhal estava occupado por rebeldes, que effectuaram um intenso fogo sobre a força de exploração, desenvolvendo-se então a nossa coluna em atiradores ao longo dum muro, conseguindo, ao fim duma meia hora, calar o fogo dos rebeldes, que retiraram em direcção que não pôde ser observada pelo comandante da coluna.

Este, continuando a supôr que deveria passar por Outeiro-Sêco, retira, aproximando-se da estrada de Chaves—Outeiro Sêco; tendo informações de que nesta povoação não havia rebeldes e que a estrada estava vigiada por patrulhas duma força de comando de infantaria 19 e destacada do 1.^o pelotão (tenente Soares), e, como ouvisse nutrido tiroteio para os lados da Carreira de Tiro, foi tomar posição num alto, a 500^m, a Oeste do ponto trigonométrico Sant'Ana, vendo então que o flanco direito das nossas forças, postadas em frente de Chaves, marchava pela esplanada Norte do Forte de S. Neutel, em direcção á Carreira de Tiro.

Os rebeldes de Vila-Verde vieram em perseguição desta coluna e vão occupar o ponto trigonométrico Sant'Ana, tendo daí feito fogo sobre a coluna e cavalaria do alferes Avelar, que é ferido quando retira pela estrada Outeiro-Sêco—Chaves. A nossa coluna, não podendo manter-se na posição que occupa e temendo um envolvimento, segue para Sudoeste a occupar uma trincheira na estrada Chaves—Outeiro-Sêco, donde podia bater o ponto trigonométrico Sant'Ana, posição que lhe garante abrigo do Forte de S. Neutel, donde lhe haviam dirigido alguns tiros as nossas forças, quando a coluna em marcha, por as haverem confundido com os rebeldes,

A coluna quando chegou á trincheira ia um tanto desorganizada, já por ter de efectuar um percurso, em linha de atiradores, numa distancia de 600^m, perfeitamente a descoberto, já porque a quédia do alferes Avelar do cavalo a baixo, produzida pelo ferimento que êste official havia recebido, impressionára profundamente os soldados. Parte das fôrças desta coluna fica na trincheira e outra parte atravessa o Tâmega a vau, afim de ocupar um banco de areia na margem esquerda e ser, assim, batido com fogos cruzados o ponto trigonométrico Sant'Ana.

O inimigo, em virtude da efficácia do fôgo effectuado, retira da posição Sant'Ana.

III

Avanço das nossas fôrças e perseguição do inimigo

As nossas fôrças sustentam o fogo das posições que ocupavam por último, impedindo que os rebeldes avancem mais, e saem da quartel de Infantaria n.º 19 os officiaes que devem substituir os outros feridos, e são os seguintes: tenentes José Pereira, Artur Carvalho, Antonio Gomes e aspirante-a-official Eusébio da Silva, os quais são coadjuvados pelo tenente da guarda fiscal Pires de Moraes ⁽¹⁾, alferes Adão e alferes de cavalaria miliciano Carmona. Estes officiaes distribuem-se pela linha de fogo e incutem ânimo nos soldados, ao mesmo tempo que o capitão de cavalaria e do serviço do Estado Maior, Maia Magalhães, com 2 dêstes officiaes e uma fôrça de 30 praças que fôra buscar ao quartel de Infantaria 19, effectua um movimento de flanco, afim de vêr se consegue fazer recuar a linha inimiga e calar o fogo da artilharia inimiga. Para isso, entra com a fôrça pelo portão da Quinta do Inocência, atravessa a ribeira de Rivelos, vai ao pinhal do Fistor e, sempre desenfado ao longo dum muro, vai tomar posição nuns muros a Oeste da povoação do Telhado, donde pode bater de flanco a artilharia rebelde.

(1) Que havia retirado da coluna da Atalaia para Chaves.

Inicia o fogo com a alça de 800^m. Os rebeldes julgam-se envolvidos por fôrças que haviam chegado de Montalegre, mas ainda respondem ao fogo desta fôrça, dum muro a 200^m a Oeste do espaldão da Carreira de Tiro; porém a intensidade do nosso fogo e eficácia dêle, agora feito por todos os soldados com o ânimo levantado, por saberem que a nossa artilharia já vem muito perto de Chaves e se encontra na estrada de Montalegre, obriga a linha inimiga a pronunciar um ligeiro movimento de recuo, no seu flanco direito.

O alferes Adão, com alguns soldados, lança-se então ao assalto do espaldão, indo primeiro tomar posição na Quinta do Vinhais. O tenente Pereira fica a guardar o nosso flanco esquerdo, conservando-se na posição donde iniciára o fogo, debaixo da direcção de Maia Magalhães, posição de que convinha estar sempre de posse, não só por dominar Chaves, como para proteger a entrada da nossa artilharia em posição. O alferes Adão, acompanhado pelo alferes Carmona, lançou-se com tal impetuosidade ao assalto que ainda conseguiu aprisionar alguns rebeldes que não tiveram tempo de fugir.

Ao assalto do espaldão, lançou-se também um grupo de soldados de Infantaria 19 que estavam no flanco direito da nossa linha e alguns civis, todos sob o comando do 1.º sargento Porfirio da Silva, que consegue apoderar-se, num pinhal a 200^m a Nordeste do espaldão, duma peça de artilharia inimiga.

Seriam 12 horas quando foi iniciado o assalto, o qual foi secundado por toda a nossa linha. O inimigo começa a fugir, as nossas fôrças iniciam a perseguição.

A's 12 horas e 45 minutos ouve-se o primeiro tiro da nossa artilharia, que toma posição no Alto da Forca e, como neste momento é difficil distinguir tropas amigas das inimigas, pela proximidade em que estão umas das outras, o primeiro tiro de artilharia foi feito a 3:500 metros, na direcção dos pinhais a Norte do espaldão.

Com o troar da artilharia, o inimigo acelera a sua fuga; mas, como ainda se divisem rebeldes num pinhal mais próximo, a Norte do espaldão da Carreira de Tiro, a artilharia dirige para lá um segundo tiro por cima das nossas fôrças.

O aspirante Eusébio Silva, que já tinha descido á

Quinta do Pigélas, avança com um pelotão a ocupar a plataforma de 700 metros, donde manda fazer fogo para os pinhais de St.^a Cruz, no qual ainda ha uns grupos de rebeldes a protegerem a fuga dos seus, mas, como não tivesse resposta, desce ao fundo da Carreira para vigiar a estrada de Outeiro-Sêco.

O Tenente Gomes reúne uns 45 homens junto ás casas da Carreira e, juntamente com o Alferes Adão, sargento-ajudante Afonso e 1.^o sargento Porfirio da Silva e alguns civis, iniciam o ataque a um pinhal, 300 metros a Norte do espaldão, onde se concentram alguns rebeldes, e conseguem desalojá-los. São 15 horas e 30 minutos.

A esta hora já a bateria de artilharia tem recebido ordem para ir tomar posição no morro a Leste do espaldão, afim de cooperar na perseguição, conjuntamente com o esquadrão do comando do capitão de cavalaria 6 (1) Modesto Barreto e com as fôrças e civis que occupam os altos do citado espaldão. Este esquadrão serviu de apoio á artilharia na mudança de posição que esta fez para as proximidades do espaldão. Chegada á nova posição, a bateria executou alguns tiros sôbre Outeiro-Sêco, direcção em que retirava o grosso dos rebeldes, indo o esquadrão na direcção de St.^a Cruz, onde apeia e faz fogo sôbre um grupo de rebeldes que ainda se encontram nos pinhais ao Norte desta povoação. Os rebeldes respondem fracamente a êste fogo e vão retirando. O esquadrão continua a perseguição, para o que, monta novamente, indo apear em Nouzelas (389), onde faz outra vez fogo sôbre os rebeldes, que se encontram em Outeiro-de-Nouzelas, ao qual apenas responde um pequeno grupo.

Continua a sua marcha até Outeiro Sêco, onde entra e manda umas patrulhas para Maia pela estrada Chaves—Vilarinho-da-Raia e outras a vigiarem a zona compreendida entre esta estrada e o Tâmega (croquis n.^o 2). Estas últimas surpreendem um grupo de rebeldes a atravessarem o rio em direcção á margem es-

(1) Este esquadrão é composto por parte dos cavalos que haviam recolhido de Sapiãos, no esquadrão do Capitão Serra, e por outros que saíram nesta ocasião do quartel de Cavalaria 6 montados por praças que tinham já combatido a pé.

querda; tomam-lhe um cavalo aparelhado, alguma correspondencia e dois jumentos carregados com munições de espingarda Mauser espanhola.

Os rebeldes continuam a retirada em dois grupos — um que se dirige para Soutelinho e outro que se interna, pelo caminho mais curto, em Espanha.

Emquanto o esquadrão andou efectuando a perseguição, ficou como apoio da artilharia uma fôrça de 16 praças de infantaria 19 do comando do Tenente Pereira, a qual pouco depois é substituída por outra de infantaria 6 (1), no efectivo de 40 praças e sob o comando do Aspirante Vasques de Carvalho.

Completada a perseguição, todas as fôrças recolhem aos seus quartéis de Chaves próximamente ás 21 horas, tendo-se montado o serviço de postos avançados, na linha cruzamento das estradas Chaves-Faiões, espaldão da Carreira de Tiro; Abobeleira e Vale-d'Anta, vigiando-se as direcções Faiões, Vila-Verde, Outeiro-Sêco, Bustelo-Sanjurje e Soutelo.

*

* *

Agora, entendo que duma acção desta natureza, embora executada fora das normas regulares, se deve tirar algum ensinamento, que julgo exposto nas seguintes conclusões:

I — E' de capital importancia a instrução de tiro, causa principal da nossa vitória. Ao passo que os rebeldes faziam quási sempre um tiro longo, as nossas fôrças, devido a um cuidado extremo, neste ramo de instrução, tinham pontarias certas e feitas com serenidade (2).

II — E' de toda a necessidade cuidar com atenção sobre os meios de transmissão de ordens. As motocicletas, bicicletas e automóveis poderão prestar magníficos serviços, quando os haja e o necessário pessoal para

(1) Infantaria 6 chegou a Chaves ás 14 horas e 45 minutos.

(2) O tiro longo que se notava da parte dos rebeldes poderia ser devido á má regulação das alças; mas as nossas fôrças estavam em igualdade de circunstâncias, em virtude da sua dispersão impedir que elles estivessem debaixo da acção dos graduados.

poderem utilizar-se êstes meios de locomoção. Os regimentos devem também ser dotados com os aparelhos ópticos para as respectivas comunicações e nêles deve haver o pessoal suficiente e adextrado nêste serviço.

III — E' indispensavel que nos Hospitais de Campanha haja uma instalação para exame dos feridos pelos raios X, porque, doutra forma, perder-se-á inutilmente muito tempo, em descobrir a localização dos projecteis e, até por vezes, praticar-se-ão grosseiros enganos.

IV — E' de necessidade um grande numero de officiais montados, para a transmissão de ordens e, até, para orientar nalgumas ocasiões o comando sôbre o movimento de tropas, porque torna-se muitas vezes impossivel o distinguir tropas amigas das inimigas, sôbre tudo nas últimas fases do combate (1).

V — O fogo por descargas, embora contribua muito para a disciplina do fogo, em geral é difficil poder executar-se, devido á pouca visibilidade da linha inimiga. Durante êste combate o fogo foi sempre feito á vontade pelo soldado, com excepção do executado na perseguição.

VI — E' de absoluta conveniencia o ter á mão cavalaria fresca para efectuar a perseguição. Devido a toda a nossa cavalaria estar extenuada, não foram feitos mais prisioneiros.

A cavalaria que tínhamos em Chaves era pouca e essa mesmo estava cansada com o serviço violento que tinha tido nos dias anteriores.

VI — A 6.^a Divisão do Exército deverá ter meios especiais de acção, devido á natureza do terreno em que terá de operar em caso de necessidade. Assim, a artilharia deve ser de montanha, as metralhadoras transportadas a dorso, bem como as munições, ferramentas, etc.

VIII — Torna-se imprescindivel o tratar da eterna questão do calçado.

Em virtude das marchas effectuadas no dia de com-

(1) No combate de Chaves, embora a maioria dos rebeldes trajasse de escuro, ouve sempre difficuldade em os distinguir, notando-se que não se pode attribuir esta difficuldade ao estarem excessivamente abrigados, porquanto o numero de feridos e mortos foi considerável (1 ferido por cada 5 combatentes).

bate e nos anteriores, seis dias depois da acção de Chaves ainda se viam nas ruas da vila praças usando alpercatas, por causa de escoriações produzidas pelo calçado.

IX — As rações de reserva regulamentares não agradam ao soldado e, sobretudo, a sopa condensada. A unica conserva que o soldado transmontano suporta é a sardinha em lata. Demais, o modo de confeccionar o café, a sopa, chocolate, etc., não é pratico e, sobretudo, com a falta de instrução que o soldado tem sobre este assunto.

*
* *
*

Ainda por último, noto 7 grosseiros erros da parte dos rebeldes:

1.º A falta de homogeneidade das suas fôrças, proveniente de o comandante da columna (Paiva Couceiro), obrigar os individuos das povoações por onde passava a pegar em armas para combaterem.

Claro é, estes individuos foram os primeiros a fugir, logo no início do combate; mas, ainda que assim não procedessem, era inútil a sua presença na linha de fogo visto ignorarem o manejo das armas que lhes foram fornecidas. A fuga destes individuos diminuiu evidentemente a coragem dos mais arrojados e arrastou tambem á fuga muitos combatentes rebeldes.

2.º Sabendo o comandante das fôrças rebeldes que a guarnição de Chaves, durante o combate, deveria receber reforços pela estrada de Montalegre, não procura por qualquer forma impedir a chegada desses reforços ou retardá-la tomando uma posição a-cavaleiro da estrada, que poderia ser a posição inicial da nossa artilharia.

3.º A guarda-avançada (fôrças que apareceram primeiro no espaldão da Carreira), em vez de se desenvolver por toda a frente do combate, concentra-se num único ponto, donde resulta ser prontamente destruída pela convergência dos fogos de toda a nossa linha.

4.º Havendo posições que dominam Chaves (Oeste da povoação do Telhado) e por onde poderiam fazer um ataque decisivo com êxito, sobretudo colocando nessas posições a sua artilharia, Paiva Couceiro, não

as ocupa e limita-se a efectuar um ataque de frente, contra Chaves.

5.º Couceiro conserva-se, durante quasi todo o combate, na linha de fogo e no espaldão da Carreira de Tiro. E' por ai que êle tenta fazer o ataque decisivo, o qual nunca poderia ser coroado de êxito, visto ter de efectuar uma marcha a descoberto até Chaves e serem batidas as suas fôrças durante essa marcha com fogos das posições dominantes do perimetro da vila.

6.º No início do ataque não se percebe porque, estando alguns atiradores a 300 metros de Chaves, iniciam o fogo, sem haver fôrça alguma que se lhe opuzesse e, em lugar de procurarem surpreender as guarnições nos respectivos quartéis, com os armamentos e munições nas arrecadações e todas as pracas em circunstâncias de repouso, do que muito se poderiam aproveitar numa surpresa bem dirigida.

7.º A diversidade de armamento, que fez com que os rebeldes tivessem difficuldade no reabastecimento das munições.

*

*

*

Finalmente vencemos, porque éramos superiores ao inimigo, superioridade devida, não só á feliz concepção e execução dos movimentos, mas tambem ao santo e acrisolado amor pátrio que pulsava no coração de todos os soldados e graduados, incompativel com as razões de ordem mercenária que imperavam nos combatentes nossos antagonistas.

ARNALDO DE MELLO

Cap.º de Inf.ª e do Serviço do Est.º Maior

NOTA — Os croquis que acompanham este artigo foram feitos pelos srs. alferes Antonio Ribeiro de Carvalho e aspirante José do Amaral Pinto Fernandes, ambos de infantaria 19.

A. M.



OS 2.^{OS} SARGENTOS DE INFANTARIA

E

O DECRETO DE 23 DE MAIO DE 1911

(Reorganisaçãõ do Exercito)

Para se ver como a infantaria é uma das armas menos simpaticas aos altos poderes do Estado, basta ler-se o Decreto da reorganisaçãõ do exercito de 1911, e as interpretações dadas aos artigos ambiguos, quando eles abrangem nas suas malhas a nossa arma.

E mal se compreende o motivo desta antipatia.

Pela disparidade que o referido Decreto estabeleceu entre os seus quadros e os das outras armas, sem que o emaranhado dos numeros, com que se pretende justificar o contrario, consiga obscurecer um obice, que seja, da realidade; até às substituições *normaes* das funções do posto de capitãõ e de 1.^o sargento e interpretaçãõ aos artigos 16.^o e 25.^o do citado Decreto; tudo vem pôr em evidencia que a infantaria, a arma que no campo de batalha é a irmã diletta da artilharia e que só com a sua energia, coragem e vontade consegue desfazer o *vacuo* do mesmo campo da morte, disputando com amor, e palmo a palmo, o terreno ao adversario; digo, a infantaria, foi e é sempre esquecida.

Ela nunca pediu nada para si, porque nada tinha a pedir. Pelo seu grande caráter, pela bela altivez que sempre a tem acompanhado, ela, a infantaria, não pensou, nem por um momento, formular um simples desejo para ser beneficiada.

Confiou, e ainda não desesperou de obter justiça,

porque ela sabe, muito bem, que lhe reconhecerão num futuro proximo, quando se discutir no Parlamento a reorganisação, que os seus direitos devem ser eguaes aos dos seus irmãos de armas, visto que obrando todos por formas diversas, todos cooperam para o mesmo ideal de defender a nossa Querida Patria e as Belas Instituições Republicanas, que nos regem.

Bem sei que lhe falaram em milicianos para justificar principios, é verdade, mas as desigualdades dos quadros ficaram á sombra deles, e sem vantagens para o serviço militar.

Hoje, que a forma de combater não é a mesma da que era dantes, em que a ação dos explosivos potentes, dos canhões de tiro rapido, da polvora sem fumo, das metralhadoras, das espingardas de repetição e talvez automaticas (de futuro), das comunicações aceleradas entre os chefes e os elementos de combate, tornam as frentes de luctas extensas, e, portanto, o homem combatente entregue a si proprio, impõe-se uma cuidadosa organisação dos elementos de comando e dos seus auxiliares.

Todos bem o sentimos, todos bem o sabemos, e a guerra dos Balkans está provando que o actual soldado já não pode ser um simples numero, tem de ser muito e muito mais do que isso, visto que a guerra actual só se pode fazer com homens conscientes, cheios de um ideal, e de educação e instrução militar.

E para se obter este *desideratum*, torna-se necessario conhecer a psicologia do homem, a fim de modificar-o e tornal-o num verdadeiro soldado moderno, em quem a Patria confie.

Para isto, repito, torna-se necessario organizar as cabeças dos quadros com cuidado para que, como dizia Moltke «cada actor conheça o seu papel, porque no teatro da guerra não haverá ponto ou inspirador», conceito este que jámais devemos esquecer.

E triste é lembral-o, o que se passou nas escolas de repetição; os officiaes milicianos desempenhando as funções de subalterno, em geral mal preparados, não conheciam o homem, o que não admira mesmo em tempo de paz. Não tinham a intuição do que estavam fazendo, porque não basta conhecer regulamentos para se ser official, é preciso muito mais para a realisação de factos concretos, no momento em que a guerra é uma verdadeira sciencia, e das mais complexas.

Alem do exposto, o estado de espirito na aprendizagem é importante, como se comprehende.

E como devemos esperar de individuos que teem os seus negocios parados, um desanuviamento de espirito que lhes permita exercer as funções do mando intelligentemente, empregando os conhecimentos que antes assimilaram? Se são empregados publicos, talvez as cousas corram bem... , mas, em caso contrario, não sei.

Viu-se, e vê-se como é manifesta a falta de interesse dos milicianos.

Na minha opinião só se obterão bons quadros para o 1.^o escalão do exercito, recrutando-os entre aqueles que tenham vocação para o arduo serviço militar, e que o tenham demonstrado na Escola de Guerra ou nas fileiras.

Portanto, quanto aos milicianos, apesar de tudo o que a imprensa diária tem dito, deviamos dar-lhes os logares do 2.^o escalão, mas obrigando-os a tirocinios no 1.^o, e quando muito dando-se o logar de subalternos neste.

E se assim o assunto é exposto é porque o conhecido aforismo militar de que «os bons quadros fazem os bons exercitos» bem como as palavras de Caprivi no Reichstag de que «se a guerra rebentar nenhum cidadão capaz de manejar uma arma ficará em casa» são conceitos de flagrante actualidade, que se traduzem militarmente, como li algures, de que «a força d'uma nação vale o que valerem os seus quadros» e mui principalmente do seu 1.^o escalão.

Nestas condições, porque se não dá ao 1.^o escalão do exercito o pessoal permanente preciso para completar os seus quadros, principalmente capitães e 1.^{os} sargentos? Ou pretende-se durante a mobilisação entregar estas funções dos 1.^{os} elementos de combate áqueles que não são idoneos, visto que têm estado alheados do serviço?

Não, com certeza que não ficará assim, porque não pode ficar assim.

Mas, emquanto se não discute no Parlamento a reorganisação do exercito, emquanto aquella illustre Assembléia não põe as cousas no seu devido pé, em conformidade com os interesses do Paiz, fica existindo uma grande anomalia na infantaria e nos batalhões de sapedores mineiros; se o espirito réto do Ex.^{mo} Ministro da Guerra não acudir a tempo, como se torna preciso.

Como S. Ex.^a sabe nos batalhões d'infantaria e sapadores mineiros uma das 4 companhias deverá ter um segundo sargento exercendo as funções de primeiro. Por este motivo dá-se o caso irregular de termos *normalmente* nas fileiras individuos que tendo, sobre os seus camaradas da mesma graduação, um excesso de serviço e de responsabilidades moraes, quando não materiaes, recebem os mesmos vencimentos que aqueles, o que não parece ser justo, porque á maxima responsabilidade, como fez ver o Ex.^{mo} Sr. José Relvas, que foi ministro do Governo Provisorio, deve corresponder os correlativos vencimentos.

Alem disso não exerce as funções do posto de 1.^o sargento quem quer, e tanto assim é, que nos corpos, embora todos devam estar aptos a exercer as funções do posto immediato, seleccionam-se aqueles que pelas suas aptidões ofereçam garantias de bem desempenhar o lugar.

E esses individuos que são obrigados a desempenhar um serviço mais arduo, mais cheio de responsabilidades, só têm como estimulo o regulamento disciplinar, para as faltas.

Isto não é rasoavel, e temos a certeza, que o criterio justo de S. Ex.^a o Ministro da Guerra, olhará para esses dedicados servidores da Nação, ordenando que lhes seja abonada uma gratificação diaria, como premio e estimulo pelo augmento de responsabilidades que lhes acarretou o Decreto de 25 de maio de 1911, obrigando-os *normalmente* a responder por companhias.

Poderão dizer que eles estão compensados, por terem entrado nas escalas dos 1.^{os} sargentos, para serviço.

Mas assim não acontece, porque nalguns corpos, por má interpretação do regulamento dos serviços dos corpos, eles figuram tambem, nas de segundo, chegando-se ao exagero, não sei como se lhe chame, de lhes incumbir a gerencia do rancho geral, por eles estarem incluidos na 1.^a escala referida. Mas não só isso, um dia ao regimento, uma guarda exterior não compensam as responsabilidades moraes de um bom 2.^o sargento que *normalmente* responda por companhia.

Por consequencia, Ex.^{mo} Ministro da Guerra, deferindo V. Ex.^a os desejos dos 107 segundos sargentos, que, nos termos da reorganisação do exercito, respon-

dem normalmente por companhias, para que lhes seja abonada uma gratificação diaria, cometerá uma obra de justiça que bastante beneficiará a execução dos serviços administrativos e disciplinares dos regimentos, e que ficará conforme com a regra que estabelece a gratificação de comando de companhia aos subalternos que comandam estas unidades nos termos do citado Decreto.

V.

A GUERRA DOS BALKANS

No momento em que traçamos estas linhas nada de positivo se sabe ácerca desta tremenda guerra declarada por quatro pequenas potencias contra o colosso otomano.

O mundo assiste espantado ao desenrolar desse drama sanguinolento em que o heroismo, a tenacidade, a organização e a direção dos aliados fazem triunfar em toda a linha o ataque, reduzindo os turcos á impotencia de uma vergonhosa fuga na maioria dos casos, aniquilando-lhes as suas gloriosas tradições militares.

E' cêdo ainda para que se possam tirar ensinamentos desta campanha, porque ninguém pode confiar nas informações da imprensa diaria da Europa, porque os seus correspondentes, avidos em noticias sensacionaes, nem sempre referem a verdade dos factos e quasi nunca encaram as situações militares sob o ponto de vista tecnico que a nós outros muito importa conhecer.

Todavia, esta Revista não pôde desinteressar-se de um facto mundial desta importancia e cujo desfecho final ninguém pôde ainda com justeza prever qual será.

A seu tempo, e com bases seguras, trataremos da guerra dos Balkans com o desenvolvimento compativel com os recursos desta Revista.

Mas ha um facto que desde já chama a atenção de todos — é o brilhante papel que o exercito Bulgaro tem desempenhado nesta lucta, provando á saciedade a importancia da sua preparação para a guerra.

E não se julgue que a Bulgaria é um grande paiz. Não.

A ultima estatistica da sua população dava-lhe 3.670:000 habitantes, pouco mais de metade da nossa população.

Hoje a Bulgaria deve ter mais de 4 milhões de habitantes. Ainda assim é bem mais pequena do que Portugal.

O seu exercito, incluindo as milicias, era em 1904 de 292:000 soldados.

Com toda a certeza que o efetivo do seu exercito nesta guerra deve ser muito maior.

Quem escreve estas linhas encontrou-se ha anos, em França, com o major do Estado Maior bulgaro, o sr. Stephan M. Neresow, ajudante de campo do então Principe Fernando.

Este distincto official afirmou que um dia a Europa havia de reconhecer o valor do seu paiz, pois em Sofia pensava-se muito a serio, e com o mais acendrado patriotismo, na organização do exercito.

E é o que se está vendo.

E' certo que a Bulgaria tem gasto anualmente com o seu exercito a quarta parte dos rendimentos do Estado.

Assim, pode na verdade ter-se exercito, e quando as circunstancias o impélem para salvar a gloria da Patria, como então todos abençoam o exercito e acham bem empregado e bem produtivo todo o dinheiro gasto.

Realmente não ha capital mais remunerador do que o que se gasta com o exercito.

Mas quando se gasta bem, com critério, firmeza e proposito firme do que se quer. Nada de illusões nem de apparencias, a que, infelizmente, os povos meridionaes são muito achacados.

A Bulgaria quiz ser uma potencia militar e conseguiu o.

Ha dias a imprensa diaria anunciava que o já hoje czar da Bulgaria, tencionava fazer-se aclamar imperador em Constantinopla sob o nome de Semião II.

A escolha dêste nome poderá parecer a muitos uma extravagancia sem justificação, mas não é.

Na sua historia a Bulgaria conta, de 893 a 927 da era christã, um periodo de renome e gloria sob o reinado de Semião I.

Foi sem duvida o periodo mais glorioso da Bulgaria, periodo de vastas conquistas, e de então para cá nunca o seu exercito desempenhou papel tão importante como o desta guerra.

E aqui está a razão porque o czar Fernando quer fazer reviver no seu paiz o nome do grande rei Semião.

O tratado de San-Stefano de 3 de março de 1878 constituia uma grande Bulgaria que devia compreender todos os territorios entre o Danubio, Mar Negro e Archipelago, com excepção dos suburbios de Constantinopla.

O tratado de Berlim de 13 de julho do mesmo ano deixou á Turquia parte dos territorios prometidos aos Bulgaros, ficando a Bulgaria constituindo um principado vassalo ao norte dos Balkans e ao sul uma provincia autonoma, a Roumelia oriental.

Sabe-se que em 1884 os patriotas da Roumelia quizeram anexar-se definitivamente á Bulgaria e esse facto determinou a guerra de 1885 em que o rei Milano da Servia quiz opor-se pelas armas á essa anexação.

A Servia foi batida completamente.

A Turquia resignou-se perante o facto consumado e não mais nomeou governador para a Roumelia.

E' de ontem que o principe Fernando se fez aclamar czar da Bulgaria, sacudindo o jugo da suzerania Turca.

A Turquia, já então muito enfraquecida, teve de resignar-se outra vez com o audacioso gesto do czar, e talvez que veja agora perder para sempre todos os seus territorios da Europa.

Uma das causas da sua decadencia é o fanatismo religioso que faz quebrar os sentimentos civicos e patrioticos do exercito, onde ha crentes de diferentes religiões.

Aguardemos os acontecimentos com serenidade, mas pode bem aquella guerra balkanica fazer desencadear na Europa uma guerra tremenda que envolverá todas as nações.

E como é que Portugal estará preparado para essa eventualidade?

Que respondam a esta pergunta aqueles que pretendem regatear o produtivo dinheiro que o exercito precisa para se colocar em situação de bem poder servir a Patria.

*

* *

Quando a nossa Revista vai entrar na maquina parece ter terminado o primeiro acto dêsse drama dos Balkans.

O mundo é assim, e a vida das nações obedece ás mesmas leis e segue a mesma polarisação do que a vida dos individuos, embora com as modalidades proprias de um grande organismo colectivo.

Ha seculos, os turcos triunfaram (1360), na legendaria jornada de Kossovo, de uma coligação quasi igual áquella com que tiveram de defrontar-se agora. A Bulgaria, a Servia, a Bosnia e a Albania, ficaram vencidas em Kossovo.

Hoje os povos balkanicos vingaram essa tremenda derrota fazendo recuar os turcos para as suas terras de origem.

Constantinopla que foi conquistada pelos povos altaicos em 1453, ninguem sabe se continuará a pertencer á Turquia ou se ficará sendo uma cidade neutra, abrindo-se os portos dos Dardanelos e do Bosforo a todas as marinhas do mundo.

Esta lição tremenda de um povo conquistador que, teve paginas brilhantes na sua historia guerreira mas que não sabendo ou não podendo acompanhar o movimento evolutivo do progresso mundial, cái num grande esfacelamento moral, corruído por intrigas, incompetencias, morbidas invejas e até por uma administração desnacionalisada, que levou ás fileiras do exército uma confusão enorme, e que será tambem uma das causas do seu grande enfraquecimento patriótico.

Esta lição tremenda serve bem para lembrar a todos os povos que para triunfarem carecem nos seus exércitos de unidade de doutrina e na alma do povo a vontade firme e mascula de vencer, tendo fé e crença nos destinos da Patria.



VARIÉDADES

Ha pouco morreu no campo de batalha de Kumanovo, o secretario do ministerio dos negocios estrangeiros da Servia, filho unico do sabio historiador Kovatchevitch.

O corpo do joven voluntario veiu para Belgrado, onde lhe fizeram solenes exequias.

A' beira da sepultura, seu velho pae, vergado ao peso da sua dôr, mas não vencido por ella, disse estas nobres e sentidas palavras no adeus eterno ao filho estremecido, palavras que devem ficar gravadas em todos os corações pelo brilhante exemplo de patriotismo que revelam:

— Vae, meu filho, descança em paz. Pagaste a tua divida á patria. Não choro porque estavas com os herôes que, após seculos de sofrimentos fôrão salvar com a sua morte as vidas de milhares de irmãos. Comparece sem receio, meu filho, perante o trono do Eterno. Dize a Duchan, a Lazaro, a todos os martyres de Kossovo, que o desastre de Kossovo está vingado.

Sublime.



A guerra nos Balkans, em que a Turquia tem sofrido imensos desastres, fez despertar na imprensa franceza o desejo de investigar qual a natureza da artilharia empregada pelos diferentes beligerantes.

E assim temos que em quanto a Turquia estava armada com 100 baterias de 6 peças, de tiro rapido, compradas á casa Krup, a Bulgaria possuia 81 baterias Schneider de tiro rapido e 3 baterias Krup do antigo modelo de 1873; a Servia tinha 47 baterias Schneider, sendo duas

a cavalo; a Grecia, 36 baterias Schneider; e só o Montenegro é que possuía peças de artilharia Krup do antigo modelo.

Constou que a Turquia se tinha apoderado de 50 peças Schneider destinadas á Servia e que poucos dias antes de rebentar a guerra se encontravam em Uskub.

Deste enunciado colegia logicamente a França que a sua artilharia é superior á alemã.

Ao sr. Ministro da Guerra

Não se comprehende qual o motivo porque tendo os nossos chefes das bandas militares gradação de oficial e todas as regalias e garantias de oficial se lhe não conceda o respectivo distintivo.

Até a propria disciplina o exige.

Na França republicana, para não ir buscar outros países, os chefes das bandas militares usam o uniforme dos officiais do regimento a que pertencem, apenas com a lira, distintivo da grande e bella arte da musica, na gola das suas fardas.

O galão da farda, que é em muitos exércitós, incluindo nosso, o distintivo privativo de oficial, e que se estende hoje a todas as armas e serviços da Republica Portugueza sem variante de forma, porque é que não vai até aos chefes das bandas militares que são officiais?

O proprio principio democrático de um exército republicano se revolta contra esta excção absolutamente injustificavel.

Com toda a certesa que nesta parte houve um lapso na composição dos uniformes, e esse lapso, que traduz uma injustiça e ofende o brio de uma corporação bem digna do nosso apreço e estima por todas as razões, e, até pelas de ordem moral no campo da batalha, esse lapso, repetimos, pode o sr. Ministro reparar dando assim um grande exemplo do seu espirito de justiça e do seu amor aos verdadeiros principios em que assenta uma democracia.

Esta «Revista» teve sempre esta opinião, e mantendo-a apenas exprime o desejo sincero de ver praticado um acto de justiça a uma corporação que é bem digna dele.



ESCOLAS DE REPETIÇÃO

Tendo tomado parte nos exercicios da escola de repetição, do mês de setembro, alguma coisa se me oferece dizer sobre eles. O que vai lêr-se não é uma critica; não devo, nem me julgo competente para a fazer; trata-se unicamente de chamar a atenção sôbre alguns assuntos, que se me afigura merecem ser estudados e remediados de futuro.

Começando pela mobilisação, acho que não podia ter corrido melhor; duas horas depois da marcada para a apresentação, o meu regimento estava pronto a marchar.

Este bom resultado veio confirmar o que de ha muito penso a este respeito: que os regimentos deviam ter, permanentemente em carga, o material de toda a especie correspondente ao seu efectivo de guerra. Se este ano havia o material necessario, outrotanto não succederá nos anos seguintes; quero crêr que o material não chegue, mas ainda neste caso, as faltas seriam mais evidentes e, portanto, mais faceis de evitar a tempo e horas, o que já era uma grande vantagem.

O principio seguido de fazer marchar as unidades no proprio dia da apresentação é o unico a adoptar, porque nos anos subsequentes não podiamos acomodar todos os soldados no quartel, nem mesmo é no quartel que o exército exerce a sua missão.

Passo agora a tratar das marchas, cuja importancia na guerra é bem conhecida. Referir-me-hei especialmente ás marchas de infantaria, cujos pontos principais a estudar, são: a alimentação, o calçado e o equipamento.

Concordo com o principio expendido de que em cam-

panha não ha horas certas para rancho e que isto se deve fazer vêr ao soldado; mas por outro lado ha livros e disposições regulamentares que dizem que o serviço de subsistencias deve merecer a maior atenção pois a sua falta exerce uma nefasta acção sobre o moral das tropas, diminuindo-lhes, ao mesmo tempo, a resistencia física, e aos chefes convém, acima de tudo, terem as tropas sempre aptas aos maiores esforços. Ha tambem o adagio militar que d'z «marcha forçada, ração dobrada».

Nestas condições parece-me que se poderiam destinar, conforme a duração total dos exercicios, dois ou três dias, em que se marcharia a toda a hora, o rancho seria tarde ou mesmo não haveria, mas tudo isto, prevenindo sempre o soldado, para que êle não attribuisse uma falta, que é voluntaria, á incompetencia ou pouco cuidado do pessoal encarregado desse serviço.

Nos dias normais a refeição quente poderia ser em seguida ao grande alto, ai por volta das 16 horas, realisando-se depois o 2.º exercicio; o primeiro podia ser como este ano, pouco depois do principio da marcha. O soldado tendo descansado o suficiente, executaria os movimentos com verdadeira consciencia do que fazia, porque fazia e para que fazia, o que é de toda a utilidade.

Observei ainda o seguinte: á chegada ás localidades, ao anoitecer, os soldados mais fatigados deitavam; se imediatamente e não queriam saber de mais nada os mais «lobas» tratavam de ir comer aos estabelecimentos da terra, o que produz mau efeito; o resto esperava pelo rancho; uns e deitavam-se em seguida ao comer, o que está recomendado pelos médicos se deve evitar e se não tem importancia em dois ou três dias, pôde tê-la se se repetir mais vêses; alem disto fica tambem comida inutilisada. Isto são apenas opiniões que podem ser discutidas.

Tendo tratado da alimentação, vou agora dizer algumas palavras sobre o calçado.

O modelo atual leva já grande vantagem ao antigo, mas tem a meu vêr os seguintes inconvenientes: 1.º — A pestana ou lingueta, que fica por baixo dos atacadores, fórma rugas, que pela dilatação e ás vezes inchação do pé, produzem escoriações e ferimentos, que, sendo sem importancia, não deixam contudo de inco-

modar o soldado e tornar-lhe a marcha penosa. 2.º — Quando chover, julgo que a bota não protege suficientemente o pé, entrando agua para dentro. 3.º — Apertando os atacadores até acima e dada a rigidês do cabedal, a parte superior do cano transforma-se num anel que dificulta a circulação e incomoda o soldado. Observei que muitos aproveitavam os atacadores só ao principio, deixando completamente á vontade a parte superior do cano. Parece-me que a bota de correia, apertando ao lado, evitaria estes inconvenientes, ou então a bota de elástico, mas esta tem, com certêsa, o inconveniente de ser caro e estragar-se depressa.

○ E' de urgente necessidade uma protecção qualquer que revista a perna até ao joelho, por causa do mato, caneladas ao transpôr muros, etc.; talvez uma polaina á inglêsa de tela impermeavel ligeira e barata*.

Deixando agora este assunto, devo dizer, que se notou uma grande falta de corneteiros; o regimento com 1.000 homens levava apenas 6, contando com mestre e contramestre. A sua falta, importante no serviço diário, torna-se sobretudo notavel nas marchas.

Uma força mais ou menos fatigada, ouvindo a musica ou os tâmbôres, retoma até independente de voz, a sua regularidade de marcha; o soldado anima-se, a fadiga não se sente; com os tambores ainda se marcha melhor do que com a musica; ouvem-se a maior distancia, a sua cadencia é mais certa.

Os corneteiros, não se podem improvisar, por isso deveriam talvez ter o seu efectivo permanente muito proximo do de guerra.

Com respeito a equipamento dos officiais, é muito util que se tirem as correias crusando sobre o peito, o que dificulta a respiração, muito importante na marcha. A mala e cantil podem ser suspensos unicamente do cinturão, ou, se tanto fôr necessario, uns suspensórios como os dos soldados, mas deixando sempre o peito livre.

* *Nota da redação.* As ultimas experiencias feitas no nosso exercito provaram que a *greva* é superior a toda e qualquer polaina, e isto mesmo foi proposto pela comissão técnica de infantaria para a Secretaria da Guerra.

Passo agora a tratar do equipamento do soldado, ou antes, da mochila.

Eu entendo que deve ser condenada em absoluto. Para quê inspeções medicas escolhendo homens válidos? Para quê ginasticas e treinos se a mochila destroe todas as forças, todas as energias?

Está determinado e muito bem, que as forças em campanha sejam apenas acompanhadas pelas suas viaturas de combate deixando mais á réguarda o trem regimental, para que os regimentos possam conservar inteira mobilidade e independencia.

Porque não se aplica o mesmo criterio ao soldado?

Como é que o todo póde ter mobilidade e independencia se cada uma das suas partes não a tem!

Com effeito, quem é que ainda não viu uma tropa de infantaria apóz algumas horas de marcha?

O soldado olhando a estrada poeirenta, curvado sob o grande pêso que transporta; ele o lutador audáz alma nobre de soldado amante da sua Pátria, os movimentos tolhidos por esse verdadeiro colete de forças, ele que deveria marchar alegre e decidido, com os olhos fitos na estrêla fulgurante da Victória.

Os pequenos exércitos só podem valer alguma coisa e lutar, até mesmo com vantagem, quando façam suprir pela *qualidade* o que lhes falta em *quantidade*.

Como se pode obter a *qualidade*?

Olhando com particular interesse para o soldado, principal componente dos exércitos, dando-lhe resistencia, educação cívica e instrução técnica.

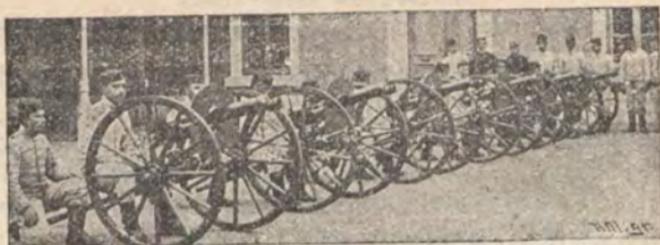
As nações pequenas não podem desprezar nem um sequer dos meios de ataque e defêsa, entre eles a fortificação passageira, que entre nós quasi nem se pratica.

Emquanto o soldado transporta a mochila, inutil no combate e prejudicial na marcha, deve transportar a ferramenta portatil e os sacos para encher de terra na ocasião, permitindo constituir instantaneamente um parapeito até mesmo na ofensiva, assegurar a posição conquistada, como fizeram os japoñeses e agora os italianos. Isso que é um belo sonho da nossa infantaria, é que o soldado deve levar, porque lhe é necessario e util no combate.

), (Continúa)

EUGENIO AUGUSTO TAVARES DOS REIS.

Tenente d'infanteria 1



BIBLIOGRAFIA

Nos Mitrailleuses.—«O que elas são e o que é preciso esperar delas», pelo tenente *Dupeyré*, do exercito francez. Um volume em 8° com 6 fotografias e 11 croquis no texto. Berger-Levrault, editores, rue des Beaux-Arts 5-7, Paris — 2 francos.

Em França os regimentos de infantaria, desde 1909, teem 2 a 3 secções de metralhadoras, e entre nós trabalha-se presentemente para que cada regimento possua uma bateria.

Na proxima guerra veremos a espingarda e a metralhadora combaterem lado a lado. Isto obriga todos nós a estudar a metralhadora e saber aquilo que temos direito a esperar dela. Foi o que fez o tenente *Dupeyré* com o seu belo livro.

Depois de estudar o material e o seu emprego, termina o seu estudo respondendo a esta pergunta: — «O que fazer quando estamos sob o fogo das metralhadoras?»

Afigura-se-nos de tamanha importancia este trabalho e de tanta actualidade que oportunamente não nos furtaremos ao prazer de transcrever para estas paginas algumas lições dêsse livro. Recomendamos aos nossos camaradas a sua acquisição.

Algumas palavras sobre Metralhadoras, por Vitorino Godinho, capitão de infantaria e do Estado Maior.

O valiosissimo trabalho deste nosso querido amigo e talentoso official do nosso exercito divide se em cinco interessantes capitulos, a saber:

I — Breve noticia historica.

II — Principaes caracteristicas e propriedades tacticas das metralhadoras.

III — A moderna metralhadora na guerra.

IV — Emprego das metralhadoras.

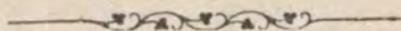
V — Agrupamento das metralhadoras.

Este estudo, do mais palpitante interesse e da mais flagrante actualidade, em face do aperfeiçoamento que a metralhadora tem conseguido e o largo emprego que ella será chamada a ter na batalha de amanhã, está feito em linguagem elegante e vernacula, ponderada, muito reflectida e illustrada com a pratica das guerras de nossos dias principalmente, a guerra de Cuba, a anglo-boer e a russo-japoneza.

E' uma manifestação bem autentica do talento do seu autor e do amor que elle consagra á nobre carreira das armas.

Este livro lê-se com o maior agrado e o mais fecundo proveito.

Agradecendo muito penhorados a delicadeza da sua oferta, felicitamos este nosso querido amigo pelo valor do seu estudo e reservamos para ocasião oportuna, fazermos nesta Revista a transcrição de algumas das suas belas paginas.



Secção do estrangeiro

Italia. — E' curioso transcrever para êste lugar a opinião de um jornal italiano, *Il Giornale di Modena*, úcêrca da guerra balkanica, no que ella tem de relação com a arte militar italiana.

O artigo termina assim:

«A unica probabilidade de vitória para os turcos seria, repetimol-o, a classica manobra napoleonica por linhas interiores. Mas a impericia que êles teem revelado, a lentidão da sua mobilisação, a falta de vias de comunicação, etc., impedem os turcos de pôr em execução o unico plâno que podia dar-lhes probabilidades de exito.

«A vitória do exercito dos cruzados é obra de um espirito director, de um novo grande capitão, de um estrategico eminente, do chefe de estado maior dos exercitos aliados e em especial do exercito bulgaro, o general Fitcheff.

«O triunfo do Moltke bulgaro é, em parte, o triunfo da arte militar italiana; é uma gloria para a primeira das nossas escolas militares, a Escola de Guerra de Turim.

«O general Fitcheff seguiu, no posto de major, os cursos da nossa Escola de Guerra.

«Quando recolheu á Bulgaria foi promovido a tenente coronel e colocado na 1.ª divisão do exercito, em Philippopoli.

«Em 1910, nas grandes manobras bulgaras, revelou os seus grandes conhecimentos tacticos, e a sua sabedoria em estrategia. A campanha actual, que elle dirige com tanto successo para a gloria das armas christãs, prova como soube assimilar e fazer triunfar soberbamente os principios que aprendeu em Italia.

«O general Fitcheff não é o unico official que tem estudado na Italia; um grande numero de officiais de artilharia do exercito bulgaro tem seguido os cursos da Academia Militar e os da Escola de applicação de artilharia e engenharia de Turim. Muitos generais bulgaros frequentaram os cursos da nossa Escola de Guerra.

«Devemos dizer tambem, para nossa gloria, que os officiais bulgaros não são os unicos que teem frequentado os cursos das nossas escolas militares. Estes cursos teem sido frequentados pela maior parte dos generais do Montenegro, por mais de 50 officiais de cavalaria e infantaria gregos, que dão prova de uma alta cultura e rara habilidade tactica. Mas tambem podemos dizer com certeza, que postas de parte a bravura dos exercitos aliados e a causa santa por que combatem, o triunfo dos exercitos balkanicos

é o triunfo da arte militar italiana. E' uma gloria para as nossas escolas militares, onde não se engrandecem apenas os espiritos mas tambem os corações da mocidade.

«Os professores das nossas escolas militares devem estar orgulhosos de seus discipulos, que hoje nos gloriosos campos de batalha de Kumanovo, Kirk-Kilissé e Ellassona fizeram triunfar os principios e os ensinamentos que aqui raceberam!»

Inglaterra.—No ano de 1911 a nossa aliada lançou ao mar cinco couraçados e três cruzadores couraçados deslocando 177:450 toneladas.

E' curioso confrontar estas construcções navais offensivas com as que outras potencias tambem lançaram ao mar no mesmo ano.

A Alemanha construiu três couraçados e um cruzador couraçado deslocando 96:000 toneladas.

A Russia quatro couraçados, 92:000 toneladas.

A Italia três couraçados, 67:000 toneladas.

A Argentina dois couraçados, 55:000 toneladas.

Os Estados Unidos dois couraçados, 52:000 toneladas.

A França dois couraçados, 47:000 toneladas.

O Japão um couraçado, 20:800 toneladas.

A Austria um couraçado, 20:000 toneladas.

Quer dizer, o ano de 1911 foi aquêlê em que foi maior o numero de construcções navais offensivas.

Austria.—As escolas de equitação de infantaria, organisadas nas guarnições mais importantes do imperio, acabam de passar por uma transformação que lhes aumentou o valor. Estas escolas teem por missão subministrar a equitação e a hipologia aos officiaes de infantaria, de engenharia, de artilharia a pé, dos medicos e dos de administração militar.

Funciona durante 5 menses em cada ano, de dezembro a abril.

Os officiaes durante a sua aprendizagem na escola são dispensados de todo o serviço, tendo como complemento da sua instrução o familiarisarem-se com o uso de todos os aparelhos para sinais, e bem assim construir e reparar linhas telefonicas e telegraficas e tudo quanto se correlaciona com o serviço de exploração.

Ha ali tambem theorias sobre tática.

Belgica.—Para o artilhamento da praça de Antuerpia foram adquiridos mais 8 canhões Krupp de 28 e varios obuzes de 24.

Estes obuzes são destinados a bater com fogos de trajetória curva os navios que intentem navegar pelo Escalda. Os projéteis são carregados com um poderoso explosivo.

França.—Começa por estes dias a construcção dum novo balão dirigivel *capitaine Ferber*.

Este dirigivel tem 76 metros de cumprimento 12,5 de diametro e 6:000 metros cubicos da capacidade.

A barquinha é de tubos de aço nikelado, desmontavel em 5 secções, tendo 35 metros de cumprimento e 2 de altura.

Está a terminar a sua construcção o dirigivel *Commandant Contelle* que tem 9:000 metros cubicos de capacidade.

Alemanha — O trabalho de propaganda a favor do exercito, ha pouco empreendido entre nós é desde ha muito seguido na Alemanha.

A liga militar alemã que conta hoje mais de 40:000 associados e de 100:000 associações agregadas em todo o imperio acaba de dirigir á imprensa um novo apelo cuja substancia é como se segue :

«...E' inegavel que as trez maiores potencias militares do mundo estão unidas para uma acção comum contra nós. E, mais ainda, cada uma delas está em condições de nos constringer a aceitar o combate sobre o teatro de operações que mais lhe agrada.

Qualquer conflito entre nós e uma destas trez potencias fará pegar em armas as outras duas.

«Dizia Moltke falando no parlamento sobre o seu plano de campanha de 1870. *O conjunto da manobra não podia evidentemente ter exito se não houvesse do nosso lado uma superioridade numerica decisiva. De resto não se pode contar na guerra com um successo duradouro se se não lançar com firmeza no prato da balança a superioridade numerica...*

«Esta superioridade nós a temos á nossa disposição.

«Não temos a fazer senão o que faz a França; esta potencia utiliza como soldados os seus rapazes até ao fim, e se bem que as populações franceza e alemã estejam entre si como 3 para 5, a França dispõe de um exercito numericamente igual ao nosso...

«... Para um alemão o seu maior merito será ter feito o seu serviço militar.

«E' preciso seguir a estrada traçada pelos Stein, Drudt, Scharnhorst, Gueisenan, Guilherme I, Moltke e Bismark. E nós trabalhando desta forma não o fazemos só para a nossa patria, mas sim procuramos prestar um serviço ao mundo inteiro, porque a cultura alemã é uma parte da civilisação da humanidade; nenhum povo mais do que o nosso pode contribuir com vantagem, como já o tem feito, para o acrescimo deste tesouro comum a todos.

«Aquele que pensa como nós, e que sem duvida deverá ser todo o bom alemão, venha á liga militar.

«O nosso fim é manter bem vivo este pensamento e tirar de fe todas as conclusões praticas, conclusões que a ultima lei militar desgraçadamente não resgatou completamente como o exigia a gravidade das circunstancias militares e politicas.

A situação actual é séria; ela exige imperiosamente que recobremos o tempo perdido.

Estas deverão ser tambem as palavras de todo o bom portu-guez.



CONSULTAS

73.^a — A disposição 3.^a do capítulo 1.^o do regulamento disciplinar do exército, de 19 de janeiro de 1911, diz: — «Em acto de serviço, a obediência é sempre devida ao mais graduado; na concorrência de militares com a mesma graduação, ao mais antigo; em egualdade de antiguidade de posto, ao mais antigo em praça, salvo contudo os casos em que as funções de serviço ou nomeação especial hajam investido qualquer militar no exercício de comando, ou em que legislação, também especial, determine o contrario.»

Pergunto — Estando um soldado (ou cabo mais moderno do que outro que não esteja de serviço), de dia á companhia, esquadraão ou bateria, quando debaixo de fôrma, se aproxime um superior, é o cabo de dia, ou o mais graduado e antigo, presente, que deve dar a voz de sentido?

E' o mais graduado presente na ocasião da formatura.

74.^a — O artigo 25.^o do regulamento de continências e honras militares, de 10 de março de 1911, diz: — «Nas casernas e nos agrupamentos de praças em serviço sem constituirem formatura, como são trabalho colétivo de fachina, limpeza de gado, distribuição e recepção de generos, etc, o militar pertencente ao efetivo do corpo, mais graduado dos presentes, dará a voz de «sentido», quando se aproximar algum official superior seu.....»

Pergunto:

a) Numa caserna, por exemplo, onde se encontram o cabo de dia e outro mais antigo, qual deve ser o mais graduado, no caso referido, visto que o artigo não se refere a antiguidade?

b) Se o artigo, a que me refiro, não trata de praças adidas fazendo serviço, como deve proceder-se para com estas praças?

Quanto ás duas partes da pergunta temos a considerar que o cabo adido fazendo serviço no corpo, circunstancia extraordinaria, se deve considerar como se pertencesse ao seu efetivo. Nestas condições, é sempre o cabo de dia que dá a voz de «sentido», quando não esteja presente algum sargento, aspirante-a-official ou official.

75.^a — Numa formatura, comparecendo cabos de diversas unidades e não havendo superiores de maior graduação, pergunta-se:

Quem deverá presidir á formatura, é o cabo mais antigo da unidade a que os restantes estão adidos ou é o mais antigo dos presentes?

E' o mais antigo dos presentes.

76.^a — Não estando determinado quais os logares dos graduados nas formaturas fóra da instrução, como são as do recolher, rancho, pret, etc.

Pergunto se nestas formaturas os cabos devem entrar na fórma, nas mesmas condições que os soldados, ou devem formar por gradações e antiguidade na direita da formatura, e na primeira fileira, como é de uso?

Não sendo as formaturas organisadas em conformidade com as disposições dos regulamentos táticos, as praças, dentro delas, devem ocupar os lugares em harmonia com a sua hierarquia (Artigo 4.^o do regimento de continencias e honras militares).

77.^a — Dizendo o § 11.^o do artigo 208.^o do regulamento geral para o serviço dos corpos do exército que o 1.^o sargento será substituído pelo sargento mais graduado ou antigo que fizer serviço na companhia, esquadrão ou bateria, pergunta-se: O 2.^o sargento substituído, num grupo de metralhadoras, deverá utilizar-se do cavalo distribuído ao 1.^o sargento?

Em serviço, deve.

78.^a — Num quartel em que o quarto do sargento da guarda é isolado, póde este, querendo, ter durante o serviço a sua mulher em companhia, sem que possa ser proibido pelo official de inspecção?

Se o official de inspecção não permitir, não póde. Mesmo o serviço, acompanhado por mulheres, nunca póde sair bem feito.

79.^a — Póde um official ou sargento usar a sua pistola fóra dos actos de serviço?

Se ella é sua póde, como já se disse num dos numeros anteriores; se é do Estado, só em serviço dêste é que a deverá usar.

80.^a — Em virtude do pequeno efectivo do regimento, foi determinado que, para a escola de repetição, cada companhia administrativa constituísse um pelotão e que cada companhia tática fosse formada por dois pelotões. Um destes pelotões estava comandado pelo respectivo comandante administrativo (subalterno), e uma das praças do mesmo cometeu uma falta.

Pergunta-se:

1.^o — O capitão comandante da companhia tática tinha competencia para a punir?

Tem em todos os casos, mas muito especialmente se a falta cometida não é daquellas que um comandante de companhia administrativa deva punir (tal como o estrago prematuro de calçado,

etc.). Em todo o caso o subalterno deve ter uma atenção com o seu comandante de companhia tática, para que se não dê uma colisão de punições.

2.º Tinha o tenente comandante de pelotão essa competencia, visto o infrator pertencer á companhia do seu comando?

Como se disse na resposta anterior, o comaneante administrativo, pune, como sempre o póde fazer, quando uma praça da sua companhia comete uma falta que está dentro da sua competencia castiga a. Isto é, como se ela se dêsse no quartel da sua unidade.

3.º Tendo o tenente competencia disciplinar, pode usar desta sem participar ao capitão comandante da companhia?

Não deve fazel-o, porque sendo subordinado direto do capitão, a este tem de comunicar as ocorrencias que se der no seu pelotão e indicar-lhe quaes as medidas de repressão que tomou, dentro da sua competencia, e com as quaes o mesmo comando pode mesmo não concordar, por ser insufficientes, visto que, o responsavel pela disciplina da companhia tática é o capitão

81.ª — Um segundo sargento sendo dos mais antigos do regimento, não responde por uma das 4.ªs companhias, por ter sido nomeado telegrafista e colocado no estado menor do regimento. Deve responder pela companhia a. que pertence, quando falte o 1.º sargento?

Não deve, porque as rasões que no corpo seguiram para o impedir de responder pela 4.ª são as mesmas que o devem impedir de responder por outra.

82.ª — Determinando os Estatutos da Associação Fraternidade Militar, no seu artigo 100.º, que o presidente da direcção da 1.ª secção seja o sargento mais antigo, e, havendo no mesmo corpo o sub-chefe de musica, com a data deste posto muito anterior á do actual sargento ajudante, qual deve ser o presidente da mesma secção?

Deve ser o sargento ajudante, visto que pelo § 2.º do artigo 1.º do regulamento de continencias e honras de militares de 16 de março de 1911, os musicos das bandas militares que constituem as 4 ultimas de que trata o artigo 489.º do Decreto de 25 de maio de 1911, têm as suas graduações por equiparação.

83.ª — Quando entre de inspecção ao quartel um alferes, deve o chefe da banda de musica comparecer ou ir á parada da guarda reger a mesma banda, quando a data do posto deste seja anterior á daquele?

Não deve comparecer á formatura.



1718

